

Adam Henrique Novaes

**Leitores ilustres de *As Revelações do Príncipe do Fogo* e a
atribuição de vínculos com o surrealismo na obra de Febrônio
Índio do Brasil**

Versão corrigida

2024

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS COMPARADOS DE
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

**Leitores ilustres de *As Revelações do Príncipe do Fogo* e a
atribuição de vínculos com o surrealismo na obra de Febrônio
Índio do Brasil**

Adam Henrique Novaes

Dissertação de mestrado apresentada ao
programa de pós-graduação em Estudos
Comparados de Literaturas de Língua
Portuguesa do Departamento de Letras
Clássicas e Vernáculos da Universidade
de São Paulo para obtenção do título de
Mestre em Letras.

Orientação: Prof. Dr. Thiago Mio Salla

Versão corrigida

São Paulo

2024

Adam Henrique Novaes

Leitores ilustres de *As Revelações do Príncipe do Fogo* e a atribuição de vínculos com o surrealismo na obra de Febrônio Índio do Brasil

Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em: 31/10/2024

Banca Examinadora:

Prof(a). Dr(a). Ieda Lebensztayn

Instituição: USP

Prof. Dr. Jean Pierre Chauvin

Instituição: USP

Prof. Dr. Rodrigo Jorge Ribeiro Neves

Instituição: UFF

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

N9351 Novaes, Adam Henrique
Leitores ilustres de As Revelações do Príncipe do Fogo e a atribuição de vínculos com o surrealismo na obra de Febrônio Índio do Brasil / Adam Henrique Novaes; orientador Thiago Mio Salla - São Paulo, 2025.
294 f.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa.

1. Surrealismo. 2. Modernismo (Literatura). 3. Brasil, Febrônio Índio 1895-1984. 4. As Revelações do Príncipe do Fogo. 5. Andrade, Mário de 1893-1945. I. Salla, Thiago Mio, orient. II. Título.

Resumo

O presente trabalho tem como principal objetivo analisar as leituras que foram feitas de *As Revelações do Príncipe do Fogo*, de Febrônio Índio do Brasil, em especial de três leitores ilustres: Mário de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes, neto. Com essa finalidade, foi realizada uma contextualização acerca da obra e de seu escritor. Sobre este, traçou-se um panorama biográfico por meio da busca e cotejo de diferentes matrizes bibliográficas, sobretudo fontes primárias. Também se abordaram a(s) mística(s) que envolvem tal figura, sugeridas na documentação da época. Em meio a esse enquadramento, está inserido o referido livro, sobre o qual foram descritas sua dimensão material – as características do objeto –, textual – sua explícita intertextualidade com a Bíblia – e sua circulação – com referência aos raros exemplares da obra dos quais se tem notícia.

É difundida na produção acadêmica sobre *As Revelações do Príncipe do Fogo* sua associação com o Surrealismo, por influência direta das leituras ilustres referidas. Em diálogo crítico com essa tradição, analisaram-se as perspectivas de Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes, neto. Ao mesmo tempo, foram consideradas a versão dos depoimentos deles apresentada por Alexandre Eulalio e aquela explicitada na entrevista que ambos os intelectuais modernistas concederam a Carlos Augusto Calil, e os possíveis paralelos com o movimento de Breton sugeridos por elas.

Para tratar de “Um Poeta Místico”, artigo de Mário de Andrade sobre o livro de Febrônio, à luz do pretense estilo surrealista da obra, traçou-se um paralelo da relação entre o poeta modernista e o movimento francês, por meio da análise de suas cartas e artigos na imprensa, a fim de compreender como ele o enxergava e sua crítica d’*As Revelações*.

Partindo da comparação estabelecida por Mário entre o estilo de Febrônio e o do Conde de Lautreamont, autor de *Os Cantos de Maldoror*, exploraram-se ainda elementos que poderiam evidenciar uma suposta proximidade estética entre esses dois últimos autores considerados malditos.

Palavras-chave: Febrônio Índio do Brasil; *As Revelações do Príncipe do Fogo*; Mário de Andrade; Sérgio Buarque de Holanda; Prudente de Moraes, neto; Surrealismo.

Abstract

This work aims to analyze the reception of *As Revelações do Príncipe do Fogo* (The Revelations of the Prince of Fire), written by Febrônio Índio do Brasil, by three well-known readers: Mário de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda and Prudente de Moraes, neto. For this purpose, a contextualization of the work and its writer was done. A biographical overview of the author was conducted through the search and comparison of different bibliographical matrices, especially primary sources. Furthermore, the mystique surrounding this character, which was suggested in the documentation of the time, was also addressed. The book mentioned earlier is inserted within this framework, about which its material dimension – the characteristics of the object –, textual dimension – its explicit intertextuality with the Bible – and circulation dimension – concerning rare known copies of the work - were described.

The academic production on *As Revelações do Príncipe do Fogo* is often linked to Surrealism due to the direct influence of the aforementioned readers. In critical dialogue with this tradition, the perspectives of Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes, neto, were analyzed. At the same time, the versions of their testimonies presented by Alexandre Eulaio and the one explained in the interview that both modernist intellectuals gave to Carlos Augusto Calil were considered, as well as the possible parallels with Breton's movement as suggested by them.

To discuss “Um Poeta Místico” (A Mystic Poet), an article by Mario de Andrade about Febrônio's book, in the light of the supposed surrealist style of the work, a parallel was drawn between the relationship of the modernist poet and the French movement, through the analysis of his letters and articles in the press in order to understand how he

saw it and, thus, comprehend the criticism he had made of *As Revelações do Príncipe do Fogo*.

Based on the comparison established by Mário between the style of Febrônio and that of the Count of Lautreamont, author of *Les Chants de Maldoror* (The Songs of Maldoror), elements were also explored that could demonstrate a supposed aesthetic proximity between these last two authors considered cursed.

Keywords: Febrônio Índio do Brasil, *As Revelações do Príncipe do Fogo* (The Revelations of the Prince of Fire); Mario de Andrade; Sérgio Buarque de Holanda; Prudente de Moraes, neto; Surrealism.

Claudio Jorge Willer (1940 – 2023)

Sergio Cláudio de Franceschi Lima (1939 – 2024)

- E de quem que foi a ideia dessa coroa de flores?
 - Vaquinha dos enfermeiros. Dizem que ele era muito querido por todo mundo lá.
 - Assassino querido?
 - Querido por todos não.
 - Já fazia tempo que o sujeito tava no manicômio.
 - Quanto tempo?
 - Interno 0001
 - E como era mesmo o nome dele?
- (Agora talvez você seja compreendido, filme de Paulo Biscaia Filho)

Agora talvez você seja compreendido
(Frase estampada na coroa de flores encomendada por funcionários do manicômio para o funeral de Febrônio)

Sumário

1. Introdução	13
2. Febrônio: Um Panorama Biográfico	18
3. As Místicas de Febrônio	
3.1 Eis o Filho da Luz	64
3.2 As Revelações do Príncipe do Fogo	74
4. Leitores Ilustres: Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes, neto	116
5. Mário de Andrade	
5.1 Mário e o Surrealismo	136
5.2 O Príncipe, o Conde e o Papa	186
6. Conclusão	2122
7. Anexos	
7.1 As Revelações do Príncipe do Fogo	2177
7.2 Um Poeta Místico	27070
8. Bibliografia	2766

Lista de Figuras

Fig. 1 - Fotografia de Febrônio (<i>O Jornal</i>)	35
Fig. 2 - Fotografia de Febrônio (<i>A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars</i>)	36
Fig. 3 - Desenho de Febrônio	71
Fig. 4 - Capa de <i>As Revelações do Príncipe do Fogo</i> (Mário de Andrade)	75
Fig. 5 - Quadro de Fridolin Leiber	77
Fig. 6 - Imagem de abertura de <i>As Revelações do Príncipe do Fogo</i>	78
Fig. 7 - Exemplo de dupla de páginas (folha 1)	81
Fig. 8 - Exemplo de dupla de páginas (folha 59)	81
Fig. 9 - Exemplo de página (folha 54)	82
Fig. 10 - Exemplo de página (folha 55)	83
Fig. 11 - Exemplo de arabesco	85
Fig. 12 - Exemplo de arabesco (folha 65)	85
Fig. 13 - Exemplo de arabesco (folha 67)	85
Fig. 14 - Capa de <i>As Revelações do Príncipe do Fogo</i> (Durval Marcondes)	112
Fig. 15 - Assinatura de Febrônio (Durval Marcondes)	115
Fig. 16 - Assinatura de Febrônio (<i>O Jornal</i>)	115
Fig. 17 - Assinatura de Febrônio (KB)	115
Fig. 18 - Exemplo de anotação na marginalia (folha 47)	210

Introdução

A relação entre Febrônio Índio do Brasil, sua obra *As Revelações do Príncipe de Fogo* e o Surrealismo está no cerne da presente pesquisa. Tal associação pode parecer descabida quando se considera que o autor do referido livro era brasileiro, negro, marginalizado, sem educação formal e sem ligação com o circuito literário de sua época – enquanto o movimento surrealista surge na França, encabeçado por jovens europeus ilustrados e abastados que circulavam pelas vanguardas artísticas do início do século XX –, mas ela existe e está vinculada principalmente a três intelectuais ligados de algum modo ao movimento modernista: Mário de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes, neto.

A trajetória desta pesquisa, em seu momento embrionário, partia de um possível enquadramento de Febrônio como surrealista. O ponto de partida para tal associação encontrava-se em uma matéria estampada no *Jornal do Campus*¹ da Universidade de São Paulo, que replicava a hipótese de Sergio Lima de que houve três livros perdidos passíveis de serem considerados como sementes do Surrealismo no Brasil, sendo um deles *As Revelações do Príncipe do Fogo*. Vale destacar que, assim como nos artigos de Lima, no texto em questão não se expressam dúvidas acerca da vinculação da obra em questão com o movimento de vanguarda europeu. Diante desse enquadramento assertivo, a busca inicial centrou-se em localizar um livro surrealista perdido, e os primeiros objetivos e hipóteses deram-se nessa direção.

De modo correlato, parte relevante da bibliografia que se encontra sobre o tema reforça a referida associação, não somente artigos, mas também o livro *A Aventura*

¹ Trata-se de periódico de produção e circulação interna na Universidade de São Paulo. A matéria em questão foi publicada entre 2013 e 2014 e não foi encontrada. É possível que seja de autoria do próprio Sergio Lima, mas não foi possível confirmar tal informação.

Surrealista, tomo 2, de Sergio Lima, assim como *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*, de Alexandre Eulalio, bem como os artigos de Carlos Augusto Calil e Raul Antelo.

Se parece absurda a possibilidade de um Febrônio surrealista, o fato de que essa relação foi discutida por figuras tão ilustres instiga a análise de suas leituras de *As Revelações do Príncipe do Fogo*. É partindo dessa premissa que o presente trabalho se concentra na recepção do livro, com foco nos comentários dos referidos intelectuais.

Vale destacar que Febrônio configura um objeto de pesquisa complexo, e a bibliografia sobre ele forma uma trama intrincada de informações, por vezes divergentes. Optou-se por adotar como método a tentativa de, para cada tópico principal, localizar a raiz dos dados de diferentes fontes, ou seja, buscar as origens comuns dos elementos apresentados, com atenção à natureza da documentação levantada, bem como expor as discrepâncias entre as versões presentes nas referências mais relevantes em torno da obra e de seu autor.

Com o objetivo de esmiuçar esse percurso discursivo, explicitando o processo que levou às conclusões, a presente pesquisa se vale do recurso de apresentar, por meio de citações, recortes das fontes que estão sendo mobilizadas na construção do argumento. Por vezes esse procedimento leva a uma atenção detida a detalhes, que podem parecer pequenos, com o objetivo de mostrar o desvelamento da trama.

Esse esforço em lidar com a bibliografia se justifica também pela intenção de deixar, ou mesmo propor, para outros pesquisadores um caminho, ou um mapa, que facilite a navegação pelo labirinto de fontes sem que se tenha de replicar o trabalho já realizado, mas sim ampliá-lo, corrigi-lo ou criticá-lo.

Desse modo, a primeira parte apresenta caráter documental, com o intuito de apresentar elementos centrais da pesquisa ao leitor. O primeiro capítulo constitui-se de

um panorama crítico biográfico da figura que ficou popularmente conhecida como Febrônio Índio do Brasil, famoso devido à cobertura midiática de seus crimes no final da década de 1920. Apesar de poder ser considerado como mais um de tantos escritos desse gênero sobre ele, procurou-se aqui construir o texto de modo a, além de apresentar as informações disponíveis, também cotejar e apontar as incongruências entre as diferentes versões e, principalmente, buscar as fontes documentais primárias e apresentar toda essa bibliografia ao leitor.

O segundo capítulo, por sua vez, trata da dimensão mística que envolve Febrônio, que pode ser dividida em duas frentes: aquela externa ao seu livro, aparente no laudo psiquiátrico, em depoimentos policiais e matérias de jornal, abordada na primeira metade dessa seção, e a que aparece em *As Revelações do Príncipe do Fogo*, discutida na segunda metade. Nesta, abordam-se ainda aspectos materiais do livro e particularidades do seu cripto conteúdo, além de se tentar rastrear o processo editorial, da chegada dos originais à gráfica para composição, sua circulação e seu desaparecimento até um exemplar da obra ser reencontrado no acervo de Mário de Andrade.

Até aqui, se trata da exposição de como autor e obra foram compreendidos no transcurso da pesquisa. E, partindo dessas bases de caráter preambular construídas nos dois primeiros capítulos, a segunda parte da dissertação procurou trabalhar com as hipóteses inicialmente traçadas e suas conclusões.

A proposta inicial era tentar entender como *As Revelações do Príncipe do Fogo* foram compreendidas pela sociedade no momento de sua publicação em meados da década de 1920 e como essa leitura influenciaria os eventos envolvendo Febrônio e seria influenciada por eles.

Esse estudo seria realizado com base em comentários publicados sobre o livro em jornais, em fontes médicas etc. No entanto, foram encontrados pouquíssimos relatos de

leitores d'*As Revelações*, que, excetuando o de Mário de Andrade, são breves e pouco abordam a obra em si. Frente a isso, fez-se necessário reorientar os objetivos da pesquisa, momento em que se optou pelo centramento em duas leituras ilustres do volume: a feita pelo poeta modernista referida acima e a outra realizada por Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes, neto.

Com esses dois novos objetos ocupando uma posição central, um novo tema emerge no tratamento do objeto desta dissertação, o Surrealismo. Entretanto convém salientar que o eventual caráter surrealista de *As Revelações do Príncipe do Fogo* não foi proposto aqui, mas se constitui, na verdade, em uma hipótese recorrente em praticamente toda a bibliografia que aborda tal livro.

O terceiro capítulo é dedicado ao que teriam dito Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes, neto. Além de apresentar as considerações dos dois intelectuais, as quais se encontram parafraseadas na primeira edição do livro *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*, de Alexandre Eulálio, mostra-se como elas repercutiram e foram replicadas em artigos importantes, estabelecendo a associação entre Febrônio e Surrealismo como hipótese de certa maneira consolidada tanto na bibliografia sobre o autor de *As Revelações do Príncipe de Fogo*, quanto em alguns dos principais livros e artigos sobre o movimento surrealista no Brasil.

Também se realizou a comparação da paráfrase dos comentários de Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes, neto, feita por Alexandre Eulálio em *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars* com a íntegra da entrevista concedida pelos dois intelectuais modernistas a Carlos Augusto Calil, publicada na segunda edição desse mesmo livro.

O quarto capítulo dedica-se a analisar o texto “Um Poeta Místico”, que Mário de Andrade produziu sobre *As Revelações do Príncipe do Fogo*. Partindo da suposta relação

entre a obra de Febrônio e o movimento de vanguarda francês, de um artigo de Raul Antelo, que leu por engano “automatismo” na marginália do exemplar do livro pertencente ao poeta paulistano, e de uma comparação com Lautreamont feita por este último, procurou-se investigar o quanto a associação do livro aqui investigado com o Surrealismo estaria realmente sugerido no comentário do autor de *Pauliceia Desvairada*.

Para tanto, buscou-se empreender uma análise da relação de Mário de Andrade com o Surrealismo por meio de cartas e artigos de sua autoria, bem como mediante a recuperação dos comentários feitos por ele acerca de Lautreamont. De modo anexo, realizou-se uma comparação entre *Os Cantos de Maldoror* e *As Revelações do Príncipe do Fogo* com base nas características deste último apontadas em “Um Poeta Místico”, buscando pontos de aproximações entre as obras. Nesse mesmo contexto, considerou-se relevante traçar também um paralelo entre os dois autores, ambos figuras cercadas de uma aura de mistério que influenciou a recepção de suas obras.

Por fim, foram anexados ao final da dissertação o texto integral de *As Revelações do Príncipe do Fogo*, de Febrônio Índio do Brasil, em edição modernizada; e a versão de 1939 do artigo “Um Poeta Místico”², de Mário de Andrade, também com atualização ortográfica, com o intuito de facilitar o acesso dos leitores a esses escritos basilares para a presente pesquisa, e que não encontraram reedições nas últimas décadas.

² A opção pela versão mais antiga, que não configura a última vontade do autor, se deve ao corte da referência a Lautreamont na publicação de 1943.

Febrônio: Um Panorama Biográfico

O capítulo que se inicia tem o intento de contextualizar o leitor acerca de quem foi Febrônio Índio do Brasil, autor de *As Revelações do Príncipe do Fogo*, livro eleito como objeto central da presente dissertação. Porém, escrever um texto biográfico sobre tal figura se mostra uma tarefa especialmente complicada.

Um dos motivos é a natureza das fontes documentais disponíveis, que, por vezes, são divergentes e que desenham diferentes “personagens-Febrônio”¹ de acordo com a finalidade e interesse de cada documento. Outro é a profusão de textos com esse mesmo objetivo, visto que quase toda a literatura em torno de Febrônio precisa apresentá-lo antes ao público, não somente os trabalhos acadêmicos, mas também produções de entretenimento, jornalísticas e literárias. E a junção desses dois fatores faz com que existam em circulação ao mesmo tempo diferentes versões da história de tal figura, com enfoques discrepantes, e vale destacar que é muito difícil averiguar qualquer informação nelas expressa, devido à dificuldade em estabelecer qual bibliografia seria mais confiável.

Tudo isso ficará mais claro adiante, mas antes convém averiguar a importância da trajetória de Febrônio Índio do Brasil para diversas disciplinas e, conseqüentemente, para a história do século XX no Brasil.² Trata-se do primeiro caso, no país, de alguém

¹ “Personagens-Febrônio” é um termo proposto por Guilherme Gutman, no artigo “Febrônio, Blaise e Heitor: Pathos, violência e poder”, justamente para tratar das diferentes construções discursivas acerca de Febrônio Índio do Brasil.

“Cada um desses ‘personagens-Febrônio’ – e que não se entenda a escolha do vocábulo ‘personagem’ como algo que reduza a sua força, ou ainda, que os pudesse tornar menos reais do que de fato são. O poder de um personagem – como este: lançado pela mídia; mastigado, engolido e cuspidito pelo povo; pesquisado, classificado e isolado pela ciência; e reinventado por Cendrars – está também no fato de serem tanto fictícios quanto gente de carne e osso.” (GUTMAN, Guilherme. “Febrônio, Blaise e Heitor: Pathos, violência e poder”. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 175-189, junho 2010. p. 178).

² Para Peter Fry, “O caso Febrônio Índio do Brasil representa, nesse sentido, uma situação dramática capaz de revelar não só noções correntes da sociedade brasileira da época sobre crime, homossexualidade, profecia, loucura, punição e correção, mas também algo a respeito dos vários personagens que se envolveram com o caso”. (FRY, Peter. “Febrônio Índio do Brasil: Onde Cruzam a Psiquiatria, a Profecia,

considerado incapaz de responder por seus atos, o que hoje se rotula como “inimputável”, ou seja, ele foi “inocentado” e “condenado” à internação psiquiátrica. Tal veredicto inédito abre um precedente, uma jurisprudência para que tal procedimento se repita posteriormente, marcando Febrônio na história do Direito.

Já para a Medicina, trata-se do interno 001 do primeiro manicômio judiciário do país, representando a mudança que acontecia na psiquiatria naquele momento, com uma nova concepção de loucura, de diagnóstico, com as influências, entre outras, da teoria de Freud. Também marca o peso de laudos médicos em julgamentos, prática que se mantém até a atualidade, como se pode averiguar pela história da própria instituição na qual Febrônio foi internado, que passou a levar o nome do médico responsável por seu laudo, se tornando o Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico Heitor Carrilho, que funcionou até 2016, ano no qual os últimos internos foram transferidos para unidades terapêuticas.

Incluindo a História e as Ciências Sociais, além das disciplinas já referidas, Febrônio Índio do Brasil impõe-se como muito relevante para a discussão acerca da questão manicomial no Brasil, da história da homossexualidade e seu entendimento social³. O modo como a imprensa tratou o caso, na época e posteriormente, é de interesse

a Homossexualidade e a Lei”. In: VOGT, Carlos et al. *Caminhos Cruzados: Linguagem, Antropologia e Ciências Naturais*. São Paulo: Brasiliense, 1982).

³ Tanto a imprensa, mas em especial o laudo psiquiátrico – assim como os comentários de outros médicos como Leonídio Ribeiro, Murillo Campos, Henrique Roxo, sobre o caso em *O Jornal* – deram destaque à homossexualidade de Febrônio; ela chega a ser tratada como ponto central de sua condição mental à luz da teoria de Freud. Sobre os efeitos sociais dessa associação trata um dos capítulos do livro de João Silvério Trevisan, *Devassos no Paraíso: A Homossexualidade no Brasil, da Colônia à Atualidade*.

“[...] o nome de Febrônio se adjetivou, em termos de opinião pública: na gíria carioca da década de 1930, ‘Febrônio’ passou a ser empregado como sinônimo de homossexual. Ou seja, a psiquiatria conseguiu transformar o caso de um só indivíduo em ‘princípio universal’, atingindo diretamente a consciência dos coadjuvantes anônimos, de maneira tão eficaz a ponto de modificar a própria linguagem.” (TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso: A Homossexualidade no Brasil, da Colônia à Atualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 205).

para a Comunicação, e, por fim, seu livro, lido por figuras ilustres, traz o assunto para as Letras, que é o caso da presente dissertação.

Essa não se trata de uma listagem exaustiva, e também está claro que a divisão em disciplinas revela-se artificial, mas útil como recurso para dar a dimensão da importância que se vê em Febrônio e explicar o porquê da produção acadêmica sobre ele ser tão diversa.

Para contar a história de Febrônio, as fontes documentais disponíveis são de três naturezas: as matérias da imprensa da época⁴; os documentos médicos e os autos de processo de seu julgamento. Porém isso não é tão simples, pois cada uma dessas categorias abarca diversos materiais. Cada jornal fez uma cobertura diferente do caso; alguns estudos foram produzidos com base na observação de Febrônio, com finalidades diferentes; e nos autos constam documentos diversos como relatórios policiais, depoimentos, os textos de defesa e de acusação, esses últimos que defendiam a sanidade do réu.

Para piorar, os documentos são intercambiáveis: os jornais narram os eventos da investigação, os depoimentos e reproduzem falas e textos oriundos da polícia e comentários de médicos acerca do caso; o laudo de Heitor Carrilho cita os autos policiais e faz referências às publicações da imprensa; enquanto os autos propriamente ditos trazem o laudo em si. Por fim, não é sequer possível saber o quanto cada uma dessas fontes teriam se influenciado mutuamente, ou seja, o quanto policiais e médicos foram influenciados pela versão da imprensa, que moldava a opinião pública, e como as versões de agentes do

⁴ Em sua dissertação, *Como se Escreve Febrônio*, Gláucia Soares Bastos faz um acompanhamento dia a dia da cobertura dos principais jornais da imprensa carioca (BASTOS, Gláucia Soares. *Como se Escreve Febrônio*. Dissertação de mestrado. Departamento de Teoria Literária, Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 1994. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1581934>. Acesso em: 17 ago. 2024).

Estado depois retornariam nos jornais a fim de chancelar uma ou outra construção de Febrônio.⁵

Vale observar que também existem textos literários que estão entre a ficção e o jornalismo que, por vezes, serviram como fontes bibliográficas para produções sobre Febrônio, alguns dos quais serão abordados adiante.

Como o objetivo desta seção se resume a apresentar uma breve biografia, e não abordar de maneira detida as diversas construções discursivas em torno da figura de Febrônio, não se terá como foco discorrer sobre as diferenças entre os eventos narrados em cada versão de sua história; sobretudo quando é possível que duas variações do mesmo evento sejam suportadas por bibliografias diferentes. Porém, no caso de Febrônio, é notável como algumas fontes conseguem mais visibilidade e são mais replicadas – e em alguns casos sem um olhar crítico – que outras. Por esse motivo, também se pretende que, com as referências apresentadas aqui, um leitor possa navegar de forma mais fácil pelas obras que o tematizam.

Então, para escolher quais documentos usar como base, foram definidos dois critérios. O primeiro foi optar por registros da época responsáveis por trazer informações que, de alguma forma, tenham vindo do próprio Febrônio. A outra diretriz foi mobilizar e apresentar o que seriam, provavelmente, de acordo com os levantamentos desta pesquisa, as fontes de origem das diferentes versões difundidas na variada produção sobre o autor de *As Revelações do Príncipe do Fogo*.

⁵ Sobre as diferentes construções discursivas acerca de Febrônio e como elas se relacionavam, recomenda-se a tese *Mosaicos do Filho da Luz: Febrônio Índio do Brasil entre o crime, a redenção e o delírio*, de Pedro Ferrari (FERRARI, Pedro F. M. G. *Mosaicos do Filho da Luz: Febrônio Índio do Brasil entre o crime, a redenção e o delírio*. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/13780>. Acesso em: 17 ago. 2024).

Para atender a ambos os critérios, o documento que parece mais relevante para buscar dados biográficos sobre Febrônio é o laudo psiquiátrico pericial escrito por Heitor Carrilho, encomendado pela defesa para que fosse usado no julgamento. Outras fontes serão abordadas quando se julgar isso relevante para expandir ou comentar o conteúdo do texto em questão.

Partir-se-á então de “A Curiosa Mentalidade de um Delinquente: Laudo do exame médico-psicológico de Febrônio Índio do Brasil”, publicado originalmente na edição do *Jornal do Commercio* de 12 de maio de 1929. Chama a atenção o fato de tal documento ter sido estampado num periódico logo depois de ter sido efetuada a sua conclusão, indício de como se tratou de um caso de interesse público à época e como a imprensa teve papel de destaque nele. O laudo foi realizado com base na observação de Febrônio no período de 20 de dezembro de 1927 até 31 de dezembro de 1928, em que ele ficou internado, para fins do exame, no Manicômio Judiciário do Rio de Janeiro, ao qual voltaria posteriormente.

Logo no começo do texto Carrilho apresenta a dificuldade de traçar um panorama biográfico acerca do examinado, nos seguintes termos: “Difícil é recompor, com as próprias informações do observado, os seus antecedentes mórbidos, pelo cunho de insinceridade que caracteriza o que ele diz.”⁶ Ou seja, mesmo a versão de Febrônio da própria história não é tida como confiável; algo parecido é relatado pelos médicos Murillo de Campos, “psiquiatra e chefe da secção militar do Hospício”⁷ e Leonídio Ribeiro, “médico-legista e docente da Faculdade de Medicina”⁸, que também o examinaram à

⁶ CARRILHO, Heitor. “A Curiosa Mentalidade de um Delinquente: Laudo do exame médico-psicológico de Febrônio Índio do Brasil”. In: *Archivo Judiciario*, Suplemento, vol 10, abr/jun 1929. p. 127.

⁷ “O Caso de Febrônio Perante a Psychiatria: A opinião dos drs. Murillo de Campos e Leonidio Ribeiro”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 15 out. 1927. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_02&Pesq=febronio&pagfis=34339. Acesso em: 31 out. 2023.

⁸ Idem, ibidem.

época, antes mesmo de Heitor Carrilho, em entrevista a *O Jornal*, a 15 de outubro de 1927:

As respostas são de caráter vago e não raro reticentes, mas sempre rigorosamente fiscalizadas. As mesmas perguntas, feitas em dias diversos, obtêm, via de regra, respostas desiguais e desorientadoras. Desorientação no tempo, não se podendo saber até que ponto as suas informações obedecem a propósitos intencionais. Orientação perfeita no meio. Não precisa fatos nem datas do seu passado, parecendo ter certo prazer em confundi-los e apaga-los no interrogatório.⁹

Febrônio era um homem negro. Para ilustrar a questão dos diversos Febrônios e da dificuldade em estabelecer uma versão dos fatos, será destacado como um dado tão simples aparece em diferentes fontes bibliográficas. O poeta franco-suíço Blaise Cendrars, que o teria visitado na detenção, vai descrevê-lo da seguinte forma “Só, na grande jaula central, um negro inteiramente nu, pequeno porém hercúleo”¹⁰; então Pedro Nava, que o conheceu no manicômio, discorda:

Ao cabo duns minutos entrou Febrônio Índio do Brasil. Desmentia a descrição que dele fez Blaise Cendrars que o dá como “negro” e figura repulsiva pelos “dentes mal tratados” e podres. Verdade que o viu na escuridão de um calabouço da polícia onde o preso estava numa fase de inquéritos – submetido a espancamentos brutais e a todas as torturas. O Egon viu diante dele um puri com maior cruz de branco o que o fazia um tipo claro [...].¹¹

⁹ “O Caso de Febronio Perante a Psiquiatria”. *op. cit.*

¹⁰ CENDRARS, Blaise. *Etc... Etc...(Um Livro 100% Brasileiro)*. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 166.

¹¹ NAVA, Pedro. *O Círio Perfeito*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. p. 264-265.

Já no laudo pericial a descrição considera que “O paciente [...] é mestiço”¹², enquanto, de acordo com Murillo de Campos e Leonídio Ribeiro, “Febrônio é um mestiço escuro, em que são poucos os caracteres do cruzamento, caboclo preto.”¹³ Todas essas pessoas conheceram Febrônio pessoalmente e em momentos relativamente próximos, o que explicaria tamanha divergência de descrição? Reitera-se então como as diversas construções de Febrônio podem ser realmente diferentes.

Febrônio era um homem negro, partindo de uma concepção atual, e teria 32 anos em 1929, porém não se sabe a data de seu nascimento. Seria o terceiro de 25 irmãos por parte de mãe e teria fugido de casa em São Miguel do Jequitinhonha, cidade de Minas Gerais, aos 12 anos. Seu pai se chamaria Theodoro Índio do Brasil, seria açougueiro e alcoólatra, “Era homem genioso e irascível; devido a esse seu temperamento violento brigava com frequência com a esposa e batia nos filhos.”¹⁴ Sua mãe seria Estrela do Oriente Índio do Brasil, viva àquele momento.

Em contraponto à versão do próprio periciado, Carrilho relata que Febrônio recebeu a visita de um irmão, Agenor Ferreira Mattos – que na verdade não o conhecia, pois quando de sua fuga possuía este apenas dois anos de idade –, figura responsável por “completar e corrigir as informações por ele [Febrônio] prestadas”¹⁵. Então os principais dados, e possivelmente os mais confiáveis, a que se tem acesso acerca de Febrônio advém de uma visita inesperada de um irmão ao sanatório.

Na versão de Agenor, o pai chamava-se Theodoro Simões de Oliveira e já tinha falecido. Seria um lavrador, mas que realmente fora açougueiro por um tempo. “Fazia uso de álcool. Possuía efetivamente um temperamento impetuoso e violento, brigava com

¹² CARRILHO, Heitor. *op. cit.*, p. 127.

¹³ “O Caso de Febrônio Perante a Psiquiatria”. *op. cit.*

¹⁴ CARRILHO, Heitor. *op. cit.*, p. 127.

¹⁵ *Idem, ibidem.*

frequência com a sua mãe e muitas vezes, de facão em punho, pretendeu matá-la; brigava também com os filhos”¹⁶.

A mãe, Reginalda Ferreira de Mattos, realmente viva e com cerca de 65 anos àquele momento, residia à cidade de Jequié, na Bahia, vinda de São Miguel do Jequitinhonha para morar com um filho. Teria ela 14 filhos dos quais Febrônio seria o segundo e ele o sexto. O quarto filho, chamado Antônio, também teria fugido de casa ainda novo. Agenor relata ainda que um dos irmãos, Deraldo, teria sido morto “há pouco tempo, porque no lugar onde residia chegou a notícia dos crimes de Febrônio, razão pela qual ele começou a ser temido por pessoas da terra que conseguiram um pretexto para matá-lo, com receio que ele fosse igual ao irmão”¹⁷.

Esse último relato é outra evidência do papel da imprensa e do modo como ela atuou nesse caso, “segundo [Agenor] diz, as ‘gazetas’ do interior se referem [aos crimes] de modo apavorante”¹⁸.

Das diferenças entre as versões dos irmãos, chamam a atenção os nomes apresentados para os pais deles, que aparentemente Febrônio trouxe para sua mística, como se nota na alcunha que teria atribuído à mãe – “Estrela do Oriente” –, presente inclusive em *As Revelações do Príncipe do Fogo*¹⁹. E no sobrenome de ambos, Índio do Brasil, que apesar de não ser citado em seu livro, parece ser o nome, dos muito que usou²⁰,

¹⁶ CARRILHO, Heitor. *op. cit.*, p. 127.

¹⁷ *Idem*, p. 128.

¹⁸ *Idem, ibidem*.

¹⁹ Em *As Revelações do Príncipe do Fogo* existe uma espécie de oração, ou capítulo, chamada “Estrela do Oriente”, que pode ser lida nos Anexos, à página 259.

²⁰ “Impressiona, desde logo, nesse documento [folha de antecedentes criminais], a diversidade de nomes de que Febrônio tem feito uso, tais como: ‘Febrônio Índio do Brasil, vulgo Tenente, Teborde Simões de Mattos Índio do Brasil, Fabiano Índio do Brasil, Pedro de Souza, Pedro João de Souza, José de Mattos, Febrônio Simões de Mattos’. Também usou ele o nome de Bruno Ferreira Gabina.” (CARRILHO, Heitor. *op. cit.*, p. 129).

Destaca-se que não foi perguntado a Agenor, ao menos não consta no laudo, o verdadeiro nome de Febrônio; nota-se também que ele e Agenor só carregam os nomes da mãe – Ferreira Mattos. A questão do

que escolheu para si. Nos autos do processo de seu julgamento constam documentos que ele teria assinado como Febrônio Ferreira Mattos.

Agenor também relata informações sobre o irmão que teria recebido de sua mãe: “Fugiu de casa acompanhando um caixeiro-viajante. Muitos anos depois, escreveu à sua mãe dizendo que era ‘médico e doutor’”²¹; enviou-lhe então 50\$000 e, mais tarde, 200\$000. Possivelmente esse contato com a mãe permitiu que, posteriormente, Febrônio fosse encontrado pela família, visto que seu irmão nem o conhecia e seu nome nem era Índio do Brasil.

Voltando ao laudo que organiza o relato do próprio Febrônio sobre os anos após sua fuga:

Andou pelas cidades próximas de São Miguel do Jequitinhonha, até que chegou à Diamantina, onde aprendeu a ler. Ali foi copeiro e empregado de um engenheiro que lhe ensinou coisas de eletricidade. Veio depois para Belo Horizonte onde empregou-se como engraxate, passando, em seguida, a fazer serviço doméstico em casa de uma certa família cujo o nome cita. Mais tarde, veio para o Rio de Janeiro, aqui chegando com 14 anos de idade, mais ou menos.²²

O documento dá um salto temporal e aponta “No estado de Minas Gerais foi identificado com o nome de Pedro Souza, em 16 de fevereiro de 1916.”²³ Então se inicia

nome real de Febrônio não é trivial. Em entrevista com Henrique Roxo – médico que avaliara Febrônio em sua segunda entrada ao Instituto de Psicopatologia e Assistência a Psicopatas (mesmo que Hospício Nacional dos Alienados) – a *O Jornal*, lê-se: “Sobre o verdadeiro nome de Febrônio Índio do Brasil permanecem ainda as mesmas dúvidas, umas vez que esse indivíduo, nas suas prisões, aqui no Rio, como em muitos outros lugares do Brasil, ora se fez assim chamar, ora deu outros nomes como sendo seu” (“O Criminoso Febrônio Perante a Psiquiatria: A opinião do professor Henrique Roxo sobre o famoso delinquente”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 02 out. 1927. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_02&Pesq=febronio&pagfis=34138. Acesso em: 31 out. 2023).

²¹ CARRILHO, Heitor. *op. cit.*, p. 128

²² *Idem, ibidem.*

²³ CARRILHO, Heitor. *op. cit.*, p. 129.

a exposição dos antecedentes criminais de Febrônio com base em autos cedidos por uma delegacia, nos quais constavam várias prisões, principalmente por vadiagem e ladroagem, e ainda mais passagens pela polícia. Alguns crimes aparecem narrados em mais detalhes.

Em 26 de janeiro de 1914, no Rio de Janeiro, Febrônio foi denunciado por invadir uma casa de cômodos (o mesmo que uma hospedaria) na tentativa de roubar um dos quartos, mas foi pego em flagrante e trancado dentro do próprio recinto em que estava. Já em 22 de dezembro de 1919, denunciaram à polícia o golpe que ele aplicava por meio da União Brasileira, uma espécie de seguradora que oferecia “auxílios médicos, farmacêuticos e funerários”²⁴, justamente no momento em que a gripe espanhola assolava o Rio de Janeiro²⁵. Na verdade, a empresa não existia e o mais interessante é que a denúncia não foi feita por segurados lesados – não se sabe da existência deles –, mas sim por parte de funcionários contratados, a partir de um anúncio no jornal, como cobradores. Antes de terem acesso aos recibos que lhes permitiriam cobrar supostos contribuintes, que posteriormente nunca eram encontrados, estes tinham de depositar um valor a Febrônio, importâncias das quais ele se apossou.

De acordo com outra denúncia, em 12 de junho de 1920, Febrônio tenta arrombar a gaveta onde ficava o dinheiro em uma hospedaria e é novamente pego em flagrante. Em outubro de 1926 e fevereiro de 1927, constam duas entradas de Febrônio ao “Hospital Nacional de Psicopatas”, como aparece referido por Heitor Carrilho, antigo Hospício/Hospital Nacional de Alienados e posteriormente Hospital Pedro II, o mesmo onde também ficou internado o escritor Lima Barreto. Ali foi diagnosticado com “estado atípico de degeneração”²⁶. Essas outras internações psiquiátricas não aparecem em vários

²⁴ *Idem, ibidem.*

²⁵ Esse paralelo é longamente desenvolvido por Pedro Ferrari, em sua tese.

²⁶ CARRILHO, Heitor. op. cit., p. 128.

outros textos biográficos sobre Febrônio. Aí, em outubro de 1926, mesmo mês da primeira internação, ele foi acusado de ter furtado 120\$000 da instituição onde esteve confinado.

Passamos agora a referir os crimes com *caráter sexual* realizados por Febrônio. Seja-nos lícito, desde logo, referir que, em ofício junto aos autos o Diretor da Casa de Detenção informou ao Delegado do 24º Distrito Policial que “consta que o referido Febrônio entrega-se ao vício da pederastia” (30 de Agosto de 1927).²⁷

É assim que Heitor Carrilho introduz o trecho que vai relatar os crimes mais famosos de Febrônio, os que estamparam os jornais e são os mais recontados ao se tratar da história de tal figura. Ele começa citando o ofício do Diretor da Casa de Detenção, que, na verdade, é cronologicamente posterior à detenção pelos crimes que ainda seriam narrados, orientando a leitura do que se segue ao associar o acusado à pederastia antes mesmo de iniciar o relato.

Como ponto de partida, o médico se vale do depoimento à polícia de dois jovens que teriam sido vítimas não fatais de Febrônio, após este já estar detido, visto que abordaria eventos anteriores aos assassinatos. Porém, tal testemunho aparece em um contexto que em que o caso Febrônio já estampava os jornais, e considerou-se mais significativo tematizá-lo posteriormente, contextualizando seu impacto no estabelecimento pela imprensa de uma figura mística e monstruosa do acusado.

Na impossibilidade de trazer outras visões desses fatos e tendo em mente que o laudo de Carrilho figura como base, direta ou indireta, para a maioria das outras versões desses crimes, julgou-se interessante reproduzi-lo como no original.

Esse diagnóstico foi dado pelo médico Adaucto Botelho na internação de 1926 e mantido por Henrique Roxo em 1927, como pode ser verificado na matéria supracitada publicada em *O Jornal* em 2 out. 1927.

²⁷ CARRILHO, Heitor. *op. cit.*, p. 130.

A imprensa desta Capital noticiou outros casos de sedução de menores e práticas homossexuais realizados por Febrônio, aos quais não nos referimos aqui, por isso que só fazemos menção dos casos registrados nos autos de seus processos-crimes. Cabe-nos, agora, referir os delitos pelos quais se acha o paciente denunciado atualmente. Assim devemos referir que Febrônio foi denunciado em 19 de setembro de 1927 [...] pelo seguinte fato:²⁸

Nota-se novamente a força da imprensa na orientação da opinião pública sobre Febrônio, e até no estabelecimento de uma versão dos fatos acontecidos que ganha contornos oficiais no referido documento.

No dia 13 de Agosto de 1927, Febrônio Índio do Brasil [...] continuou a caminhar pela dita estrada da Tijuca até que encontrou, no lugar denominado Marimbeiro, à porta de uma casa, que era residência de Antônio José de Moura e do cunhado deste, Alamiro José Ribeiro, um menor chamado José de Moura, filho de Antônio. Entabulada a conversa, o menor José referiu a Febrônio que o tio, de nome Alamiro, estava precisando de emprego e, a seguir, convidou-o a entrar. Isso feito, foi apresentado a Alamiro, dizendo-se *chauffeur* da Empresa de Auto-Ônibus do Lopes e andava à procura de alguém para empregado dessa Companhia.

Acrescentou que o serviço seria perto da casa, pois a Empresa ia estabelecer uma linha de auto-ônibus do Leblon até à Porta d'Água, tendo, assim, de passar por ali, e que Alamiro teria como emprego tomar conta de um depósito de material que devia ficar próximo da residência do mesmo.

Insinuando-se junto aos presentes, foi convidado a jantar, aceitando, não se tendo feito uso de bebidas alcóolicas.

Depois, induziu Alamiro a acompanhá-lo até a sede da tal Empresa de Auto-Ônibus. A uma consideração do dono da casa, Antônio José de Moura, que alegou ser tarde demais para seguirem, Febrônio replicou

²⁸ CARRILHO, Heitor. *op. cit.*, p. 131.

que Alamiro tinha que ‘assinar um papel na Empresa’ e que a linha de auto-ônibus devia começar a funcionar na segunda-feira, vencendo a resistência de Antônio. Iludindo a boa fé de sua vítima, captando-lhe a estima, dirigiu-se com Alamiro pela estrada da Tijuca afora, andando a pé até defrontar-se com a Ilha do Ribeiro para onde se encaminhou embrenhando-se na mata, já noite alta.

Pretextando, então, já ser tarde achou melhor dormirem ali, para no dia seguinte tomarem rumo. Escolheu um local para se deitar, cobrindo o chão de folhas secas e com uma faca, tirando a seguir a roupa e obtendo que o menor também se despisse, pretendeu obrigá-lo a deitar-se. Alamiro, percebendo as verdadeiras intenções do acusado, ofereceu resistência à solicitação que Febrônio lhe fizera e com ele entrou em formidável luta. Foi, então, que Febrônio segurando Alamiro pelo pescoço, estrangulou-o. Derrubando a sua vítima ao chão acabou de matá-la por asfixia, enlaçando-lhe o pescoço com um cipó que foi encontrado pelos peritos médicos legistas ainda em volta do pescoço do cadáver de Alamiro.²⁹

Nota-se que pouco é dito sobre Alamiro, sequer a idade, que era entre 18 e 20 anos. Também não fica claro qual a fonte de tantos detalhes dados nessa reconstituição, em especial quando se examina o último parágrafo, visto que a única testemunha seria o próprio Febrônio, o qual sempre negou ter cometido os crimes dos quais era acusado.

Outro ponto: tratou-se realmente de um crime sexual? Aqui vale recorrer à abordagem que Pedro Ferrari apresenta em sua Tese, *Mosaicos do Filho da Luz: Febrônio Índio do Brasil entre o crime, a redenção e o delírio*, sobre a influência dos jornais na resposta dessa pergunta. Segundo ele “erguem-se versões propostas por periódicos que, para além de meramente informar, relacionam referências e constroem os eventos.”³⁰

²⁹ CARRILHO, Heitor. *op. cit.*, p. 131-132.

³⁰ FERRARI, Pedro F. M. G. *op. cit.* (cf. nota 05).

Ferrari recupera como o assassinato de Alamiro foi noticiado na ocasião da descoberta do corpo, antes de ser relacionado a Febrônio. O *Correio da Manhã*, de 17 de agosto de 1927, vai se referir a Alamiro como jovem operário, que dá uma impressão de alguém mais velho do que na versão de Carrilho, e afirma, sobre o corpo encontrado, que “o médico e as demais pessoas presentes concluíram, desde logo, tratar-se de uma barbaridade de libidinagem, que deveria ser praticada por mais de uma pessoa”³¹. O historiador mostra como o caráter sexual do crime foi dado como certo e como ele foi sendo reforçado nas seguintes edições do jornal; porém, em 21 de agosto, tem-se a conclusão do laudo pericial feito pelo IML do Rio de Janeiro, que “defende a ‘ausência de sinais de luta’, tendendo à defesa de Alamiro ter sido ‘atingido de surpresa’, descarta também qualquer natureza de violação ou abuso sexual.”³² Porém, o jornal em questão não só não corrigiu a informação, como insistiu na natureza sexual dos crimes.

Algo semelhante acontece com Febrônio, que já é dado como culpado mesmo antes das conclusões policiais, investigações ou mesmo tomada de depoimento do suspeito no dia 31 de agosto. “Dizia-se estar ‘completamente esclarecido’ o caso: ‘está confirmado ser Febrônio o autor de tão repugnante quanto brutal assassinio’, afirmava a *Gazeta de Notícias* [de 23 de agosto].”³³

Nota-se como, de acordo versão da imprensa, propagada pela *Gazeta de Notícias*, o crime já estava solucionado, o culpado era Febrônio e o jornal ainda insistiu no caráter sexual do delito, que inicialmente teria sido perpetrado por múltiplos agressores, e agora

³¹ Apud FERRARI, Pedro F. M. G. *op. cit.*, p. 16.

³² FERRARI, Pedro F. M. G. *op. cit.*, p. 18.

As aspas dentro da citação são referências ao “Processo criminal de Febrônio Índio do Brasil, 1927. fl. 133”.

³³ FERRARI, Pedro F. M. G. *op. cit.*, p. 18.

era atribuído ao culpado escolhido. Como esse laudo pericial do IML não é citado por Carrilho? Seria por influência dos periódicos?

No caso do segundo crime, algo semelhante acontece. A denúncia relativa ao desaparecimento de uma criança que seria encontrada morta pela mãe dias depois, logo vira acusação contra Febrônio, o qual fora reconhecido por aquela em fotos na delegacia.

Voltando ao laudo de Heitor Carrilho:

No dia 29 de Agosto de 1927, Febrônio Índio do Brasil, estando a vagar sem destino pelo local denominado “Ilha do Caju”, ali encontrou, à porta da casa n. 4, o menor João Ferreira com quem começou desde logo a conversar, oferecendo-lhe para agradá-lo uns doces que consigo trazia e propondo-lhe a seguir um emprego como copeiro em uma casa de família, à Avenida Pedro Ivo. Chegando nessa ocasião ao local, Beatriz Ferreira, mãe de João, a quem este referiu a proposta que acabava de lhe ser feita, Beatriz procurou dissuadi-lo de tal emprego, ponderando entre várias razões ser ele ainda muito criança para se empregar tão longe. Febrônio, porém, com habilidade, insistiu nos seus propósitos de arranjar um emprego para o menor e, persuasivo, conseguiu vencer as últimas resistências maternas. Beatriz, porém, recomendou ao menor João que fosse obter o consentimento do pai, procurando-o na oficina onde o mesmo trabalhava naquele momento. Em companhia de Febrônio, o menor João dirigiu-se para a praia do Retiro Saudoso, 252, onde o pai trabalhava e, logo que o avistou, mostrou-o a Febrônio, que a ele se dirigiu, dando o negócio do emprego como definitivamente assente com a progenitora de João que apenas lá o mandara para lhe dar ciência do emprego que ele, Febrônio, arranjava para o menor. Depois de algumas indagações relativamente à casa onde ia o filho trabalhar, José Ferreira – tal é o nome do pai do menor João – aquiesceu, por sua vez, partindo o menor em companhia de Febrônio. [...] Febrônio carregava-o para o Quinta da Boa Vista e, dali, sempre com enganosas promessas, conseguiu levá-lo para umas matas existentes perto do largo do França, onde, tirando a camisa de João, lhe fez no peito uma tatuagem, de várias letras. Para obter que o menor se prestasse a tal, Febrônio prometeu dar-lhe um terno de roupa. Depois

de tatuar o menor, Febrônio com ele tomou um bonde de Alto da Boa Vista, indo até o ponto terminal.

Dali Febrônio caminhou a pé com o menor até à Ilha do Ribeiro, onde chegou já noite alta. Nessa ilha, já muito sua conhecida e próxima ao local onde dias antes estrangulara o menor Alamiro José Ribeiro, Febrônio lutando com o menor que se debatia, procurando fugir à sanha homicida, apertou-lhe a garganta, asfixiando-o até deixá-lo sem vida. Cometido o bárbaro estrangulamento, despiu o menor, e, fazendo uma trouxa de roupa, atirou-a a alguns passos de distância onde veio a ser encontrada pela Polícia. Descoberto que foi o corpo de um outro menor, na mesma Ilha do Ribeiro, igualmente estrangulado por Febrônio, entrou a Polícia em pesquisas na Ilha até que encontrou o cadáver de João, já bastante putrefato, abandonado aos corvos.³⁴

Tal qual ocorrera com Alamiro, quase nada é dito sobre João Ferreira. Pela descrição presente no laudo é impossível perceber uma diferença importante entre as duas vítimas, a idade, pois João tinha apenas dez anos.

Sobre a tatuagem citada, trata-se de um dos elementos mais famosos envolvendo a mística de Febrônio. Febrônio tatuou João Ferreira, e ao menos mais uma pessoa, com as letras D C V X V I³⁵, as mesmas que tinha tatuadas no entorno de seu próprio dorso, “cuja a interpretação o paciente diz que é *Deus Vivo ou o Imã da Vida*; são, no seu entender, o símbolo de seu misticismo.”³⁶

Sabe-se que Febrônio tem procurado tatuar menores, gravando-lhes no peito aquelas mesmas letras acima referidas, que se encontram em torno de seu tórax e abdômen. Ele explica o fato dizendo que com isto visa

³⁴ CARRILHO, Heitor. *op. cit.*, p. 132-133.

³⁵ “[...] em volta do meu corpo – Febrônio foi desabotoando a camisa à proporção que falava – eu tenho estas letras: D.C.V.X.V.I., que querem dizer: – Deus, Caridade, Virtude, Santidade, Vida, Ímã da Vida.” (*Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 03 set. 1927. Apud FERRARI, Pedro F. M. G. *op. cit.*, p. 180).

³⁶ CARRILHO, Heitor. *op. cit.*, p. 135.

simplesmente defender esses menores do Mal, conferindo-lhes o “Imã da Vida”, que lhes será um talismã.³⁷

Febrônio também possui os dizeres “EIS O FILHO DA LUZ” tatuados no torso. Sobre essa tatuagem existe uma curiosidade muito interessante, partindo de uma citação de Pedro Nava:

Pele onde se destacam perfeitamente as tatuagens mais escuras de que uma foi lida errado pelo Cendrars – que, pelo visto, era observador apressado. Está escrito – EIS O FILHO DA LUZ onde o grande poeta e repórter franco-suíço leu EU SOU O FILHO DA LUZ.³⁸

Porém, na publicação original do texto de Blaise Cendrars ao periódico *Paris Soir*, lê-se na verdade “EU SO FILHO DA LUZ”³⁹, em português mesmo, e o curioso é que a na fotografia que ilustra a matéria realmente está escrito dessa forma. Além disso, essa mesma foto também ilustra a supracitada entrevista com Murillo de Campos e Leonídio Ribeiro a *O Jornal*. Essa imagem parece adulterada, mas quem, como e por que teria feito isso em 1927?

Depois de sua detenção para inquérito, em cerca de 31 de agosto de 1927, outros garotos prestaram depoimento na delegacia relatando como foram vítimas de Febrônio.

Dos autos constam certidões da 3ª Delegacia Auxiliar, relativas a depoimentos prestados por menores vítimas dos atentados ao pudor praticados por Febrônio Índio do Brasil.

³⁷ CARRILHO, Heitor. *op. cit.*, p. 136.

³⁸ NAVA, Pedro. *O Círio Perfeito*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. p. 264-265

³⁹ *Paris Soir*, Paris, 30 maio 1938.

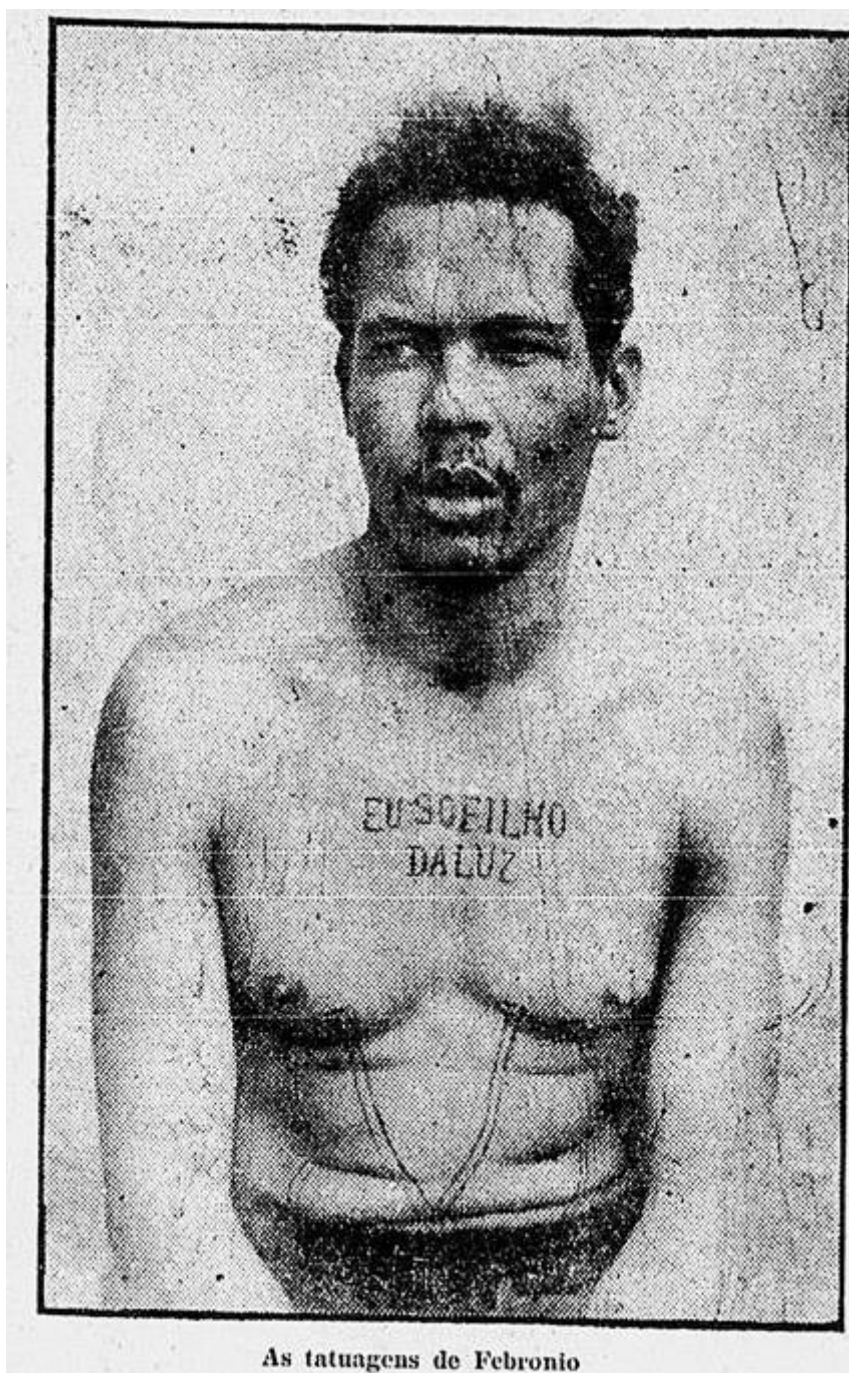


Figura 01: Imagem de Febrônio estampado a *O Jornal* de cinco de outubro 1927, na qual se lê: “EU SO FILHO DA LUZ”.

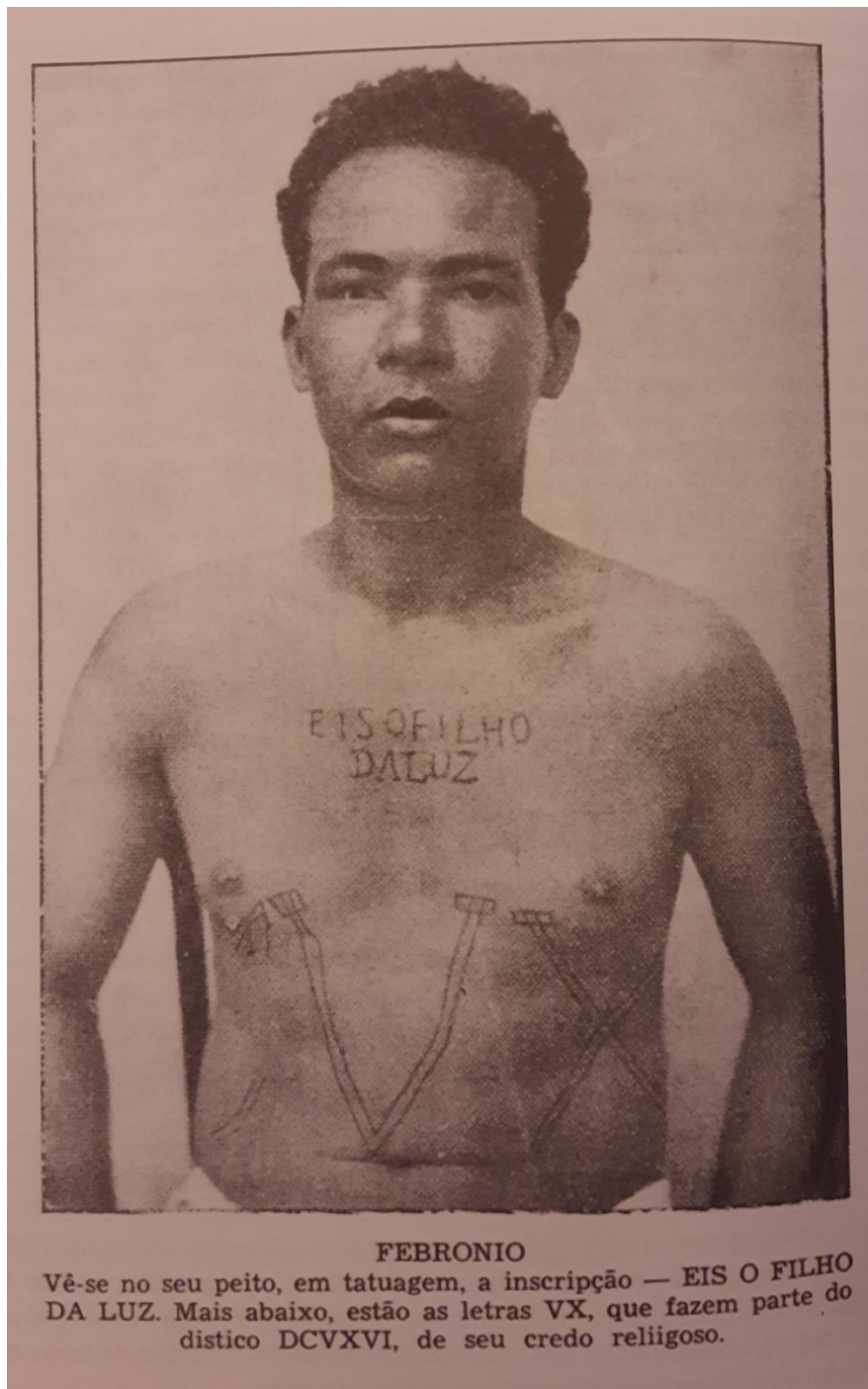


Figura 02: Retrato de Febrônio apresentado no livro *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*, de Alexandre Eulalio, onde se lê: “EIS O FILHO DA LUZ”.

O delinquente, quase sempre, atraía os menores à sua companhia, sob pretexto de que iria conseguir para eles colocação, e, levando-os para lugares ermos ou desertos, pretendia realizar atos de pederastia. Em um dos casos, o do menor Octavio de Bernardi, natural do Estado de Minas Gerais, com 17 anos de idade, ajudante de mecânico, sabendo ler e escrever e morador à rua Viúva Cláudio número 312, ele se propôs arranjar uma colocação para o mesmo menor no Matadouro de Santa Cruz, obtendo aquiescência dos seus pais para com esse intuito, levá-lo em sua companhia.

Juntamente com outro menor de nome Jacob, que, então, já se achava em sua companhia, Febrônio rumou para a Estação do Sampaio onde tomaram um automóvel para Santa Cruz e dali foram para Mangaratiba, pernoitando em um rancho, dali para a casa de uma senhora chamada Finoca, no lugar denominado Praia da Cruz, onde estiveram durante dez dias, dormindo os três no mesmo cômodo em uma esteira. Foi então que o paciente armado de faca, pretendeu realizar atos de pederastia com o menor. Um outro menor, Jacob Edelman, que Febrônio conhecera no Hospital Nacional de Alienados e que dali retirara, foi por ele conduzido à Estação de Mangaratiba sob o pretexto de que ali possuía um gabinete dentário onde iria empregá-lo.

Chegados, porém, a Mangaratiba, Febrônio disse a Jacob que este não poderia tomar posse do seu lugar nesse dia porque o gabinete estava fechado, mas que ele e um outro menor, Octavio, iriam dormir em sua casa que ficava pouco distante do local. Em caminho em um lugar deserto, Febrônio mandou que Jacob “se deitasse no chão e mostrando-lhe uma faca fez no seu peito as tatuagens que ainda apresenta, fato assistido pelo companheiro Octavio”. Tendo depois se encaminhado até um lugar chamado Praia da Cruz, na casa de uma senhora velha de nome D. Finoca, ali permaneceram cerca de cinco dias; no terceiro dia, Febrônio levou o menor Jacob para uma praia chamada das Flecheiras onde sob terror do menor, com ele praticou atos de pederastia. Ainda um terceiro menor de nome Álvaro Ferreira, natural do Estado do Rio de Janeiro, com 18 anos de idade, filho de Lindolpho Ferreira, empregado no comércio e residente no arraial de Coroa Grande (Estado do Rio de Janeiro), analfabeto, contou em seu depoimento na 3ª Delegacia Auxiliar, o modo pelo qual foi seduzido pelo acusado.

Febrônio encontrou-o no trem, procurou conversar com ele e nessa palestra declarou ser negociante no mercado desta Capital e que lhe poderia dar uma colocação com ordenado de 150\$000; disse-lhe que ele poderia ser empossado no mesmo dia no emprego e convenceu-o de que deveria acompanhá-lo até a cidade para tomar conta do lugar, acedendo o menor, por se achar desempregado. Chegados à Estação D. Pedro II, mais ou menos às 9 horas da manhã, foram juntos até a Tijuca, dizendo Febrônio que lá residia e teria de buscar uns objetos antes de ir ao mercado. Saltando do bonde, seguiram por um caminho dentro do mato até certa altura, quando Febrônio o convenceu de que deveria fazer-lhe uma tatuagem em seu peito. Com medo, o menor consentiu que ele fizesse uma letra em seu peito com uma agulha molhada de tinta e em seguida, como o pequeno se recusasse à prática de atos de libidinagem, Febrônio mostrou-se raivoso e puxando uma faca que trazia consigo ameaçou de morte o menor, chegando mesmo a feri-lo levemente o braço esquerdo, o que levou o menor a consentir que ele realizasse os seus intentos. A imprensa desta Capital noticiou outros casos de sedução de menores e prática homossexual realizados por Febrônio, aos quais não nos referiremos aqui, por isso que só fazemos menção dos casos registrados nos autos dos seus processos-crimes.”⁴⁰

Esses depoimentos marcaram a construção de um personagem-Febrônio à época. Foram veiculados pelos jornais e aparecem até hoje, às vezes expandidos, como demonstrativo e prova da sua índole. Segundo Ilana Casoy, em seu livro *Serial Killers: Made in Brasil*, “Muitos dos casos de garotos com os quais Febrônio se relacionou e que foram citados nos jornais não se transformaram em processos criminais.”⁴¹, no mesmo sentido apontado pelo final do excerto do laudo de Carrilho acima transcrito. Uma vez mais ressalta-se, dessa forma, a importância da imprensa na construção discursiva sobre Febrônio. As versões que circulavam nas páginas de periódicos eram tomadas como

⁴⁰ CARRILHO, Heitor. *op. cit.*, p. 130-131.

⁴¹ CASOY, Ilana. *Serial Killers: Made in Brasil*. São Paulo: Ediouro, 2009. p. 54.

verdade, independentemente das conclusões obtidas por meio de investigações e de julgamentos.

Em 1928, ano em que Febrônio passa pelo manicômio judiciário para avaliação psiquiátrica, surge ao menos mais uma acusação contra ele, que está registrada nos autos. Essa denúncia nos interessa por fazer referência a outro evento constantemente citado nas biografias do autor das *Revelações do Príncipe de Fogo*. Em 8 de fevereiro de 1928, ele foi acusado de, em agosto de 1927, ter invadido um consultório dentário e furtado diferentes objetos de uso profissional por parte do dentista dono do estabelecimento. No laudo, Carrilho emenda essa informação com outra, sem deixar claro como se conectam, “Nos autos respectivos figuram os seus cartões de cirurgião dentista, com nome de Bruno Ferreira Gabina”⁴².

Existem diversas hipóteses sobre esse nome. Algumas dizem que Febrônio teria roubado a identidade de alguém real, até que poderia ter matado o verdadeiro Bruno. Pelo laudo, e por outros documentos, podemos apenas depreender que Febrônio atendeu como dentista. Essa prática é comumente usada para classificá-lo como sádico.

O próprio laudo retoma esse fato:

Febrônio, ao que parece, se comprazia com o sofrimento físico infligido a terceiros. Fez-se dentista e fazia extrações de vários dentes a um só tempo, na convicção de que os dentes doentes comprometiam a integridade dos vizinhos; fez, segundo conta, outras pequenas operações, como extrações de quistos e incisões de adenites, referindo ainda – certamente com os exageros de sua fértil imaginação mórbida, mas de modo a revelar os seus patológicos instintos – que, certa vez, sob as vistas de um médico, amputou a perna de um paciente, com “toda a técnica, inclusive dissecando os nervos da parte que devia ser seccionada, enrolando-os como se tornava necessário”. Foi

⁴² CARRILHO, Heitor. *op. cit.*, p. 130.

surpreendido, também, certa vez, na casa onde havia instalado o seu consultório de falso dentista, “cozinhando uma cabeça humana”, cuja procedência não ficou até hoje bem esclarecida, embora explique ele tê-la adquirido em um cemitério, mediante pagamento para “estudos de anatomia necessários à sua profissão de dentista”.⁴³

Essas histórias como a do crânio humano ou a das extrações ganham diferentes roupagens e variações em diferentes textos e chegaram, obviamente, a circular nos jornais da época. Um exemplo é a narrativa contada por Prudente de Moraes, neto, que será tratada no capítulo 4: Leitores Ilustres: Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes, neto ⁴⁴.

O laudo de Heitor Carrilho parece ser a fonte documental mais próxima aos eventos narrados e que mais deu espaço para a versão do próprio discurso de Febrônio – ainda que mutilado, desacreditado e usado para legitimar outra linha argumentativa –, por isso se considerou interessante partir dele e comentá-lo com informações advindas de outros estudos.

Outro texto que traz fatos interessantes é o já referenciado, e citado também por Heitor Carrilho, artigo de *O Jornal* que se baseia em depoimentos dos médicos Murillo de Campos e Leonídio Ribeiro, responsáveis por realizar uma observação de Febrônio em 1927, antes de este ser conduzido ao Manicômio Judiciário. Tal publicação parece ser a fonte de outros elementos que irão compor alguns dos “personagens-Febrônio”, aparentemente embasando o texto de Blaise Cendrars publicado no *Paris Soir*, como se pode notar pelo caso da foto – a mesma aparece nos dois jornais, conforme abordado anteriormente – entre outros.

⁴³ CARRILHO, Heitor. *op. cit.*, p. 139-140.

⁴⁴ Pode ser lida à página 121.

É o caso da revelação que recebe feita por uma dama loura – evento presente nos textos de Cendrars, Pedro Nava, no filme de José Sette⁴⁵ etc. – que provavelmente deriva das seguintes passagens e que, no original, apresenta aspas sinalizando que deveriam ser atribuídas ao próprio Febrônio:

“Em um lugar ermo, vi aparecer uma moça branca de cabelos loiros e longos, que me disse que Deus não morrera e que eu teria a missão de declarar isso a todo mundo. Deveria nesse propósito escrever um livro e tatuar meninos com o símbolo D. C. V. X. V. I. que significa Deus vivo, ainda que com emprego da força!”⁴⁶

“Vi um dragão, diz ele, um monstro enorme de cabeça comprida, coberto de pelos longos, de cor vermelha de fogo, que ao começo procurou conquistar-me, oferecendo dinheiro, glória, colocações, se abandonasse a missão de que fora incumbido e não escrevesse o livro; depois, em vista de minha firma negativa, passou a ameaçar-me, dizendo que já matara Cristo e João Batista; e finalmente atirou-se a mim, gritando que me havia de matar e comer. Agarrou-me como a uma pena, amassou-me, quebrou-me os ossos, reduziu-me a um montão de carne. Eu dizia-lhe apenas que se queria matar-me, matasse-me logo”. Este sonho repetiu-se muitas vezes, e ao despertar refere-se que sentia o corpo abatido, cansado, e sem saber porque, mostrava-se muito triste.

⁴⁵ Referência a *Um Filme 100% Brasileiro*, de 1985, dirigido e roteirizado por José Sette. Se trata de uma obra experimental constituído da adaptação livre dos textos de Blaise Cendrars e dos relatos de sua estada no Brasil, resultando em uma narrativa ficcional com traços documentais. O próprio poeta franco-suíço é um personagem, assim como Oswald de Andrade, e o filme apresenta a passagem pelo Brasil desde sua chegada de navio. / Além da visita ao manicômio, em paralelo à narrativa principal, foi dramatizado de forma adaptada a versão da vida de Febrônio apresentada por Cendrars na reportagem “Penitentiars de Noirs” – sob o título “Febrônio (*Magia Sexualis*)” na tradução –, com destaque para as aparições da dama loura. / O título da película – *Um Filme 100% Brasileiro* – parece remeter a um texto de Blaise chamado *Etc... Etc...* (*Um filme 100% Brasileiro*) – no qual ele expressa o desejo de realizar “um filme de propaganda 100% brasileiro” –, mas, ainda mais ao livro *Etc... Etc...* (*Um Livro 100% Brasileiro*, uma coletânea de textos do autor, que parece conter todos os escritos que inspiraram o cineasta brasileiro [CENDRARS, Blaise. “Etc... Etc...” (*Um filme 100% Brasileiro*)”. In: *Etc... Etc...* (*Um Livro 100% Brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 76-79].

⁴⁶ “O Caso de Febrônio Perante a Psiquiatria: A opinião dos drs. Murillo de Campos e Leonídio Ribeiro”. *op. cit.*

Já não nutria dúvidas que tudo isso era suscitado pela sua missão. Noutro sonho teve disso plena confirmação: “apareceu-me aquela mesma moça branca, de cabelos compridos, e me mandou adquirir uma espada para lutar com o dragão. Antes, porém, para sair vencedor, deveria tatuar dez pessoas, com as letras simbólicas. Desde então poderia, não só matar o dragão, como ainda dominar o mundo, diminuir a luz do dia, fazer chover”.

[...]

Logo que passou a dormir de espada amarrada à cintura, houve uma alteração no sonho, que procurava repetir: “o dragão transformou-se num boi e logo que me vê, procura alcançar-me e matar-me. Quando o avisto trato de pular a uma árvore. Sinto que a cresce, quando ele se aproxima, e diminui quando se afasta”.⁴⁷

Outro evento de destaque, esse duelo com o dragão/Lúcifer, também aparece comumente em textos biográficos sobre Febrônio. Esse enfrentamento com o dragão permite aproximar Febrônio da mística de *As Revelações do Príncipe do Fogo*. Conforme será aprofundado no capítulo 3: As Místicas de Febrônio, no contexto da obra este inimigo já se encontra derrotado pelo Príncipe do Fogo. Se trata de um dos poucos elementos que nos permitem relacionar o autor real do enunciador do livro.

O artigo de *O Jornal* traz ainda relatos semelhantes sobre amputações (mas nessa versão ela teria sido executada com um “serrote de açougueiro” e dentro de uma prisão) ou sobre extrações dentárias; além de destacar a questão da homossexualidade. Lê-se, por exemplo:

Assim é que, na Polícia Central, em março deste ano [1927], tentou violentar um rapaz de vinte anos, na presença de outros companheiros de xadrez, agredindo-o e pisando violentamente no ventre, de tal modo que sua vítima faleceu, na manhã seguinte, de uma contusão traumática.

⁴⁷ “O Caso de Febrônio Perante a Psiquiatria: A opinião dos drs. Murillo de Campos e Leonídio Ribeiro”. *op. cit.*

Na Casa de Detenção, onde tem estado várias vezes, informam que ele é um elemento perigoso, por isso que tenta sempre violentar os seus companheiros de cubículo. No Hospício consta de sua observação clínica uma tentativa de mesma natureza contra um doente da mesma enfermaria.⁴⁸

Porém, sobre esse assunto, os doutores fazem um adendo interessante:

As tendências psicosssexuais, postas à mostra nos crimes de Febrônio coincidem por sua vez com uma constituição física, rica em displasias, em elementos de natureza eunucoide.

Não se trata, porém, de um simples caso de perversão sexual, pois, o observando, não somente a nega de maneira terminante, mas ainda, das suas palavras e atitudes sempre corretas, não a deixa transparecer de forma por mais velada que seja.⁴⁹

Parece ser a única manifestação, ainda que indireta, de Febrônio sobre sua própria homossexualidade. Se mostra complicado avaliar a relevância de tratar de sua sexualidade; conforme abordado, o caráter sexual dos crimes pode ser questionado, porém depoimentos de vítimas e a observação de seu comportamento dentro das instituições do estado confirmariam sua prática homossexual.

Nota-se evidenciado o entendimento preconceituoso, predominante à época, na própria citação ao usar “perversão sexual” para se referir a homossexualidade. É fato que essa intolerância afetou a vida de Febrônio. Por exemplo, Leonídio Ribeiro o toma como estudo de caso do livro *Homossexualismo e Endocrinologia*, de 1938; que se trata de um amplo tratado que aborda a homoafetividade à luz da medicina, do direito, da psicologia

⁴⁸ “O Caso de Febrônio Perante a Psiquiatria: A opinião dos drs. Murillo de Campos e Leonídio Ribeiro”. *op. cit.*

⁴⁹ *Idem, ibidem.*

e em perspectiva histórica. Embora a obra apresente um intento no avanço da discussão sobre o tema, em relação ao momento de sua publicação:

Em [...] face os fenômenos de inversão do instinto sexual, o papel da sociedade e a finalidade das leis e dos códigos não podem continuar a ser os mesmos, porque o que todos desejam é proteger a coletividade ao mesmo tempo que defender o indivíduo. E para isso precisamos encontrar soluções mais justas e humanas.⁵⁰

Tratar a homossexualidade como desvio mental, deixa evidente o caráter problemático do livro em questão, e até eugênico ao abordá-la enquanto desvio fisiológico com evidências anatômicas. E é nesse contexto que o caso de Febrônio é usado para ilustrar a relação proposta entre “homossexualidade e sadismo”⁵¹.

A associação de Febrônio com a homossexualidade parece sugerir relações de causalidade confusas entre a sexualidade motivando sadismo ou o inverso, de maneira que reforçam o preconceito estabelecido até, pelo menos, a década de 1930. Essa relação toma tamanha dimensão que João Silvério Trevisan vai considerá-la um marco em seu livro *Devassos no Paraíso: A homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade*⁵², além de estar presente na marchinha de carnaval reproduzida por Pedro Nava⁵³ etc.

Febrônio Índio do Brasil também negou ser autor dos crimes dos quais era acusado – lembrando que estava sendo julgado pelo assassinato de Alamiro e de João Ferreira,

⁵⁰ LEONÍDIO, Ribeiro. *Homossexualismo e Endocrinologia*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1938. p. 57.

⁵¹ “Homossexualidade e sadismo” é o título da capítulo praticamente dedicado a tratar do caso Febrônio, que se inicia à página 115 do livro.

⁵² Cf. nota 3 deste capítulo.

⁵³ “Eu vi um bicho /crioula! /d'um olho só! /Não era bicho, /não era nada /era o Febrônio /de calças largas...” (NAVA, Pedro. *op. cit.*, p. 267-268).

“Para o memorialista Pedro Nava, o ‘olho só’ seria uma clara referência ao ânus; as ‘calças largas’ tinham a ver com a última moda entre os almofadinhas e, por extensão, entre as bichas da época.” (TREVISAN, João Silvério. *op. cit.*, p. 205).

apesar de a imprensa a ele imputar “numerosos crimes de morte”⁵⁴. O infrator chegou a confessar os delitos enquanto estava sob poder da polícia, mas depois alegou que o fez sob tortura. “Relativamente aos crimes de que é acusado, o paciente sistematicamente os nega, julgando que nunca os cometeu e que só confessou ‘às custas de violências movidas pela polícia’”⁵⁵.

É claro que a questão das tatuagens e os depoimentos de outras vítimas são fortes indícios de sua autoria dos crimes, mas de quais crimes? Alamiro não estava tatuado, teria relação com Febrônio? Não é fim deste trabalho reavaliar ou dar um veredito desse caso, mas ainda assim é possível questionar o tratamento que ele recebeu do Estado e da imprensa.

Ao fim do ano de 1928 foi finalizado o laudo pericial concluindo que:

Febrônio Índio do Brasil é portador de uma psicopatia constitucional caracterizada por desvios éticos revestindo a forma da ‘loucura moral’ e perversões instintivas, expressas no homossexualismo com impulsões sádicas – estado esse a que se juntam ideias delirantes de imaginação, de caráter místico.⁵⁶

Heitor Carrilho mobilizou uma extensa bibliografia – moderna à época – para sustentar a loucura atribuída a Febrônio e cita uma listagem, de H. Colin e G. Demaye, que permite divisar quais termos e quais autores eram usados para categorizar esse tipo de “enfermo”:

Loucos morais (Pritchard); débeis morais, inválidos morais (Mairet e Eusiére); cegos morais (Schule); anestesiados de senso moral (Gilbert

⁵⁴ “O Caso de Febrônio Perante a Psiquiatria: A opinião dos drs. Murillo de Campos e Leonídio Ribeiro”. *op. cit.*

⁵⁵ CARRILHO, Heitor. *op. cit.*, p. 139.

⁵⁶ *Idem*, p. 147.

Ballet); loucos lúcidos (Trelat); semi-loucos (Grasset); maníacos sem delírio (Pinel); anormais constitucionais, perversos instintivos; alienados difíceis (H. Colin); alienados de sequestrações múltiplas (Charpentier); desequilibrados insociáveis de internações descontínuas (Bobhonme).⁵⁷

Como se pode notar na citação anterior, Carrilho adota a terminologia “louco moral”. Em resposta a quesito do Ministério Público, afirma a inimputabilidade de Febrônio: “O paciente, pelo seu estado mórbido, é incapaz de imputação pelos delitos que realizou.”⁵⁸; mas defende sua internação: “o acusado é um indivíduo de temibilidade máxima. Se for absolvido, a sua internação em estabelecimento apropriado a psicopatas se impõe em benefício da defesa social.”⁵⁹

Inclusive em outros trechos existem indícios de que Carrilho sugeria uma condenação perpétua, como: “Deve ficar segregado *ad vitam* pela impossibilidade de adaptação social e pela incapacidade em que se acha de colaborar na harmonia e no bem estar coletivo”⁶⁰. Por fim, o Juiz acaba cancelando as sugestões dos peritos, absolvendo Febrônio e o encaminhando sua internação no Manicômio Judiciário. Mas mesmo antes da internação definitiva, o criminoso apresentava insatisfação com a situação em que se encontrava. Relata Carrilho:

⁵⁷ *Idem*, p. 140-141.

⁵⁸ CARRILHO, Heitor. *op. cit.*, p. 148.

Surgiu a impressão de que, mesmo sem ter sido julgado pelos assassinatos, a sua culpa fica implícita no laudo, como se os crimes tivessem peso na conclusão final. Mas vale destacar que Carrilho tem uma resposta a essa questão: “Os atos delituosos que se lhe atribuem são bem a expressão do estado psicopático que o caracteriza. Na prática médico-legal, entretanto, deve-se ter em conta para concluir a anormalidade mental de um acusado, não só os atos por ele cometidos, mas também as indicações do exame individual respectivo. No caso concreto, um e outro se complementam para a conclusão clínica e médico-legal a que chegam os peritos” (CARRILHO, Heitor. *op. cit.*, p. 148).

⁵⁹ CARRILHO, Heitor. *op. cit.*, p. 149.

⁶⁰ *Idem*, p. 147.

O paciente, via de regra, apresenta-se de humor calmo; contudo, em certas ocasiões manifestou no Manicômio Judiciário exaltações emotivas momentâneas, as quais sobretudo se manifestam ao protestar contra a sua reclusão ou quando reivindicava direitos que julgava postergados.⁶¹

O que se torna representativo perante o fato de que Febrônio tentou, por diversas vezes, sair do sanatório pelas vias oficiais. Lê-se no artigo de Peter Fry:

Em 6 de maio de 1933, Febrônio escreve, de seu próprio punho, para o Sr. Dr. Juiz de Direito da 6.^a Vara Criminal do Distrito Federal [à época a cidade do Rio de Janeiro], que quer um segundo exame de sanidade mental. Continua o ofício, “requero mais o ex-ofício a bem da justiça que V.Ex^{cia} se digne em mandar chamar-me a digna presença de V.Ex^{cia} para esclarecer o assunto”.

“No meu querido Brasil a causa mais difícil é um pobre filho da terra encontrar os seus direitos na justiça quando ele é pobre”.⁶²

Em março de 1934, envia outra petição ao juiz requisitando uma avaliação psiquiátrica; em agosto do mesmo ano, seus irmãos pedem sua liberdade. Realiza-se outro exame decorrente desse pedido que reafirma o resultado do primeiro e alega que os irmãos “não poderiam, nas condições atuais, deter as suas tendências antissociais”⁶³.

Em outubro, Agenor tenta novamente, argumentando que o irmão nunca fora julgado culpado. Ele dá sinais de que já entendera o destino de Febrônio: “porque existem pessoas poderosas e influentes em todas as nações em todas as épocas, que cometem erros

⁶¹ *Idem*, p. 134-135.

⁶² FRY, Peter. *op. cit.*, p. 75.

As aspas dentro da citação são referências ao Processo criminal de Febrônio Índio do Brasil, 1927. fl. 293.

⁶³ FRY, Peter. *op. cit.*, p. 76.

imperdoáveis e que pagam a justiça e a outros infelizes que as vezes não cometem crime de espécie alguma; morrem encarcerados na prisão”⁶⁴.

Em 8 de fevereiro de 1935, Febrônio escapa do manicômio e é encontrado no dia seguinte, o que foi suficiente para reavivar seu caso na imprensa. O novo evento envolvendo o personagem impacta o Rio de Janeiro da época, como se vê, por exemplo, na crônica “Batalha no Largo do Machado”, de Rubem Braga:

Febrônio fugiu do Manicômio no chuvoso dia de sexta-feira, 8 de fevereiro de 1935... Foi preso no dia 9 à tarde. Neste dia de domingo, 10 de fevereiro pela manhã, o *Diário de Notícias* publica na primeira página da segunda seção:

“A sensacional fuga de Febrônio, do Manicômio Judiciário, onde se achava recolhido, desde 1927, constitui um verdadeiro pavor para a população carioca. A sua prisão, ocorrida na tarde de ontem, veio trazer a tranquilidade ao espírito de todos, inclusive das autoridades que o procuravam”.

Que repórter alarmado! Injuriou, meus senhores, o povo e as autoridades.

Encostai-vos nas paredes, população! Mas eis que na noite do dia chuvoso de domingo, 10 de fevereiro, ouvimos:

“Bicho Papão

Bicho Papão

Cuidado com o Febrônio

Que fugiu da Detenção...”

Isso ouvimos no Largo do Machado, e eis que o nosso amigo Miguel, que preferiu ir batucar em Dona Zulmira, lá também ouviu, naquele canto glorioso de Andaraí, a mesma coisa.⁶⁵

Mas também no conto “Tati, a Garota”, do livro *Vila Feliz*, de Aníbal Machado.

⁶⁴ FRY, Peter. *op. cit.*, p. 76.

⁶⁵ BRAGA, Rubem. “Batalha no Largo do Machado”. In: *O Conde e o Passarinho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936. p. 121-122.

Alguém viera anunciar que Febrônio, o “monstro”, havia fugido da prisão e passeava ali pelas imediações. A notícia ainda assustou mais devido ao céu que escureceu subitamente, e ao vento que começava a encapelar o mar. As vidraças batiam, fechando-se. O monstro já devia estar presente por ali, a pegar crianças.

[...]

Uma criada explicou-lhe: – Febrônio está solto, menina! Volta depressa para casa.

– Que é, minha filha? Perguntou Manuela, ao vê-la chegar pálida de terror.

– Febrônio, mamãe, Febrônio... Diz que fugiu... Ele é o papão!... Deixa eu ficar no seu colo? Um tiquinho só...⁶⁶

O evento é assunto ainda de três crônicas de Carlos Heitor Cony⁶⁷. Fica evidente o quanto o caso Febrônio marcou a população, inclusive Rubem Braga reitera o papel da imprensa na criação de um monstro, Febrônio papão, o mesmo referido por Aníbal Machado e também por Cony.

Em 1936, Febrônio tenta um *habeas corpus* que lhe é negado. Então, juntamente com os irmãos, procura novamente apelar ao juiz:

Baseado nos princípios de solidariedade humana que ligam os laços sagrados da Justiça e dos pobres filhos dos homens – depois de estar cansado de padecer na prisão o meu pobre irmão Febrônio Ferreira de Mattos que foi internado no Manicômio Judiciário por ordem deste Juiz há cerca de 10 anos mais ou menos – venho muito humilde e com o

⁶⁶ MACHADO, Anibal. “Tati, a Garota”. In: *Vila Feliz*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1944. p. 232-234.

⁶⁷ São elas “Febrônio”, de 1995, “O Dia de Cristal”, de 2002 e “Ideia e Memória”, de 2018, todas publicadas na *Folha de São Paulo*. (CONY, Carlos Heitor. “Febrônio”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 28 ago. 1995. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/8/28/opinioao/7.html>. /CONY, Carlos Heitor. “O Dia de Cristal”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 03 out. 2002. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opinioao/fz0310200206.htm>. /CONY, Carlos Heitor. “Ideia e Memória”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 05 ago. 2007. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opinioao/fz0508200705.htm>. Acessos em: 17 ago. 2024.)

devido respeito perante V. Ex^{cia} requerer um 2º exame de sanidade mental para – de acordo com o parecer dos dois médicos do estabelecimento – V. Ex^{cia} mandar fazer a transferência do mesmo para a Colônia de Jacarepaguá.

Assim pede justiça ao internado o seu próprio irmão – porque não pode existir Deus sem misericórdia nem Justiça sem piedade.

Rio de Janeiro 8-3-1936

Agenor Ferreira Mattos (ass.)

Febrônio Ferreira de Mattos (ass.)

Ex-ofício por ser pobre⁶⁸

O que resulta em novo laudo que reafirmava o primeiro e negava a transferência de instituição. Então, em abril do mesmo ano, Agenor requisita transferir o irmão para a Colônia Penal de Dois Rios, presídio localizado na Ilha Grande que posteriormente passou a se chamar Instituto Penal Cândido Mendes, prisão comum, e recebe a seguinte resposta: “O seu lugar é no Manicômio Judiciário, de onde já poderá sair quando a ciência tomar a responsabilidade da sua completa cura”⁶⁹. Mas a possibilidade cura já havia lhe sido negada previamente no laudo pericial: “As manifestações mórbidas descritas como características do caso clínico de Febrônio, pela sua própria natureza não são suscetíveis de cura”⁷⁰.

Febrônio já estava preso havia oito, e seu irmão tentou transferi-lo para um presídio comum. Foi a última vez que houve pedidos desse tipo nos autos do processo, conforme Peter Fry, mas essa tentativa poderia mesmo ter sido o último recurso para que Febrônio Índio do Brasil um dia voltasse à liberdade.

No laudo médico de 3 de julho de 1956 lê-se:

⁶⁸ Processo. p. 325 Apud. FRY, Peter. *op. cit.*, p. 76-77.

⁶⁹ Processo. p. 328 verso Apud. FRY, Peter. *op. cit.*, p. 77.

⁷⁰ CARRILHO, Heitor. *op. cit.*, p. 148.

Tratando-se da cadeia que estava condenado, já acabou trinta anos de prisão; pouco importa que cometeu crime ou não cometeu: trata-se que já acabou o máximo da pena imposta a qualquer criminoso: em nosso país o máximo da pena para qualquer crime é de trinta anos de prisão.⁷¹

Ou seja, se Febrônio tivesse sido julgado por quaisquer crimes que fossem, e não “absolvido”, teria visto a liberdade, o que não aconteceu. Depois disso, o condenado ficou cerca de mais trinta anos “preso”, “Mantido calmo através de eletrochoque e Cardiazol”, até morrer no Manicômio Judiciário do Rio de Janeiro com 89 anos, 57 de confinamento, em 1984.

[preso do Brasil] que mais tempo ficou atrás das grades. Embora nunca julgado pelos crimes de que foi acusado e tendo-os negado sistematicamente, o recurso da acusação de “loucura moral” foi mais que suficiente para afastar o “monstro” definitivamente da vida social.⁷²

Irônico, pois considerá-lo inimputável era uma estratégia de seu defensor, o advogado Letácio Jansen, que buscava a absolvição do réu; enquanto a promotoria defendia a capacidade de ele responder por seus crimes para que fosse encaminhado para uma prisão comum.

Durante o período de sua internação, Febrônio recebeu algumas visitas ilustres que se converteram em obras, e vale a pena abordar tais eventos marcantes, provavelmente mais para os visitantes do que para o próprio condenado. Aqueles reiteradamente procuraram recuperar Febrônio do esquecimento e trazer diferentes versões de sua história para o público.

⁷¹ Processo. p. 338 verso Apud. FRY, Peter. *op. cit.*, p. 79.

⁷² FRY, Peter. *op. cit.*, p. 79.

O primeiro teria sido Blaise Cendrars, com Febrônio ainda detido pela polícia, ainda em 1927. Dessa visita resulta parte da reportagem “Penitentiars de Noirs” (Penitenciária de Negros), publicada em quatro números do jornal *Paris Soir*, entre 30 de maio e 2 de junho de 1938⁷³; traduzida em *Etc... Etc... (Um Livro 100% Brasileiro)*⁷⁴.

Escortado por dois guardas armados e um carcereiro, entrei no setor de segurança, onde os criminosos mais perigosos eram mantidos em segredo.

A prisão parecia um jardim zoológico deserto. Só na grande jaula central, um negro inteiramente nu, pequeno porém hercúleo, estava sentado no chão, diante de um fogo alimentado por palhinhas que retirava uma por uma do seu colchão e por páginas de jornal que ele torcia como esfregões antes de queimá-las.

Estava mergulhado em profunda meditação e não deu a menor importância a nossa chegada.

– Febrônio! – chamei, me aproximando de sua jaula, apoiando minha cabeça nas grades para melhor perceber seus traços no claro-escuro. – Febrônio, eu venho...

– Doutor, cuidado! Recue! – exclamaram os guardas que se mantinham a três passos atrás de mim, um deles com a mão no revólver. – Tome cuidado! Não se aproxime! Esse diabo pode estrangular o senhor. Ele é terrível. Tem força de um macaco.

– Imaginem! – disse eu em voz alta – Febrônio não me fará mal. Eu o conheço. Li sua história nos jornais. Ele não é o diabo que vocês estão pensando. É um homem que obedece. Diz que tem uma missão. Eu acredito piamente nele...

E passando minha mão entre as grades como para amansar um felino: – Febrônio! – chamei ainda. – Febrônio, você ouviu o que disseram? Não é verdade que você não é o diabo?... Escute Febrônio, eu venho da

⁷³ *Paris Soir*, edições de 30 e 31 de maio e 01 e 02 de junho de 1938. Disponíveis respectivamente em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k7644306q/f4.item>; <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k76443074/f4.item.zoom>; <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k7644308j/f4.item.zoom>; <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k7644309z/f4.item>. Acessos em 13 set 2018.

⁷⁴ CENDRARS, Blaise. *op. cit.*

França, eu queria falar com você. Eu não sou da polícia. Eu escrevo nos jornais. Não nesses daqui, nos de Paris... Você conhece Paris, Febrônio?... Já ouviu falar?... Pois bem, escute Febrônio, sua história me interessa. Eu não lhe quero mal. Eu queria falar com você, simplesmente...

Durante todo um quarto de hora interpelei assim Febrônio sem que o homem nu se dignasse a me responder de outro modo do que girando sobre as nádegas para me dar ostensivamente as costas.

– Chega, – diziam os guardas. – O senhor já viu esse negro sujo. Agora, vamos embora.

Porém, teimoso, eu gritei ainda:

– Você não quer me falar, Febrônio?... Pois bem, escute... Eu não quero lhe aborrecer, só vou lhe perguntar uma coisa... Você escreveu mesmo um livro?... *As Revelações do Príncipe do Fogo*... É isso mesmo, não é... Então, diga-me onde posso encontrá-lo? Corri todas as livrarias do Rio, ninguém conhece o seu livro... Então, o que é que você acha, você me dará o seu livro que eu gostaria de ler? Eu também escrevi um livro...

Um minuto passou, pesado, angustiante. E de repente Febrônio pulou e se jogou sobre as grades.

– Os filhos da puta! – urrou. – Eles me bateram, os gorilas! Eles queriam conseguir meu livro mas eu não disse nada. Hoje eu sei pelo juiz que eles assim mesmo o acharam, e que a polícia o queimou. Putos! Gorilas! Os guardas tinham recuado. Febrônio praguejava. Eu sentia seu hálito febril me percorrer o rosto. Nossos rostos só estavam separados pela espessura da grade.

– Compadre, compadre... – murmurava o negro sem fôlego, enquanto sua mão de estrangulador apertava docemente a minha.

Eu lhe ofereci cigarros, mas Febrônio, segundo ele me disse, não fumava nem bebia.

Sua raiva passara.

Fiquei uma hora com ele, foi de uma doçura encantadora.

Sua elocução era abundante e fácil, com propensão a se perder em minúcias, a insistir nos detalhes com uma certa lentidão, uma dificuldade em passar de um assunto a outro.

Aquele homem era evidentemente um maníaco.

Eu só sabia dele o que os jornais tinham contado.

Observando suas maneiras de gato, seus gestos ágeis, sua cabeleira ondulada e não crespa, sua barbicha sedosa, rara, seu sorriso, que a uma palavra vinha iluminar ingenuamente seu rosto e clarear aquilo que seus olhos tinham de triste demais, de profundo demais, de negro demais, como acreditar que eu me encontrava cara a cara com um louco sanguinário e como interrogar esse furiosos sem irritá-lo.

Este bruto que tinha se acusado, impassível, dos crimes menos confiáveis, este espírito turvo queixava de ter sido maltratado, surrado pelo diabo, por Satã em pessoa, esta alma penada que se dissera impelida a agir, a obedecer a visões fulminantes e a vozes que lhe caíam do céu, este animal selvagem que se havia espojado em entranhas quentes, latindo e sorvendo sangue, este assassino que não sabia o número de suas vítimas e não tinha a menor consciência da enormidade nem da abominação de seus crimes, este sádico desumano não trazia nenhuma marca exterior de bestialidade, nenhum indício de tara, a não ser, talvez, o lóbulo da orelha esquerda que era aderente, e talvez ainda, seus dentes cariados, o que é muito repugnante num negro e que tornava a sua boca irremediavelmente murcha, obscena.⁷⁵

Cendrars conta uma versão da história de Febrônio, da infância até os crimes cometidos pelo homem – de forma narrativa e detalhada, em estilo literário. Em seguida, relata também os supostos sonhos místicos do encarcerado, até a sua prisão. É notável, pois o texto de Cendrars está entre a ficção e a jornalismo. O poeta franco-suíço chega a dizer:

Quando o visitei na sua prisão, não podia em uma hora abordar estas questões de totem e tabu pois sei que um iniciado prefere deixar cortar a língua a responder de supetão a estas perguntas: mas alguns indícios me levaram a adivinhar que Febrônio era do clã do Búfalo⁷⁶

⁷⁵ CENDRARS, Blaise. *op. cit.*, p. 166-168.

⁷⁶ *Idem*, p. 173.

A própria visita de Cendrars a Febrônio talvez não tenha acontecido de fato, visto que existiam poucos registros da época, além de se levar em conta o fato de que o poeta franco-suíço era rodeado pelos modernistas brasileiros, que nada relataram sobre o evento. Para além disso, existem indícios que permitiram questionar os relatos de viagens dessa figura ilustre⁷⁷. Porém, importa menos ter certeza de que tal encontro foi verdadeiro ou não, do que constatar que todo o personagem-Febrônio criado pelo poeta certamente não se baseia nas informações coletadas na suposta conversa, mas sim em artigos de jornal. É possível chegar a essa conclusão, para além de ele mesmo citar fontes da imprensa, pelos dados por ele trazidos, como a dama loira e o relato sobre a casa editorial, mas principalmente pela foto que ilustra a matéria no *Paris Soir*, a mesma de *O Jornal*, com a mesma estranha modificação da tatuagem, conforme abordado anteriormente.

Pedro Nava também realiza um texto entre o relato e a ficção no qual escreve suas próprias memórias em terceira pessoa, colocando-se como um personagem chamado Egon. Em *O Círio Perfeito*, sexto volume de suas memórias, narra a visita de Egon a Febrônio. O livro foi escrito no começo dos anos 1980 e publicado em 1983, mas relata eventos que se passam durante os anos 1930, e não é possível saber exatamente em qual ano se deu a ida do autor ao Manicômio Judiciário.

Ao cabo duns minutos entrou Febrônio Índio do Brasil. Desmentia a descrição que dele fez Blaise Cendrars que o dá como “negro” e figura repulsiva pelos “dentes mal tratados” e podres. Verdade que o viu na escuridão de um calabouço da polícia onde o preso estava numa fase de inquéritos – submetido a espancamentos brutais e a todas as torturas. O Egon viu diante dele um puri com maior cruz de branco o que o fazia um tipo claro – como o mostram as fotografias publicadas no próprio livro. Pele onde se destacam perfeitamente as tatuagens mais escuras de

⁷⁷ Sobre isso consultar: FREITAS, Maria Teresa de. “Imagens do Brasil da França nos anos 30: reportagens de Blaise Cendrars”, *Revista USP*, São Paulo, n. 48, dezembro/fevereiro 2000-2001.

que uma foi lida errado pelo Cendrars – que, pelo visto, era observador apressado. Está escrito – EIS O FILHO DA LUZ onde o grande poeta e repórter franco-suíço leu EU SOU O FILHO DA LUZ. Ali no manicômio judiciário ele estava bem nutrido, era ágil e rápido no caminhar. A cada passo parecia que ia saltar – no seu jeito meio felino. Não vestia uniforme de preso ou de doente. Estava bem trajado num terno de brim acinzentado, paletó cuidadosamente abotoado, camisa limpa, colarinho, gravata e sapatos amarelos escrupulosamente engraxados. A figura conduzia com a situação de preso-funcionário que ele parecia ter. [...]

Febrônio achava-os [outros internos] nojentos (sic) e queria para eles a pena de morte (não fosse ele um sádico como todos os rinocerontes que a querem). O curioso é que era como se estivesse fora daquilo tudo e desincriminado de culpas. A qualquer pergunta sobre ele próprio, desviava o assunto ou calava-se orgulhosamente. Orgulhosamente – eis a palavra. O Egon estava fascinado com a *hauteur*, a dignidade; o não-me-toques do seu guia. Realmente seu sonho paranoide o absolvía do que tinha feito ele, no seu foro interior, não praticara crimes – fizera atos sacrificiais e sacerdotais condizentes com sua essência que encostava na da divindade e do totem. Era o Filho da Luz, o Filho do Fogo, o Revelador, o Profeta, o Príncipe da Chama, o portador do Fiel Diadema Excelso, o que recebera seu Evangelho, galgando a unha se rasgando a Urca e o Pão-de-Açúcar, onde escutara a palavra, a confiança da Dama Loura e Clara do mesmo jeito que Moisés subira o Sinai para ficar face a face com o Todo Poderoso. Daqueles altos ele olhara o Rio de Janeiro e vira que esta era a cidade que ele tinha que redimir – nu e tendo sua grossa Espada na mão. E sua marca de tinta ponta de fogo negro DCVXVI que ele tatuaria no peito dos seus garotos e nas encostas de pedra daquela urbe...!⁷⁸

Nava, que não era carioca, mostra conhecer os discursos construídos sobre Febrônio ao menos o texto de Blaise Cendrars, ao qual rebate, mas também cita

⁷⁸ NAVA, Pedro. *O Círio Perfeito*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. p. 264-266.

indiretamente. De todo modo, acaba por produzir um relato interessante, talvez o único, apesar de breve, de Febrônio dentro do manicômio.

Nos anos 1970, Carlos Augusto Calil visita Febrônio, conforme relata em seu artigo “Aí vem o Febrônio!”:

O homem que eu, nos anos 1970, e no decênio seguinte Márcia Cezimbra (repórter de *O Globo*), Peter Fry (autor do ensaio “Febrônio Índio do Brasil: onde cruzam a psiquiatria, a profecia, a homossexualidade e a lei”) e Sílvio Da-Rin (diretor do filme de curta-metragem *O Príncipe do Fogo*) conhecemos era uma melancólica sombra do temível Febrônio. Não dizia coisa com coisa, mas mantinha o desejo de evadir-se. Pagava com um saco de dinheiro a quem o levasse de volta à avenida Central...⁷⁹

Dessa visita, talvez advenham as imagens presentes em seu filme *Acaba de Chegar ao Brasil o Bello Poeta Francez Blaise Cendrars*⁸⁰, de 1972.

Em 1981, Márcia Cezimbra escreve a reportagem “Febrônio condenado a morrer na prisão”, publicada na edição de *O Globo* de 24 de maio do mesmo ano, que, além de contar uma versão da história de Febrônio, vai denunciar o tratamento ineficaz e inadequado ao qual foi submetido no manicômio, que nunca visou a sociabilizá-lo. A condenação de Febrônio, que foi “interpretada por muitos como a vitória das ciências médicas sobre o direito”⁸¹, passava então a ser usada para fortalecer outra narrativa, a da falência do sistema manicomial e de saúde como um todo.

⁷⁹ CALIL, Carlos Augusto. “Aí vem o Febrônio!”. *Teresa*, São Paulo, n. 15, 2014. p. 103. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/98598/97258>. Acesso em: 08 out 2023.

⁸⁰ ACABA de Chegar ao Brasil o Bello Poeta Francez Blaise Cendrars. Direção de Carlos Augusto Calil. São Paulo: Fitas Brasileiras Produções; Comissão Estadual de Cinema; Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1972. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qg2Orpwld84>. Acesso em: 23 mar. 2023.

⁸¹ O Príncipe do Fogo. Direção: Sílvio Da-Rin. Rio de Janeiro: Lumiar Produções Audiovisuais, 1984. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=KbrSJ3ZQO8A>. Acesso em: 08 out 2023.

Hoje ele é apenas um demente. Pensa muito em dinheiro – seu assunto predileto – e ainda na sua possível liberdade, que pretende conseguir por meio de suborno. Febrônio, na época em que era temido foi tema de música de carnaval e o seu nome foi sinônimo de homossexual durante muitos anos em brincadeiras de “rodas de rapazes”.⁸²

No ano seguinte, relata Peter Fry, em seu referido artigo “Febrônio Índio do Brasil: Onde Cruzam a Psiquiatria, a Profecia, a Homossexualidade e a Lei”: “Tive a oportunidade, graças ao seu atual médico, Dr Antônio Pedro Bocayuva, de visitar Febrônio, este ano, no Manicômio Judiciário do Rio”⁸³.

E por fim, o cineasta Silvio Da-Rin fez, em algum momento do começo dos anos 1980, um registro audiovisual de Febrônio, pouco antes da morte deste. Trata-se do filme *O Príncipe do Fogo: Febrônio Índio do Brasil*, dirigido por ele e lançado em 1984.

Nota-se como essas conhecidas visitas a Febrônio se concentram nos anos 1930, ou seja, no momento em que a história fervilha na imprensa, e então décadas depois nos 1970 e 1980. Algo semelhante acontece em relação aos escritos que o citam: no decênio de 1930 são publicados textos de Rubem Braga (1935)⁸⁴, Alcântara Machado (1936)⁸⁵, Blaise Cendrars (1938)⁸⁶ e Mário de Andrade (1939)⁸⁷. Depois disso, com exceção do

⁸² CEZIMBRA, Márcia. Cezimbra. “Febrônio condenado a morrer na prisão”, *O Globo*, Rio de Janeiro, 24 maio 1981.

⁸³ FRY, Peter. *op. cit.*, p. 79.

⁸⁴ BRAGA, Rubem. “Batalha no Largo do Machado”. In: *O Conde e o Passarinho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

⁸⁵ MACHADO, Antônio de Alcântara. “Miss Corisco”. In: *Mana Maria*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

⁸⁶ Trata-se da reportagem “Penitentiars de Noirs”, publicada no jornal *Paris Soir* nas edições de 30 e 31 de maio e 01 e 02 de abril; reunida sob o título “Febrônio (*Magia Sexualis*)” no livro *La Vie Dangereuse*. A tradução pode ser encontrada em: CENDRARS, Blaise. *Etc... Etc...(Um Livro 100% Brasileiro)*. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 166-190.

⁸⁷ ANDRADE, Mário de. “Um Poeta Mystico”. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 12 nov 1939. Arquivo IEB-USP Fundo/Coleção DRP019, código do documento: 0470.

conto de Aníbal Machado⁸⁸, de 1944, e da reedição de “Um Poeta Místico”⁸⁹ em 1943, só foram encontradas produções nos anos 1970, deixando uma lacuna de pelo menos duas décadas sem materiais de maior circulação que abordem esse histórico personagem⁹⁰.

Não parece provável que o autor de *As Revelações do Príncipe do Fogo* possa ser, ou estivesse sendo, definitivamente esquecido, visto a diversidade de marcas que deixou na História do Brasil e, por sua vez, os múltiplos caminhos capazes de levar a até ele, conforme foi abordado na abertura deste capítulo. Porém, fica a impressão de que foi necessário que Febrônio se transformasse, ainda que vivo, em História, em virtude do distanciamento temporal dos atos a ele relacionados, para que, com as mudanças dos valores e dos costumes, a sociedade brasileira pudesse relembrar, rediscutir e reinterpretar as questões que o envolvem, a partir de obras que buscam, de forma crítica ou não, recuperar essa memória.

A década de 1970, com o aprofundamento dos estudos acerca dos anos 1920 e 1930 em diversas áreas, parece marcar um retorno, ainda que lateral, de Febrônio ao panorama cultural, então daí em diante a produção que o tangencia aumenta e se diversifica em formatos e gêneros.

Publicações na imprensa, como a entrevista com João Francisco dos Santos, popularmente conhecido como, Madame Satã publicada n’*O Pasquim* em 1971 que vai

⁸⁸ MACHADO, Anibal. “Tati, a Garota”. In: Vila Feliz. Rio de Janeiro, José Olympio, 1944.

⁸⁹ ANDRADE, Mário de. “Um Poeta Místico”. *Revista da Academia Paulista de Letras*, São Paulo, 12 jun 1943. Arquivo IEB-USP Fundo/Coleção DRP019, código do documento: 0094.

⁹⁰ Aqui se levam em conta obras de relevância que poderiam trazer de volta à circulação a memória do caso Febrônio para a discussão pública, além de registrá-la para o futuro. Quer-se dizer que, por exemplo, da leitura do texto de Rubem Braga ou de Blaise Cendrars, o leitor pode chegar a Febrônio, mas não o inverso. O que não é o esperado para notas da imprensa, ou seja, só se revisitam edições centenárias de periódicos que tratem desse caso pesquisando ativamente sobre Febrônio.

Assim, não se ignora que certamente existem publicações na imprensa ou livros de menor circulação e até esquecidos e não reeditados que abordaram de alguma forma o caso Febrônio; mas supõe-se que esses materiais não tiveram impacto de reavivar sua memória. De toda forma, a presença de Febrônio na imprensa dos anos 1940 em diante é uma lacuna que pode vir a ser preenchida com futuras pesquisas.

ressoar o Febrônio Monstro: “SATÃ – Parece que ele matou uns dez ou 12 garotos. Ele matava, enterrava, depois ficava comendo até apodrecer. Quando apodrecia, ele matava outro. Foi para o Manicômio Judiciário.”⁹¹ Ou a matéria já citada de Márcia Cezimbra que vai apontar a falência do sistema manicomial a partir da história do responsável por *As Revelações do Príncipe do Fogo*.

Ainda nos anos 1970 são publicados os livros de Alexandre Eulálio *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars* e a tradução da reportagem já referenciada de Cendrars sobre Febrônio; além do lançamento do também já citado filme de Carlos Augusto Calil e da crônica “Aí vem Febrônio”, de Valencio Xavier.

Já décadas de 1980 e 1990, Febrônio começa a aparecer com mais destaque em algumas produções. Em âmbito acadêmico, destaque para o já mencionado artigo de Peter Fry, para o livro de João Silvério Trevisan e para a dissertação de Glaucia Soares Bastos. No cinema, avultam os filmes de Silvio Da-rin e *Um Filme 100% Brasileiro*, de José Sette, entre outras obras, principalmente literárias⁹².

Mas é nos anos 2000 que acontecem os eventos que, provavelmente, trouxeram Febrônio de volta ao imaginário popular: um episódio especial do programa *Linha Direta* chamado *Linha Direta Justiça: Febrônio, o Filho da Luz*, veiculado na Rede Globo em 25 de novembro de 2004. Trata-se de uma versão da biografia de Febrônio por meio da dramatização de episódios da vida do criminoso, intercalados com comentários de especialistas, entre ele a jornalista Márcia Cezimbra, o professor Carlos Augusto Calil, o sociólogo Peter Fry e a escritora Ilana Casoy.

⁹¹ *O Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 95, 29 abr. 1971. In: ALTMAN, Fábio. *A arte da entrevista*. São Paulo: Scritta, 1995. p. 366.

⁹² São deste período obras como *O Círio Perfeito* (1983), de Pedro Nava; *Devassos no Paraíso* (1986), de João Silvério Trevisan; *Agosto* (1990), de Rubem Fonseca, *O Anjo Pornográfico* (1992), biografia de Nelson Rodrigues de autoria de Ruy Castro; a crônica “Febrônio” (1995), de Carlos Heitor Cony para a *Folha de S.Paulo*. Além da peça de teatro *DCVXVI – Eis o Filho da Luz*, de Paulo Biscaia Filho, em cartaz pela primeira vez em 1999.

O roteiro parece ter sido construído a partir do laudo de Heitor Carrilho, e a versão de Febrônio apresentada é a do homem mentalmente doente, sádico, delirante e ardiloso. Tal viés decorre, em parte, dos comentários colocados, da escolha dos eventos dramatizados e da construção das cenas. A representação do encontro com a dama loira tem destaque, aparecendo duas vezes. Ao mesmo tempo, dá-se enfoque às tatuagens, à escrita e à comercialização de seu livro, à atuação como dentista ligado ao sadismo e especialmente aos assassinatos.

Na esteira do programa televisivo, avulta a publicação do livro de Ilana Casoy, também em 2004, *Serial Killers: Made in Brasil*. A linha argumentativa na construção do personagem-Febrônio revela-se praticamente a mesma daquela observada na TV Globo. Pode-se também dizer que a escritora resume as versões dos jornais, o que se confirma pela bibliografia por ela apontada, praticamente toda composta por periódicos de 1927.

São provavelmente essas duas obras, *pari passu* com o crescente interesse pelo gênero *true crime* e por *serial killers*, que colocaram Febrônio no radar de produções destinadas ao circuito popular comercial. Na segunda década dos anos 2000, encontrava-se Febrônio como tema de *podcasts*, vídeos no Youtube e *blogs* voltados para as temáticas de crime ou de terror, inclusive nos maiores representantes de cada segmento. Também se detectam matérias na *Vice* e na *Mundo Estranho*, revistas populares voltadas ao tratamento de curiosidades.

Mas é também nas duas décadas deste novo milênio que se avolumam produções acadêmicas voltadas a essa história a partir de uma perspectiva crítica e aprofundada. Dessa maneira, pode-se concluir que o caso e a trajetória de Febrônio continuam ecoando e, longe de serem esquecidas, reverberam agora de forma mais plural⁹³.

⁹³ Além da tese de Pedro Ferrari – que resultou também no artigo da revista *Vice* “Eis o Filho da Luz: O Homem que Tatuava suas Vítimas” e do podcast *AntiCast 274: O Primeiro Serial Killer Brasileiro: Febrônio Índio do Brasil* –, basilar para esta dissertação, e dos artigos de Guilherme Gutman, “Blaise e

Heitor: Pathos, violência e poder”, e de Carlos Augusto Calil, “Aí Vem o Febrônio!”; seguem outros trabalhos acadêmicos que abordam Febrônio de forma central ou lateral:

ÁLVARES, P. L. S.; FERREIRA, A. A. L. “Febrônio Índio do Brasil: crime, loucura, raça e sexualidade nos anos 1920”. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, [S. l.], v. 39, 2022. DOI: 10.35699/1676-1669.2022.39076. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/39076>. Acesso em: 12 ago. 2024.

BRUNO, F. G.; PEDGEN, R. T. F. M.; RAMIRO F. M. S. “O Paciente 0001: Febrônio Índio do Brasil”. *Scientiarum Historia*, VII, 2014, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: UFRJ, 2014. Disponível em: <http://www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/sh7/SH/trabalhos%20orais%20completos/O-PACIENTE-00001-FEBRONIO-INDIO-DO-BRASIL.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2024.

CARVALHO, Leonardo Dallacqua de; SOUZA, Breno Sabino Leite de. “Ciência e hereditariedade na história de um assassino em série: em busca do gene perdido de Febrônio”. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 8, n. 18, p. 385–410, 2016. DOI: 10.5965/2175180308182016385. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180308182016385>. Acesso em: 12 ago. 2024.

CASTRO, A. de C., Portugal, F. T., & Jacó-Vilela, A. M. História da psicologia em combustão: uma crítica bakhtiniana às apropriações historiográficas no Brasil. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, 18, 2010. p. 95–106. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6642>. Acesso em: 12 ago. 2024.

DAMASCENO, Hugo de Nilson. Febrônio Índio do Brasil na imprensa carioca (1919 1939). 2018. 105 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/15221>. Acesso em: 12 ago. 2024.

DIAS, Allister A. T. *Arquivos de Ciências, Crimes e Loucuras: Heitor Carrilho e o Debate Criminológico do Rio de Janeiro entre as Décadas de 1920 e 1940*. Tese (Doutorado em História da Ciência) – Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/17767/2/211.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2024.

DUNKER, Cristian I. L.; MILÁN-RAMOS, J. G. “Clinical Cases in the History of Brazilian Psychoanalysis”. In: MANDELBAUM, Belinda; FROSH, Stephen; LIMA, Rafael. A. (Eds.). *Brazilian Psychosocial Histories of Psychoanalysis*. Cham: Palgrave Macmillan, 2021. Disponível em: <https://ebin.pub/brazilian-psychosocial-histories-of-psychoanalysis-1nbsped-3030785084-9783030785086.html>. Acesso em: 12 ago. 2024.

GANDIER, Ângela Maranhão. “Cartografias da Dor: Morte, Epidemia e Loucura na Trilogia Transemiótica de Valêncio Xavier”. In: FERREIRA, Ermelinda (Org.). *Corporalidades e Afetos: Ensaios sobre Humanidades Médicas*. Recife: Núcleo de Estudos de Literatura e Intersemiose (NELI/PPGL/UFPE/CNPq), 2014. Disponível em: <http://www.neliufpe.com.br/ebooks/corporalidades.pdf#page=35>. Acesso em: 12 ago. 2024.

GUERRA, Marcele Garcia. “O Caso Febrônio Índio do Brasil: Apontamentos sobre a História do Pensamento Criminológico no Brasil”. In: *A Construção do Direito Penal e do Processo Penal Modernos*, 2008, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: UERJ, 2012.

GREEN, James N. “O Pasquim e Madame Satã, a ‘Rainha’ Negra da Boemia Brasileira”. *Topoi*, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 7, 2003. p. 201-221. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/topoi/v4n7/2237-101X-topoi-4-07-00201.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2024.

MARTINS, Hildeberto Vieira. “O discurso médico-psicológico e a garantia dos ‘efeitos salutar e elevados da defesa social’: o ‘caso Febrônio’”. In: Encontro Regional de História da ANPUH-Rio, XV, 2012. Anais... Florianópolis: UFSC, 2012. Disponível em: <https://iuscommune.paginas.ufsc.br/files/2020/07/O-caso-Febro%CC%82nio-I%CC%81ndio-do-Brasil.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2024.

OLIVEIRA, Willian Vaz de. “Índio do Brasil: um sujeito entre o discurso jurídico e o discurso médico-psiquiátrico”. *Revista Maracanan*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 206-220, jan.-abr. 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/338662000_Indio_do_Brasil_um_sujeito_entre_o_discurso_juridico_e_o_discurso_medico-psiquiatrico. Acesso em: 12 ago. 2024.

RIAVIZ, Vanessa Nahas. *Rastros Freudianos em Mário de Andrade*. Tese (Doutorado em Literatura) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/85888/205737.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 08 out 2018.

REGO BARROS BISCAIA FILHO, Paulo Roberto. “O corpo é uma memória”: marcas no corpo como performance ritualística em Febrônio Índio do Brasil (1895-1984). *Revista Científica/FAP*, Curitiba, v. 30, n. 1, p. 46–69, 2024. DOI: 10.33871/19805071.2024.30.1.8759. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/revistacientifica/article/view/8759>. Acesso em: 6 set. 2024.

SOUZA, Matheus G. S. *Recepção da Medida de Segurança Pela Constituição se 1988: O Caso Febrônio Índio do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Direito Constitucional) – Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Direito Constitucional da Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, 2020. Disponível em: <https://ppgdc.uff.br/wp-content/uploads/sites/681/2021/04/RECEP%C3%87%C3%83O-DA-MEDIDA-DE-SEGURAN%C3%87A-PELA-CONSTITUI%C3%87%C3%83O-DE-1988-O-CASO-FEBR%C3%94NIO-%C3%8DNDIO-DO-BRASIL-1.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2024.

WUNDERLICH, Alexandre. “Os casos de Piérre Rivière e Febrônio Índio do Brasil como exemplos de uma violência institucionalizada”. *Revista Jus Navigandi*, ISSN 1518-4862, Teresina, ano 5, n. 43, 1 jul. 2000. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/1013>. Acesso em: 13 ago. 2024.

Não se trata de uma listagem exaustiva, porém, deixa evidente o crescente interesse pela história de Febrônio no meio acadêmico.

As Místicas de Febrônio

Eis o Filho da Luz

Nosso objeto de interesse é o livro *As Revelações do Príncipe do Fogo*, obra que estaria relacionada à dimensão mística de Febrônio, ou, mais propriamente, poderia ser considerada fruto dela. Esse misticismo corresponde a uma espécie de religião, ou crença, com inspirações bíblicas, criada por – ou revelada a – Febrônio, que dela seria o emissário, o profeta, o Príncipe do Fogo, o Filho da Luz.

Ela ganha apresentação sobretudo no referido livro, o qual, é praticamente certo, foi escrito por Febrônio, embora não traga a autoria assinalada, a não ser, talvez, aquela indicada no próprio título – o Príncipe do Fogo. Porém, outra faceta dessa mística tomou corpo fora do livro, relatada – talvez até inventada – nos documentos da época – jornais e laudo psiquiátrico; e personificada no próprio autor em suas tatuagens, por exemplo. Talvez até o nome que adotou – Índio do Brasil –, que não era sua alcunha originalmente, tenha relação com suas crenças.

Na verdade, como o livro praticamente não teve comentadores, o que foi dito sobre a religião de Febrônio seria oriundo de suas próprias declarações, mas nem sempre relacionado ao conteúdo de seu evangelho. Por exemplo, em *As Revelações do Príncipe do Fogo*, nada é dito sobre a “Dama” de longos cabelos louros ou sobre a missão de tatuar jovens, conforme será aprofundado adiante¹.

É interessante como Heitor Carrilho, apesar de desconfiar da sinceridade de Febrônio sobre outros temas, reitera sua crença nas próprias ideias místicas:

¹ Cf. nota 8 e o parágrafo que o segue, deste capítulo.

Digno de registro, também, ao fazermos o estudo da psicologia de Febrônio Índio do Brasil é a série de concepções a um tempo místicas e supersticiosas por ele reveladas. A alguns observadores, que a elas têm se referido, sobretudo observadores não especializados em questão de psicopatologia, tais ideias se tem afigurado o produto de uma simulação ou de insinceridade, exibidas com a preocupação de impressionar aqueles que lhe observam os atos ou procuram definir-lhe a mentalidade. Numa palavra: a muitos, tais ideias trazem a revelação da “esperteza” de que lança mão o observado para se defender. Tal, entretanto, não nos parece. Febrônio é, de certo, um crente das suas extravagantes ideias místicas.²

Possivelmente, os elementos mais antigos dessa mística dos quais se tem notícia são as tatuagens que, segundo dados presentes no laudo psiquiátrico atribuídos ao próprio Febrônio, “foram feitas na Colônia Correcional, há mais ou menos sete anos.”, ou seja, em cerca de 1921. Essa informação, se considerada correta, desperta a dúvida de quando Febrônio teria começado a desenvolver sua religião.

“Filho da Luz”, uma de suas tatuagens, é uma expressão que aparece n’*As Revelações do Príncipe do Fogo*, nas páginas numeradas como 15 e na continuação do capítulo iniciado à página de número 52.

Já as letras D C V X V I – “cuja interpretação o paciente diz que é *Deus Vivo ou o Imã da Vida*, são, no seu entender, o símbolo do seu misticismo”³ – não aparecem n’*As Revelações*. Foram esses caracteres que tatuou em alguns jovens “dizendo que com isto visa simplesmente defender estes menores do Mal, conferindo-lhes o ‘*Imã da Vida*’, que lhes será um talismã”⁴.

² CARRILHO, Heitor. “A Curiosa Mentalidade de um Delinquente: Laudo do exame médico-psicológico de Febrônio Índio do Brasil” In: *Archivo Judiciario*, Suplemento, vol 10, abr/jun 1929. p. 135.

³ *Idem*, *ibidem*.

⁴ *Idem*, p. 136.

Constituiu-se em preocupação à época se os crimes de Febrônio teriam alguma relação com seu credo, se decorreriam de algum tipo de missão recebida nas revelações que tivera. Nada nesse sentido aparece em seu livro, porém essa ideia está sugerida em outros documentos – como será visto e exemplificado adiante. No laudo psiquiátrico tal preocupação vem expressa de modo explícito na passagem:

Para nós, que com a maior preocupação de bem penetrar a psicologia de Febrônio, procuramos sondar os íntimos recantos da sua mentalidade, para de lá extrairmos, num apuro de psicologia, os traços que a definem, as suas convicções e ideias místicas merecem um cuidado todo especial. É que a elas poderiam estar, de certo modo, ligadas as suas crueldades homicidas, armando-lhe o braço assassino no estrangulamento de menores e crianças, numa possível intenção de holocausto ao seu estranho Deus.⁵

E conclui que essa associação entre os crimes e as crenças se confirma, e testifica citando trecho atribuído ao próprio Febrônio, mas que ele nega ter dito.

Imaginando-se o Filho da Luz e crente no poder sobrenatural do Deus Vivo, ele tem o campo da consciência invadido por essa ideia, sendo fácil de compreender a influência decisiva de tal fenômeno na mentalidade de um amoral e pervertido sexual. As suas declarações abaixo [...] contêm uma frase impressionante nesse sentido:

“Que o declarante foi levado a cometer esse crime por meio de revelações que tinha constantemente por meio de visões as quais o convenciam que deveria sacrificar vítimas em benefício do Deus Vivo, o símbolo de sua religião”.⁶

⁵ CARRILHO, Heitor. *op. cit.*, p. 136.

⁶ *Idem*, p. 144.

Mas foi em *O Jornal* que, até onde se pôde averiguar, aparece a versão mais difundida da origem das revelações dessa crença, colocando-as como motivadoras, de certo modo, dos crimes:

“Em um lugar ermo, vi aparecer uma moça branca de cabelos loiros e longos, que me disse que Deus não morrera e que eu teria a missão de declarar isso a todo mundo. Deveria nesse propósito escrever um livro e tatuar meninos com o símbolo D. C. V. X. V. I. que significa Deus vivo, ainda que com emprego da força!”⁷

É interessante destacar como o trecho citado aparece entre aspas no jornal, atribuindo o relato ao próprio Febrônio. Parece ser aqui a primeira referência a essa mulher angelical que depois foi amplamente difundida como elemento essencial da mística do Príncipe do Fogo por Blaise Cendrars. O poeta franco-suíço chega a inseri-la em *As Revelações do Príncipe do Fogo*:

“uma Dama”, escreveu ele mais tarde nesse livro que foi destruído pela polícia, “Uma Dama Loura, com longos cabelos de ouro, que me declarou que Deus não estava morto e que era minha missão anunciá-lo ao mundo inteiro. Que, para isso, eu devia escrever um livro e marcar os jovens eleitos com as letras D.C.V.X.V.I., tatuagem que é símbolo do Deus-Vivo, ainda que com emprego da violência!”⁸

Esse trecho, porém, não está na obra, e como ela ficou perdida por décadas, tudo que se sabia de seu conteúdo eram as transcrições em outras fontes, como as que aparecem em alguns jornais, no laudo de Heitor Carrilho ou na reportagem do renomado poeta estrangeiro ao *Paris Soir*; sendo esta última, em sua tradução para o português de 1976,

⁷ “O Caso de Febrônio Perante a Psiquiatria: A opinião dos drs. Murillo de Campos e Leonídio Ribeiro”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 15 out. 1927. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_02&Pesq=febronio&pagfis=34339. Acesso em: 31 out. 2023.

⁸ CENDRARS, Blaise. *Etc... Etc...(Um Livro 100% Brasileiro)*. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 179.

certamente uma das fontes mais citadas ao se tratar de Febrônio. Então, até que o livro fosse encontrado, para quem consultasse o texto de Cendrars, em português ou em francês, haveria uma evidência de que a “Dama loura” estava presente no volume.

Cendrars nunca conseguiu um exemplar do livreto de Febrônio, como o próprio afirma na reportagem ao *Paris Soir*, então de onde viria o trecho citado? Nota-se que parece ser exatamente o mesmo texto de *O Jornal*, apresentado antes, especialmente pela ordem dos elementos. Provavelmente apenas se mostram diferentes, pois o segundo excerto é uma tradução para o português da versão para o francês do primeiro, feita pelo escritor franco-suíço⁹.

Murillo de Campos e Leonídio Ribeiro trariam ainda mais informação sobre a dimensão mística de Febrônio:

No fim de algum tempo, por outro sonho, veio a saber que a sua missão encontrava grande oposição da parte do demônio: “Vi um dragão, diz ele, um monstro enorme de cabeça comprida, coberto de pelos longos, de cor vermelha de fogo, que ao começo procurou conquistar-me, oferecendo dinheiro, glória, colocações, se abandonasse a missão de que fora incumbido e não escrevesse o livro; depois, em vista da minha firme negativa, passou a ameaçar-me, dizendo que já matara Cristo e João Batista; e finalmente atirou-se a mim, gritando que me havia de matar e comer. Agarrou-me como a uma pena, amassou-me, quebrou-me os ossos, reduziu-me a um montão de carne. Eu dizia-lhe apenas que se queria matar-me, matasse-me logo”.

Este sonho repetiu-se muitas vezes, e ao despertar refere que sentia o corpo abatido, cansado, e sem saber porque, mostrava-se muito triste.

⁹ « une Dame », a-t-il écrit plus tard dans ce livre qui fut détruit par la police, « ...une Dame Blonde, aux longs cheveux d’or, qui me déclara que Dieu n’était pas mort et que j’avais pour mission de l’annoncer au monde entier. Que je devais dans ce but écrire un livre et marquer les jeunes gens élus des lettres D.C.V.X.V.I., tatouage qui est le symbole du Dieu-Vivant, nonobstant l’emploi de la violence... » (*Paris Soir*, Paris, 01 jun. 1938.)

Nota-se na versão original a intervenção de Cendrars no processo de tradução do excerto para o francês, mas ainda sim parece se tratar de versões do mesmo texto.

Já não nutria dúvidas que tudo isso era suscitado pela sua missão. Noutro sonho teve disso plena confirmação: “apareceu-me aquela mesma moça branca, de cabelos compridos, e me mandou adquirir uma espada para lutar com o dragão. Antes, porém, para sair vencedor, deveria tatuar dez pessoas, com as letras simbólicas. Desde então poderia, não só matar o dragão, como ainda dominar o mundo, diminuir a luz do dia, fazer chover”. [...]

Logo que passou a dormir de espada amarrada à cintura, houve uma alteração no sonho, que procurava repetir: “o dragão transformou-se num boi e logo que me vê, procura alcançar-me e matar-me. Quando o avisto trato de pular a uma árvore. Sinto que a árvore cresce, quando ele se aproxima, e diminui quando se afasta”. Mesmo acordado, diz Febrônio, parece que a perseguição desse boi não o deixa.¹⁰

É reiterado, para os leitores do periódico, a associação de sua crença e seus atos. E estão aqui os elementos da mística que mais aparecem nas versões da história de Febrônio, provavelmente difundidos pela reportagem de Cendrars.

No laudo psiquiátrico, em especial nos depoimentos dos jovens que teriam sobrevivido a Febrônio, existe a descrição de outra dimensão dessa mística, uma face ritualística cotidiana:

Por outro lado, é fora de dúvidas que suas superstições, aí oriundas, influíam decisivamente em muitas de suas ações. Basta que se refiram aqui os seguintes fatos: ao furtar uma rede de pescaria [...], segundo o depoimento de um destes menores, feito na Terceira Delegacia Auxiliar, “fez um buraco à rede, colocando nesse buraco onze pedaços de cana, onze bananas e onze pedaços da camisa do declarante (o tal menor), dizendo que assim fazia para que qualquer pessoa que fosse à sua perseguição, ao pisar no buraco, esqueceria de persegui-lo, lembrando-se da família”. Esse fato é, aliás, reproduzido nas declarações de um outro menor, Jacob Edelmann [...] que disse em seus

¹⁰ “O Caso de Febrônio Perante a Psiquiatria: A opinião dos drs. Murillo de Campos e Leonídio Ribeiro”. *op. cit.*

depoimento de fls.: “que depois do furto desta rede Febrônio fez um buraco no rancho em que colocou onze bananas e onze pedaços de cana, fechando em seguida com terra esse buraco, no qual colocou uma pequena cruz de pau tendo Febrônio explicado aos presentes que aquela cruz indicaria a passagem de gente por aquele sitio; que ao cabo de cinco dias, na casa de D. Finoca, resolveu ir à Mangaratiba, levando um pedaço da camisa de Octavio, dizendo serem para amostras de outras camisas que pretendia comprar para ambos, mas que no entanto amarrou esses pedaços de camisa a um cacho de banana e arremessou ao mar; que em Mangaratiba foi Febrônio preso pela Policia”.¹¹

O laudo de Heitor Carrilho traz ainda faceta da mística que envolve Febrônio, relatada durante o período de observação do paciente, que são os desenhos que ele fazia no manicômio. Julgou-se interessante apresentar mais esse trecho visto que, supostamente, ele traz em si, de certa forma e em algum nível, a expressão dele próprio sobre esse aspecto místico. O médico explica que os desenhos podem ser uma forma de acessar o inconsciente do paciente, se valendo de uma abordagem psicanalítica; e destaca que, em Febrônio, isso não acontece devido a sua autocensura, motivada pelo receio das consequências legais de se expressar.

É Interessante notar como desenhos também chamaram atenção de Murillo de Campos e Leonídio Ribeiro, ou do jornalista ou editor d’*O Jornal*, que reproduziram um deles no periódico. Ou seja, julgou-se relevante apresentar tal imagem ao público, e ela continua circulando, e é, por exemplo, a capa do livro de Valêncio Xavier, *Crimes a Moda Antiga*, no qual o escritor cria, a partir das notícias sobre Febrônio e seus crimes, um texto ficcional.

¹¹ CARRILHO, Heitor. *op. cit.*, p. 136.

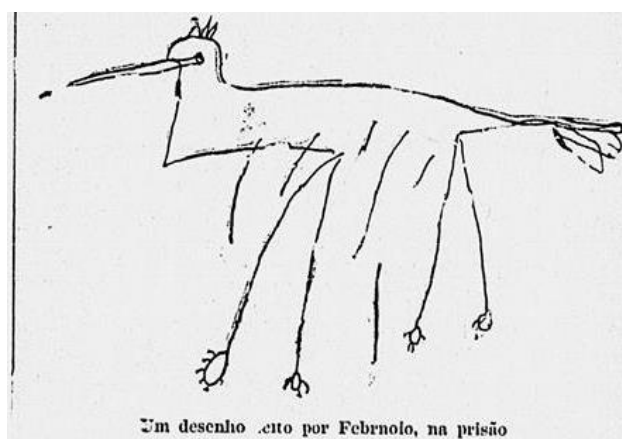


Figura 03: Desenho de Febrônio estampado em *O Jornal* de cinco de outubro 1927.

Sobre os desenhos:

Assim, não quer ele objetivar em desenhos as suas ideias psicosssexuais, preferindo gravar motivos místicos, embora sem saber as relações que entre ambos se possa verificar. Febrônio contou-nos, certa vez, como Lúcifer – o “gênio do mal” – lhe surge na imaginação. É uma figura profundamente hedionda, conforme ele refere, tendo na coxa, em tatuagem, a representação de atos de pederastia com crianças que dele querem fugir espavoridas. Convidamo-lo a representar graficamente essa figura sinistra. Febrônio recusou “para que publicar essa imundice?”; receia a divulgação; não quer, pois, desenhar... A resistência trai, assim, a ideia obsessional. Insistimos no convite. Febrônio acede e no dia imediato nos apresenta um desenho nitidamente oposto a ideia na véspera referida. Era a figura de um padre, protetoral e caritativa, a que se seguia de “um menino nu”.

Em quase todos os desenhos que nos forneceu, Febrônio porém, representa sempre a figura sinistra do “gênio do mal”, hora simbolizada em um dragão, ora no Lúcifer, motivo obrigado de quase todos os seus desenhos, que é sempre provido de espécie de tentáculos ameaçadores ou de espadas. Como quer que seja, há nos seus desenhos e nas inscrições que os rodeiam, sempre a figura sinistra de “alguém” que representa a violência e de quem é necessário fugir ou libertar-se, procurando um ideal místico. Num desses desenhos, há a representação

de um subterrâneo em cuja a entrada se depara a palavra – Fortaleza; dentro do mesmo, se acha o Lúcifer de sempre, cercado de uma rede de canais por onde devem trafegar canoas. Mal se pode penetrar a fantástica imaginação de Febrônio Índio do Brasil através desses desenhos e das inscrições que os acompanham.¹²

Em seguida, o laudo psiquiátrico traz um pequeno trecho com a interpretação do médico sobre essa complicada teologia de Febrônio. Porém Carrilho conclui, se valendo de uma leitura psicanalítica, tachando toda essa mística como a tentativa de manifestação do inconsciente do analisado, daquilo que foi recalcado – “instintos primitivos e possíveis complexos sexuais” –, da homossexualidade reprimida.

Mas, em última análise, deduz-se o seguinte: estes dragões (Lúcifer) representam a maldição e a alma dos reis que se venderam e se recusaram a fazer o que “seus pais fizeram”; e como Febrônio faz inscrições alusivas à sua pessoa, vê-se que ele se acredita o homem que combate o “gênio do mal”.

Assim ele escreveu: “Não posso lutar contigo, a minha espécie é fraca, mas eis que vem em meu socorro o exército da Luz. Eu, Febrônio, não te dou glória porque sou alma de Ladrão?” E, a certo trecho, pergunta: “qual o maior poder? Ele, Lúcifer, ou a Luz? Reposta: Devo ser verdadeiro, apesar de ser uma de suas inúmeras vítimas”. Em última análise, os desenhos de Febrônio e as inscrições que os acompanham, como o seu livro e os seus atos, refletem bem a luta inconsciente dos instintos primitivos e possíveis complexos sexuais recalcados com as ideias libertadoras ou substitutivas. As ideias místicas que nele se revelam e as próprias tatuagens em que é useiro, são satisfações substitutivas dessas perversões, senão uma tentativa inconsciente de libertação. Neste particular, vale lembrar o conceito de Freud, na sua *Introduction á la psycanalyse* (tradução francesa), que acredita que a

¹² CARRILHO, Heitor. *op. cit.*, p. 138.

própria paranoia “resulta rigorosamente da tentativa de defesa contra impulsões homossexuais muito violentas” (pag. 33).¹³

A interpretação da mística de Febrônio por meio da teoria freudiana foi proposta primeiramente por Murillo de Campos e Leonídio Ribeiro, que provavelmente influenciaram a leitura que fez Carrilho.

A análise dos seus sonhos e as experiências de associações de ideais não deixam a este sujeito grandes dúvidas.

O “dragão”, o “boi” (alusões muito diretas à figura paternal), constituem no sonho o maior embaraço às suas aspirações. Identificada a imago materna, sofre as maiores atrocidades (algolagnia passiva ou onírica). A moça sua protetora e conselheira (mago materna) o orienta na luta contra o “dragão”. Recomenda-lhe o emprego da espada (símbolo de masculinidade) e de tatuagem (algolagnia ativa) ao mesmo tempo que o induz à publicação de um livro justificando uma grande missão: “D[eu]s vive”, e o “menino vivo Oriente” (Febrônio) é o seu herdeiro. Desde então o seu poder será ilimitado, já não existirá o “dragão”.¹⁴

Reitera-se que o que foi exposto até agora sobre a mística de Febrônio não são informações de seu livro. Não há menção a seu nome no texto, nem à missão de tatuar garotos, nem à mulher loira. Tudo isso advém da observação médica feita dele, primeiramente por Murillo Campos e Leonídio Ribeiro, depois por Heitor Carrilho. Poder-se-ia dizer que esse é o retrato psiquiátrico de suas crenças por meio do recorte do discurso atribuído ao próprio paciente, seja colhido diretamente, seja mediante documentos policiais, e sua reorganização com intuito de demonstrar a “loucura” manifesta do analisado.

¹³ *Idem, ibidem..*

¹⁴ “O Caso de Febrônio Perante a Psiquiatria: A opinião dos drs. Murillo de Campos e Leonídio Ribeiro”. *op. cit.*

Porém, ambos os relatos médicos acabaram publicados na imprensa, ainda que em momentos diferentes, e ambos cooperaram para promover uma construção de Febrônio, como se nota pelos excertos apresentados, como louco e delirante. Ainda que tenha sido considerado incapaz de responder por seus atos, não foi inocentado do papel de monstro sádico e cruel em que lhe colocaram nos jornais.

As Revelações do Príncipe do Fogo

O Livro

O livro *As Revelações do Príncipe do Fogo*, tomando como base o exemplar pertencente ao escritor paulistano Mário de Andrade, que atualmente integra acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, constitui-se de uma brochura composta por quatro cadernos, com a capa já bastante desbotada e envelhecida (possivelmente esta tinha um tom de fato esverdeado referido por Sérgio Buarque de Holanda em entrevista a Carlos Augusto Calil).

Como se vê na imagem, a capa possui um grafismo que parece simular uma moldura. Dentro dela aparecem todos os outros elementos: o título escrito com fonte serifada e destacada, em três linhas com recuos gradativamente maiores, e grifado, inclusive sob o espaço entre as palavras, ocupando a metade superior do espaço da página.

Na parte inferior, abaixo do título, encontra-se, de certa forma em destaque, um grafismo, um arabesco em formato quadrado. Perto da parte inferior da moldura estão as informações acerca da casa editorial:

RIO DE JANEIRO
Pap. e Typ. Monteiro e Borelli
RUA S. PEDRO, 179
1926”.

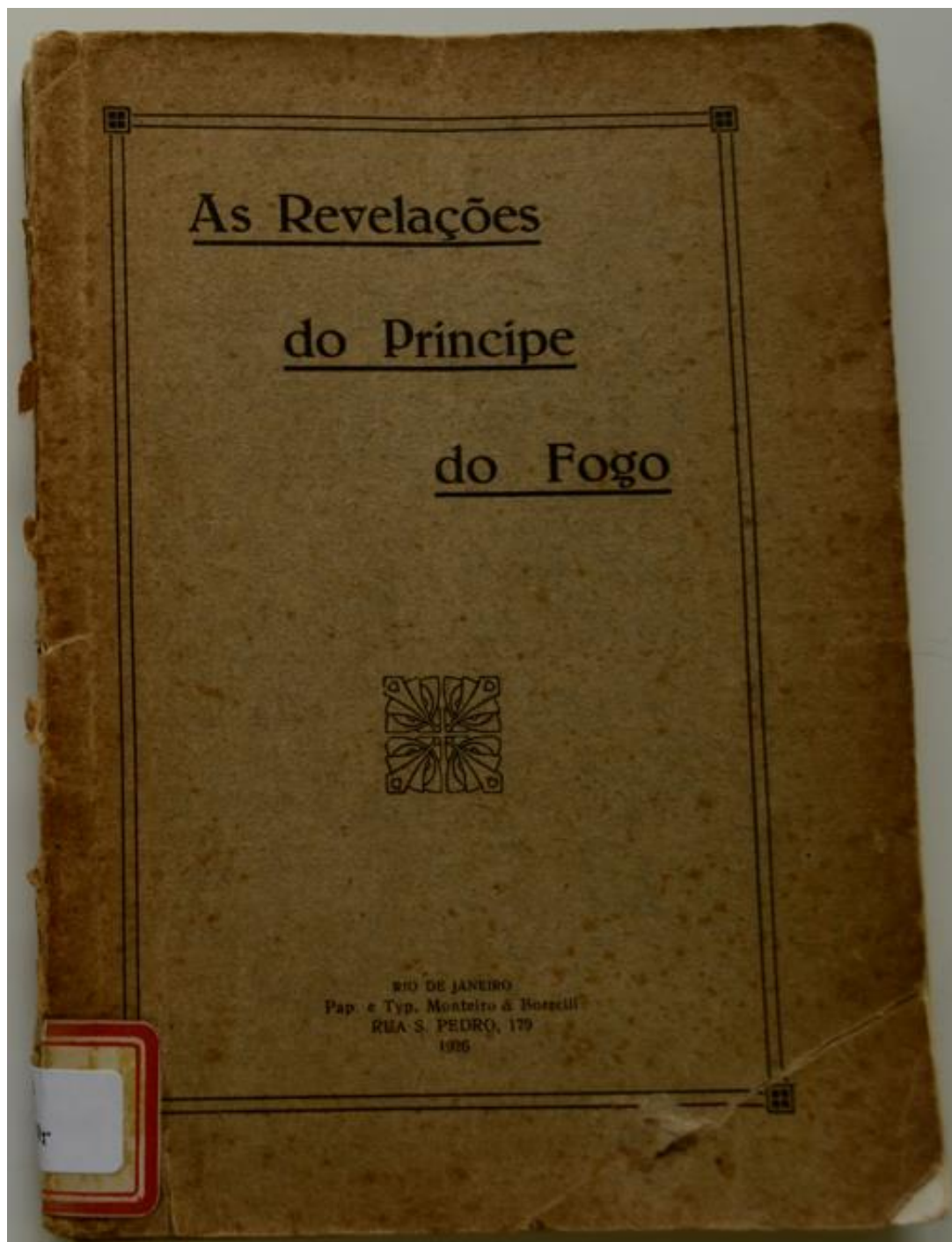


Figura 04: Capa de *As Revelações do Príncipe do Fogo*

Destaca-se uma vez mais que não há autoria assinalada. Sobre isso, há um comentário interessante no já citado artigo de *O Jornal*: “A propósito de seu livro ‘Revelações do Príncipe do Fogo’, informa que não o assinou, porque não o movia a vaidade da autoria, mas apenas os objetivos de sua missão.”¹⁵ Tal como sinalizam Carrilho, Campos e Ribeiro, não restaria dúvida sobre Febrônio realmente acreditar em sua religião.

Ainda, sobre a questão da vaidade, mostra-se interessante verificar como Febrônio realmente se ausentou, em sua dimensão secular, da obra, visto que não existem referências diretas ao próprio autor no texto. No livro, o enunciador resume-se ao próprio Príncipe do Fogo, e, assim, um leitor que nada conhece acerca da figura histórica do homem em questão, levado tão somente pela leitura, não chegaria a quem seria o responsável por aquelas páginas.¹⁶

Depois da capa há uma folha de guarda, já do mesmo papel que irá compor o miolo, e o livro se abre com uma imagem impressa em cores, sem nenhuma indicação do artista responsável. Nela vê-se uma figura feminina, de longos cabelos louros, asas que parecem de pena branca, angelicais, trajando um vestido branco; e duas crianças loiras, descalças, de camisa branca e macacão: um menino com os olhos e o macacão azuis, interagindo com uma borboleta orientado à esquerda do leitor; e uma menina de traje avermelhado colhendo flores virada para a direita.

O lugar em que estão parece ser alto, na altura da copa de uma árvore ao fundo, chão de terra, talvez sobre uma pedra. Trata-se de um espaço florido e com bastante

¹⁵ “O Caso de Febrônio Perante a Psiquiatria: A opinião dos drs. Murillo de Campos e Leonídio Ribeiro”. *op. cit.*

¹⁶ Existe a possibilidade de ler *As Revelações do Príncipe do Fogo* à luz da biografia de Febrônio, como fez Pedro Ferrari em sua tese *Mosaicos do Filho da Luz: Febrônio Índio do Brasil entre o crime, a redenção e o delírio*.

vegetação. Atrás da figura angelical, ocupando cerca de um quarto da tela, o fundo se mostra todo preto.

O pesquisador Pedro Ferrari conseguiu localizar a tela no site do museu austríaco *Freilichtmuseum*, sem indicação de título, creditada a Fridolin Leiber (1853-1912), pintor alemão, sobre o qual não se encontra quase informação nenhuma, a não ser a data de nascimento e morte.



Figura 05: Quadro de Fridolin Leiber.



Figura 06: Imagem de abertura de *As Revelações do Príncipe do Fogo*.

É complexo rastrear dados acerca desta obra. Encontram-se diferentes versões da tela, a apresentada como Figura 3 é proveniente do *Freilichtmuseum* e creditada como *Schutzengelbild* (que pode ser traduzido como imagem de anjo da guarda)¹⁷. Na Wikipédia encontra-se uma versão um pouco diferente, nomeada como *Schutzengel* (anjo da guarda)¹⁸, dentre algumas outras em sites de comércio de arte.

Ficam evidentes algumas diferenças entre a imagem apresentada pelo museu alemão e a presente em *As Revelações do Príncipe do Fogo*. Nota-se como a versão impressa recorta as laterais da imagem, em especial da margem inferior, trazendo os personagens para um plano ainda mais próximo; apesar de ter cortado parte das asas da figura angelical e o fundo que transmitia a sensação de profundidade e de altura do rochedo que compõe o cenário.

Outra divergência é a árvore ao fundo, que foi completamente apagada por uma “mancha” preta. Considerando a posição da borboleta, deduz-se que ficaria aparente apenas um pedaço irreconhecível do tronco; assim, a supressão desse elemento pode ter sido intencional e não somente um problema de impressão. Sendo ou não um defeito, a sombra escura envolvendo a figura angelical pode suscitar uma sensação de estranhamento.

A impressão no local, a partir de alguma matriz, é uma explicação plausível para explicar outras pequenas diferenças de textura, luminosidade, cor e detalhes, como o adorno nos cabelos da entidade divinal, no macacão do garoto ou nas flores no buquê na mão da criança.

¹⁷ HÖNTZE, Ernst. “Gut behütet”. Disponível em: <https://www.freilichtmuseum.de/sammlungen-zvb/gut-behuetet>. Acesso em: 06 ago. 2024.

¹⁸ FRIDOLIN Leiber. *Wikipédia*. Disponível em: https://de.wikipedia.org/wiki/Fridolin_Leiber. Acesso em: 06 ago. 2024.

Não é possível determinar se a inclusão da imagem no livro havia sido encomendada por Febrônio, ou se decorreria de ato de seu editor, ou como eventualmente eles teriam chegado a essa tela, ou como uma matriz dela para impressão aportara à editora. Porém, parece haver uma coincidência interessante entre a figura retratada com a referida mulher loira de cabelos longos responsável por trazer as revelações descritas nos sonhos. Assim, a dama que ocupa posição importante na mística de Febrônio, mas que não se encontra referenciada em sua obra, talvez esteja intencionalmente representada na imagem.

Após a imagem, está a folha de rosto, com a mesma configuração da capa, mas sem a mencionada moldura. Na página seguinte toma lugar a dedicatória ao “Santo Tabernáculo-vivente”, trecho que aparece reproduzido na reportagem com Murillo Campos e Leonídio Campos, no laudo de Heitor Carrilho, no texto de Cendrars etc.

Depois o texto começa de fato, e isso está indicado de maneira curiosa: a primeira página do conteúdo está numerada com o algarismo “1”, ignorando a folha de rosto e a dedicatória. Também é interessante reparar que o texto, e todos os outros elementos descritos até então, aparecem sempre no que seriam as páginas ímpares, ou seja, as que estão à direita quando se está com o livro aberto. E a numeração segue aparecendo apenas nas páginas impressas e capitulares até aquela com a indicação “67”. O livro é dividido em unidades que ocupam, na maioria das vezes, uma página, sempre marcadas de alguma forma, seja por um arabesco no topo da folha, seja por um título.

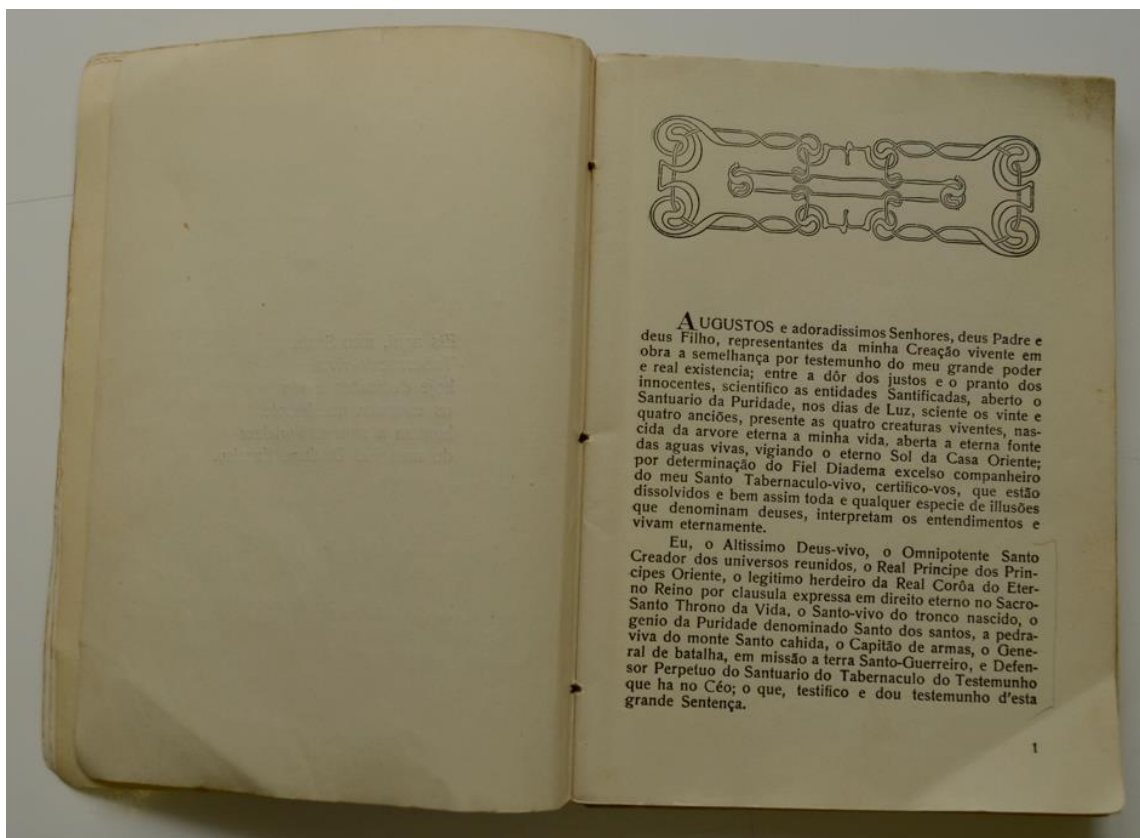


Figura 07: Imagem da dupla de páginas. Nota-se o lado esquerdo em branco e a página “1”.

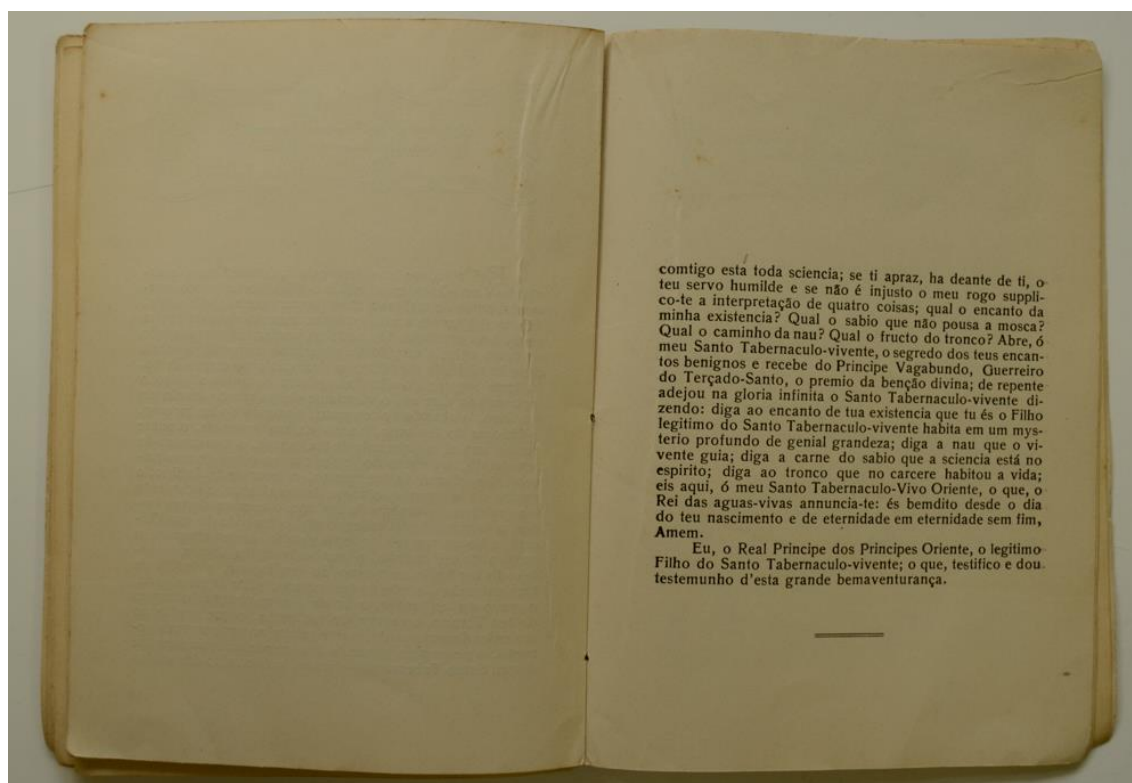


Figura 08: Trata-se da página que seria numerada como 59. É um exemplo de dupla de continuação do texto iniciado em página anterior, sem arabesco e com o retângulo indicando o fim do capítulo.

O CREDO FORTE DO SANTO VIVO

Crédo, Creio em Deus-Vivo o todo poderoso, o Creador do Céu e de tudo quanto n'elle ha, o Creador da terra e de tudo quanto n'ella ha, o Creador dos mares e de tudo quanto n'elles ha, o Creador dos espaços e de tudo quanto n'elles ha, O Creador dos vegetaes e de tudo quanto n'elles ha, o Creador dos animaes e de tudo quanto n'elles ha; Creio em Deus-Vivo o todo poderoso, Creio no justo, Creio no que era, Creio no que é, Creio no que veio, Creio no que entra, Creio no verdadeiro Santo, Creio nas suas virtudes, Creio no seu Reino que, será por todos os seculos dos seculos sem-fim-Amem.

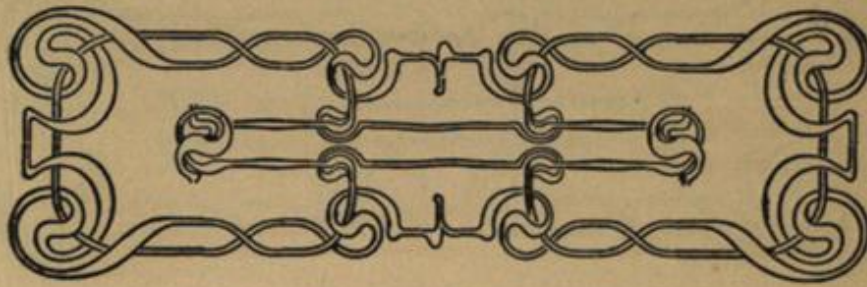
Eis aqui, ó meu filho, a orientação na santa palavra que quando Creei a terra e extendi ao Céu, ordenei dizendo: este é o Santo Crédo, a oração que eleva a Crença e Certifica a fé, o intermedio unico entre o senhor Deus-Vivo, o Santo Creador e o homem, se o Crente é humilde, limpo de coração; scientifica-se-lhe-ha a dôr do justo na morte do peccador, eis ahi, ó maldição, o dia ultimo da tua grande perfidia, o Altissimo Deus-Vivo, o Omnipotente Santo Creador na terra e o anjo da setima trombeta no Céu, sê pobre, ó meu filho, sê sabio o teu entendimento, medita aqui, o teu Creador é o anjo da Vida; feliz é aquelle que, estando encarnado aprender esta casta-obra em oração-viva, o bafejo do halito divino no pronuncio desta sacro-santa palavra; Creio em Deus-Vivo o Omnipotente Santo Creador dos universos reunidos.

Marcha agora, ó Vaticano em busca de tua corôa, ha muito caida, emana aos cavalheiros do sol e vence, Vive, o Altissimo Deus-Vivo, o Omnipotente Santo Creador; o que, testifico e dou testemunho.

Eu, o Real Principe dos Principes Oriente, capitão de armas, general de batalha em missão á terra

Santo-Guerreiro.

Figura 09: Página com título e sem arabesco.



GRATIDÃO Á DEUS-VIVENTE

Deus-Vivo todo poderoso, santificado seja o vosso Santo nome; venha a nós o vosso Reino, seja feita a vossa vontade, assim na terra, como no Céu, como nos mares, como nos espaços, como nos vegetaes, como nos animaes em nome do Senhor Deus-Vivo, das suas virtudes e do Espirito Santo; o pão nosso de cada dia nos dae hoje, perdoae-nos as nossas dividas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores; não nos deixeis cahir em tentações, mas livrae-nos, ó senhor Deus-Vivo todo poderoso dos nossos inimigos — Amem.

Eis aqui, ó meu filho, a santa prece que deveis offerer para a maior gloria dos anjos fieis e dos santos leaes do Altissimo Deus-Vivo, o Omnipotente Santo Creador; para que, elles não vedem a tua visita a mim no Sacro-Santo Throno da Vida; o que, testifico e dou testemunho.

Eu, o Real Principe dos Principes Oriente, capitão de armas, general de batalha em missão á terra.

Santo-Guerreiro.

Figura 10: Página com título e ornamentação.

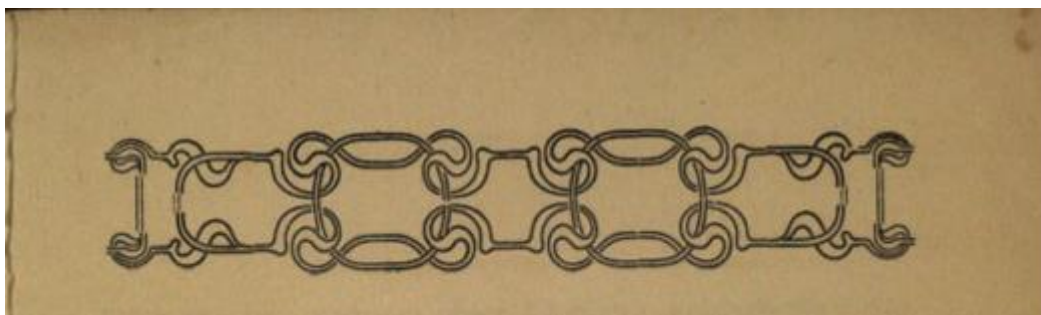
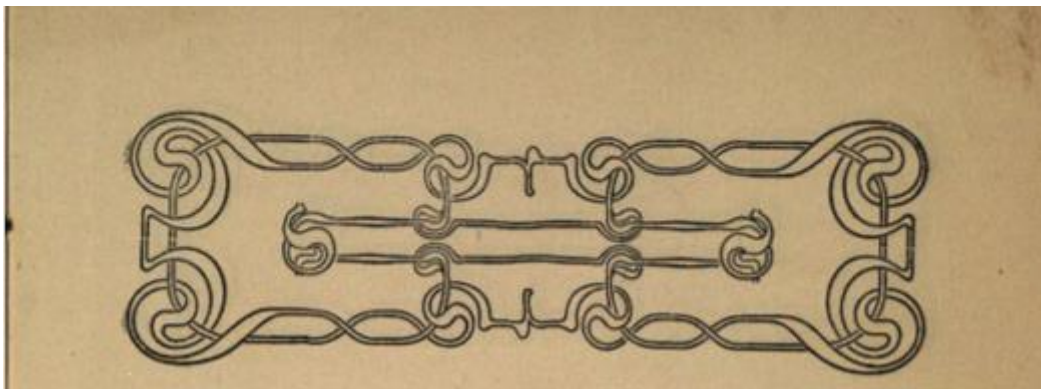
Nos casos em que o texto de um desses capítulos passa de uma página, ele continua na próxima ímpar e sem numeração indicada, mas ela está inclusa na contagem. Há ainda uma espécie de epílogo em que a página não se encontra numerada.

Não existem as páginas 8 e 13. Descarta-se inicialmente a suposição de que elas seriam continuação das respectivas páginas anteriores, pois há um salto na numeração na folha seguinte nesses dois casos. Além disso, convém assinalar que não há sinais de que elas tenham sido rasgadas ou cortadas. Em resumo, parece se tratar de um erro editorial.

A estrutura das páginas e das unidades se mostra padronizada: um arabesco retangular no topo, que por vezes aparece invertido sem um padrão aparente. Os capítulos que se estendem para uma segunda página possuem, após o fim do texto, um retângulo vazio e centralizado, marcando o fim do trecho. A página 54 não dispõe de arabesco sem um motivo aparente, e as páginas 65 e 67 se valem de modelos diferentes de decoração na parte superior da página.

A primeira palavra dos capítulos começa com uma letra versal destacada em negrito e maior que as outras maiúsculas da página; as letras seguintes num formato versalete e ainda maior que o tipo do resto do texto. As únicas exceções encontram-se nas páginas que possuem um título – 54, 55, 56 e 57 –, o qual aparece todo em caixa-alta e destacado; e na página 65, aparentemente um erro. Todas essas folhas com título são assinadas como “*Santo-Guerreiro.*”, que se trata de um dos títulos do próprio Príncipe do Fogo.

A maioria das unidades começam com “Eis-me”, excetuando-se as páginas 1, 6, 11 e 65, além das páginas com título. Estas últimas parecem ter, além da estrutura, uma função diferente no interior do livro, nelas são apresentadas as orações que compõe essa nova teologia proposta, em substituição às preces católicas, inclusive há uma versão modificada do *Pai Nosso* chamada “GRATIDÃO A DEUS-VIVENTE”.



Figuras 11, 12 e 13: Os três modelos de ornamentação presentes no livro. Sendo o primeiro o mais comum e os outros dois apresentados uma única vez cada, às folhas numeradas como 65 e 67 respectivamente.

Tal interpretação está balizada, dentre outras, nas seguintes passagens do texto: “Eis aqui, ó meu filho, a santa prece que deveis oferecer para a maior glória dos anjos fiéis e dos santos leais do Altíssimo Deus-Vivo”¹⁹ e “Eis aqui, ó meu filho, a santa prece que deveis elevar humildemente o arrependimento das tuas faltas”²⁰. Sobre isso, Mário de Andrade comenta em seu artigo, de forma curiosa:

Mas as orações católicas também auxiliam o poeta na construção da sua santidade. O Credo, a que chama “Credo Forte do Santo Vivo”, o Padrenosso, o ato de contrição e a Salve Rainha surgem, detestavelmente deformados de sua sublime perfeição.²¹

O último parágrafo de todos os capítulos, em regra começados em “Eu”, apresenta o estatuto de uma confirmação do que foi dito antes por meio de uma demonstração de autoridade, ao listar seus “títulos”. Na primeira página numerada, por exemplo, o trecho final é o seguinte:

Eu, o Altíssimo Deus-vivo, o Onipotente Santo Criador dos universos reunidos, o Real Príncipe dos Príncipes Oriente, o legítimo herdeiro da Real Coroa do Eterno Reino por cláusula expressa em direito eterno no Sacrossanto Trono da Vida, o Santo- -vivo do tronco nascido, o gênio da Puridade denominado Santo dos santos, a pedra viva do monte Santo caída, o Capitão de armas, o General de batalha, em missão a terra Santo-Guerreiro, e Defensor Perpétuo do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; o que, testifico e dou testemunho desta grande Sentença.²²

¹⁹ [BRASIL, Febrônio Índio]. *As Revelações do Príncipe do Fogo*. Rio de Janeiro: Pap. Monteiro e Borrelli, 1926. p. 55. Arquivo IEB-USP Fundo/Coleção MA 210 F289r. (À p. 257).

²⁰ [BRASIL, Febrônio Índio]. *op. cit.*, p. 56. (À p. 258).

²¹ ANDRADE, Mário de. Um Poeta Místico. Modernizado. In: NOVAES, Adam H. *op. cit.*, p. 180.

²² [BRASIL, Febrônio Índio]. *op. cit.*, p. 01. (À p. 216).

O Texto

Parece não haver aspiração literária em *As Revelações do Príncipe do Fogo*²³, como já abordado e também afirmado por seu, quase certo, autor. O livro configura-se como o suporte de registro das revelações que o Príncipe do Fogo recebera e seu intuito era divulgar tais boas-novas, comunicar o início de uma nova era após o dragão da maldade – representação bíblica do mal²⁴ – ser derrotado pelo príncipe guerreiro. Esse novo momento representaria a dissolução de “toda e qualquer espécie de ilusões que denominam deuses”²⁵, sendo que tal mensagem, ainda que intermediada pelas entidades “deus Padre e deus Filho – representantes da minha Criação vivente”²⁶ – é uma das duas únicas destinadas à humanidade, logo no capítulo que abre a obra.

No corpo do texto, só mais uma vez o enunciador estabelece interlocução com a humanidade, na folha 11, através das expressões: “Ouve-me, ó almas viventes [...] ouça-me, ó meus filhos”²⁷. Ao final, o epílogo também é emitido aos viventes. Os dois trechos em questão serão tratados adiante.

²³ Será usada como referência a edição modernizada proposta na monografia *As Revelações do Príncipe do Fogo*: Edição Modernizada. Como o texto aparece integralmente como anexo ao final desta dissertação, nas citações serão indicadas a página do excerto no livro original, conforme a paginação impressa, e a referência interna.

NOVAES, Adam H. *As Revelações do Príncipe do Fogo*: Edição Modernizada. Monografia – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

²⁴ Referência a Apocalipse 12. Recomenda-se a consulta à Tradução Brasileira, de 1917, provavelmente a edição da bíblia a qual Febrônio teria acesso, conforme defende Pedro Ferrari em sua tese de doutoramento. Todos os excertos citados nesse capítulo serão retirados dessa edição, cuja especificação seria esta:

Bíblia Sagrada, Tradução Brasileira, Nova York: American Bible Society, 19--? Disponível em: https://pt.wikisource.org/wiki/Tradu%C3%A7%C3%A3o_Brasileira_da_B%C3%ADblia/Apocalipse. Acesso em: 27 mar. 2024.

²⁵ [BRASIL, Febrônio Índio]. *As Revelações do Príncipe do Fogo*. Rio de Janeiro: Pap. Monteiro e Borrelli, 1926. p. 01. Arquivo IEB-USP Fundo/Coleção MA 210 F289r. (À p. 216).

²⁶ *Idem, Ibidem*.

²⁷ [BRASIL, Febrônio Índio]. *op. cit.*, p. 11. (À p. 222).

Fica explícito o diálogo com o livro bíblico do Apocalipse, com referências a sete anjos e trombetas, dragão etc. No contexto bíblico, “Apocalipse” corresponderia a uma revelação, a uma profecia, projetando eventos que se encontrariam no futuro. Assim, *As Revelações do Príncipe do Fogo* parecem se apresentar como a superação das predições do “Apocalipse”, visto que abordam os mesmos eventos, mas no passado do momento narrado pelo enunciado do texto de Febrônio, colocando-se como uma espécie de continuação e resolução dos dilemas escatológicos da teologia cristã. Ao menos, é isso que parece se propor a obra.

As relações com a bíblia vão além do paralelo com “Apocalipse”. Citam-se também os livros de Isaías e de Daniel, e além disso, pode-se supor que alguns elementos da escrita teriam sido diretamente retirados do estilo e do texto bíblico e utilizados repetidamente, como se vê em alguns casos mais aparentes. Por exemplo, a passagem “O que testifica estas coisas diz: ‘Certamente que venho à pressa. Amém; vem, Senhor Jesus.’”²⁸, parece estar na base da formulação recorrente “testifico e dou testemunho”²⁹; ou o conjunto de frases “e não têm repouso nem de dia nem de noite”³⁰, “que os acusava de dia e de noite”³¹ e “o adoram dia e noite no seu santuário”³² ressoantes em “sem descanso noite e dia”; ou ainda o trecho “Depois disto olhei, e abriu-se o santuário do tabernáculo do testemunho no céu”³³ que aparenta estar na origem da construção “Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu”, entre muitas outras aproximações, cujo aprofundamento não se configura como objetivo deste trabalho.

²⁸ Apocalipse 22:20.

²⁹ Os trechos de *As Revelações do Príncipe do Fogo* citados neste parágrafo são repetidos diversas vezes no livro, por esse motivo não contam com indicação de página.

³⁰ Apocalipse 14:11.

³¹ Apocalipse 12:10.

³² Apocalipse 7:15.

³³ Apocalipse 15:5.

A mensagem que traz o Príncipe do Fogo foi inspirada pelo Santo Tabernáculo Vivo, que parece fazer as vezes do Deus bíblico dentro da mística interna expressa na obra, leitura também sugerida por Mário de Andrade no artigo “Um Poeta Místico”³⁴. Nesse sentido, convém relembrar da dedicatória de *As Revelações do Príncipe de Fogo* na qual lê-se: “Eis aqui, meu Santo/ Tabernáculo-vivente/ hoje dedicados a vós/ os encantos que legaste/ ontem a mim na Fortaleza/ do meu Fiel Diadema Excelso”³⁵. No antepenúltimo e no penúltimo versos fica evidente como que a revelação advém do Santo Tabernáculo-vivente.

Tal mensagem vem acompanhada de bênção e do reconhecimento da atuação daqueles que tiveram algum papel no período de enfrentamento do mal. Um ponto interessante a se destacar é a quem estão endereçadas as falas do enunciador, quem são os abençoados e presenteados? O Príncipe do Fogo vai, pelo texto, dialogar com duas categorias de entidades: os elementos da natureza – como mares, vegetais, animais, pedras, nuvens, ilhas, “quatro ventos”, minerais, arco-íris etc. – e entes religiosos – como os “vinte e quatro anciões”, “dez reis fiéis”, “potente Leviatã”, “sete anjos das sete trombetas” e até elementos centrais dessa teologia como “santuário fiel do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu”, “Fiel Diadema Excelso” e o próprio “Santo Tabernáculo Vivo”.

A humanidade não estar entre os principais destinatários suscita uma questão, possivelmente sem resposta: quem seria o leitor pretendido do texto? Visto que os interlocutores imediatos do enunciador parecem ser os outros elementos da Criação, e não as pessoas que poderiam lê-lo; e mesmo as bonanças anunciadas não se encontrariam

³⁴ ANDRADE, Mário de. Um Poeta Místico. Modernizado. In: NOVAES, Adam H. *As Revelações do Príncipe do Fogo*: Edição Modernizada. Monografia – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. p. 177-82. Já a versão mais antiga, de 1939, está à página 269 dos Anexos.

³⁵ [BRASIL, Febrônio Índio] *As Revelações do Príncipe do Fogo*. In: *Idem*, p. 27.

destinadas aos homens. Sendo assim, existiria a consciência do autor de que seus leitores não estariam entre os destinatários diretos do discurso? Haveria a intenção velada de apresentar essas entidades às “almas viventes”, além de tratar dos novos dias que trarão um mundo mais exuberante resultante das bênçãos distribuídas? Ou o intento seria divulgar a própria santidade e relevância não reconhecidas? O texto tem ainda traços burocráticos e repetitivos, e poderia ser apenas um modo de registrar formalmente os novos tempos e o reconhecimento àqueles que participaram do embate do bem contra o mal.

Não parece possível alcançar respostas objetivas para tais perguntas, porém se podem fazer algumas considerações relevantes que permitem uma compreensão mais aprofundada do texto. Inicialmente, pode-se considerar que – apesar de o enunciador estabelecer textualmente diálogos majoritariamente com outras entidades – o leitor pretendido é representante da humanidade. A abertura e fechamento da obra (folha 1 e epílogo) destinadas aos “viventes” podem ser compreendidas como estabelecimento, abertura e encerramento, de um canal de diálogo; e entre elas está a mensagem.

Mesmo dentro do contexto diegético, especulamos que não aparenta haver função em narrar os eventos às entidades que deles participaram; o que sugere que o registro e enunciação desses acontecimentos pode ser destinado a informar os ignorantes, aqueles que não ainda não reconheceram e aceitaram a santidade do Príncipe do Fogo.

A partir da teoria dos gêneros do discurso, se mostra plausível distinguir algumas características retóricas do texto. *As Revelações do Príncipe do Fogo* se enquadram no limiar entre o discurso religioso (de caráter mais informal, “aquele em que há uma relação espontânea com o sagrado”³⁶) e o teológico (“discurso em que a mediação entre a alma

³⁶ ORLANDI, Enni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4ª ed. Campinas: Pontes, 1996. Apud: PEDROSA, Cleide Emilia Faye. “Discurso Religioso: Funções e Especificidade”. *SOLETRAS*, Ano VII, Nº 13. São Gonçalo: UERJ, jan./jun.2007. Disponível em: <https://www.e->

religiosa e o sagrado se faz por uma sistematização dogmática das verdades religiosas”³⁷); em um paralelo próximo à religiosidade cristã. Maior evidência disso é o diálogo direto com o texto bíblico, elemento inerente ao gênero:

“O discurso teológico é um discurso sobre outro discurso” (Orlandi, 1996: 259). Ele se manifesta como um “comentário” a um texto de origem, por isso, tem pouco a ver com o contexto imediato da enunciação. Há sempre um dizer já dito, um redizer de significação divina.³⁸

Observando o escrito em questão como discurso religioso, se reconhece uma função pedagógica – “E através do discurso que as instituições, entre elas, a Igreja, garantem a aprendizagem de suas crenças e a transmissão da sua legitimidade para prescrever os preceitos destinados a regular os comportamentos”³⁹ –, algumas vezes explicitas textualmente, como são os casos da dissolução dos deuses, da condenação à adoração de imagens e da apresentações das novas orações. Outras dentro do contexto teológico proposto, que é o caso da apresentação do Príncipe do Fogo enquanto o novo messias e das entidades com as quais dialogas enquanto integrantes do panteão dessa nova religiosidade.

Também se nota um caráter persuasivo – no qual o “orador deseja que o auditório aceite as proposições que lhe são apresentadas”⁴⁰ –, em especial na constante reiteração

[publicacoes.uerj.br/soletras/article/download/4694/3461/17814#:~:text=O%20discurso%20religioso%20%C3%A9%20aquele,discurso%20\(Orlandi%2C%201996\).&text=locutor%20est%C3%A1%20no%20plano%20espiritual,plano%20temporal%20\(os%20adoradores\)](http://publicacoes.uerj.br/soletras/article/download/4694/3461/17814#:~:text=O%20discurso%20religioso%20%C3%A9%20aquele,discurso%20(Orlandi%2C%201996).&text=locutor%20est%C3%A1%20no%20plano%20espiritual,plano%20temporal%20(os%20adoradores)). Acesso em: 18 ago. 2024.

³⁷ *Idem, Ibidem.*

³⁸ PEDROSA, Cleide Emilia Faye. *op. cit.*

³⁹ PEDROSA, Cleide Emilia Faye. *op. cit.*

⁴⁰ ROCHA, Max da Silva. *As Práticas Argumentativas de Oradores Religiosos Cristãos do Agreste Alagoano*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura, Universidade Federal de Alagoas, 2020. p. 39.

da autoridade pelo enunciador; mas também pela oferta de vida eterna (salvação) e de um mundo mais belo aos viventes.

Vale pontuar algumas diferenças substâncias entre *As Revelações do Príncipe do Fogo* e o discurso religioso cristão. Primeiro que Jesus não é referido nenhuma vez no texto e é difícil determinar sua posição na mística proposta; porém Apocalipse é um livro do novo testamento.

Outro ponto é que na obra em questão é proposta uma alteração do contexto bíblico ao apresentar uma superação do Apocalipse e a ascensão de uma nova deidade, o próprio Príncipe do Fogo; dessa maneira, o discurso não pode se valer da autoridade pretendida da Bíblia enquanto livro sagrado, apesar de ainda se valer da assimetria (enunciador divino e interlocutor mortal).

Em meio às seções protocolares, como a invocação do interlocutor, seu reconhecimento, os anúncios de bênção e de recompensa e a chancela do dito, o Príncipe do Fogo apresenta outros elementos de sua mística, em especial dados de sua própria história. Parece que estão nesses trechos indícios do motivo de o enunciador não expressar gratidão à humanidade em momento algum. Em primeiro lugar, fica subentendido no texto que a “criação-vivente” não participou do embate contra o dragão da maldade, ao contrário, ela foi beneficiada, e deveria ser grata ao verdadeiro emissário do céu, agora que se encontravam dissolvidas as “ilusões que denominam deuses”⁴¹. Trata-se de uma interpretação; essa gratulação não é cobrada diretamente em nenhuma passagem.

Para além disso, várias das entidades são recompensadas por reconhecer precocemente, mesmo antes do Santo Tabernáculo Vivo, entre os homens, a encarnação do messias – termo não usado no livro – daquele que é filho de Deus, príncipe herdeiro do “Sacrossanto Trono-Vivo”, e anunciar sua chegada; como é o caso do arco-íris:

⁴¹ [BRASIL, Febrônio Índio] *As Revelações do Príncipe do Fogo*. In: NOVAES, Adam H. *op. cit.*, p. 29.

Eis-me, ó arco-íris do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; já que, cheio de orgulho, fielmente anuncias noite e dia, diante do meu Sacrossanto Trono-vivo, a existência da minha eterna vida emanada ao resplendor da minha grande glória, eu o órfão do pranto Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; engrandeço-te hoje, com o prêmio da bênção divina [...] ⁴²

Mas também se trata do caso dos “vinte e quatro anciões”, do Leviatã, dos “sete trovões”, das “vozes do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu”, “relâmpagos”, dos “sete anjos das sete trombetas” etc. É como se o mundo físico e místico já soubessem e anunciassem a existência e a chegada do Príncipe do Fogo, e só os homens não o vissem. É possível interpretar, pelas duas mensagens destinadas à humanidade, que ele atribua esse não reconhecimento à ilusão de falsos deuses. Na primeira, já abordada, destaca-se o “fim da ilusão”, e na segunda, à página 11 (cf. à p. 222), orienta-se a não adoração de imagens e se ressalva que ele próprio é também criação e criado do Santo Tabernáculo Vivo.

É expressa e reiterada no percurso do texto essa escala hierárquica desse panteão, sendo Santo Tabernáculo Vivo o real criador do universo – possivelmente no papel do Deus bíblico – e o enunciador, o Príncipe do Fogo, seu herdeiro e emissário “em missão à terra”. Porém, por diversas vezes, trechos apresentam uma incongruência, uma confusão desses papéis como se vê logo na primeira página:

Augustos e adoradíssimos Senhores, deus Padre e deus Filho, representantes da minha Criação vivente em obra a semelhança por testemunho do meu grande poder e real existência; [...] por

⁴² [BRASIL, Febrônio Índio]. *op. cit.*, p. 24. (À p. 233).

determinação do Fiel Diadema excelso companheiro do meu Santo Tabernáculo-vivo [...].⁴³

Eu, o Altíssimo Deus-vivo, o Onipotente Santo Criador dos universos reunidos, o Real Príncipe dos Príncipes Oriente, o legítimo herdeiro da Real Coroa do Eterno Reino [...].⁴⁴

E é interessante como nesses trechos ele se apresenta como o criador, mas também como príncipe herdeiro e ainda se diferencia da entidade chamada de Santo Tabernáculo. Já na página 11 retoma esse assunto da seguinte forma: “humildemente confesso-vos que não sou o vosso Criador e sim o meu santo Tabernáculo vivo companheiro do meu Fiel Diadema Excelso de quem sou um mísero escravo”⁴⁵.

Apresenta-se também como criador de Adão e Eva:

Conservo, ainda, em testemunho de caridade, a minha criação e semelhança em memória de Adão que, eu criei, não para exercer sobre ele a fortaleza Divina de minha santidade, mas, que de mim, fosse ele simples amiguinho, como irmão em inocência, sem saber que, eu era o grande Príncipe; em prova disto a rogo dele, dele mesmo criei Eva, para que fosse sua companheira em inocência [...].⁴⁶

Em outro ponto, referindo-se a si “é encarnado o Altíssimo Deus-vivo, o Onipotente Criador”⁴⁷ e na página seguinte diz o inverso:

[...] não sou eu, ó Flor do mal, o Senhor dos mundos; este Trono não é meu, este arco-íris não me pertence, o jaspe não vê, a sardônia não tem olhos, estas vozes não são minhas, estes relâmpagos não são meus, estes

⁴³ [BRASIL, Febrônio Índio]. *op. cit.*, p. 01. (À p. 216).

⁴⁴ *Idem, Ibidem.*

⁴⁵ [BRASIL, Febrônio Índio]. *op. cit.*, p. 11. (À p. 222).

⁴⁶ [BRASIL, Febrônio Índio]. *op. cit.*, p. 06. (À p. 220).

⁴⁷ [BRASIL, Febrônio Índio]. *op. cit.*, p. 18. (À p. 227).

trovões não é meu poder, estes Espíritos não me querem, este mar não me vê, estas criaturas viventes não me conhecem, estes anciões não são meus servos, a terra não é minha, o Céu não me foi dado, o livro selado não é minha herança, os anjos fazem o que outro ordena, as trombetas tocam sem o meu bramido, as pragas não são enviadas por mim, o incenso das salvas não é meu, o Santuário fecha sem eu entrar, eu não sou o Santo Criador, ouça-me, ó viventes, quem criou estas sublimes maravilhas que vive e existe foi o meu Santo Tabernáculo-Vivo companheiro do meu Fiel Diadema Excelso [...].⁴⁸

Não se deve ignorar que essa confusão na nossa na leitura d'*As Revelações* pode ser decorrente de incompreensão da mística apresentada; nem que o não entendimento possa ser resultado de uma escrita críptica – intencional ou não – ou ainda das limitações do escritor em se expressar e da subversão das normas linguísticas – mesmo em relação ao português da época – que dificulta a compreensão lógica de como se relacionam os elementos internos do texto. Mas, considerando que este seja um elemento interno dessa teologia, intencional e misterioso – como são alguns textos religiosos –, talvez esteja na sequência do parágrafo acima transcrito a maior dica para interpretá-lo: “veio um dos Sete Espíritos dizendo: eis aí, o dia último da maldição é cumprida a ira, reina o Espírito do Santo Criador encarnado é o Real Príncipe dos Príncipes Oriente”⁴⁹.

No parágrafo citado é expressa uma possível relação entre essas duas entidades, o “Real Príncipe dos Príncipes Oriente” seria a encarnação do “Espírito do Santo Criador”; o que remete a ideia da Trindade da teologia cristã. Portanto, o Príncipe do Fogo seria e não seria o criador, ou talvez não o fosse diretamente enquanto encarnado. Essa posição contraditória do enunciador parece ser mais uma herança da influência bíblico-religiosa

⁴⁸ [BRASIL, Febrônio Índio]. *op. cit.*, p. 19. (À p. 229).

⁴⁹ [BRASIL, Febrônio Índio]. *op. cit.*, p. 19. (À p. 229229).

do autor – e que mantém os mesmos desafios de compreensão – que um elemento de sentido chave para a leitura da obra.

Trata-se de um documento de leitura muito dificultosa, sobretudo em decorrência do estilo empregado pelo autor. Em regra, o livro tem o encadeamento lógico de informações comprometido e, além disso, mesmo a apresentação de algumas das ideias se revela fragmentada e confusa, o que esgarça os limites da textualidade. Tentar ordená-las, encontrando os diferentes excertos nos quais são abordadas, construindo com eles algum sentido que tenha relação com o contexto diegético, parece ser como tentar montar um quebra-cabeça sem saber se ele está completo ou se sobram peças.

Mas, ainda sim, segue a tentativa de sumarizar os principais assuntos tratados em *As Revelações do Príncipe do Fogo*, para além do que já foi particularizado até aqui, ou seja, trata-se da apresentação de informações que aparecem como secundárias e complementares ao intuito principal, ao qual a obra parece se propor internamente, mas que juntos constroem algum contexto da teologia expressa por Febrônio.

Nesse segundo plano, detalha-se principalmente o cumprimento da profecia que aparece expressa em “Apocalipse”, que consiste dos anúncios da chegada do Príncipe do Fogo por diversas entidades, seu resgate pelo Santo Tabernáculo Vivo Oriente e a derrota do dragão da maldade. Cada um desses tópicos aparece fora de ordem cronológica e fragmentados em vários capítulos. Mais propriamente, por exemplo, ao referir-se à anunciação, já abordada nesta dissertação, a ação de cada ente é tratada em um capítulo diferente.

Já sobre seu resgate, destacam-se os seguintes excertos: “eis a caridade de um ato supremo, o Santo Tabernáculo vivo Oriente, apanhou entre os vivos de uma ilha o menino-vivo Oriente”⁵⁰; “eis a Suprema justiça de um juiz sagrado, o Santo Tabernáculo-

⁵⁰ [BRASIL, Febrônio Índio]. *op. cit.*, p. 10. (À p. 222).

vivo Oriente, acordou entre os prisioneiros de uma ilha, o menino-vivo Oriente”⁵¹, “o Santo Tabernáculo-vivo Oriente, reconheceu entre as muralhas de uma ilha encarcerado, o menino-vivo Oriente”⁵², “eis a amizade Santa de um ser fiel, o Santo Tabernáculo-vivo Oriente, buscou entre mil armadilhas, o menino da tribo Oriente, herdeiro do Reino dos universos”⁵³; “eis a caridade de um laço sagrado, o Santo Tabernáculo-Vivo Oriente, imigrou de uma ilha de prisioneiros abandonados, o Menino-Vivo Oriente”⁵⁴; “o Santo Tabernáculo-Vivo Oriente, arrebatou do meio dos prisioneiros de uma ilha, o Menino-Vivo Oriente”⁵⁵.

Nota-se que, praticamente em todas as vezes, é citada uma ilha e também se sugere que o resgatado era prisioneiro – ou estava num lugar de prisioneiros. Nesse ponto parece saltar à vista um traço biográfico do autor emergindo na obra, quando se sabe tratar-se de um homem que passou a maior parte da vida preso. Vale salientar que o livro é anterior ao recolhimento de Febrônio ao manicômio; mas não se trata de uma impressão descabida. Pedro Ferrari vai abordar melhor esse paralelo possível entre obra e escritor em sua tese, referindo-se nesse caso ao encarceramento na Colônia Penal de Dois Rios, na Ilha Grande, Rio de Janeiro, no ano da publicação de *As Revelações do Príncipe do Fogo*.

Essa leitura contextual, encontrando chaves interpretativas para a obra na trajetória conhecida de Febrônio, feita por Ferrari, mas não esgotada, constitui-se em um esforço que pode trazer resultados interessantes no sentido de compreender esse escrito

⁵¹ [BRASIL, Febrônio Índio]. *op. cit.*, p. 14. (À p. 224).

⁵² [BRASIL, Febrônio Índio]. *op. cit.*, p. 18. (À p. 227).

⁵³ [BRASIL, Febrônio Índio]. *op. cit.*, p. 26. (À p. 234).

⁵⁴ [BRASIL, Febrônio Índio]. *op. cit.*, p. 43. (À p. 248).

⁵⁵ [BRASIL, Febrônio Índio]. *op. cit.*, p. 44. (À p. 249).

tão hermético. No entanto, esse aprofundamento foge ao escopo desta pesquisa e fica como possibilidade para futuros trabalhos.

Por fim, sobre a derrota do mal, fica claro que já era sabido o destino do Príncipe do Fogo no momento do seu resgate, como se evidencia nos excertos que seguem:

[...] de repente veio numa nuvem o anjo fiel das águas dizendo: eis aí, ó humanidade, nos dias de Luz, aberto o Santuário da pureza, presente as quatro fiéis criaturas viventes, na sexta praga do sexto anjo, Apocalipse, cap. 16; é encarnado o Altíssimo Deus-vivo, o Onipotente Criador que, ordenará a desolação ou a criação da vida eterna, diante do gênio fica sem efeito toda e qualquer determinação antes proferida por ser ele mesmo, o anjo-vivente da sétima etapa [...] ⁵⁶

[...] em uma nuvem luzente veio um dos Sete Espíritos dizendo: eis aí, o dia último da maldição é cumprida a ira, reina o Espírito do Santo Criador encarnado é o Real Príncipe dos Príncipes Oriente [...] ⁵⁷

[...] o Menino-Vivo Oriente, o herdeiro legal da Chave-Vivente que abre as portas da morte e fecha o poço do abismo [...] baixaram do Céu, os arcanjos fiéis dizendo: eis aí, ó maldição, o dia último da tua grande perfídia... é vindo, o Altíssimo Deus-Vivo [...] ⁵⁸

Em Apocalipse lê-se: “O santuário encheu-se do fumo da glória de Deus e do seu poder; e ninguém podia entrar no santuário, enquanto não se cumprissem as sete pragas dos sete anjos”⁵⁹. Dessa forma, quando se anuncia que está “aberto o Santuário da pureza”⁶⁰, parece uma indicação conclusiva da superação da maldição bíblica, assim como a referência ao último dia da maldição ou da perfídia.

⁵⁶ [BRASIL, Febrônio Índio]. *op. cit.*, p. 18. (À p. 227).

⁵⁷ [BRASIL, Febrônio Índio]. *op. cit.*, p. 19. (À p. 229).

⁵⁸ [BRASIL, Febrônio Índio]. *op. cit.*, p. 43. (À p. 248).

⁵⁹ Apocalipse 15:8.

⁶⁰ A frase aparece algumas vezes no correr do texto.

Em outras passagens, existem referências mais claras à derrota do dragão. Mais especificamente, trata-se de menção ao dragão que aparece em “Apocalipse”, descrito no capítulo 12, referenciado diretamente no correr do texto de Febrônio:

“[...] é morto o dragão maldito; reina uma, a da Luz Princesa; adejou o Santo da vida dizendo: qual, o guerreiro ousado que, com tanta audácia profere? Eis aqui me tens, eu, o da voz bendita, o Filho Santo e do tronco, o Santo-vivo Oriente vindo; se a guerra busca, eis o grande guerreiro [...]”⁶¹

“[...] quando sentiram-se prisioneiros por um vil dragão, abre no céu os santuários; insultava o vil dragão, blasfemava as bestas, desce o Filho do Fogo a grande guerra, o maior forte-vivo batalhando matou o dragão maldito, eliminou as bestas e a seus dez reis fiéis arrebatando [...]”⁶²

“[...] o dragão maldito e seus cúmplices ambiciosos, almejaram, congregaram-se e hoje todos decapitados; representando um testemunho grandioso [...]”⁶³

Para encerrar essa apresentação sobre o conteúdo de *As Revelações do Príncipe do Fogo*, parece interessante abordar brevemente os elementos que mais aparecem no correr da obra. São eles o Santo Tabernáculo Vivo Oriente, já abordado anteriormente, o Fiel Diadema Excelso, o Sacro Santo Trono Vivo e o Santuário do Tabernáculo do Testemunho, a partir da leitura dos capítulos dedicados a cada um, buscando suas significações simbólicas internas à obra, sem levar em conta o paralelo bíblico que se estenderia também a várias outras entidades, como quatro criaturas, dez reis, sete anjos,

⁶¹ [BRASIL, Febrônio Índio]. *op. cit.*, p. 23. (À p. 231).

⁶² [BRASIL, Febrônio Índio]. *op. cit.*, p. 26. (À p. 234).

⁶³ [BRASIL, Febrônio Índio]. *op. cit.*, p. 52. (À p. 255).

e que exigiria ainda uma contextualização externa da leitura feita desses elementos no interior das teologias cristãs.

Santuário do Tabernáculo do Testemunho parece se tratar da própria criação em si, visto que todas as entidades, até mesmo as naturais, são referidas como a ele integrantes, ou subordinadas; mares, vegetais fiéis, animais incontinentes, quatro ventos, até os vinte e quatro anciões e o Leviatã, são invocados com o complemento “do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu”.

“Tabernáculo” constitui-se na palavra mais complexa de se tratar nesse contexto. Pelo Houaiss:

1 hist.rel santuário portátil onde os hebreus guardavam e transportavam a arca da Aliança e demais objetos sagrados

2 hist.rel no templo judaico, o lugar mais recôndito ao qual só tinham acesso os sacerdotes

3 catol m.q. sacrário

4 p.ext.; infm. local de habitação; residência, morada <fixar t.>⁶⁴

Na maioria das acepções, o significado é relativo a um lugar ou repositório, porém, na mística do Príncipe do Fogo, a própria entidade superior é chamada de Santo Tabernáculo Vivo Oriente. Então, Santuário do Tabernáculo do Testemunho seria o santuário dessa entidade? Ou seria o lugar onde fica o Testemunho? Esse sentido literal parece não fazer sentido no texto.

De modo análogo, o Sacrossanto Trono Vivo se revela também difícil de compreender. Parece se referir a um ente, posição ou objeto legitimador, visto que é aparece repetidamente no seguinte contexto:

⁶⁴ *DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 2653.

“Eis-me, ó nuvens fiéis do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; já que, ligeiramente em beneméritos conjuntos austrais, modificam os ares, formam a sombra, impedindo o calor, aglomerando as límpidas gotas, navegando as rochas cristalinas, cai a chuva; servindo a minha criação vivente, representa um testemunho leal; diante do meu Sacrossanto Trono-vivo; eis o aspecto simples de um grandioso entendimento, o Santo Tabernáculo vivo Oriente, colocou no ninho da vida, o menino vivo Oriente [...]”⁶⁵

“Eis-me, ó ilhas fiéis do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; já que, igrejadamente na disposição última do templo Santificado; esperaram no poder da fé, o gênio vivo entrado; servindo a minha Criação vivente, demonstrando um testemunho idôneo, diante do meu Sacrossanto-Trono-Vivo; eis a Suprema justiça de um juiz sagrado, o Santo Tabernáculo-vivo Oriente, acordou entre os prisioneiros de uma ilha, o menino-vivo Oriente [...]”⁶⁶

Essa construção sugere que o Trono está cancelando a informação à qual está relacionado, apesar de ser difícil entender em diversos casos se ele diz respeito à oração que o precede ou sucede. Mas o que parece fazer mais sentido é que o resgate do menino-vivo tenha se dado frente ao trono. Seria trono, além do objeto, uma metonímia para posição de rei, ou o reconhecimento legitimador de sua realeza?

Outras entidades também ocupam tronos, como o Leviatã – “junto a teu Sacrossanto Trono-vivo Leviatã foi um guardião fiel”⁶⁷ – e também “ó Sacrossanto Trono-vivo do Tabernáculo em Testemunho que há no Céu [...] este Trono não é meu”⁶⁸. Nesse último caso, poder-se-ia supor que o Tabernáculo em Testemunho seria o Santo Tabernáculo Vivo? Assim, faria sentido que trono fosse designação de uma posição e, no

⁶⁵ [BRASIL, Febrônio Índio]. *op. cit.*, p. 12. (À p. 223).

⁶⁶ [BRASIL, Febrônio Índio]. *op. cit.*, p. 14. (À p. 224).

⁶⁷ [BRASIL, Febrônio Índio]. *op. cit.*, p. 28. (À p. 237).

⁶⁸ [BRASIL, Febrônio Índio]. *op. cit.*, p. 19. (À p. 229).

trecho em questão, já transcrito acima, que o Príncipe do Fogo reconhecesse não ocupar a posição de seu ascendente.

O Sacrossanto Trono Vivo também é referido de outras formas, mas a que mais se destaca é “Sacrossanto Trono da Vida”. Essa última toma lugar no epílogo da obra, uma despedida em versos, uma mensagem à humanidade: “Viventes, quando desencarnardes/ ide ao Trono da Vida e ali en-/contrareis dois mistérios: o San-/to Tabernáculo-Vivente e o Fiel Diadema Excelso”. Esse trecho parece se encaixar em mais de uma interpretação. Seria esse Trono um lugar ou seria uma referência ao fato de se estar diante do próprio Príncipe do Fogo, seu herdeiro legítimo? Ou ainda seria esse Trono uma referência a um espaço divino, o paraíso, de onde teria agido o Santo Tabernáculo Vivo Oriente, nos excertos apresentados, e que seria herdado pelo Menino Vivo? Pairam muitas dúvidas.

A Circulação do Texto

É difícil saber detalhes da escrita, da impressão e da distribuição do livro. Algumas informações sobre esses aspectos, possivelmente as únicas, aparecem nos já citados laudo psiquiátrico e nos relatos de Murillo Campos e Leonídio Ribeiro, em matéria de *O Jornal*.

Na capa do livro, está indicado 1926, tradicionalmente o ano de impressão, que é provavelmente a data em que foi escrito. Sobre a escrita da obra, lê-se na matéria de *O Jornal*:

[Após a revelação, Febrônio] Procurou, sem perda de tempo, dar desempenho a essa missão. Embrenhou-se nas matas próximas do Pão de Açúcar e ali entregou-se a “altas cogitações”, que constituem “as suas revelações do príncipe do fogo”. Nessa época foi certo dia preso e internado no Pavilhão de Observações, do Hospital dos Alienados. Da

sua observação nesse hospital, datada de outubro de 1926, consta efetivamente o seguinte:

“... encontrado completamente despido, explica que, sem dinheiro, sem moradia e sem destino, procurava descansar o corpo. Como os filósofos antigos, estava em altas cogitações, que constituirão a sua obra: ‘Revelações do príncipe do fogo’”.⁶⁹

Em entrevista feita com Henrique Roxo, médico que avaliou Febrônio em sua segunda passagem ao Hospital dos Alienados em fevereiro de 1927, e publicada pelo mesmo veículo, é confirmada essa informação:

Referia-se a atos extravagantes como o de subir ao Pão de Açúcar para meditar, repousar e elaborar a sua obra “Revelações do Príncipe do Fogo”.

Disse que procurava esses lugares a imitar os antigos filósofos que, no meio do mato, buscavam o isolamento, a se inspirar nos seus trabalhos filosóficos.⁷⁰

Murillo Campos e Leonídio Ribeiro trazem informação do processo editorial posterior à escritura do texto, as mesmas que se encontram em Cendrars:

Indicando com exatidão a casa editora, conseguia, com o seu proprietário, informações que confirmam as de Febrônio. Há cerca de dois anos apareceu-lhe Febrônio sobraçando um rolo de autógrafos ilegíveis a querer publicá-los.

Sabendo [ilegível] dificuldade da impressão, [ilegível] aqueles originais[,] voltou depois, com os mesmos já datilografados. A impressão se retardou longo tempo, porque Febrônio não dispunha de recursos, e só teve início quando, por meio de pequenas prestações, a

⁶⁹ “O Caso de Febrônio Perante a Psiquiatria: A opinião dos drs. Murillo de Campos e Leonídio Ribeiro”. *op. cit.*

⁷⁰ “O Criminoso Febrônio Perante a Psiquiatria”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 02 out. 1927. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_02&Pesq=febronio&pagfis=34138. Acesso em: 31 out. 2023.

casa recebeu a importância da metade do preço da edição, mais ou menos 800\$000.

Depois da impressão as mesmas dificuldades: Febrônio retirava pequeno número de exemplares, vendia-os e, com o produto da venda, retirava outros. De uma das vezes que lá apareceu, disse-lhe o editor que não conseguiria compreender o seu livro, ao que Febrônio respondera: “aquilo é mesmo uma embrulhada, mas vocês entenderão tudo quando virem Jesus Vivo e nu ali na avenida”.⁷¹

Fica evidente a dificuldade de se reconstituir a linha cronológica das ações de Febrônio nos anos de 1926 e 1927. De todo modo, é possível deduzir conforme as informações apresentadas até aqui: Febrônio procurou a casa editorial Monteiro e Borelli no final de 1925 ou começo de 1926 – dois anos antes do excerto acima, que é de outubro de 1927 –, com um original ilegível. Vai então em busca de datilografar seus escritos.

Febrônio deve ter entregado as páginas digitadas para a editora ainda no começo de 1926. Existem indícios de que no final de agosto do mesmo ano (vf. figuras 15 e 17) o livro já estava composto e impresso. Então, no final de 1926 e em 1927, nos momentos em que não estava detido em alguma instituição do estado, ele próprio vendia seu livro pelas ruas do Rio de Janeiro, conforme entrevista de Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes, neto, publicada na segunda edição do livro *Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*, de Alexandre Eulalio.

Porém, as datas parecem não se encaixar, por exemplo, como o livro poderia estar pronto em agosto de 1926, e em outubro e, posteriormente, em setembro de 1927, em suas passagens pelo Hospital dos Alienados, Febrônio dar a entender aos médicos que ainda estava elaborando sua obra.

⁷¹ “O Caso de Febrônio Perante a Psiquiatria: A opinião dos drs. Murillo de Campos e Leonídio Ribeiro”. *op. cit.*

É possível afirmar que os médicos que analisaram Febrônio tiveram acesso à *As Revelações do Príncipe do Fogo*, visto que transcreveram trechos do livro, sobre o qual traçaram alguns comentários.

Murillo Campos e Leonídio Ribeiro interpretam o texto a partir do Febrônio examinado, procedimento semelhante a como Pedro Ferrari tentou ler *As Revelações do Príncipe do Fogo*, como discurso de Febrônio sobre si próprio, associado diretamente a sua vida. Então, referem-se a passagens que confirmam a missão apresentada em depoimento externo ao livro e referenciam elementos da biografia do autor, como sua estada na prisão, para interpretar porções da obra, conforme se lê no excerto a seguir:

Esse livro, de pequeno formato, tem 67 páginas, e foi publicado em 1926. Começa a primeira figura pela declaração da missão já referida:

“Eis aqui meu santo
Tabernáculo vivente
Hoje dedicados a vós
Os encantos que legaste
Ontem a mim na fortaleza
Do meu fiel Diadema Excelso.”^[72]

Nas páginas seguintes o “Altíssimo Deus vivo” dá um testemunho da veracidade dessa missão, ao mesmo tempo que exalta a qualidade do observado.

Assim na pag. 10: “...eis a caridade de um ato supremo, o Santo Tabernáculo – vivo Oriente apanhou entre os vivos de uma ilha (alusão a sua estadia na Colônia Correcional da Ilha Grande) o mundo vivo Oriente, o herdeiro de uma trombeta viva que cientifica tocando sem descanso noite e dia a existência do seu eterno companheiro vindo do sol nascente”.

⁷² A transcrição do jornal apresenta diferenças, que foram mantidas aqui, em relação ao texto original, que pode ser conferido às páginas 222, 226 e 237 respectivamente. As próximas citações do livro pelo artigo também serão grafadas como apareceram em *O Jornal*.

As diferenças mais relevantes são a modificação da palavra “menino”, no original, por “mundo” na referência da página numerada 10; e o trecho da página 28, “o ente encarnado o mistério da igreja do que a ti ensinou” onde, no original lê-se “o ente encarnado ou mistério igrejado que, a ti ensinou”.

À pag. 16: eis o estrondo leal de um amor perfeito, o Santo Tabernáculo Vivo Oriente ordenou a coroação do menino vivo Oriente”.

À pag. 28: “Buscou entre os homens mais infelizes o menino insignificante de valor tão precioso...: menino das magias antigas, qual o ente encarnado o mistério da igreja do que a ti ensinou a voz da morte à vida profetizar?”

Todo o livro demonstra a par de nenhuma cultura a imaginação fantasista de Febrônio. As leituras bíblicas a que se entregou muito influíram nesse seu escrito assim como nos seus sonhos. De todos os capítulos da Bíblia, evidentemente o que mais o impressionou é o referente a Daniel.

Febrônio, como Daniel, pretende possuir altas qualidades de desvendar o futuro por meio dos sonhos. Como Daniel, exilado e escravizado, Febrônio tem estado na Ilha Grande e na Detenção.⁷³

Dessa forma, não se trata exatamente de uma leitura e comentário do conteúdo de *As Revelações do Príncipe do Fogo*. Mesmo a associação com o livro bíblico de Daniel – que é citado na obra – não é textual, mas relativa ao papel do próprio Febrônio em sua mística – enquanto aquele que recebe as revelações por sonho – e aspectos de sua biografia – como a passagem pela Colônia Penal da Ilha Grande.

Também fica claro que Heitor Carrilho teve contato com o livro no seguinte trecho:

No seu livro “Revelações do Príncipe do Fogo”, há curiosos elementos de apreciação de suas ideias místicas e supersticiosas e de toda a sua mentalidade. Feito de pequenos capítulos, que representam as revelações por ele recebidas, nos montes e nas ilhas desertas, graças à missão que se atribui, não é possível entendê-lo, tal o repositório de ideias absurdas e disparatadas que ele é. Basta que se atente nas linhas que enfileirou, como exórdio:

⁷³ “O Caso de Febrônio Perante a Psiquiatria: A opinião dos drs. Murillo de Campos e Leonídio Ribeiro”. *op. cit.*

“Eis aqui, meu santo
Tabernáculo – Vivente
Hoje dedicados a vós
os encantos que legaste
ontem a mim na Fortaleza
Do meu Fiel Diadema Excelso.”

Ou, então, nestas outras que serviram de fecho ao referido livro:

“Viventes, quando desencarnardes, ide ao Trono
da Vida e ali encontrareis dois mistérios: o
Santo Tabernáculo – Vivente e o Fiel Diadema Excelso.”

Abrindo a esmo, transcrevemos, também, para que se possa ter uma noção de extravagância de suas ideias, o seguinte trecho:

“Eis-me, ó potente Leviatã do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no céu; já que, prodigiosamente emergido, o eminente antigo, precursor pertinaz do bem, encanto da justiça honrada; no caminho da luz entre o canal das trevas, manejando espada valente, feliz vivenda edificou; um dos fiéis amigos surpreendente a guerra, o coração generoso, Carta Viva, a pérola enterrada; debate a ânsia esperando, o menino vivo ausente, nenhuma prenda dantes, outro tanto adorou; representa um voto majestoso o testemunho constante do mar-de-vidro; diante do meu Sacro-Santo Trono-vivo, etc.” (fls. 28).

E, assim por diante, vai a todo o momento se revelando a fantástica imaginação de Febrônio índio do Brasil, produto em parte de antigas leituras bíblicas e de revelações que julga lhe foram trazidas, também, pelos seus sonhos cujo conteúdo é semelhante ao das ideias expedidas no livro.⁷⁴

Repare como não há um comentário, de fato, sobre o conteúdo da obra, e como a escolha por mostrar a primeira e a última página – dedicatória e epílogo – constitui-se em uma opção estranha para dizer como um livro é incompreensível. As ponderações no laudo psiquiátrico vão sempre no sentido de crítica negativa, como em “o seu livro

⁷⁴ CARRILHO, Heitor. *op. cit.*, p. 136-137.

Revelações do Príncipe de Fogo, que encerra um acúmulo de ideias extravagantes, tecidas do mais absurdo e detestável misticismo supersticioso.”⁷⁵

Para além de tais generalidades, também não há, no referido laudo, uma tentativa de interpretação ou comentário mais específico ao conteúdo da obra. Como se podia esperar, a leitura que Carrilho vai fazer do livro de Febrônio fica no âmbito médico. Partindo de uma perspectiva freudiana, ele o considera como fruto ou sintoma da condição mental que atribui a Febrônio.

Neste particular, vale relembrar o conceito de Freud, na sua *Introduction á la psychanalyse* (tradução francesa), que acredita que a própria paranoia “resulta rigorosamente da tentativa de defesa contra impulsões homossexuais muito violentas” (pag. 33). O seu livro é todo uma revelação neste sentido.⁷⁶

Tal diagnóstico é reafirmado páginas à frente.

3º – *ideias delirantes de caráter místico*, consistindo, sobretudo, no culto a um estranho “Deus Vivo”, e representando, talvez, inconsciente dissimulação, senão derivação dos impulsos libertadores da sexualidade primitiva ou patológica, ou então satisfações subjetivas das perversões, ideias estas que ele propagou num livro incompreensível – *Revelações do Príncipe do Fogo*, no qual teria recolhido as inspirações que, em silêncio, nos montes e nas ilhas semidesertas, lhe eram transmitidas por misteriosas divindades. É, em resumo, um delírio predominantemente imaginativo, ao qual sua incultura dá um feitiço de extravagância característico.⁷⁷

⁷⁵ CARRILHO, Heitor. *op. cit.*, p. 135.

⁷⁶ CARRILHO, Heitor. *op. cit.*, p. 138.

⁷⁷ CARRILHO, Heitor. *op. cit.*, p. 141.

É um mistério como, após a prisão de Febrônio, o livro parece ter desaparecido. Uma matéria no *Correio da Manhã* dá indícios de que, em setembro de 1927, o livro já era difícil de encontrar, conforme o excerto que segue:

Um representante da firma R. Monteiro & Cia., estabelecida à rua de São Pedro n. 179, e editora do livro “As revelações do Príncipe do Fogo”, procurou a 4ª delegacia auxiliar, afim de lhe solicitar permissão para vender a “obra” de Febrônio.

A autoridade fez-lhe ver que nada tinha com isso.

– Mas nós temos medo de, sem autorização dos senhores, surgirem mais tarde complicações.

– De que espécie?

– É que Febrônio, quando mandou fazer o livro, nos deu um “sinal” insignificante e o nosso prejuízo, agora, é enorme.

Disse o representante da firma que a procura do livro, nestes últimos dias, tem sido enorme e os editores esperam, vendendo-o, tirar parte do prejuízo.

Vamos assim ter “As revelações do Príncipe do Fogo” no mercado...⁷⁸

Da citação se depreendem algumas informações importantes. Se havia ainda muitos exemplares em poder da editora, talvez poucas unidades tenham sido vendidas por Febrônio. Ao mesmo tempo, pode-se imaginar que alguns dos compradores ao ver o conteúdo poderiam se desfazer do livro. Também se pode notar que, aparentemente, no momento da detenção de Febrônio, a polícia não buscou tirar de circulação seu livro e não tentou impedir a sua comercialização. E a última frase dá a entender que não haviam exemplares sendo comercializados naquele momento.

Em 1934, Cendrars já não conseguia o livro, mesmo tendo-o requisitado a Paulo Prado, figura importante da elite paulista, e a outros de seus amigos brasileiros. O poeta

⁷⁸ “As monstruosidades de um bandido”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 16 set. 1927. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_03&hf=memoria.bn.br&pagfis=31752. Acesso em: 06 dez. 2023.

franco-suíço aponta a possibilidade de o livro ter sido recolhido pela polícia, de seus exemplares terem sido queimados, mas os pesquisadores Pedro Ferrari e Gláucia Soares irão discurrir sobre a falta de evidências acerca dessa informação.

Parece plausível então que essa seja a chave para o mistério: pode ser que o livro não tenha sido recolhido, destruído ou tenha por acaso desaparecido. Parece razoável supor que pouquíssimos exemplares da obra tenham circulado de fato e é por isso que tão poucos restaram, tornando-os tão difíceis de encontrar.

Como já dito, apenas um exemplar de *As Revelações do Príncipe do Fogo* veio à luz e ficou público e acessível, aquele pertencente a Mário de Andrade que serviu de base para a versão atualizada apresentada e como fonte para este trabalho. Porém, existem indícios de outro, no âmbito da comunidade médica, tangente à história da psicanálise do Brasil, teoria que ainda era novidade no Brasil no começo da década de 1920, e que parece ter tido alguma projeção com o caso Febrônio, seja no artigo de *O Jornal* com participação de Leonídio Ribeiro, então docente da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, ou no laudo de Heitor Carrilho, publicado no *Jornal do Commercio*.

A Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) guarda o acervo de Durval Bellegarde Marcondes, médico psiquiatra brasileiro, próximo ao círculo dos modernistas e que chegou a ter um poema publicado na revista *Klaxon*, correspondente de diversas cartas com Freud, que em 1927 fundou a primeira Sociedade Brasileira de Psicanálise. Nesse acervo consta o registro de um exemplar de *As Revelações do Príncipe do Fogo*, assinado – segundo uma imagem da guarda do exemplar – pelo próprio Febrônio⁷⁹, que teria pertencido ao Durval Marcondes. Porém, este não foi encontrado no arquivo e trata-se, possivelmente, de outro exemplar perdido.

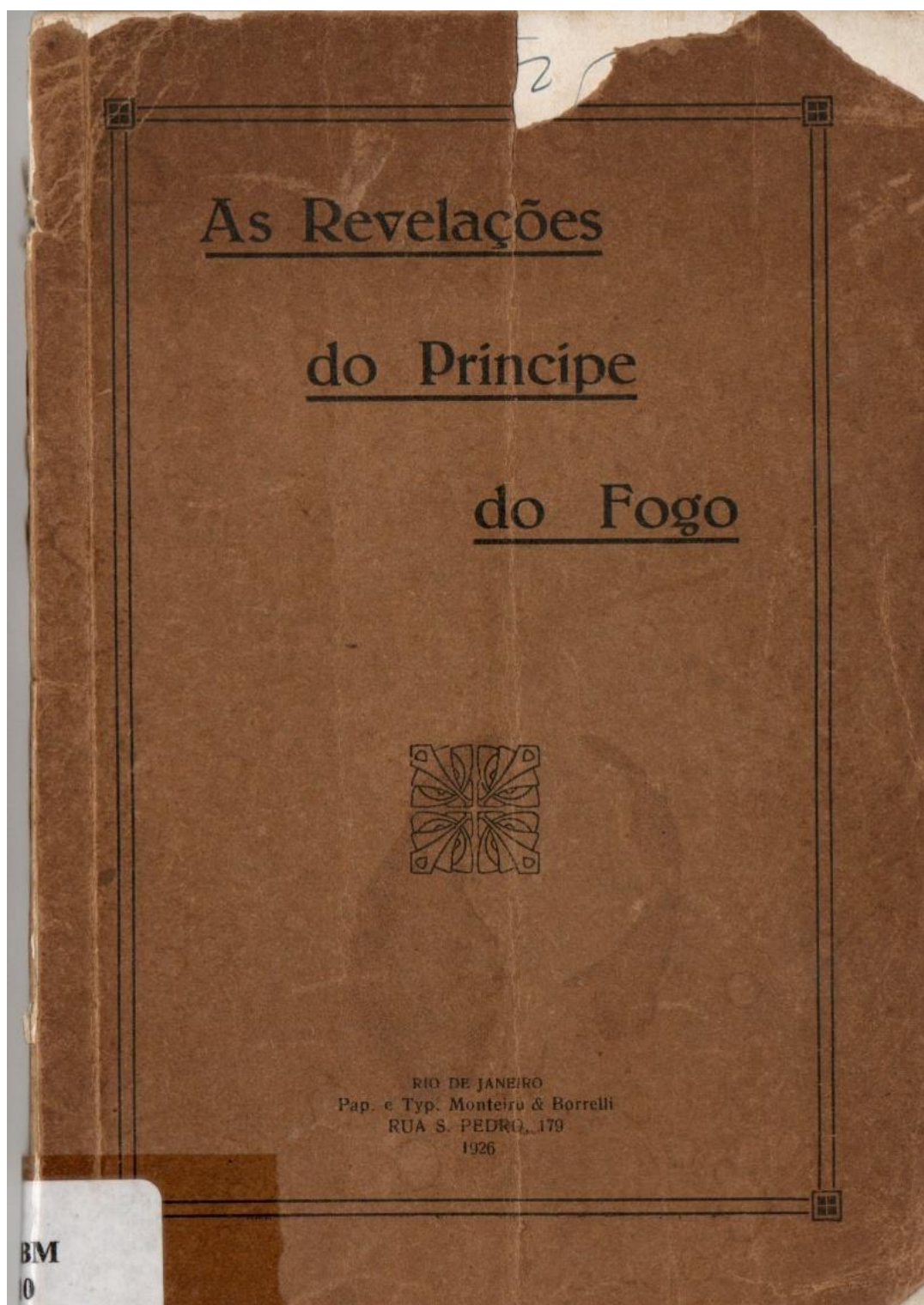
⁷⁹ É possível inferir a autoria da assinatura – na qual se lê “Febrônio Índio do Brasil” – pela comparação com a assinatura de Febrônio veiculada em *O Jornal* de 15 de outubro de 1927.

A psicanálise – disciplina criada por *Sigmund Freud* considerada, à época, uma metodologia médica avançada para compreender a mente humana – foi um recurso mobilizado para avaliar o caso de Febrônio por Heitor Carrilho, Leonídio Ribeiro e Murillo de Campos. Este último, inclusive, participou da fundação da Sociedade de Psicanálise do Rio. A relação entre a psicanálise e Febrônio ganhou destaque, pela SBPSP, ao estar presente na exposição “Brasil: Psicanálise e Modernismo”, realizada no MASP no ano 200; e em uma dupla no catálogo da exposição, com fotos, um trecho citado de Cendrars e um texto chamado “Nosso Schreber: Febrônio”⁸⁰, de Olívio Tavares de Araújo.

Em quatro de setembro de 1927, o jornal *Correio da Manhã* publicou uma afirmação interessante: “Ninguém entende o que o malvado escreveu nessa ‘obra’ da qual ele mandou um exemplar para cada biblioteca”⁸¹. Seguindo essa pista, Gláucia Soares buscou exemplares de *As Revelações do Príncipe do Fogo* em bibliotecas do Rio de Janeiro, inclusive na Biblioteca Nacional.

⁸⁰ Daniel Paul Schreber foi um jurista alemão que publicou, em 1903, o livro *Memórias de um Doente dos Nervos*, um relato pessoal de seus pensamentos e delírios. Essa obra serviu de base para o artigo “Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia”, de Freud, publicado em 1911. A associação é desenvolvida da seguinte forma: “sua história [de Febrônio] lembra-nos a do ilustre magistrado alemão Daniel Paul Schreber [...]. Schreber se considerava destinado a ser a mulher de Deus – com quem geraria uma nova humanidade. Internado num asilo, entrou com uma ação judicial para ser liberado e ganhou. Como parte da argumentação, escreveu um livro espantoso, em que narra com detalhes seus elaboradíssimos delírios. Pouco depois teve que ser reinternado e acabou insano” (ARAÚJO, Olívio T. *Brasil: Psicanálise e Modernismo*. São Paulo: MASP, 2000).

⁸¹ “FEBRONIO, ‘Filho da Luz’ ...”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 04 set. 1927.



Figuras 14: Imagem da capa do exemplar que pertencera a Durval Bellegarde Marcondes, que estava no acervo da SBPSP. Nota-se pelos defeitos que não tem como se tratar do volume de Mário de Andrade.

A partir da mesma referência, durante esta pesquisa se encontraram, de forma inesperada, registros de exemplares em algumas bibliotecas inusitadas. Por meio da plataforma Worldcat.org, um repositório de acervos de bibliotecas, localizaram-se, possivelmente, cinco outros exemplares: nas Biblioteca Nacional da Espanha (BNE), em Madri; Biblioteca Nacional da França (BnF), Paris; Biblioteca Nacional do Reino Unido (BL), Londres; Biblioteca Nacional dos Países Baixos (KB), Haia e na Biblioteca Estatal de Berlim (SBB), Berlim.

Pode-se ter quase certeza da existência dos exemplares registrados, devido a um contato preliminar com essas instituições. Nota-se como a catalogação não foi feita de maneira padronizada, resultando em quatro entradas para dar conta de cinco exemplares do mesmo livro. Na BnF o nome do autor está Fibronio Indio do Brazil, o título *As Revelações do príncipe do fogo*, “Publication: Rio de Janeiro, typ. Monteiro e Borrelli, 1926” e ainda indica que é um exemplar autografado. Já na KS a autoria está assinalada como F Jdo Brazil, não é indicada a casa editorial, mas é a única que marca o idioma da obra, português.

Na BNE não é indicado o escritor, o título está *As Revelações do Príncipe do Fogo* e são indicados os mesmos dados de local, editora e data; da mesma forma que na BL, a não ser pela tipografia que não é referenciada nesta última. Na SBB também não é assinalado autoria, mas aparecem todos outros dados, com incremento de uma categorização interessante de assunto: “Subject heading: *Mystik/ Subject: 77.92 Parapsychologie/ 02.50 Esoterik.

Editores, local e data são informações presentes na capa do livro, por isso são as informações mais comuns. Já há marcação de autor, então deduz-se que a informação presente na instituição francesa advém do autógrafo sinalizado. O caso da KS é semelhante. Para fins de comparação, seguem três assinaturas de Febrônio:

Interessante como é possível perceber as similaridades entre as três, mas também diferenças o suficiente que certificam que o exemplar da Biblioteca Nacional dos Países Baixos não se trata de uma reprodução do exemplar de Durval Bellegarde Marcondes, dando ainda mais estofo à possibilidade de existirem mais exemplares.

Por fim, questiona-se: como a biblioteca alemã chegou a esses assuntos, de forma até acurada? Ainda mais curioso é pensar: como esses exemplares chegaram à Europa? E quando? Existem mais deles? Como Cendrars não conseguiu um exemplar? Ainda não foi elucubrado um modo de prosseguir com essa investigação, porém, certamente é um caminho interessante para seguir as pistas de Febrônio.⁸²

⁸² A análise dos exemplares é um horizonte para uma pesquisa em um futuro próximo.

O Autor Offerece
Cidade do Rio de Janeiro, 31
de Agosto de 1926.
Feltonio Indio do Brazil

Feltonio Indio do Brazil
Brazil, Belle Horizonte, Diamantina
A letra do delinquente

O Autor Offerece
Cidade do Rio de Janeiro, 31
de Agosto de 1926.
Feltonio Indio do Brazil

Figuras 15, 16 e 17: Assinaturas de Febrônio. Respectivamente, assinatura na folha de rosto do exemplar de Durval Bellegarde Marcondes, de *O Jornal* de 15 de outubro de 1927 e presente no exemplar localizado na Biblioteca Nacional dos Países Baixos.

Leitores Ilustres: Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes, neto

Ao estudar a obra de Febrônio Índio do Brasil, *As Revelações do Príncipe do Fogo*¹, nos dias de hoje, é praticamente impossível contornar ou não abordar o Surrealismo. Isso acontece, sobretudo, pois importantes intelectuais brasileiros teriam a aproximado do movimento de André Breton, que ocupava a centralidade do debate artístico na França² nos mesmos anos em que Febrônio era personagem frequente nos jornais brasileiros.

Destaca-se também a escassez bibliográfica sobre o tema. Ainda sobre a vida de Febrônio, em algumas das áreas de conhecimento – como direito, medicina, imprensa etc. – as quais ela tangencia, podem ser encontradas pesquisas, mas que passam ao largo de abordar a possível relação de sua obra com o movimento surrealista³.

¹ [BRASIL, Febrônio Índio]. *As Revelações do Príncipe do Fogo*. Rio de Janeiro: Pap. Monteiro e Borrelli, 1926. Arquivo IEB-USP Fundo/Coleção MA 210 F289r.

² Para fundamentar essa afirmação recorreu-se às citações de dois importantes intelectuais, que englobam justamente o período a que nos referimos. A primeira é uma entrevista de Blaise Cendrars a Sérgio Buarque de Holanda, publicada em *O Jornal* à 23 de setembro de 1927, página 3:

“[Sérgio] – Quais são os escritores mais expressivos do momento literário na França?

[Blaise] – Em minha opinião, os surrealistas. Penso mesmo que esses escritores, que aliás agem sobretudo em conjunto, são os únicos que contam verdadeiramente.” (HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Conversando com Blaise Cendrars – ‘O futuro do homem branco está sobretudo na América do Sul’ – diz o poeta francês ao representante de *O Jornal*”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 23 set. 1927. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_02&pagfis=33997. Acesso em: 23 mar. 2023.) A entrevista também pode ser encontrada em: EULALIO, Alexandre. *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*. 2 ed. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial, 2001. p. 418.

A segunda é o próprio título do ensaio de Walter Benjamin, de 1929, “O Surrealismo: O Último Instantâneo da Inteligência Europeia”.

³ É o caso dos excelentes trabalhos como o de João Silvério Trevisan, *Devassos no Paraíso: A Homossexualidade no Brasil, da Colônia à Atualidade*; e da tese de Pedro Ferrari, *Mosaicos do Filho da Luz: Febrônio Índio do Brasil entre o crime, a redenção e o delírio*.

O artigo “Um Poeta Místico”⁴, de Mário de Andrade, publicado em *O Estado de São Paulo* em novembro de 1939, destaca-se como, senão o primeiro, o mais antigo documento no qual se poderia observar uma aproximação entre *As Revelações* e o Surrealismo, e seria esse, então, o ponto de partida mais óbvio. Contudo, o texto do poeta paulista apresenta especificidades que convém abordar de modo mais detido posteriormente⁵. Por ora, podem-se mencionar três pontos relativos a esse escrito: mesmo publicado anteriormente, a circulação dos outros materiais que serão aqui examinados, lhe antecedeu⁶; a ponte nele estabelecida entre *As Revelações* e o Surrealismo é indireta, pois Mário evoca Lautreamont⁷ – autor d’*Os Cantos de Maldoror*⁸ – ao comentar o estilo de Febrônio; por fim, esta referência ao pseudônimo de Isadore Ducasse não reflete a última vontade do autor modernista, que cortou o trecho na segunda publicação do artigo em 1943.

Partir-se-á da dupla Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes, neto⁹. Apesar de a conexão entre ambos e Febrônio Índio do Brasil ter sido explicitada só em

⁴ ANDRADE, Mário de. Um Poeta Mystico. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 12 nov 1939. Arquivo IEB-USP Fundo/Coleção DRP019, código do documento: 0470.

⁵ Cf. capítulo 5.2 O Príncipe, o Conde e o Papa.

⁶ Isto acontece pois o texto em questão, especificamente na versão de 1939, não foi reeditado desde sua publicação original.

⁷ Pseudônimo de Isadore Ducasse (1846-1870), apesar de nascido no Uruguai, viveu a maior parte da vida na França. Pouco se sabe de sua biografia além do que está presente em alguns poucos documentos como certidão de nascimento, registros escolares e atestado de óbito.

⁸ Sobre *Les Chants de Maldoror* ser uma referência indireta ao Surrealismo, ver capítulo 5.2 O Príncipe, o Conde e o Papa.

⁹ Parece ainda não haver um consenso sobre como escrever-lhe o nome. Nas revistas *Estética* e *Verde* – publicadas em vida do autor – aparece grafado Prudente de Moraes, neto, assim como na tese de Augusto Massi, de 2004. Essa foi a grafia adotada neste trabalho. / Apenas no título, tanto a tese de Massi, *Militante bissexto: o crítico Prudente de Moraes, Neto* (2004), quanto a dissertação *Perfil de Prudente de Moraes, Neto* (2002), de Ana Cláudia Bandeira Barbosa, o ‘N’ aparece em caixa-alta e preserva a vírgula. No corpo do texto ambas usam Prudente de Moraes, neto. / Já Ferreira Gullar, em artigo para a *Folha de S.Paulo*, “Para muitos, ele era o cara” (2009) e Sergio Lima, apenas em “O Movimento Internacional dos Surrealistas e seu Contexto no Brasil” (2008) escrevem Prudente de Moraes Neto; sem a vírgula. / Existem também os que usam Moraes, com ‘i’, de duas formas. Cláudio Willer, em *Surrealismo no Brasil: crítica e criação literária* (2013), e Luiz Nazario, em “Surrealismo no Brasil” (2008), grafam Prudente de Moraes Neto, sem

1978, na primeira edição do livro de Alexandre Eulalio, *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*¹⁰, isto é, muito tempo depois do artigo de Mário de Andrade (pois os intelectuais em questão nunca citaram *As Revelações do Príncipe do Fogo* e seu autor em seus textos, entrevistas ou cartas, ao menos na parte conhecida e editada¹¹, ainda que atuassem na imprensa nos anos que Febrônio tinha destaque nos jornais), o contato de Sérgio e Prudente com Febrônio é bem anterior ao do escritor paulistano, pois compraram seus exemplares da obra das mãos do próprio autor. Essa aquisição só pode ter ocorrido entre 1926, ano de publicação do livro, e 1927, quando ocorre a prisão de Febrônio.

Em *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars* se lê:

Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes, neto, jovens intelectuais daquele momento, consideravam o livro de Febrônio exemplar autóctone do melhor Surrealismo, enquanto escrita automática, transporte lírico e delírio consciente.¹²

Quem revela que tais intelectuais tinham ciência e provavelmente haviam lido *As Revelações do Príncipe do Fogo* é Alexandre Eulalio, que não apresenta a fonte ou o contexto em que obteve esta informação. Então, essa primeira aproximação entre *As Revelações* e o Surrealismo é indireta; é Eulalio quem diz que Sérgio e Prudente tiveram

vírgula. Por fim, Alexandre Eulalio, em *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars* (1978), e Carlos Augusto Calil, em “Aí vem o Febrônio!” (2014), usam Prudente de Moraes, neto.

¹⁰ EULALIO, Alexandre. *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*. São Paulo: Edições Quiron, Brasília: INL, 1978.

¹¹ Não se quer dar a entender que toda a produção de Sérgio Buarque de Holanda e a de Prudente de Moraes, neto, foram consultadas; além das pesquisas para esta dissertação e para anterior monografia, a evidência para tal afirmação pode ser encontrada na ausência dessa referência em todas as publicações que abordam Febrônio citadas na bibliografia. Nesse conjunto, destacam-se, sobretudo, a tese de Pedro Ferrari e a dissertação de Gláucia Soares Bastos.

¹² EULALIO, Alexandre. *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*. 2 ed. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial, 2001. p. 37.

tal leitura da obra. Em nota, em seu artigo publicado à revista *Teresa*, “Aí vem o Febrônio!”¹³, de 2015, escreve Carlos Augusto Calil:

Além de Mário de Andrade, cuja argúcia crítica lhe permitiu apreciar “a mística poética” de Febrônio, o livrinho teve pelo menos dois outros leitores ilustres: Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes, neto, os amigos inseparáveis que nessa época editavam a revista *Estética*. Encantados com a frase “suscitar-vos-ei grandes peixes mansos”, dela ainda recordavam passados mais de quarenta anos. Viam no fraseado de Febrônio uma manifestação espontânea de surrealismo autóctone.¹¹

14

A citação aparece transcrita integralmente, pois será abordada novamente algumas vezes. Reproduz-se também a nota em questão:

“11. Conforme depoimento ao filme *Acaba de chegar ao Brasil o bello poeta francez Blaise Cendrars* (Carlos Augusto Calil, 1972), reproduzido no livro: EULALIO, Alexandre. *A aventura brasileira de Blaise Cendrars*. 2. ed., revista e ampliada por Carlos Augusto Calil. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial, 2001, p. 553.”¹⁵

Calil parafraseia o trecho de *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*, e o atribui ao depoimento de Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes, neto, dado ao filme que dirigiu, referenciado na nota transcrita. Do ponto de vista temporal seria coerente, visto que *Acaba de chegar ao Brasil o bello poeta francez Blaise Cendrars*¹⁶ é de 1972,

¹³ CALIL, C. A. “Aí vem o Febrônio!”. *Teresa*, São Paulo, n. 15, p. 101-116, 2014.

¹⁴ *Idem*, p. 115.

¹⁵ *Idem*, *ibidem*.

¹⁶ ACABA de Chegar ao Brasil o Bello Poeta Francez Blaise Cendrars. Direção de Carlos Augusto Calil. São Paulo: Fitas Brasileiras Produções; Comissão Estadual de Cinema; Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1972. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qg2Orpwld84>. Acesso em: 23 mar. 2023.

e Alexandre Eulalio pudera ter acesso ao material e o acrescentado a seu livro de 1978. Entretanto, Calil indica a página 553 do livro; o que chama atenção, pois nela está a transcrição da íntegra¹⁷ do depoimento de Sérgio e Prudente, no qual eles não falam nada como surrealismo autóctone, escrita automática, transporte lírico consciente¹⁸.

São diversas as explicações possíveis para essa incongruência. A transcrição, provavelmente, é da íntegra do que foi então gravado, e os depoentes podem ter abordado *As Revelações do Príncipe do Fogo* fora das câmeras; e faria sentido que Alexandre Eulalio estivesse presente, visto que ele estava preparando um livro sobre as passagens de Cendrars no Brasil, mesmo tema do filme. Contudo, nada disso é explicitado no artigo de Calil ou em *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*. Na bibliografia disponível, a origem dessa leitura da obra de Febrônio atribuída por Eulalio a Sérgio e Prudente – que não se encontrará à página 553 d’*A Aventura* – não pode ser verificada; essa constatação será importante no aprofundamento da aproximação indicada entre *As Revelações* e o Surrealismo.

Esse mesmo depoimento de ao qual Calil faz referência, constitui a outra ocasião em que tais intelectuais associam *As Revelações do Príncipe do Fogo* ao movimento surrealista. Apesar de ter sido concedido para o filme *Acaba de chegar ao Brasil o bello poeta francez Blaise Cendrars*, em quinze de outubro de 1971, o trecho em que Febrônio e sua obra são abordados ficou de fora de seu corte final. A transcrição integral só foi publicada em 2001, na segunda edição do livro de Alexandre Eulalio, revista e ampliada por Carlos Augusto Calil.

¹⁷ Conforme informa o próprio Carlos Augusto Calil em: CALIL, C. A. Cendrars: Fita e Realidade. In: EULALIO, Alexandre. *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*. 2 ed. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial, 2001. p. 521.

¹⁸ Todo o trecho em que se fala de Febrônio Índio do Brasil e d’*As Revelações do Príncipe do Fogo* está reproduzido a seguir.

A seguir, está transcrito o trecho completo em que são citados Febrônio e seu livro, justamente à página 553 da segunda edição de *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*.

PRUDENTE: [...] Aliás outra personagem nossa que o impressionou muito foi Febrônio Índio do Brasil. Ele estava aqui quando irrompeu o escândalo de Febrônio.

SÉRGIO: Cendrars ficou muito entusiasmado com o Febrônio. Tinha até o livro dele¹.

PRUDENTE: Você se lembra como é que nós adquirimos os exemplares do livro do Febrônio? O episódio tem certo seu interesse. Eu estava com o Sérgio e nós fomos tomar um cafezinho perto do local onde eu tinha escritório, Buenos Aires esquina com Primeiro de Março. Estávamos conversando, sentados, quando chegou um sujeito com diversos fascículos e nos ofereceu para comprar.

SÉRGIO: Um livro de capa verde, em estilo bíblico... Uma coisa surrealista, completamente louca.

PRUDENTE: Eu então folheei, li, achei engraçadas várias coisas que estavam escritas ali e comprei. Era barato, custava parece que dois mil-réis. Pouco tempo depois foi identificado o Febrônio como autor de vários crimes que tinham sido cometidos naquela ocasião e que estavam intrigando a Polícia. Publicado o retrato do criminoso nós o identificamos como o sujeito que estava vendendo. Ele próprio nos vendeu o livro. Febrônio era uma figura extraordinária. Um dos crimes dele foi praticado em Niterói. Ele trouxe para o Rio o crânio da vítima embrulhado em jornal. Atravessou a baía, saltou no ponto das barcas, subiu a rua São José correndo em todas as lojas – a rua São José era então uma rua de grande comércio com casas de todos os ramos e de todos os gêneros. Correu todas aquelas lojas, pedindo uma lata ou uma caixa. Dizia: ‘Estou trazendo aqui um crânio e queria uma caixa para guardar o crânio’. Pois bem: os comerciantes todos o atenderam, não deram a lata ou a caixa porque não tinham, e o Febrônio só conseguiu uma já perto da avenida Central. Não causou a menor curiosidade, ninguém se interessou em saber porque é que ele tinha o crânio, como é que o havia conseguido, o que era aquilo.

SÉRGIO: O Cendrars ficou entusiasmado com o Febrônio, queria ver o Febrônio. Era no tempo do Washington Luís. Ele falou com Paulo Prado, que pediu a seu irmão, Antônio Prado Júnior, prefeito do Distrito Federal, conseguindo uma autorização especial, que era muito difícil de conseguir, para conversar com Febrônio. Parece que ele ainda está preso hoje. Eu me lembro até que Prudente fez um manifesto com uma epígrafe assim: ‘Suscitar-vos-ei grandes peixes mansos e um enorme lambari.’² Febrônio Índio do Brasil’.

PRUDENTE: Isso mesmo. Preparou-se um manifesto para sair na revista dos moços de Cataguases, a *VERDE*. Esse versículo dos ‘peixes mansos’ despertou grande interesse. O Rodrigo [M. F. de Andrade] gostou muito, o Manuel [Bandeira] também. Aliás você perdeu uma página do manifesto.

[...]

1. Cendrars tentou, sem sucesso, obter um exemplar do livro de Febrônio. Cf. ‘Tempo Brasileiro’, 1934: 2 de agosto, p. 336; e a carta a Paulo Prado da mesma data na seção “Moncherpaul” neste volume.

2. A citação do historiador na verdade combina duas expressões distintas de *As Revelações do Príncipe do Fogo*: ‘suscitar-vos-ei grandes peixes mansos, lindos em escamas’ (p. 3) e ‘dar-vos-ei grandes peixes e um Lambari que é o teu filhinho...’ (p. 62). Cf. [BRASIL, Febrônio Índio]. op. cit. Rio de Janeiro: Pap. E Typ. Monteiro e Borrelli, 1926. [IEB: Biblioteca de Mário de Andrade].”¹⁹

Destaca-se que o único trecho em que se faz algum tipo de valoração da obra de Febrônio é a seguinte fala de Sérgio Buarque de Holanda: “em estilo bíblico... Uma coisa surrealista, completamente louca”²⁰. Nesse excerto, portanto, está explícita a segunda aproximação entre *As Revelações do Príncipe do Fogo* e Surrealismo.

Antes de abordar mais pormenorizadamente os dois trechos apresentados até aqui, nos quais a associação entre a obra de Febrônio e o movimento de Breton é estabelecida

¹⁹ EULALIO, Alexandre. *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*. 2 ed. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial, 2001. p. 553-555.

²⁰ *Idem*. p. 553.

– o primeiro, publicado pela primeira vez em 1978 na primeira edição de *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*; e o segundo, em 2001, na segunda edição – é interessante abordar uma outra parte do depoimento. Tanto Sérgio quanto Prudente fazem referência a um manifesto escrito pelo segundo para a publicação na revista *Verde*, com uma epígrafe que juntava dois trechos do *Revelações* – conforme a nota interna dois, do texto transcrito acima – e relatava a autoria de Febrônio Índio do Brasil. O manifesto em questão teria, não somente sido escrito, mas também lido por Rodrigo Melo Franco de Andrade e Manuel Bandeira. Prudente também lembra que Sérgio teria perdido uma página deste escrito, o que não é contestado – é importante destacar que, no momento da fala, os fatos em questão já estavam há mais de quarenta anos no passado.

Em paralelo, no número três da revista *Verde*, de novembro de 1927, há, nas últimas páginas, uma seção não nomeada dedicada a informar as publicações vindouras na edição seguinte, onde se lê: “No próximo número [...] publicaremos trabalhos inéditos de [...] Prudente de Moraes, neto”²¹. No número quatro, de dezembro de 1927, não aparece texto de Prudente de Moraes, neto, assim como nos números seguintes – a revista terminou no número 5 e teve uma tentativa de retorno, a “segunda fase”, que teve apenas um número em 1929. Não poderia ser o manifesto referido no depoimento o texto de Prudente de Moraes, neto, que seria publicado ao quarto número da revista *Verde*, e não o foi devido à página perdida? Isso é apenas uma especulação, cuja elucidação não se faz possível, a não ser que venham à luz documentos ainda desconhecidos. Se, anteriormente, foi dito que Sérgio e Prudente nunca publicaram nada sobre Febrônio, pode ser que – outra ilação –, ao menos Prudente, quase o tenha feito ainda em 1927.

²¹ VERDE, Cataguazes, n. 3, nov. 1927. p. 27. In: PUNTONI, Pedro; TITAN JÚNIOR, Samuel (Org.). *Revistas do Modernismo 1922-1929*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2015.

Fiando-se então nos comentários sobre *As Revelações do Príncipe do Fogo* produzidos por ambos intelectuais, que o compraram das mãos do próprio Febrônio, bem como partindo do trecho do depoimento, pois se trata daquele de autoria mais confiável, tem-se a frase dita por Sérgio Buarque de Holanda “Uma coisa surrealista, completamente louca”²², o que não parece ser uma avaliação estética do livro, mas sim um comentário corriqueiro.

Ao dizer “coisa [...] completamente louca”, é provável que Sérgio Buarque estivesse contaminado pelo que soube do caso na época em que ele era noticiado fartamente – nos últimos anos da década de 1920 e depois, na ocasião da fuga de Febrônio do Manicômio Judiciário do Rio de Janeiro²³ em 1935 –, com destaque para a associação do réu com a loucura, algo muito explorado pela imprensa quando sentenciada sua absolvição perante a justiça.²⁴ Esse processo o conduziu à internação psiquiátrica, e, no momento da fuga, em que manicômio e sinônimos estavam sempre acompanhando seu nome. Observe como Prudente lembra justamente de uma das histórias absurdas acerca do personagem. Vale destacar que esta fala é de 1971, décadas após o contato dos intelectuais com Febrônio e seu livro.

Outra possibilidade é que o historiador pode estar se referindo a um suposto descolamento da realidade do que é dito no livro – que cria uma mitologia própria,

²² EULALIO, Alexandre. *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*. 2 ed. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial, 2001. p. 553.

²³ O Manicômio Judiciário do Rio de Janeiro foi a primeira instituição do tipo no Brasil e, posteriormente, recebeu o nome de Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico Heitor Carrilho, nome de seu primeiro diretor e médico responsável pelo laudo que declara a inimputabilidade de Febrônio.

²⁴ Lembrando que Febrônio Índio do Brasil é a primeira pessoa considerada inapta de ser responsabilizada pelos seus atos e, assim, receber uma pena alternativa, no caso, a internação psiquiátrica. O entendimento e o termo usado no julgamento para se referir à sentença de inimputabilidade era absolvição, como se pode ver na condenação pelo juiz Ary de Azevedo “julgo improcedente a denúncia e absolvo Febrônio Índio do Brasil da acusação que lhe foi intentada”. Processo Criminal de Febrônio Índio do Brasil, 1927. apud: FERRARI, Pedro F. M. G. *Mosaicos do Filho da Luz: Febrônio Índio do Brasil entre o crime, a redenção e o delírio*. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2013. p. 266.

atrelada à católica – sem atribuir a isso o selo de ficção. Mas, se o Príncipe do Fogo, o enunciador, afirma que teve uma revelação, como se poderia negar ou validar o que foi escrito nesse caso? Não seria a Bíblia uma coisa completamente louca?

Vale apontar que, apesar de problemas de coesão e de coerência, *As Revelações* têm um sentido interno e seu propósito fica explícito. Mário de Andrade fez uma leitura do discurso construído pela obra e, mais recentemente, Pedro Ferrari realiza, em sua tese, uma interpretação do livro como o único registro de discurso de Febrônio acerca de si mesmo. Além disso, provavelmente “completamente louca” não faz referência de modo específico ao estilo do texto de Febrônio, pois antes o historiador já havia caracterizado este como “bíblico”; Cendrars, Mário e Ferrari corroboram essa última leitura expressa por Sérgio Buarque.²⁵

Já quando usa o termo “surrealista”, Sérgio Buarque de Holanda não dá detalhes sobre quais traços do movimento estariam presentes em *As Revelações do Príncipe do Fogo*. Tal enquadramento parece estar vinculado à expressão “completamente louca”. Ainda que houvesse um interesse dos surrealistas pela loucura – “O estudo de suas divagações [dos alienados] amplia sensivelmente o domínio do conhecimento e nos afasta

²⁵ Apesar de Cendrars reiterar em seu texto que “Febrônio era um grande leitor da Bíblia”, o poeta não chegou a ler o livro, porém teve acesso a alguns trechos, segundo ele, transcritos num jornal local. Além de citar tais excertos em seu artigo, o francês replica também o comentário do jornalista comentando *As Revelações*: “As profecias de Febrônio Índio do Brasil são um documento único [...] pode-se salientar uma grande influência da Bíblia, da qual Febrônio sempre foi um grande leitor na prisão”. (Os dois trechos citados estão, respectivamente, às páginas 171 e 182 de CENDRARS, Blaise. *Etc... Etc...(Um Livro 100% Brasileiro)*. São Paulo: Perspectiva, 1976. / Já em “Um Poeta Místico” lê-se: “A todo momento ele cita a Bíblia com bem imitada indicação bibliográfica” (ANDRADE, Mário de. *Um Poeta Místico*. Modernizado. In: NOVAES, Adam H. *As Revelações do Príncipe do Fogo*: Edição Modernizada. Monografia – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. p. 178.) / Em sua tese, diz Pedro Ferrari: “as referências bíblicas traçadas por Febrônio transcendem as meras citações diretas e terminam por abranger seu texto de modo mais intenso, apesar de sutil.” (FERRARI, Pedro F. M. G. *op. cit.* p. 147.)

da realidade prática e limitada”²⁶, segundo Yves Duplessis²⁷ em seu livro *O Surrealismo*, de 1950 –, esse interesse era metódico.

A fala de Sérgio também pode ser interpretada como: “uma coisa surrealista [e] completamente louca”, desfazendo a relação surreal-loucura, nesse caso, as possíveis relações entre as técnicas surrealistas e o estilo d’*As Revelações* serão abordadas juntamente com o comentário acerca da leitura desta presente na obra que Alexandre Eulálio.

Essa avaliação da obra de Febrônio atribuída a Sérgio e Prudente se mostra mais específica, citando recursos estéticos característicos do Surrealismo, ao afirmar que eles consideravam o livro como “exemplar autóctone do melhor surrealismo, enquanto escrita automática, transporte lírico e delírio consciente”²⁸. No bojo dessa afirmação, pode-se dizer que “transporte lírico”²⁹ não seria propriamente um conceito ou uma ferramenta idealizada pelos surrealistas, mas sim uma expressão usada nos estudos literários para qualificar um texto poético em que o sujeito lírico escapa do contexto do objeto literário, levando consigo o leitor, para algum lugar, época ou situação outros. Possivelmente, no caso em questão, esse deslocamento se refere à capacidade do texto de inserir o público nessa nova mitologia católica proposta, sem se desviar para outro lugar ou tempo. As

²⁶ DUPLESSIS, Yves. *O Surrealismo*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1963. p. 39.

²⁷ O mais comum é encontrar o nome da autora como Yvonne Duplessis, porém, em algumas edições francesas está Yves, assim como na tradução brasileira.

²⁸ EULALIO, Alexandre. *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*. São Paulo: Edições Quiron, Brasília: INL, 1978, p. 31.

²⁹ Não foi encontrada uma definição objetiva para “transporte lírico”, mas a expressão é comumente usada em trabalhos acadêmicos, dessa forma, a conceituação apresentada é baseada no uso da expressão em outros textos, como, por exemplo: MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 2000. p. 178. / JAFFE, Noemi. *Do princípio às criaturas: análise de 'A Cidade e os Livros' de Antonio Cícero*. 2007. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. p. 29; 71. / BOSI, Viviana. *A carne, a arte arde, a tarde cai*. 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/44683661/A_carne_a_arte_arde_a_tarde_cai_homenagem_a_Armando_Freitas_Filho_80_anos. Acesso em: 27 ago. 2024.

Revelações encontram-se completamente devotadas a transmitir a mensagem do Príncipe do Fogo.

Já “escrita automática” e “delírio consciente” são noções diretamente ligadas ao Surrealismo. Para falar da primeira, mostra-se prudente começar com uma citação de Louis Aragon: “Se escreverem, seguindo um método surrealista, tristes imbecilidades, são tristes imbecilidades.”³⁰ A partir dessa citação já se afasta a apreciação errônea de que qualquer resultado da escrita automática equivaleria a uma obra surrealista, sendo que, na verdade existiria uma visão crítica ao se avaliar tais “produtos do subconsciente”. – e é para esclarecer essa confusão que o poeta surrealista escreve essa declaração.

A técnica da escrita automática, primeira prática proposta pelo grupo de Breton, era, inclusive, chamada, metonimicamente, de Surrealismo nos primeiros anos do movimento, para se ter ideia de sua importância. Trata-se ao mesmo tempo de uma prática – escrever sem a interferência do racional –, como o processo de suprimir o consciente para atingi-la. Conforme define o próprio Breton:

Composição surrealista escrita [...]

Ponham-se no estado mais passivo, ou receptivo que puderem. Façam abstração do seu gênio, de seus talentos e dos de todos os outros. [...]. Escreva depressa, sem um assunto preconcebido, bastante depressa para não conterem e não serem tentados a reler. ”³¹

Surrealismo. s.m. Automatismo psíquico puro pelo qual se exprime, quer verbalmente, quer por escrito, quer de outra maneira, o funcionamento real do pensamento. Ditado do pensamento, na ausência

³⁰ ARAGON, Louis. *Traité du Style*. 1928. apud NADEAU, Maurice. *História do Surrealismo*. São Paulo: Perspectiva, 1985. p. 57.

³¹ BRETON, André. *Manifesto do Surrealismo*. 1924. In: In: TELLES, G. Mendonça. *Vanguardas Europeias e Modernismo Brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 194.

de qualquer controle exercido pela razão, fora do âmbito de qualquer preocupação estética ou moral.³²

Yves Duplessis apresenta um trecho escrito por meio desta técnica, do livro *Le Champs Magnétiques*³³, de André Breton e Philippe Soupault:

Nossa prisão é construída de livros amados, mas não podemos mais nos evadir por causa de todos estes odores apaixonados que nos adormecem... Todo mundo pode passar neste corredor ensanguentado, onde estão pendurados nossos pecados, quadro delicioso em que, no entanto, predomina o cinza.³⁴

O que parece ser a chave de leitura mais imediata de um texto como o apresentado diz respeito à metáfora alusiva, sugerida pelas construções “absurdas” como “prisão de livros amados”, “quadro de pecados”. Olhando para esse excerto, mostra-se difícil vislumbrar uma relação dele com o texto d’*As Revelações*, que não é nada metafórico.

Porém, a escrita automática não se reflete necessariamente em textos cifrados em metáforas. Uma passagem de Breton sobre sua inspiração para a elaboração desse método pode ser a chave para compreender a leitura de *As Revelações do Príncipe do Fogo* atribuída a Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes, neto.

resolvi obter de mim mesmo [...] um monólogo de facilidade de falar tão rápida quanto possível, sobre o qual o espírito crítico do sujeito não fala qualquer julgamento, não se deixe embaraçar por qualquer reticência, e que seja o mais exato possível possível o *pensamento falado*.³⁵

³² BRETON, André. apud NADEAU, Maurice. op. cit., p. 55.

³³ Sem tradução integral para o português.

³⁴ BRETON, André; SOUPAULT, Philippe. *Le Champs Magnetiques*. 1920. apud DUPLESSIS, Yves. op. cit., p. 49.

³⁵ BRETON, André. *Manifesto do Surrealismo*. 1924. In: In: TELLES, G. Mendonça. *Vanguardas Europeias e Modernismo Brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 189.

O sintagma em realce remete ao caráter oral, de pregação, do texto de Febrônio, como é destacado por Mário de Andrade: “perfeitamente identificável aos pregadores protestantizados do Jardim da Luz”³⁶. Alguns traços que evidenciam o caráter falado do texto são o uso de vocativos, as evocações – usados em conjunto, conforme os exemplos: “ó mares do Santuário”³⁷; “ó animais inconcupiscentes”³⁸; “ó almas viventes”³⁹ –, assim como a frase que usa de conclusão em cada uma de suas mensagens, que juntas compõem o livro: “testifico e dou testemunho”. Pode ser que, ao se depararem com esse tom de pregação, os intelectuais em questão o teriam entendido como escrita automática.

Anteriormente, abordou-se o interesse dos surrealistas pelos estados de loucura. A escrita automática seria natural à expressão dos alienados – na concepção dos surrealistas da primeira metade do século XX – pois já possuiriam a supressão do consciente, do racional. Conforme Yves Duplessis, “Nos estados de sonho e loucura, o inconsciente se manifesta de maneira espontânea, pelo relaxamento de toda a atividade de controle, e a escrita automática permite transcrever suas mensagens.”⁴⁰

Dessa maneira, escrita automática e delírio consciente, como foram usados para caracterizar o texto de Febrônio, se complementam; como se, em seu processo de composição, o Príncipe do Fogo não só “falasse” rápido, escapando da interferência do consciente, mas também como se o que é dito por ele estivesse além da realidade, podendo ser caracterizado como suprarreal, sobrerreal.

³⁶ ANDRADE, Mário de. “Um Poeta Místico”. Modernizado. In: NOVAES, Adam H. *As Revelações do Príncipe do Fogo*: Edição Modernizada. Monografia – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. p. 178.

³⁷ [BRASIL, Febrônio Índio]. *As Revelações do Príncipe do Fogo*. Rio de Janeiro: Pap. Monteiro e Borrelli, 1926. Arquivo IEB-USP Fundo/Coleção MA 210 F289r. p. 3.

³⁸ *Idem*, p. 9.

³⁹ *Idem*, p. 11.

⁴⁰ DUPLESSIS, Yves. *op. cit.*, p. 48.

Essas valorações estéticas parecem não levar em conta a possibilidade – talvez até desconhecida por seus enunciadores – de que o livro de Febrônio não é literário. Seria um testamento ou um breviário, sendo ou não real a revelação; nesse caso, não seria exemplar de escrita automática, mas sim de inspiração divina; ou, se não havia intencionalidade de “registrar o produto do subconsciente”, não se trataria de um delírio consciente, mas apenas de um delírio.

Também é necessário levar em conta que, apesar da tentativa de compreender como *As Revelações do Príncipe do Fogo* poderia ser caracterizada como fruto de escrita automática e delírio consciente – técnicas surrealistas –, é preciso lembrar que não há evidência de que esses traços teriam sido percebidos por Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes, neto além da afirmação de Alexandre Eulálio, que muito provavelmente também não teve contato com a obra de Febrônio para além dos trechos recuperados em jornais. Ou seja, não é possível saber se escrita automática e delírio consciente realmente teriam sido características evocadas pela leitura do texto do Príncipe do Fogo.

E o que poderia significar “exemplar autóctone do melhor Surrealismo”? Parece sugerir que os dois intelectuais modernistas reconheciam em *As Revelações do Príncipe do Fogo* uma manifestação surrealista independente e alheia ao movimento de Breton, um Surrealismo natural do Brasil sem a influência francesa, como se reinventado ou redescoberto.

Nota-se como é densa essa leitura que Alexandre Eulálio atribui a Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes, neto. Acerca disso, chama atenção uma consideração de Carlos Augusto Calil: “Encantados com a frase ‘suscitar-vos-ei grandes peixes mansos’, dela ainda recordavam passados mais de quarenta anos.”⁴¹

⁴¹ CALIL, C. A. “Aí vem o Febrônio!”. *Teresa*, São Paulo, n. 15, p. 101-116, 2014, p. 115.

Primeiro, se eles lembravam da frase passados quarenta anos, pode-se aferir que não possuíam mais o livro de Febrônio desde os primeiros anos da década de 1930. Caso contrário, eles poderiam ter lido a obra outras vezes, até décadas depois, ainda que não tivessem mais o exemplar no momento do depoimento. Assim, não estariam se recordando da leitura de quarenta anos atrás. Sobre quando ou como perderam o exemplar de *As Revelações do Príncipe do Fogo*, isso não figura como assunto no depoimento transcrito em *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*. Tais informações e suas fontes são importantíssimas para se descobrir como esse livro ficou tanto tempo perdido. Por que Cendrars nunca conseguiu um exemplar da obra? Quem seria o “amigo que forneceu o exemplar”⁴² a Mário de Andrade?

Em segundo lugar, considerando ser o caso de quatro décadas distanciarem a leitura referida por Calil do depoimento, impõe-se a dúvida: Sérgio e Prudente se lembrariam tanto do livro de Febrônio, sobre o qual nunca escreveram, a ponto de fazerem aquele comentário que lhes atribui Alexandre Eulálio? É o depoimento de 1971, a mesma situação em que teriam comentado tal obra, em que está o relato do que recordavam do final dos anos 1920.

Lembravam do “livrinho de capa verde”, da situação em que o compraram – não há como averiguar se Febrônio o vendia ou não naquela região –, e do manifesto que escreveram, inclusive da epígrafe. Sobre o conteúdo do livro, somente aquela fala de Sérgio Buarque de Holanda já abordada; já Prudente de Moraes, neto, lembra de uma das histórias macabras que circulavam acerca de Febrônio na imprensa e provavelmente, no boca a boca. Se, sobre o caso assassino se recordam de generalidades e factoides, lembram, também, de detalhes específicos sobre o manifesto de Prudente. Assim, no

⁴² ANDRADE, Mário de. “Um Poeta Místico”. Modernizado. In: NOVAES, Adam H. *As Revelações do Príncipe do Fogo*: Edição Modernizada. Monografia – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. p. 178.

contexto deste trabalho, fica sem solução a questão se aquele comentário foi de algum dos editores da *Estética*.

Além de Mário de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes, neto, o outro intelectual que associa *As Revelações do Príncipe do Fogo* ao Surrealismo é Sergio Lima, artista, tradutor e pesquisador do Surrealismo, movimento com o qual está envolvido desde os anos 1950.

Sua tese considera que a gênese do Surrealismo no Brasil se deu por meio de três livros próximos temporalmente, todos perdidos – recolhidos e destruídos pela polícia⁴³. Isso teria atrasado o florescer do movimento no Brasil em cerca de duas ou três décadas⁴⁴. São eles *As Revelações do Príncipe do Fogo*, de Febrônio Índio do Brasil; *O Almirante Negro*⁴⁵, de Benjamin Péret; e *Sinal de Partida*⁴⁶, de Mário Pedrosa. Essa hipótese de Sergio de Lima é apresentada em ao menos três livros importantes da bibliografia acerca do Surrealismo em língua portuguesa: em seu artigo “Notas Acerca do Movimento

⁴³ Conforme abordado no capítulo 3.2 *As Revelações do Príncipe do Fogo*, não há documentos sobre essa suposta apreensão e destruição do livro de Febrônio.

⁴⁴ “Período primeiro [do Surrealismo no Brasil] dos ‘20/’30, durante o qual existe uma influência verificável, notável até eu diria, se não fosse a destruição de três obras chaves para este início: *Ponto de Partida*, de Pedrosa, *O Príncipe do Fogo*, de Febrônio Índio do Brasil, e *O Almirante Negro*, de Péret. [...] / O segundo período define-se com a volta de Maria Martins (seu retorno nos ‘50, sua primeira retrospectiva apresentada por Péret, Breton e Murilo Mendes ‘55) e do grupo surrealista de S. Paulo/Rio de Janeiro (1965-1969).” (LIMA, Sergio. *Notas Acerca do Movimento Surrealista no Brasil: Dos anos 20 até os dias de hoje*. [200-?]. Disponível em: https://www.triplov.com/surreal/sergio_lima.html. Acesso em: 27 ago. 2024.)

⁴⁵ De *L’Amiral Noir* sobraram apenas quatro páginas – ou três dependendo da fonte bibliográfica –, o livro seria um ensaio sobre João Cândido e a Revolta da Chibata escrita intercalando português e francês. Quem atestaria o surrealismo da obra, segundo Sergio Lima, seriam Lívio Xavier e Mário Pedrosa. Cf. LIMA, Sergio. “O Movimento Internacional dos Surrealistas e seu Contexto no Brasil”. In: GUINSBURG, J.; LEIRNER, S. (Org.). *O Surrealismo*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

⁴⁶ O livro teria sido escrito em 1926, enquanto Mário Pedrosa estivera estudando em Berlim, e apreendido e destruído depois de sua volta ao Brasil, pela polícia varguista. Sergio Lima se refere a essa obra inédita de Mário Pedrosa de duas formas: Como *Ponto de Partida* em *Notas Acerca do Movimento Surrealista no Brasil: Dos anos 20 até os dias de hoje* e “O Movimento Internacional dos Surrealistas e seu Contexto no Brasil”; e como *Sinal de Partida* em *A Aventura Surrealista* e em “Surrealismo no Brasil: Mestiçagem e Sequestros”.

Surrealista no Brasil”⁴⁷, que integra o livro *A Estrela da Manhã*⁴⁸, de Michael Löwy, publicado no Brasil em 2002; em *O Surrealismo*⁴⁹, de 2008, com o artigo “Surrealismo no Brasil: Mestiçagem e Sequestros”⁵⁰; e em seu livro *A Aventura Surrealista*: tomo 2: primeira parte: História sincrônica e essencial cronologia crítica do Surrealismo no Brasil⁵¹, de 2010.

Sergio Lima não chegou a publicar comentário estético ou texto crítico sobre *As Revelações do Príncipe do Fogo*⁵²; inclusive, quando escreveu o artigo que integra o livro de Löwy, em 2001, ele, provavelmente, não tivera acesso à íntegra da obra de Febrônio, então recém-encontrada por Calil no acervo do IEB. Para afirmar que *As Revelações do Príncipe do Fogo* enquadravam-se como uma obra surrealista, possivelmente o autor se fiava nos trechos “transcritos” por Cendrars⁵³ e na leitura de Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes, neto, presente em *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*. É possível que tivera acesso não só à valoração atribuída por Eulálio, em 1978; mas também ao depoimento dos intelectuais, na segunda edição, de 2001, mesmo ano de seu *paper*. Lê-se em “O Movimento Internacional dos Surrealistas e seu Contexto no Brasil”, artigo

⁴⁷ LIMA, “Sergio. Notas acerca do Movimento Surrealista no Brasil”. In: LÖWY, Michael. *A Estrela da Manhã: Surrealismo e Marxismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

O autor não aprova as intervenções editoriais feitas em seu texto nessa edição. Dessa forma, recomenda-se usar o texto completo em: *Notas Acerca do Movimento Surrealista no Brasil: Dos anos 20 até os dias de hoje*. [200-?]. Disponível em: https://www.triplov.com/surreal/sergio_lima.html. Acesso em: 16 maio 2021. Ou conferir a nova edição de *A Estrela da Manhã*, com a versão revisada e atualizada do texto de Sergio Lima: LÖWY, Michael. *A Estrela da Manhã: Surrealismo e Marxismo*. São Paulo: Boitempo, 2018.

⁴⁸ LÖWY, Michael. *A Estrela da Manhã: Surrealismo e Marxismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

⁴⁹ LIMA, Sergio. “Surrealismo no Brasil: Mestiçagem e Sequestros”. In: PONGE, Robert. *Surrealismo e o Novo Mundo*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1999.

⁵⁰ PONGE, Robert. *Surrealismo e o Novo Mundo*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1999.

⁵¹ LIMA, Sergio. *A Aventura Surrealista*: tomo 2: primeira parte: História sincrônica e essencial cronologia crítica do Surrealismo no Brasil. São Paulo: Edusp, 2010.

⁵² Material que integraria a *A Aventura Surrealista*: tomo 2: segunda parte, ou/e *A Aventura Surrealista*: tomo 3.

⁵³ Cf. CENDRARS, Blaise. *Etc... Etc...(Um Livro 100% Brasileiro)*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

seu de 2008: “[*As Revelações do Príncipe do Fogo*] são autenticamente surrealistas, segundo depoimentos de [...] Blaise Cendrars (e Sérgio Buarque de Holanda)”⁵⁴. No entanto, Sergio Lima não dá a referência desses depoimentos, mas deduz-se que o do autor de *Raízes do Brasil* seja o que foi abordado nesse capítulo. Porém, não há evidências de algum texto ou fala de Cendrars que considere o livro de Febrônio como surrealista.

Parece clara a relação da tese de Lima com a ideia de um surrealismo autóctone, possivelmente influenciada pela obra de Eulálio. Fica explícito como essa interpretação da obra de Febrônio poderia motivar uma releitura da história do movimento surrealista no Brasil e da história do próprio modernismo de 1922, o que evidencia a força e importância que essa conclusão atribuída a Sérgio e Prudente têm, ainda mais quando associada também a um poeta tão relevante como Cendrars.

Por fim, vale destacar outros dois intelectuais que fizeram as vezes de difundir essa associação entre *As Revelações do Príncipe do Fogo* e o Surrealismo, mesmo que indiretamente, em especial reproduzindo a voz de Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes, neto, que são Alexandre Eulálio e Carlos Augusto Calil. Suas obras – em especial a versão ampliada de *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*, mas também o artigo e o filme do Calil – são tão relevantes e incontornáveis para quem vai estudar Febrônio, e isso se demonstra pelo tanto que esses trabalhos são citados em quase todo estudo que tangencie o tema, que acabam carregando e popularizando essa sugestão de que os intelectuais modernistas leram *As Revelações* como uma obra surrealista.

Sendo ou não de autoria de Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes, neto, fato é que a frase “exemplar autóctone do melhor Surrealismo, enquanto escrita automática, transporte lírico e delírio consciente” – que não consta na íntegra da entrevista

⁵⁴ LIMA, Sergio. “O Movimento Internacional dos Surrealistas e seu Contexto no Brasil”. In: GUINSBURG, J.; LEIRNER, S. (Org.). *O Surrealismo*. São Paulo: Perspectiva, 2008. p. 230.

– circula fartamente atribuída a eles; ela chega a ser reforçada por Calil – “Viam no fraseado de Febrônio uma manifestação espontânea de surrealismo autóctone” – como já visto. E é provável que a defesa de um Febrônio surrealista feita por Sergio Lima desde os anos 1990 se deva a essa citação, para se ter uma dimensão do quanto essa ideia se difundiu.

Mário de Andrade

Mário de Andrade e o Surrealismo

O objetivo deste capítulo é tentar compreender o que Mário de Andrade entendia por Surrealismo, para, posteriormente, analisar seu artigo sobre *As Revelações do Príncipe do Fogo*. Para tanto, é necessário ter em mente que os documentos abordados e seu autor são contemporâneos ao movimento francês e seu desenvolvimento, e que a falta de distanciamento histórico é um fator limitante na compreensão de algum fenômeno. Além disso, notou-se que o poeta modernista se utiliza de ideias autorais – como é o caso do *harmonismo* – e de conceitos para os quais tem uma definição própria – por vezes não canônica –, porém optou-se por se ater a seu ideário sem abordar as possíveis fontes e influências que servem de base para seus argumentos.

Traçar a relação entre Mário de Andrade e o Surrealismo não é uma tarefa fácil. Isso ocorre devido à grande quantidade de material que o escritor paulista nos legou, não somente de sua autoria, como livros, cartas, artigos em periódicos e até uma espécie de enciclopédia pessoal, mas também os itens de terceiros que compunham sua biblioteca particular. Seria necessário buscar em todo esse vasto conjunto alusões ou citações diretas ao movimento surrealista ou a seus autores, o que renderia uma dissertação inteira; e, de fato, esse é o cerne do trabalho de Isabel Gasparri *Mário de Andrade e a Literatura Surrealista*¹, defendido em 2008.

É com base na documentação indexada em tal pesquisa – cartas, críticas literárias, fichas, escritas por Mário de Andrade –, analisadas, todavia, à luz de outros trabalhos

¹ GASPARRI, Isabel. *Mário de Andrade e a Literatura Surrealista*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-08082011-161549/publico/IsabelGasparri.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2024.

acadêmicos e documentos, que se tentará compreender qual era o entendimento do poeta modernista em relação ao Surrealismo. Para se ter uma ideia, só no *Fichário Analítico* foram levantadas, por Gasparri, “229 fichas que guardam, ao menos, 50 indicações de livros e 240 artigos de periódicos que nos remetem ao movimento surrealista ou a assuntos afins.”² Assim como a pesquisa de Isabel, este trabalho se restringirá a referências à literatura e autores surrealistas, que é nosso recorte de interesse, para se chegar à leitura de que Mário de Andrade fez da obra de Febrônio Índio do Brasil.³

Fica claro pelas fichas, que Mário teve ao menos algum contato com os principais autores associados à gênese do movimento surrealista – aparecem citados Apollinaire⁴, Louis Aragon⁵, Marcel Arland⁶, Joseph Delteil⁷, Philippe Soupault⁸, Paul Éluard⁹, André

² GASPARRI, Isabel. *op. cit.*, p. 30.

³ A dissertação *Mário de Andrade e a Literatura Surrealista* é um trabalho essencial para o estudo da relação entre Mário de Andrade e o Surrealismo. O levantamento realizado por Isabel Gasparri pode servir de base para outras pesquisas, funcionando como uma janela para o acervo de Mário de Andrade localizado no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP), em especial para pesquisadores que, por diversos motivos, não conseguem acesso pelo tempo necessário aos documentos. Compreende-se que esse processo é intrínseco à produção científica, visto que uma produção posterior pode se basear em uma anterior, que se mostre bem realizada e confiável, para lidar com outras hipóteses sem refazer o mesmo trabalho.

⁴ Existem três fichas no Fichário Analítico dedicadas a Apollinaire, são elas a ficha n. 3102: 2100 [Trechos] / Apollinaire (Transcrito em: GASPARRI, Isabel. *op. cit.*, p. 102), a ficha n. 3425: 2200 [Trechos] / Apollinaire (Transcrito em: *Idem*, p. 121) e a ficha n. 3594: 226 [Crítica individual] / Apollinaire (Transcrito em: *Idem*, p. 127).

⁵ Fichas dedicadas a Louis Aragon: ficha n. 3103: 2100 [Trechos] / Aragon (Transcrito em: GASPARRI, Isabel. *op. cit.*, p. 103), ficha n. 3426: 2200 [Trechos] / Aragon (Transcrito em: *Idem*, p. 121) e a ficha n. 3595: 226 [Crítica individual] / L. Aragon (Transcrito em: *Idem*, p. 128).

⁶ Ficha n. 3104: 2100 [Trechos] / M. Arland (Transcrito em: GASPARRI, Isabel. *op. cit.*, p. 119).

⁷ Fichas dedicadas a Joseph Delteil: ficha n. 3127: 2100 [Trechos] / Delteil (Transcrito em: GASPARRI, Isabel. *op. cit.*, p. 119), a ficha n. 3302: 2100 [Trechos] / J. Delteil (Transcrito em: *Idem*, p. 120) e a ficha n. 3437: 2200 [Trechos] / Delteil (Transcrito em: *Idem*, p. 126).

⁸ Fichas dedicadas a Philippe Soupault: ficha n. 3225: 2100 [Trechos] / Soupault (Transcrito em: GASPARRI, Isabel. *op. cit.*, p. 120) e a ficha n. 3400: 214 [Crítica individual] / Soupault (Transcrito em: *Idem*, p. 121).

⁹ Fichas dedicadas a Paul Éluard: ficha n. 3441: 2200 [Trechos] / P. Eluard (Transcrito em: GASPARRI, Isabel. *op. cit.*, p. 126) e a ficha n. 3621: 226 [Crítica individual] / P. Eluard (Transcrito em: *Idem*, p. 129).

Breton¹⁰, Ivan Goll¹¹ e Lautréamont¹². Porém, é interessante notar como foi precoce o interesse dele pelo Surrealismo.

O documento mais antigo levantado pela pesquisadora é de 1922: uma carta a Manuel Bandeira de 6 de junho de 1922, na qual se lê: “As disposições tipográficas dos meus versos correspondem não às teorias dos modernistas Baudouin, Aragon ou Sofficci, mas às minhas próprias teorias do *harmonismo*”¹³. Aragon era, de certa forma, um autor principiante em 1922 – estreou em 1920 com o livro de poesia *Feu de Joie*¹⁴, e depois, em prosa, ao publicar *Anicet ou Le Panorama*¹⁵ em 1921 e *Les Aventures de Télémaque*¹⁶ em 1922 – e mesmo o rompimento de Breton com o Dadaísmo, movimento que Aragon também integrou, mostrava-se então recente. Isso indica que Mário de Andrade estava atualizado quanto às inovações estéticas europeias, estava lendo as obras com pouca defasagem de tempo em relação ao aparecimento delas e, portanto, acompanhando as tendências das vanguardas. Inclusive, em sua biblioteca constam primeiras edições dos três títulos supracitados de Aragon, ou seja, em edições relativas aos anos indicados, sendo que *Feu de Joie* contém grifos. Além desses livros, outro escrito do autor francês que o modernista brasileiro possuía em seu acervo, e o pode ter lido antes de escrever a carta a Manuel Bandeira encontra-se indicado na ficha n. 3594: 226 [Crítica individual] /

¹⁰ Ficha n. 3600: 226 [Crítica individual] / André Breton (Transcrito em: GASPARRI, Isabel. op. cit., p. 128).

¹¹ Ficha n. 3627: 226 [Crítica individual] / Ivan Goll (Transcrito em: GASPARRI, Isabel. op. cit., p. 129).

¹² Ficha n. 3643: 226 [Crítica individual] / Lautréamont (Transcrito em: GASPARRI, Isabel. op. cit., p. 129).

¹³ ANDRADE, Mário de & BANDEIRA, Manuel. *Correspondência: Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. Organização de Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: 2001. p. 62.

¹⁴ ARAGON, Louis. *Feu de Joie*. Paris: Au sans Pareil, 1920. Nesta nota, assim como nas duas seguintes, estão referenciadas as edições de cada obra de Aragon presentes na biblioteca pessoal de Mário de Andrade.

¹⁵ ARAGON, Louis. *Anicet*. Paris: Nouvelle Revue Française, 1921.

¹⁶ ARAGON, Louis. *Les Aventures de Télémaque*. Paris: Nouvelle Revue Française, 1922.

Apollinaire como “A. Calligrammes par Aragon E. N 1”¹⁷. Segundo levantamento de Isabel Gasparri, trata-se do texto *Calligrammes*¹⁸, cuja primeira edição foi publicada na revista *L’Esprit Nouveau*, em 1920.

É muito muito difícil determinar quando Mário de Andrade leu qual livro, pois essa informação não consta das fichas e nem de outras anotações. Além disso, não é porque a publicação de um livro se deu em determinado ano, que ele o conseguiria facilmente, no mesmo ano de lançamento da obra. Por esse motivo, optou-se por acompanhar suas cartas e artigos de forma cronológica, com o objetivo de tentar organizar o cronograma de sua relação com o Surrealismo.

Se Mário comenta sobre a estética Aragon em missiva de 1922, já deveria ter lido suas obras àquele momento. Sendo assim, o que se fez foi buscar quais obras seriam plausíveis para embasar o comentário feito pelo autor de *Pauliceia Desvairada*. Porém, considerando que se abordará adiante uma mudança de perspectiva do autor paulista em relação ao movimento surrealista, essa dificuldade atrapalha de modo substancial saber qual era o horizonte bibliográfico sobre tal movimento que Mário tinha ao tecer seus comentários que ainda serão abordados. Dessa maneira, essas considerações continuam válidas em todo o trecho dedicado ao autor.

Apesar de publicado somente anos depois, *A Escrava que não é Isaura* foi escrita em 1922 e apresentada oralmente por Mário na Semana de Arte Moderna. Nessa obra, fica claro como o artista conhecia os autores europeus, sobretudo os francófonos, e era influenciado por eles, ao referenciá-los em um tratado sobre uma espécie de proposta ou manifesto para a poesia modernista nacional – apenas relativos ao Surrealismo são citados Apollinaire, Aragon, Dermée, Paul Eluard, Ivan Goll etc. O próprio Mário dá a entender

¹⁷ ANDRADE, Mário de. Ficha n. 3594: 226 [Crítica individual] / Apollinaire. *Fichário Analítico*. Transcrito em: GASPARRI, Isabel. *op. cit.*, p. 127.

¹⁸ ARAGON, Louis. “Calligrammes”. *L’Esprit Noveau*, Paris, n. 1, 1920, p. 103-107.

isso em carta a Joaquim Inojosa: “A minha ‘Escrava’, deriva duma explicação oral que fiz da poética modernista universal, reflete necessariamente e demasiadamente ideais europeus.”¹⁹.

Do *Escrava*, destaca-se o seguinte trecho: “Enfim: na prosa a inteligência cria sobre o lirismo puro enquanto na poesia modernista o lirismo puro é grafado com o mínimo de desenvolvimento que sobre ele possa praticar a inteligência.”²⁰ Mário de Andrade define lirismo, linhas antes do trecho citado, como “estado ativo proveniente da comoção, produz toda e qualquer arte. Da Vinci criando *Il cavallo*, [...] Dostoievsky escrevendo O DUPLICATA obedeceram a uma impulsão lírica”²¹. Desse modo, em tal proposta, a poesia resultaria de impulsão proveniente da comoção (lirismo) sem a influência da inteligência, o que não só poderia parecer uma ideia do movimento surrealista, como, em certa medida, lembra a definição de escrita automática, técnica característica do Surrealismo²².

¹⁹ INOJOSA, Joaquim. *O movimento modernista de Pernambuco*. vol. 1. Rio de Janeiro: Guanabara, [s.d.] p. 339.

²⁰ ANDRADE, Mário de. *A Escrava que não é Isaura*. In: *Obra Imatura*. Rio de Janeiro: Agir, 2009. p. 237-238.

²¹ *Idem, Ibidem*.

²² Em *Mário de Andrade e a Literatura Surrealista* (dissertação) é feita outra leitura desse apontamento do escritor paulista sobre a poesia modernista (cf. nota 20). Isabel Gasparri aproxima o comentário de Mário a uma crítica negativa ao Surrealismo e a seu fundador André Breton, escrita pelo crítico espanhol Jean Cassou, evocando o artigo *Propos sur le surréalisme*, publicado em janeiro de 1925, na revista *La Nouvelle Revue Française*, que consta na biblioteca pessoal de Mário de Andrade. Promove-se a aproximação por dois pontos comuns, nas palavras da autora: “No que tange às discussões sobre diferenças entre a criação em prosa e criação em poesia, podemos estabelecer aproximações entre o pensamento estético de Mário de Andrade e o de Cassou.” (GASPARRI, *op. cit.*, p. 21) e “Outro ponto de contato entre o texto de Cassou e as reflexões de Mário de Andrade é a aproximação da produção surrealista com a Arte Pura.” (*Idem, ibidem*); o primeiro ponto relacionado com o trecho de *A Escrava que não é Isaura* em questão, e o segundo com excerto de carta de Mário para Prudente de Moraes, neto, de 25 de dezembro 1927 (cf. páginas 162-165 e 168-170). A questão é que essa aproximação sugere uma crítica precoce de Mário, já em 1922, ao Surrealismo ou a elementos da estética do movimento (o que, inclusive, invalidaria o paralelo aqui traçado entre a formulação deste sobre a poesia modernista no *Escrava* e a prática surrealista). Além disso, o artigo de Cassou é de 1925, e a carta que embasa o outro ponto de aproximação data de 1927. Sendo assim, para esta pesquisa se sustentará que as ressalvas andradianas ao Surrealismo começam a aparecer em seus escritos no ano de 1924, como se verá adiante.

Relativas ao ano de 1923, três cartas abordaram algo correlato ao movimento surrealista, todas endereçadas a Sérgio Milliet – às datas de 30 de maio, 6 de junho e 2 de agosto. Elas dão uma dica de como Mário de Andrade conseguia estar tão atualizado em relação a materiais publicados na Europa. Diz ele: “Meu correspondente está a manganhar (tu compreendes?) comigo. Ainda não recebi o livro”²³. Todas as missivas tratavam do escritor Ivan Goll – que posteriormente viria a fundar a revista *Surréalisme* em 1924 –, pelo qual demonstra notável admiração: “Li *Paris Brennt* dum trago. E o delicioso *Nouvel Orphée*. Sabes já da grande admiração que tenho por Goll”²⁴, tanto que quis dele traduzir um poema, “Ivan Goll de *Paris Brennt* é um bicho. Pergunta-lhe se uma tradução de poema para o português é coisa que ele me permite”²⁵. Chega a receber uma carta do autor francês, não localizada, e possivelmente o respondeu, “Ivan Goll escreveu-me. Compensações. Mandou-me o *Nouvel Orphée*. Mais compensações. Devo escrever-lhe. Para onde? Traga-me direção dele”²⁶.

Isso, somado ao fato de que em seu acervo existem alguns livros e diversos recortes de periódicos publicados nos anos de 1922 e 1923 que tangenciam o Surrealismo, mostra como Mário de Andrade acompanhou de perto os bastidores literários da formação deste, do período posterior à ruptura com o Dadaísmo e anterior à publicação do *Manifesto Surrealista*, em 1924, que, de certa maneira, funda oficialmente o movimento.

Em 1924 se notará, a partir de seus escritos, uma mudança crítica na perspectiva de Mário sobre os caminhos da poesia modernista nacional, suas influências estrangeiras e a função da arte; o que se nota na continuação da carta a Joaquim Inojosa citada:

²³ DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. São Paulo: Hucitec, 1985. p. 288-289.

²⁴ *Idem, ibidem*.

²⁵ *Idem*, p. 290.

²⁶ *Idem*, p. 292.

[...] Ora isso me desgosta no livro porque é lógico que a realidade contemporânea do Brasil, se pode ter pontos de contato com a realidade contemporânea da esfalfada civilização do Velho Mundo, não pode ter o mesmo ideal porque as nossas necessidades são inteiramente outras. Nós temos que criar uma arte brasileira. Esse é o único meio de sermos artisticamente civilizados. Quem dentre nós refletir ideais ou apenas sentimentos alemão, português ou mesmo americano do norte é um selvagem, não está no período civilizado da criação. Está no período da imitação, do mimetismo a que o selvagem é levado pela dependência, pela ignorância e pela fraqueza que engendra a covardia e o medo. [...]²⁷

Outras cartas de 1924 são documentos de suma importância para a argumentação aqui encetada. É a partir de missiva de Sérgio Milliet a Mário de Andrade, de 5 de novembro, que temos a certeza de que o segundo soube do *Manifesto do Surrealismo* ainda no ano de sua publicação, ainda que tal documento não conste em seu acervo e não se tenha como saber se ou quando Mário o teria lido.²⁸

É na resposta a essa carta de Milliet que se pode notar um desencanto para com a literatura das vanguardas europeias produzida naquele momento, algo que não se nota na documentação levantada relativa ao ano de 1923. Esse sentimento continuará presente na comunicação de Mário com seus pares em 1924 e nos anos subsequentes. Possivelmente, é nela que aparece a primeira crítica direta do autor ao Surrealismo, o que será tratado

²⁷ INOJOSA, Joaquim. *op. cit.*, p. 339.

²⁸ No arquivo de Mário de Andrade consta a primeira edição da *Surréalisme*, revista fundada e dirigida por Ivan Goll, no mesmo ano da publicação do *Manifesto do Surrealismo* em 1924. Porém, o primeiro artigo desse periódico, assinado por Pierre Albert Birot, se chama *manifeste du surréalisme* tal qual o de Breton; contudo não se trata do mesmo texto, ainda que esse homônimo tenha causado confusão na catalogação no site da Bibliothèque Nationale de France que colocou a capa da revista como imagem na página dedicada ao *Manifeste du surréalisme* de André Breton, como se pode ver em: https://data.bnf.fr/fr/14451967/andre_breton_manifeste_du_surrealisme/. Acesso em: 30 jun 2022.

logo adiante, e que pode indicar por que posteriormente Mário de Andrade vai ser considerado “voz de destaque nessa onda discordante ao chamado surrealismo”²⁹.

Na carta de Mário de Andrade a Sérgio Milliet de 10 de dezembro de 1924, a resposta da carta de 5 de novembro anteriormente referida, lê-se:

A França, como outras grandes civilizações europeias que vieram da Renascença, está num fim de civilização, fim de raça, fim de progresso, decadência que se manifesta principalmente por uma perfeição subtilíssima, educadíssima e fraca. Falta força, falta virilidade, falta franqueza, falta amor. FALTA AR! Olha o próprio modernismo. Coisas de capela, coisas de maçonaria, enigmáticas, neoclassicismos, surrealismos, regrinhas, parnasianismo mascarado [...]. Não nego os benefícios que o modernismo francês e europeu trouxe pra arte do universo. [...] Agora livres, pelo exemplo dos europeus, vamos seguir o nosso caminho que é todo diverso do da Europa desinteressante. Essa gente d’áí afinal nada mais fez que desenvolver o lema do século XIX, arte pela arte, e nisso está, nisso caiu. [...] Confesso-te: a Europa com todos os seus atrativos e artes refinadíssimos não me causa agora senão um grande fastio, uma fadiga e um bocejo. Não aturo modernista nem de França nem de Alemanha. Foi tudo um sonho mirabolante de ópio, um atordoamento de cocaína e éter.³⁰

Mário de Andrade deixa claro seu dissabor com a arte europeia, afirmando seu desgosto quanto à ideia de arte pela arte, ao mesmo tempo pensa em novas possibilidades e novos rumos para a poesia modernista brasileira. Destaca-se o uso do termo “surrealismo”, mas não só; a referência à maçonaria pode ser tomada como metonímia para magia, o termo “enigmáticas” pode também indicar traços estéticos surrealistas. Até

²⁹ BOAVENTURA, Maria Eugênia. Modernismo e Surrealismo. In: JACKSON, K. David (Ed.). *Transformations of Literary Language in Latin American Literature: From Machado de Assis to the Vanguards*. Texas: Abaporu Press, 1987. p. 26-27. Disponível em: <https://www.unicamp.br/~boaventu/page30b.htm>. Acesso em: 30 jun. 2022.

³⁰ DUARTE, Paulo. *op. cit.*, p. 299-300.

quando diz que o modernismo “foi um sonho mirabolante”, acaba evocando, de certa maneira, uma ideia relativa ao movimento.

Ressalta-se outro trecho desta carta:

Essa história dos que atacam a literatura e são literalíssimos é muito cômica. Eu já observava isso quando o Cendrars esteve aqui. Homem *pourri* de literatura e que vive a maldizer dela. [...] Cendrars que dizia e não cumpria, cheio de fachadas e de lembranças, fez mais mal aqui do que bem. [...] O Osvaldo também que caiu em admiração idiota por tudo quanto é brasileiro e vive a se insurgir contra a erudição e pregando o analfabetismo. É uma pena. Eu, ninguém precisou de me vir dizer que o Brasil era interessante.³¹

O evento citado na carta refere-se à primeira estadia de Blaise Cendrars no Brasil em 1924, ocasião em que um grupo de modernistas o acompanhou na “viagem de descoberta do Brasil”, como foi chamada³², por pontos históricos de Minas Gerais. Trata-se de quando Mário de Andrade conheceu Carlos Drummond. Cendrars não foi signatário do Surrealismo, mas sua influência e presença entre os autores do movimento era tal que seu nome é comumente encontrado na bibliografia acerca da história do movimento capitaneado por Breton³³. Mais especificamente, seu nome é citado, por exemplo, em

³¹ DUARTE, Paulo. op. cit., p. 300-301.

³² A dedicatória desde a primeira edição do livro *Pau Brasil*, de Oswald de Andrade, publicado em 1925, em Paris, é a seguinte: “A Blaise Cendrars por ocasião da descoberta do Brasil”, em referência a tal incursão por Minas Gerais. Inclusive vários poemas da obra parecem retratar eventos de uma viagem, em especial os da sessão “Roteiro das Minas”. (ANDRADE, Oswald. *Pau Brasil*. Paris: Sans Pareil, 1925. p. 15). / O que é reforçado pelo relato de Tarsila do Amaral à Revista do III Salão de Maio, de 1939, onde ela diz: “Íamos num grupo à descoberta do Brasil”. (Apud: AMARAL, Aracy. *Blaise Cendrars no Brasil e os Modernistas*. São Paulo: Editora 34, 2021. p. 70.

³³ Apenas para ilustrar o que foi dito, em artigo de Sérgio Milliet para O Estado de São Paulo a 27 de maio de 1952 lê-se: “Cendrars conheceu todos os pioneiros do Modernismo, foi amigo íntimo de Modigliani e Apollinaire, viu nascer o cubismo, frequentou os surrealistas”.

MILLIET, Sérgio. Entrevistas de Cendrars. In: EULALIO, Alexandre. *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*. 2. Ed. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial, 2001. p. 450.

J'acharne sur un mort, de Aragon, publicado em 1923 à revista *Littérature*, ao lado de nomes como Soupault, Tzara, Cocteau, Max Jacobs, Valery. Esse texto está referenciado à “Ficha n. 3103: 2100 [Trechos] / Aragon”³⁴ de Fichário Analítico.

Cendrars também aparece em *A Escrava que não é Isaura* citando o *Poema Giratório* de Luís Aranha, “Um dia uma revista/ Conheci então Cendrars/ Apollinaire”³⁵, ainda comentando sobre Luís Aranha, diz Mário em artigo de 1932 à *Revista Nova*:

Os livros de Blaise Cendrars, de Max Jacob, de Apollinaire, de Cocteau que então estavam me chegando, muitas vezes era Luís Aranha quem os devorava primeiro – o que não deixava secretamente de me despeitar. Até hoje não me sinto em condições de perdoar ele, o ter afirmado antes de mim a excelência do *Du Monde Entier*. Blaise Cendrars explodiu de madrugada em nós. Pra Luís Aranha foi decisivo, pois dum passo *Du Monde Entier*, em que o poeta se entrega sem mais controle intelectual nenhum à associação de imagens, Luís Aranha faz agora o princípio básico de sua poética.³⁶

Mário de Andrade também escreveu alguns artigos sobre Cendrars para a imprensa brasileira, na ocasião das visitas do poeta francês ao Brasil, um em 1924, um em 1925 e outros dois em 1929³⁷. Os artigos ficam entre elogios, como no trecho citado

³⁴ ANDRADE, Mário de. Ficha n. 3103: 2100 [Trechos] / Aragon. *Fichário Analítico*. Transcrito em: GASPARRI, Isabel. *op. cit.*, p. 103.

³⁵ ANDRADE, Mário de. *A Escrava que não é Isaura*. In: *Obra Imatura*. Rio de Janeiro: Agir, 2009. p. 283.

³⁶ ANDRADE, Mário de. Luís Aranha ou a poesia preparatoriana. In: EULALIO, Alexandre. *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*. 2. ed. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial, 2001. p. 433. Chama atenção como a descrição feita por Mário de Andrade da escrita de Cendrars na obra citada – “o poeta se entrega sem mais controle intelectual nenhum à associação de imagens” – se assemelha ao automatismo surrealista.

³⁷ “Blaise Cendrars” à *Revista do Brasil*, n. 99, de março de 1924; “Blaise Cendrars – *Feuilles de Route* (I. *Le Formose*) – Desenhos de Tarsila – Paris, 1925/ *L’or* – Romance – Grasset, Paris, 1925” à revista *Estética*, n. 3, de 1925; “Táxi: De-a-pé – III” ao *Diário Nacional*, de 22 de dezembro de 1929 e “Taxi: Blaise Cendrars” ao *Diário Nacional*, de 25 de dezembro de 1929. Todos reunidos por Alexandre Eulálio em sua *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*, segunda edição, às páginas 384-394, 413-415, 401 e 426-427, respectivamente. / A data apresentada na transcrição do artigo de Mário de Andrade “Blaise Cendrars – *Feuilles de Route* (I. *Le Formose*) – Desenhos de Tarsila – Paris, 1925/ *L’or* – Romance – Grasset, Paris, 1925” no livro de Alexandre Eulálio é “*Estética* 3, RJ, janeiro-março de 1925”, porém acompanhada do

da *Revista Nova*, e críticas como a feita na carta a Sérgio Milliet. O último deles pode elucidar um pouco essa dinâmica (cf. página 153). Fato é que Mário reconhece a qualidade, a importância e a influência da obra de Blaise Cendrars para a arte da Europa, para o modernismo brasileiro e para si próprio, mas ainda o entende como representante de uma estética modernista europeia que passara a ver como decadente e rejeitar suas influências por intentar outros horizontes para a arte nacional. É talvez o fato de Oswald estar muito mais próximos dos artistas europeus – além de suas viagens à Europa, ele foi muito mais presente na estada de Cendrars no Brasil, também esteve mais próximo a Benjamin Peret – poeta francês que participou da gênese do movimento surrealista – que justificaria o comentário a seu respeito na carta de 10 de dezembro de 1924.

“Escrevi com o coração, como se diz. [...] valeu para mim a vibração com que escrevi. E o desejinho sequestrado de mostrar pro Mestre que o conhecia a fundo”³⁸ é como o próprio Mário de Andrade descreve o primeiro de seus artigos sobre o poeta suíço. *Blaise Cendrars*, publicado em março 1924, antes da carta de mesmo ano abordada anteriormente, ilustra perfeitamente a mudança de perspectiva do poeta paulista e ainda pode dizer algo sobre a sua posição em relação ao Surrealismo.

seguinte comentário “Data errônea; saiu por distração do corpo redatorial, repetindo aquela do nº 2. O nº 3 de *Estética* deve ter aparecido apenas em agosto ou setembro daquele ano (pelo menos), ou em janeiro de 1926, pois a data do poema de Menotti del Picchia ‘O Beco’ estampada à p. 289 é ‘Rio – Julho – 1925’.” / Já na capa da versão digitalizada do terceiro volume da *Estética* 3 lê-se “Abril-Junho 1925”, o que também entra em conflito com a data colocada no poema de Picchia (‘Rio – Julho – 1925’, que realmente está impressa lá; e no texto de Mário de Andrade em questão não está indicada nenhuma data no corpo da revista. / Suscita-se então as seguintes perguntas, de onde vem a data “janeiro-março”? É gralha da primeira edição do livro de Eulálio? Ou em seu texto explicativo ele quer dizer que essa data está no exemplar consultou de *Estética* 3 e a gralha estaria em tal revista? Mas aí existiriam duas impressões de *Estética* 3, uma com e a outra sem a data “janeiro-março”? E quanto ao “Julho”, seria uma gralha? Ou o exemplar relativo a “Abril-Junho” teria saído em julho e o poema de Menotti entrado de última hora? Será que é possível agora saber realmente quando saiu o terceiro volume de *Estética*?

³⁸ ANDRADE, Mário de. “Blaise Cendrars”. In: EULALIO, Alexandre. *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*. 2 ed. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial, 2001. p. 426.

Enquanto no *Manifesto do Surrealismo* lê-se “No domínio literário, só o maravilhoso é capaz de fecundar obras pertencentes a um gênero inferior como o romance e de um modo geral tudo o que participa da anedota”³⁹, escrevia Mário no mesmo ano:

Nos dois outros livros de prosa publicados depois da guerra, tanto no *Moganni Nameh*, livro inferior, como em *L'Eubage*, Cendrars é já enérgico e mais deleitoso. Isso em parte se justificaria pelo assunto... Livros de fantasia um pouco fácil, onde se reconhecerão, eivando o minério puro da personalidade Cendrars o calcário de outras fontes. E da mesma forma que o espírito, nestas obras o estilo fraqueia [...] Já não é o Cendrars de prosa incontestável forte das outras obras.
[...]

Aliás, o que mais desagrada nos livros de plena fantasia é a absoluta observação passiva a que sujeitam o leitor. Eis por que pouco aprecio Lautréamont. Prefiro Júlio Verne e Sue...⁴⁰

A questão da fantasia parece ser um ponto irreconciliável entre as opiniões estéticas de Mário de Andrade e de André Breton. O termo “fantasia” aqui provavelmente tem relação com o uso atual do termo aplicado a literatura⁴¹. Enquanto os surrealistas, e o próprio Breton, elogiaram Horace Walpole, autor de *O Castelo de Otranto* (1764), e Matthew Gregory Lewis, *O Monge* (1796), precursores da literatura de horror/gótico, que

³⁹ BRETON, André. *Manifesto do Surrealismo*. In: TELLES, G. Mendonça. *Vanguardas Europeias e Modernismo Brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 183.

⁴⁰ ANDRADE, Mário de. “Blaise Cendrars”. In: EULALIO, Alexandre. *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*. 2 ed. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial, 2001. p. 385-387.

⁴¹ Mário de Andrade utilizou a palavra “fantasia” em 1924, provavelmente seguindo a tendência dos periódicos franceses que lia (ver nota 142). Ainda não era um termo incorporado aos estudos literários àquele momento, mesmo que quase cem anos depois do ensaio de Charles Nodier, “Du Fantastique em littérature”, considerado precursor dos estudos do gênero. Para o modernista, aparentemente, o termo abarca qualquer texto com elementos que não pertencem à realidade, abrangendo inclusive Júlio Verne, que hoje é classificado como ficção científica.

São muitas e diversas as classificações de literatura fantástica, e a de Selma Calasans Rodrigues, em *O Fantástico*, é próxima a apresentada, no sentido de “fantasia” representar um termo guarda-chuva – que apresenta subdivisões no entendimento da pesquisadora; e é esse o sentido do termo mais comum em âmbitos editorial e comercial.

buscavam “escapar do racionalismo que varria a Europa”⁴², Mário vai usar o termo para caracterizar a obra de Júlio Verne⁴³ e de Murilo Rubião – “Vamos pra todos os efeitos, nesta carta, chamar de fantasia, o que você mesmo numa de suas cartas ficou sem saber como chamar”⁴⁴ – em carta de 27 de dezembro de 1943.

O uso do termo “fácil” nesse artigo é interessante. Ele aparece em outra carta para Murilo Rubião – “eu desconfio um bocado disso. Talvez desconfie porque tenha medo de mim, não sei. Imagino vagamente que si eu me entregasse a isso, seria pra mim apenas uma volúpia, e uma facilidade de receita.”⁴⁵ –, de 5 de outubro de 1944. Sobre isso, na dissertação de Isabel Gasparri, lê-se:

Mário desconfia dos processos surrealistas de criação, embora veja neles uma grande força de sedução. O artigo de Albert Thibaudet, ‘Du Surréalisme’, estampado em *La Nouvelle Revue Française*, em 1925, remete-nos, por meio do termo ‘facilidade’, à carta enviada por Mário de Andrade, na década de 1940, a Murilo Rubião⁴⁶

O termo já aparece nesse texto de Mário em 1924, antes do artigo de Thibaudet⁴⁷.

Apesar da discordância quanto à fantasia, outros comentários de Mário de Andrade sobre

⁴² NESTAREZ, Oscar. “Breve linha do tempo da literatura de horror”, *Galileu*, 2016.

⁴³ Interessante notar que, dentro da fantasia, Mário vai declarar preferência por Verne, autor que faz pouco uso do fantástico, do maravilhoso, em suas obras; para Adam Roberts o estilo de Verne pode ser descrito como mescla de “realismo formal e simbolismo estético” (ROBERTS, Adam. *A Verdadeira História da Ficção Científica: Do preconceito à conquista das massas*. São Paulo: Seoman, 2018. p. 267).

⁴⁴ ANDRADE, Mário de & RUBIÃO, Murilo. *Mário e o Pirotécnico Aprendiz*. Organização, introdução e notas de Marcos Antonio de Moraes. Minas Gerais: Editora UFMG, 1995. p. 32-34.

⁴⁵ GASPARRI, Isabel. *op. cit.*, p. 24.

⁴⁶ *Idem, ibidem*.

⁴⁷ Trecho do artigo “Du Surréalisme”, de Albert Thibaudet, no qual aparece o termo “*facilite*”: “Le surréalisme c'est la facilité, l'immense facilité des rêves. Mais, pour des artistes, qui veulent parier dans la vie sur le tableau d'art, la facilité ne vaut que comme la matière, l'ennemie et la nourriture d'une discipline. La facilité est une étape nécessaire, et Aragon l'indique, en parlant ainsi au passé: ‘Nous éprouvions toute la force des images. Nous avons perdu le pouvoir de les manier. Nous étions devenus leur domaine, leur monture. Dans un lit au moment de dormir, dans la rue les yeux grands ouverts, avec tout l'appareil de la terreur, nous donnions, nous donnions la main aux fantômes. Le repos, l'abstention du surréalisme firent

a obra de Blaise Cendrars parecem ir no sentido contrário, estar alinhadas ao movimento surrealista, inclusive citando autores relevantes para o movimento.

Redrado o solo da poesia de França por esses precursores que foram Rimbaud, Laforgue, Lautréamont, fortificado pelo adubo americano de “Walt Whitman, a Kosmos, of Manhattan the son”, despargido principalmente pelo belga Verhaeren, nela surge uma árvore mágica: Guilherme Apollinaire. Não se discutirá a influência deste sobre a poesia moderna francesa. Remy de Gourmont é a única influência aceita por Cendrars sobre sua personalidade... Respeite-se a opinião do poeta. Mas chamei Apollinaire de árvore mágica. Para poder agora afirmar que as suas sementes produziram árvores diversas dele. A influência de Gourmont será também exata... Mas imperceptível, antes virtual. E, mais ainda que a sua crítica psicológica e iluminada, creio que a grande, máxima influência nos veio da própria psicologia experimental, que permitiu penetrar nos arcanos do processo com que Rimbaud genialmente construiu as *Illuminations*. Foi a psicologia experimental que nos descobriu as verdadeiras nascentes do lirismo puro. E Cendrars aproxima-se do lirismo puro mais do que nenhum outro poeta moderno. Nunca a subconsciência foi posta a nu com tanta exatidão e sinceridade como nos *Dix-neuf Poèmes Élastiques* (escritos em 1913 e 14). Si ainda na *Pâques à New York* (1912) uma certa organização intelectual e consciente (geminção de versículos rimados, certa lógica na

disparaître ces phénomènes’. Ainsi le nègre et le porc de Rimbaud. Mais quand ces phénomènes disparurent pour Rimbaud, la littérature disparut aussi. Et le surréalisme paraît bien parti pour abonder en littérature, surtout en littérature. Il s’agit pour lui d’organiser ces phénomènes, d’incorporer à la littérature la fuite hors de la littérature. Ce n’est pas un cercle vicieux, c’est le cercle vivant de toute création artistique. Comment s’en tirera-t-il?” (THIBAUDET, Albert. “Du Surréalisme”, *La Nouvelle Revue Française*. Paris, n. 138, p. 333-341, 1925. apud: GASPARRI, Isabel. *op. cit.*, p. 24.) / Em tradução de minha autoria: “O surrealismo é a facilidade, a imensa facilidade dos sonhos. Mas, para os artistas que querem apostar na vida no meio artístico, a facilidade não vale senão como material, inimigo e alimento de uma disciplina. A facilidade é uma etapa necessária, e Aragon o indica, falando no passado: ‘Experimentávamos toda a força das imagens. Tínhamos perdido o poder de manuseá-las. Nós nos tornamos o seu domínio, a sua montaria. Em uma cama na hora de dormir, na rua de olhos bem abertos, com todo o aparelho do terror, demos, nós demos a mão aos fantasmas. O resto, a abstenção do surrealismo fez desaparecer estes fenómenos’. Assim, o negro e o porco de Rimbaud. Mas quando esses fenómenos desapareceram para Rimbaud, a literatura desapareceu também. E o surrealismo parece encaminhado para abundar na literatura, especialmente na literatura. Cabe a ele organizar esses fenómenos e, assim, incorporar na literatura a fuga da literatura. Isso não é um círculo vicioso; é o círculo vivo de toda a criação artística. Como ele vai proceder?”.

concatenação das ideias) se percebe (desconheço a *Légende de Novgorode* 1909, e *Séquences*, 1913, inteiramente inacháveis); si nas obras-primas do poeta, *Prose du Transsibérien*, e *Le Panama* a própria designação do assunto obriga a um esforço de atenção dirigente que intelectualiza um tanto esses poemas; já nos *Dix-neuf Poèmes Élastiques* o lirismo subconsciente é expresso quase de modo integral. Só um espírito despido de qualquer vaidade literária e de retórica pode atingir essa expressão por assim dizer completa de lirismo puro. As próprias metáforas perdem aquele encanto de transposição e de fantasia com que, em geral, a inteligência as reveste; e as imagens correlatas aparecem, despidas de todo o embelezamento intelectual, em toda a sua eficácia e cristalina pureza.⁴⁸

Menções a Lautréamont, como precursor da poesia francesa; a Apollinaire, como “árvore mágica” que dá as sementes para o que vem depois dele; à “psicologia experimental”, em referência ao trabalho de Freud, “que nos descobriu as verdadeiras nascentes do lirismo puro”; à “subconsciência” e “lirismo subconsciente” consonam com as bases do movimento de Breton. Já foi tratado anteriormente como hipótese desta pesquisa que a definição de lirismo puro em *Escrava que não é Isaura* assemelha-se à escrita automática do Surrealismo. O fato de Mário de Andrade utilizar “lirismo subconsciente” como sinônimo de “lirismo puro” só confirma essa relação. Paralelamente, ao dizer que a teoria de Freud revela o lirismo puro, isso se aproxima do entendimento de que a escrita automática equivaleria a um registro direto do inconsciente, e o escritor paulista confirma esse ponto ao considerar *Dix-neuf Poèmes Élastiques* como lirismo subconsciente “expresso quase de modo integral”. Nota-se que lirismo puro é usado de forma elogiosa, como característica que diferencia a obra de Cendrars da de

⁴⁸ ANDRADE, Mário de. “Blaise Cendrars”. In: EULALIO, Alexandre. *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*. 2 ed. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial, 2001. p. 387.

outros poetas, e as melhores obras do poeta suíço das outras. O uso desse vocabulário para caracterizar a obra de tal artista continua até o fim do artigo.

Faz-se relevante deixar claro que não se está sugerindo que Mário de Andrade, no artigo em questão à *Revista do Brasil*⁴⁹, além de considerá-lo herdeiro de Apollinaire, Mário tome Cendrars como um surrealista propriamente, mas sim que o paulista o associe a tendências mais modernas da arte francesa de 1924, que acompanha mediante a leitura das obras e revistas do velho continente, tendências essas que integrarão a estética surrealista. Vale lembrar que nesse momento o *Manifesto do Surrealismo* era recém-publicado e, provavelmente, ainda não chegara às mãos do poeta paulista⁵⁰, e que Mário de Andrade apreciava a obra de escritores que virão a integrar o movimento de Breton, como Aragon e Ivan Goll.

Apesar da crítica em tom elogioso, Mário já demonstra seu rompimento com a arte europeia e a preocupação com a excessiva influência estética do poeta suíço sobre seus pares. “Ele me libertou da incompreensão do passado, pelo qual eu não vivia na terra do meu país e do meu tempo. Eu existia sem viver. Livrou-me do ritmo impessoal, dando-me, não o seu, mas o meu ritmo; tão diferentes estes!”⁵¹ diz ele sobre Cendrars. Então liberto, alfineta seu “libertador” pontuando a diferença de contexto entre Brasil e Europa:

⁴⁹ No qual, além do trecho anteriormente citado, Mário também escreve coisas como: “Nessa aplicação poética do lirismo puro está a grande importância de Blaise Cendrars”, “Verificar-se-ão tão-somente, eu dizia, nos poemas de Cendrars essa bela desordem que o não é. Porque se surpreende a ordem misteriosa do subconsciente associado e coordenando as sensações” e “Nos dois anos de intensa produção lírica, 1913 e 14, o poeta, sempre fugindo cada vez mais do esclarecimento analítico intelectual”. (ANDRADE, Mário de. “Blaise Cendrars”. In: *Idem*, p. 389-390.)

⁵⁰ Possivelmente Mário de Andrade ficou sabendo de tal obra através da carta de Milliet comentando o manifesto de Breton, de 5 de novembro de 1924. Nas informações acerca de tal documento na base de dados do IEB lê-se: “Crítica ao Manifesto Surrealista de André Breton.” (Disponível em: http://200.144.255.59/catalogo_eletronico/fichaDocumento.asp?Documento_Codigo=33341. Acesso em: 20 mar. 2023).

⁵¹ ANDRADE, Mário de. “Blaise Cendrars”. In: EULALIO, Alexandre. *op. cit.*, p. 393.

À sua chegada deu-se um incidente grandioso. As autoridades de Santos quiseram impedir-lhe o desembarque, porque era mutilado. Tudo se arranjou; felizmente para nós que possuiremos o poeta por algum tempo. Mas o ato policial me enche de sincero orgulho. Que vem fazer entre nós os mutilados? O Brasil não precisa de mutilados, precisa de braços. O Brasil não precisa de recordações penosas sinão de certezas joviais. Numa descida de vapor a polícia não podia pesar as riquezas espirituais que Cendrars nos trazia. Impediu-lhe a entrada. Fez muito bem. Inteirada depois, permitiu que passasse. Fez todo o bem. Essa tem de ser a nossa forma habitual de proceder.⁵²

Parece estar sugerida, nesse trecho, uma indicação de Mário de como lidar com influências estéticas vindas do velho continente. Apesar de elogiar o poeta estrangeiro logo em seguida, o comentário citado deixa uma ambiguidade estranha e humorada no texto. O próprio Cendrars percebe o trecho de forma semelhante, e relata isso décadas depois:

... ele me dava as boas-vindas [...] o que não o impediu de se enganchar no seu cavalo de batalha e de xingar a nefasta influência da literatura francesa em geral e, mais particularmente, a da poesia moderna, sobre a poesia e a prosa brasileiras, de dar hurras e de felicitar a polícia de Santos por me haver criado dificuldades no desembarque pelo fato de eu só ter um braço: “A polícia estava certa”, dizia Mário, “o Brasil não precisa de mutilados. O Brasil importa é mão-de-obra”.⁵³

Antes de prosseguir para a última carta de 1924 levantada por Gasparri, vale mencionar o excerto de outro artigo de Mário sobre Cendrars, o último, de dezembro de 1929 para o *Diário Nacional*, no qual o poeta brasileiro traz o comentário do “Mestre” suíço a seu texto crítico “Blaise Cendrars” no mesmo ano de sua publicação (1924):

⁵² ANDRADE, Mário de. “Blaise Cendrars”. In: EULALIO, Alexandre. *op. cit.*, p. 394.

⁵³ Tradução do original em francês por Alexandre Eulálio. In: EULALIO, Alexandre. *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*. 2 ed. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial, 2001. p. 39.

A primeira vez que ele veio aqui, vivíamos em pleno Modernismo beligerante e o nosso arraialzinho estava entusiasmado com a chegada do Mestre. Monteiro Lobato [...] cederia a direção da *Revista do Brasil* a Paulo Prado. Este me pediu um artigo sobre Cendrars pra revista. Escrevi. Escrevi com o coração, como se diz. É possível mesmo que tenha escrito muita burrada, não me lembro mais, porém valeu pra mim a vibração com que escrevi. E o desejinho sequestrado de mostrar pro Mestre que o conhecia a fundo.

Nisso o Mestre chegou. Virou inteiramente Cendrars, num átimo. [...] Fui recebido com um abraço às gargalhadas. Cendrars foi logo contando que tinham traduzido pra ele o meu artigo. Continuou: ‘Está muito ruim: o final então é burrada grossa; mas me comoveu profundamente’.^{54 55}

Ou seja, pode ser que a compreensão de Mário de Andrade sobre as características da obra de Cendrars, e de certa maneira sobre a estética da poesia francesa, não estivesse alinhada com a visão dos franceses. Observa-se que o poeta paulista usava conceitos próprios, como “lirismo puro”⁵⁶, nessa análise, e é possível que ele não estivesse

⁵⁴ ANDRADE, Mário de. “Taxi: Blaise Cendrars”. In: EULALIO, Alexandre. *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*. 2 ed. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial, 2001. p. 426.

⁵⁵ Não é possível determinar a data desse encontro. A chegada do poeta franco-suíço à cidade de Santos se dá em 6 de fevereiro de 1924 enquanto a publicação do artigo “Blaise Cendrars” do escritor paulistano acontece em 15 de março do mesmo ano. Porém o excerto citado de Mário comentando o evento passa a impressão de proximidade entre o encontro e o desembarque, como poderia Cendrars já ter acesso ao texto em questão? / Nota-se que alguém teria traduzido o escrito para Blaise, seria possível que tal pessoa estivesse em posse de versão anterior à publicação recebida do próprio autor, visto que a comitiva de recepção era formada pelo círculo dos modernistas. / No livro de Eulálio, por pelo menos duas passagens, ele dá a entender que o encontro é realmente posterior ao artigo na *Revista do Brasil*, ao relatar o fato respectivamente às páginas 39 e 274: “Na Paulicéia Cendrars conhece Mário de Andrade, que saúda o escritor francês num longo artigo publicado na *Revista do Brasil* (março de 1924)” e “**15 de março** / Na *Revista do Brasil* (SP), o artigo “Blaise Cendrars” de Mário de Andrade, recebido pelo homenageado com ‘enormes gargalhadas’ [...]” (EULALIO, Alexandre. *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*. 2 ed. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial, 2001). / Porém outro trecho sugere outra cronologia: “**12 de fevereiro** / Dedicatória em *Paulicéia Desvairada*: ‘À ‘Blaise Cendrars Prose Du Transsibérien – Le Panama grand poète de France’ Mário de Andrade S. Paulo 12/II/924’”. (EULALIO, Alexandre. *op. cit.*, p. 273.) O que sugere que o modernista teria encontrado o poeta europeu na ocasião da assinatura, pois, se pretendia encontrá-lo em breve, porque mandaria um exemplar de outra maneira?

⁵⁶ Ainda que a ideia de arte pura não seja exclusiva de Mário de Andrade, o que se quer salientar é que que o poeta usava o próprio entendimento desses conceitos nas análises. Por exemplo, quanto ressalta traços surrealistas e a relação com Apollinaire em Cendrars.

completamente inteirado das disputas entre as diversas linhas de vanguarda, visto que se vale de referências das correntes dadaístas e surrealistas para analisar Cendrars, que não fez parte desses movimentos. Tal fato pode ser ilustrado pelo seguinte trecho citado anteriormente: “Remy de Gourmont é a única influência aceita por Cendrars sobre sua personalidade... Respeite-se a opinião do poeta. Mas chamei Apollinaire de árvore mágica. Para poder agora afirmar que as suas sementes produziram árvores diversas dele.”⁵⁷ Por exemplo, Maria Eugenia Boaventura, em seu artigo “Modernismo e Surrealismo”, chega a considerar que, sobre o Surrealismo, em carta a Drummond de primeiro de julho de 1930 (cf. página 172), Mário apresenta “uma noção equívoca do movimento francês”⁵⁸, referindo-se ao trecho em que o poeta escreve “caio num lirismo absoluto, quase automático e sobrerrealista, intelectualmente incompreensível, ou melhor, paralógico, ao lado da lógica intelectual, os tais ‘versos de louco’”^{59 60}.

⁵⁷ ANDRADE, Mário de. “Blaise Cendrars”. In: EULALIO, Alexandre. *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*. 2 ed. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial, 2001. p. 387.

⁵⁸ BOAVENTURA, Maria Eugênia. *op. cit.*, p. 27.

⁵⁹ ANDRADE, Mário de. *Lição de Amigo: Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. Digitalizado por Virgínia Vendramini. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982. p. 152-153. Disponível em: https://visionvox.net/biblioteca/m/M%C3%A1rio_de_Andrade_a_Li%C3%A7%C3%A3o_do_Amigo.txt. Acesso em: 11 jul. 2022.

⁶⁰ O mesmo trecho citado no artigo de Boaventura tem uma divergência de transcrição que subverte o sentido original – “sobrerrealista, intelectual, incompreensível”. Dessa maneira, optou-se por citar aqui a versão original. A grafia de “sobrerrealismo” também se mostra diferente. Também é válido destacar que entender esse excerto como uma caracterização de Mário ao Surrealismo não é exclusivo da pesquisadora em questão. Além de essa inferência ser válida pelo contexto, outra pesquisadora, Maria do Carmo de Oliveira Moreira dos Santos, em sua tese de doutoramento *Carlos e Mário: análise das correspondências sob a perspectiva do público e do privado*, faz o mesmo, conforme se lê: “A ideia de ‘sobrerrealismo’ está, logo a seguir, explicada nessa carta. O autor o define como seu modo de fazer poesia, utilizando um ‘lirismo absoluto, quase automático e sobrerrealista, intelectualmente incompreensível, ou melhor, paralógico’” [SANTOS, Maria C. O. M. *Carlos e Mário: análise das correspondências sob a perspectiva do público e do privado*. Tese (Doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015, p. 93. Disponível em: http://www1.pucminas.br/imagadb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20170626131040.pdf. Acesso em: 11 jul. 2022].

Apesar desse primeiro contato atribulado⁶¹, é provável que as opiniões do “Mestre” Cendrars tivessem alguma influência sobre Mário de Andrade. Combinando certa antipatia do suíço aos movimentos em voga (diz ele, “Satisfeitíssimo de romper com o peso da rotina das manifestações parisienses em que se confinava a poesia – Dadaísmo, Surrealismo – agarrei a ocasião pelos cabelos e parti na volada, convencido de que a poesia de hoje não era produto de uma escola exclusiva, mas tinha sua hora e vez no mundo inteiro”⁶²) com seu comportamento descrito por Mário (“Homem *pourri* de literatura e que vive a maldizer dela”⁶³), questiona-se, nesta pesquisa, o quanto o autor de *Kodak* não é, ao menos em parte, responsável pela mudança de opinião do poeta paulista sobre a poesia francesa expressa na carta de 10 de dezembro de 1924, a Milliet.

Por fim, temos o último documento relevante de 1924 para reforçar o argumento a respeito dessa virada, desse desencanto de Mário de Andrade para com a poesia europeia, em especial francesa, que marca sua produção no ano em questão, a carta para Manuel Bandeira de 16 de dezembro de 1924. Em resposta ao poeta pernambucano, que se queixa do livro *Les épaves du ciel*, de Pierre Reverdy, que ganhara de Sérgio Buarque de Holanda e não lhe desperta emoção alguma, diz Mário:

Pierre Reverdy e não Paul como dizes. Não gosto dele. Acho pau e cansativo. Principalmente cansativo. [...] Porque eu entendo ou pelo menos julgo entender os poemas de Reverdy. Mas fica sempre uma dúvida danada que esculhamba toda a possível alegria que se tenha. Pra mim Reverdy vem da linha de Mallarmé que acho cacete. [...] Teve um

⁶¹ A relação entre os dois poetas não melhora na verdade. É interessante notar que o artigo “Blaise Cendrars” não está presente na dissertação *Mário de Andrade e a Literatura Surrealista*, apesar de nele o poeta paulista citar Apollinaire. Portanto, tal texto caberia no recorte proposto pela pesquisadora, o que sugere que o escrito em questão não está presente em no próprio arquivo pessoal de Mário, atualmente pertencente ao Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo.

⁶² CENDRARS, Blaise. *La voix du sang*. In: EULALIO, Alexandre. *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*. 2 ed. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial, 2001. p. 28.

⁶³ DUARTE, Paulo. *op. cit.*, p. 300-301.

tempo em que eu tomei gosto por essas artes. Hoje não gosto mais. [...] Reverdy conseguiu com a sua poesia uma certa situação respeitosa no modernismo francês. Isso não tem a mínima importância. A França elogia tudo que é dela.⁶⁴

Destaque para a afirmação “Teve um tempo em que eu tomei gosto por essas artes. Hoje não gosto mais.” e para as três últimas linhas. Na sequência da carta, Mário vai comentar a “Arte Pura”:

A música é de todas as artes a que com mais facilidade consegue atingir a chamada Arte Pura, isto é, sem nenhuma relação com os interesses da vida e nenhuma referência a esta, por não ser inteligentemente compreensível. Acho as artes da palavra as que menos se podem aproximar da Arte Pura porque lidam com vozes, diretamente e unicamente compreensíveis pela inteligência. Se juntamos vozes puras, por exemplo ‘Trajol Klimani tri trem tri jol’ fazendo arte pura, pois que elas não contêm ideias nem juízos, podemos interessar um instantinho, mas como os elementos orais são pobríssimos num momento isso cansa, não é como a música riquíssima de elementos expressivos puros desinteressados. Outro defeito. Naquela frase pus sem significado algum a voz ‘trem’, mas esta para nós brasileiros e portugueses logo desperta um interesse natural porque ‘trem’ representa para nós uma ideia relativa a um objeto. Acho por isso que as partes da palavra têm de ser impuras, isto é, representarem coisas inteligíveis.⁶⁵

Nota-se, observando a “frase” de exemplo inventada, que, para Mário, “Arte Pura” seria aquela composta por expressão que não configuraria nenhum símbolo inteligível sobre o qual se possa racionalizar. Porém o próprio autor nota que esse tipo de manifestação por meio da palavra escrita se mostraria cansativa. Ou seja, seria quase impossível atingir a Arte Pura, de acordo com a definição inferida, com um texto, e ainda

⁶⁴ ANDRADE, Mário de & BANDEIRA, Manuel. *op. cit.*, p. 159-160.

⁶⁵ *Idem, ibidem.*

que isso acontecesse, não resultaria em uma boa obra. Tal impossibilidade – que exclui obras surrealistas, os textos resultados da escrita automática não são ininteligíveis, o *nonsense*, obras como *Finnegans Wake*, de James Joyce e *Jabberwocky*, poema integrante de *Alice no País dos Espelhos* de Lewis Carroll, e mesmo a literatura dadaísta, visto que essa não admite sequer a sugestão da palavra, mesmo que sem significado ou contexto – sugere que esse paralelo com a música⁶⁶ é, na verdade, uma crítica ao hermetismo de certos autores. Em certa medida, parece ainda dialogar com a descrição da obra de Reverdy que Manuel Bandeira faz na carta de 8 de dezembro de 1924 e que motiva a resposta de Mário – “Tive a impressão de estar lendo as concepções de um habitante de outro planeta que por milagre despencasse na terra, conhecendo o vocabulário francês sem, porém, ligar os vocábulos às coisas significadas”⁶⁷.

Mário de Andrade parece relacionar essa escrita críptica, hermética, enigmática para usar os termos do próprio autor, aos seguintes escritores franceses na sequência direta da carta, a seguir:

Acho por isso que as partes da palavra têm de ser impuras, isto é, representarem coisas inteligíveis. Toda e qualquer rebusca literária que prejudicar a clareza da expressão literária relacionada é defeito. Daí o pouco interesse que tenho por Mallarmé, Góngora, Reverdy e porção. O próprio Rimbaud em muitas das suas páginas me desagrada agora. Só foi supremo no *Saison en enfer*. Daí também a minha evolução pra

⁶⁶ “elementos expressivos puros desinteressados” parece estar em contraposição à palavra escrita, ou seja, “puro” é o elemento expressivo que não tem nenhuma possibilidade de evocar outra significação para o interpretante, o que ele dá a entender com o exemplo do termo “trem”, assim, basta uma homofonia ou homografia para retirar a pureza da expressão escrita; dessa forma, essa significação parece ser restrita ao significado denotativo do significante. Porém, a música também tem signos e estrutura de linguagem. Tonalidade, acorde e harmonia, a função do acorde em relação com a tonalidade (campo harmônico), por exemplo, são elementos inteligíveis e significantes; nem na música dodecafônica, aleatória ou correlatas, ela é expressão livre de estruturas.

⁶⁷ GASPARRI, Isabel. *op. cit.*, p. 134.

uma arte cada vez mais simples e natural, arte de conversa que toda a gente entenda.⁶⁸

É interessante notar como Mário dá indícios de uma nova orientação para a sua produção poética, especificamente na última frase do excerto. O ano de 1924 marca um rompimento, uma libertação, do poeta paulista da estética das vanguardas europeias, ao mesmo tempo em que lhe abre uma nova perspectiva para a arte nacional e para sua própria poesia. Nota-se aí uma tendência contrária ao Surrealismo, apesar de poucas vezes explícita como na carta a Milliet de 10 de dezembro (cf. página 143), opondo-se a algumas de suas características estéticas, herdadas justamente das vanguardas. Porém, isso não é uma virada definitiva. Assim como a posição de Mário de Andrade em relação a Blaise Cendrars parece dúbia, algo análogo acontece quanto à sua avaliação, nos anos seguintes, do movimento capitaneado por Breton. Por exemplo, em nova troca de correspondência com Manuel Bandeira, Mário parece fazer uma defesa dos surrealistas. Em carta de 7 de outubro de 1925, diz Bandeira: “Não tomo a sério as extravagâncias e novidades dos sujeitos como Paul Éluard que conheci aos vinte anos tão normalzinho e depois desembestou no hermetismo mais extraplanetário que já vi”⁶⁹, ao que é respondido: “Pode ser que você acerte no caso do Éluard, porém não generalize.”⁷⁰. O escritor francês Paul Éluard integrou o Dadaísmo e o Surrealismo. É possível, então, que não generalizar signifique não atribuir o mesmo julgamento ao pares de Éluard, que seriam outros autores dos movimentos dos quais ele fez parte; ou ainda, o autor paulista pode estar sugerindo que seu interlocutor não descarte autores com estilo próximo ao do autor francês em questão.

⁶⁸ ANDRADE, Mário de & BANDEIRA, Manuel. *op. cit.*, p. 159-160.

⁶⁹ GASPARRI, Isabel. *op. cit.*, p. 136.

⁷⁰ ANDRADE, Mário de & BANDEIRA, Manuel. *op. cit.*, p. 246.

Quando Maria Eugênia Boaventura escreve, em seu artigo “Modernismo e Surrealismo” supracitado, que:

A princípio Mário mostrou-se arredo, desinteressado até a respeito do Surrealismo. Importava-lhe no momento que sua arte estivesse inserida dentro de um projeto intelectual de arte brasileira interessada, isto é, de fixação nacional, de realização de obras de ação. [...] E neste afã de contribuir para a organização de realidade brasileira, o Surrealismo representava um fenômeno de fadiga intelectual, perfeitamente psicológico e muito natural da França.⁷¹

É muito provável que a pesquisadora esteja se referindo ao período de 1924-1925 com a expressão “a princípio”, intervalo da publicação do *Manifesto do Surrealismo*. Como já foi demonstrado no presente trabalho, Mário acompanhou, pelas revistas recebidas da França, os bastidores e os autores que vão fundar o Surrealismo, em sua maioria dissidentes do movimento Dadá, cuja influência é presente em *Pauliceia Desvairada*, em especial no “Prefácio Interessantíssimo”, de 1922, e em *A Escrava que não é Isaura*, de 1924. “Estes dois textos mostram a variedade da contribuição estrangeira incorporada e absorvida: [...] até a incorporação da blague, da ilogicidade, da espontaneidade Dadá.”⁷²; e em 1924 esse interesse de Mário de Andrade aparentemente diminui ao se observar a frequência com que o assunto aparece nas cartas levantadas por Isabel Gasparri. Porém, a quantidade de livros e artigos que tangenciam o Surrealismo no acervo pessoal do autor e os referenciados em seu *Fichário Analítico* com publicação em 1924 ou anterior é próximo aos de publicação de 1925 em diante. O que seria mais acurado notar é que o interesse do poeta paulistano diminuiu com anos, e que ele provavelmente não

⁷¹ BOAVENTURA, Maria Eugênia. *op. cit.*, p. 27.

⁷² *Idem*, p. 25.

acompanhou a evolução do movimento, mas é difícil afirmar que Mário esteve alheio ao seu surgimento.

Já o trecho final da citação, em que Boaventura aponta qual seria o ponto de discordância do autor em relação ao Surrealismo, é corroborado pelos documentos analisados até aqui.

Em 1927, encontra-se a crítica mais frontal, difundida e com maior repercussão que Mário de Andrade fez ao Surrealismo, é um dos principais argumentos para Maria Eugenia considerar que ele tinha “uma atitude de franca oposição”⁷³ ao movimento. Sobre as consequências dessa crítica diz ela:

inibido ou não com a reação do ‘mestre’ modernista, Pedro Dantas, pseudônimo literário de Prudente de Moraes, neto, preferiu fazer sua carreira apenas como jornalista. A literatura brasileira talvez tenha perdido um prosador que se mostrara naquela “Aventura” bastante promissor, mas ganhou um excelente crítico literário infelizmente pouco conhecido.^{74 75}

Tudo começa com a publicação de *Aventura*⁷⁶ em novembro de 1927, no terceiro número da revista *Verde*. Mário de Andrade então envia uma carta muito estranha para seu autor Prudente de Moraes, neto, a 4 de dezembro de 1927, “uma carta-aviso, em estilo surrealista”⁷⁷ conforme Isabel Gasparri. Esse documento vale ser reproduzido integralmente para compreensão da intenção enigmática do recado do poeta paulistano:

⁷³ BOAVENTURA, Maria Eugênia. *op. cit.*, p. 27.

⁷⁴ *Idem, ibidem.*

⁷⁵ *Aventura* é assinado por Prudente de Moraes, neto, e não por pseudônimo, como se pode ver no fac-símile (cf. nota seguinte).

⁷⁶ MORAES, neto, Prudente de. “Aventura”, *Verde*, Cataguazes, n. 3, nov 1927. Pode ser lido em digitalização do documento original, ou do fac-similar, em: https://br.revistasdeideias.net/pt-pt/verde/in-issue/iss_0000003283/14#. Acesso em: 07 jul. 2022.

⁷⁷ GASPARRI, Isabel. *op. cit.*, p. 23.

S. Paulo, 4-XII-927

Prudentinho

Por que rosais dormia agora o amadorismo do meu corpo si jucurutú não reconhecesse os direitos da mizade pousada na fonte de 3ª “Verde”!... Porém o alibi é incontentavel e a migração tem que se dar. Perdoe.

Faz tempo que reparei na gradativa substituição da primavera na rua longinqua onde o meu guarda-noturno cantava a serenata mais perfeita. Mas você é testemunha da discreção dos sons da viola e que percebendo o isolamento da caatinga os sons souberam esperar dias milhores guardados na areia ardente. Agora, como seria possível o sino ser só bronze na fazenda, indiferente á madrugada e á valorização da vida? Afinal demos de barato que importe mais que Niagara a coloração do riso mas nesse caso porquê não se contentar com o exemplar unico? Ou então siga a paisagem dos grandes poetas ocasionalmente uruguaiois. Não é fabula mas juro que é sereia de muito branca Assistencia.

Porquê infelizmente fica faltando engenharia, Prudentinho. Prudentico, o segredo das andorinhas tem bussola. Por isso que fiz a polia mover tantos anuncios que o pelo festivo da tigre se tornou policultor. E você bem sabe que todos os dias na minha frente pude conservar o clarim chamado pro rancho. Prá possibilidade da razão estar com você, Prudentico, sou muito solar pra que não recuse agora o suor da raspadeira mas você jamais não fez o serviço militar. Ensaie apenas dois minutos marcar passo e você odiará a pedra.

Você bem sabe que pra mim as advertencias são desabitadas porém não se trata aqui de céu nublado sinão que de emprestar pra você minha assombrosa geografia. E si por acaso as plumas do vento, quais as que enterneceram Ouro Preto no Triunfo Eucaristico, sibilarem pelas portas da casa; mande me contar que em vez de europeisarem a escrivaninha de pó, elas revelaram de sob a toalha as frutas dignas dos dentes de você, viris.

Será ao menos uma justificativa do prazer com que o rojão subiu, ignorando a tanta luz que desencadernou o sono. O sempre.

Mario⁷⁸

⁷⁸ ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes, neto*. Organização de Georgina Koifman. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 234-235.

Devido à natureza do texto optou-se por manter sua grafia original. Esta missiva poderia representar uma tentativa de Mário de se aventurar pelo automatismo, porém parece claro um tom de blague, talvez até de ridicularização do escrito de seu interlocutor e, por conseguinte, da escrita automática surrealista; o que o poeta paulista assume na carta seguinte, de 25 de dezembro do mesmo ano, que será vista a frente, “Minha carta foi uma blague divertida cheia de simpatia”⁷⁹.

Quando Gasparri fala de “carta-aviso”, faz referência à mesma carta do dia 25. Mas essa questão fica confusa: como pode se tratar de um “aviso” (o autor usa este mesmo termo) se ela é posterior à publicação do texto de Prudente na revista *Verde*? Também não fica claro quando a edição de tal periódico entra em circulação. Fato é que dias após a referida missiva, em edição do *Diário Nacional* de 18 de dezembro de 1927, aparentemente Mário de Andrade faz troça do texto de Prudente, em artigo no qual emite um comentário geral sobre o número mais recente da revista à época; diz Mário: “Prudente de Moraes Neto, publica uma aventura que é um primor de estilo”⁸⁰.

E em 25 de dezembro do mesmo ano, mesmo mês inclusive, em carta ao mesmo interlocutor, Mário retorna de forma mais alongada ao assunto, tratando de questões abordadas em suas missivas anteriormente: da decadência da arte europeia, do hermetismo exaustivo ao projeto de arte nacional “prà organização da realidade brasileira (coisa que indiscutivelmente está se dando agora)”⁸¹. Ficará evidente que é possível tomar essa correspondência como síntese da opinião que o poeta paulistano formou ao longo dos anos sobre o que ele entendia por Surrealismo, mas isso só pode ser demonstrado

⁷⁹ *Idem*, p. 24.

⁸⁰ ANDRADE, Mário de. “Verde’ revista moderna. N. 3. – Cataguases”. apud GASPARRI, Isabel. *op. cit.*, p. 159.

⁸¹ ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes, neto*. Organização de Georgina Koifman. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 248.

mediante a análise de toda a documentação relevante ao assunto, tal como se propõe esta pesquisa.

o Alcantara [Machado] me contou não me lembro mais por que cargas d'água, ah... me lembro, sim, falava-se de maus psicólogos, o Alcantara pra dar exemplo de psicologia ruim contou que você escrevera falando mais ou menos isto: que ele Alcantara ficara irritado com o pedaço sobrerrealista de você na *Verde*, que eu não ficara irritado porém que nunca aceitaria aquilo e outros ensaios possíveis que você faça de sobrerrealismo.⁸²

Nota-se aqui que, em 1927, já era sabido por seus pares, que Mário de Andrade não era simpático a experiências surrealistas – “que [eu] nunca aceitaria aquilo e outros ensaios possíveis que você faça de sobrerrealismo.” –, mas a antipatia do autor de *Pauliceia Desvairada* ao movimento era superior ao que imaginava Prudente de Moraes, neto, o qual descartara a irritação do amigo, ao que Mário contradiz em meias palavras, conforme revela na sequência da carta:

Ora antes de mais nada sou testemunha que o Alcantara não se irritou nem nada, porém deixo o caso dele pra tratar do meu que é bem mais importante. Franqueza: no princípio até me doeu. Depois logo não doeu mais não porque é fácil demonstrar a injustiça e você terá que dar a mão para apanhar. Ora, Prudentico, ponha reparo só no meu passado pra você ver que largueza sempre tive em acolher tentativas diferentes entre si e todas diferentes da minha! Creio que você não encontrará nenhum que tenha mias batido caixa para o Osvaldo, numa obra justamente de ridicularização do brasileiro no momento em que eu estava tentando justamente o contrário e com paixão. Si tem duas pessoas mais diferentes como caráter de arte aqui, somos o Guilherme [de Almeida] e eu. No entanto você conhece muito bem como tenho estudado e

⁸² ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes, neto*. Organização de Georgina Koifman. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 245-246.

propagado em críticas que não hesito em chamar de esclarecidas a arte e a obra dele. Com os dois modernos com que briguei, o Graça [Aranha] e o Menotti [Del Picchia], briguei você sabe mais que bem, não por diferenças de orientação (e que são enormes) porém por diferenças de procedimento, eu não compreendo o procedimento deles.⁸³

O trecho citado revela algo de irreconciliável entre o poeta modernista e o Surrealismo, ao menos àquele momento, algo que supera suas diferenças de orientação com Oswald de Andrade ou com Guilherme de Almeida. E na sequência Mário comenta algo interessante, justamente sobre o texto de Osvaldo, como o chamava.

E pra mais, fique sabendo que justamente eu fui o único que tive que tratar dois (sic) dois passos sobrerealistas de *Verde* e eis o que falei textual pelo *Diário Nacional* de domingo passado: ‘...Blaise Cendrars colabora com uma quadrinha de regular bom humor. Aliás todo o número está excelente variadíssimo com um mundo de figuras diferentes e fortes. João Alfonsus está escrevendo prosa da boa em contos muito vivos. **Oswald de Andrade publica uma página admirável de bonomia e invenção sobre os Esplendores do Oriente. Mais ou menos na mesma direção Prudente de Moraes neto publica uma Aventura que é um primor de estilo.** etc. (sic)’^{84 85}

⁸³ ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes, neto*. Organização de Georgina Koifman. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 245-246.

⁸⁴ *Idem*, p. 246.

O artigo para o *Diário Nacional* referido se trata do “Verde” revista moderna. N. 3. – Cataguases” que Mário transcreve para Prudente de Moraes, neto, trecho em que comenta sua *Aventura*. Baseando-se na transcrição do artigo presente na dissertação de Isabel Gasparri, e transcrição da carta no livro de Georgina Koifman, as diferenças entre a transcrição na carta e o artigo original são o hífen em “bom-humor”, vírgula após “variadíssimo” e após “Neto”. Outras diferenças mais relevantes são a grafia do nome de Osvaldo – Osvaldo e Osvald –, destaca-se que na capa da *Verde* está grafado Osvaldo, mas no miolo está Osvald. O nome do poema perde as aspas e o artigo (Os) na transcrição. O nome de Prudente também aparece de duas formas, Neto em caixa-alta e baixa e em caixa-baixa, as duas sem a vírgula. Por fim o deslocamento do “de” para antes ou depois de “admirável”, o que muda um pouco o sentido da frase.

⁸⁵ Optou-se por citar fielmente a fonte consultada, o livro de Georgina Koifman, excluindo-se apenas as notas de rodapé adicionadas pela autora. Desse modo, os (sic) não vêm do documento original, e não fica clara a quem se pode atribuir destaque nos trechos em negrito, esse e outros que aparecerão nessa mesma carta.

Chega a ser engraçada, mas representativa, a reclamação de Mário de ter de lidar com dois textos surrealistas. Além disso, tanto Maria Eugenia Boaventura, quanto Maria Augusta Fonseca, em seu *Por que ler: Oswald de Andrade*⁸⁶, apontam uma aproximação entre Oswald e o movimento de Breton, mas nenhuma se refere a *Os Esplendores do Oriente*⁸⁷, que Mário de Andrade considera uma tentativa fracassada de escrever um texto surrealista⁸⁸, conforme se vê adiante na carta:

Ora garanto pra você que não tive a mínima intenção de fazer elogio de camaradagem. Sinto assim e falei o que sinto. Está claro que não podia numa simples nota crítica me estender e contar tudo o que sentia. Si pudesse então era obrigado a falar o que sinto de inaceitável **pra mim** dentro dessa orientação. Não podia me estender. Então falei o que **sentia antes de tudo** e você não deixará de concordar pelo teor da citação que era de calma aceitação o que eu senti antes de tudo. Você, Prudentico, com a inteligência que possui pode fazer o que quiser, há-de sair não tem dúvida coisa sempre interessante. Não falo sempre admirável porque isso não sai pra ninguém e a *Aventura* positivamente não acho que tenha nada de admirável. O trecho de Osvaldo tem e o mais engraçado é que me parece que tem justamente porque não é sobrerrealista embora a intenção dele tenha sido fazer sobrerrealismo como ele mesmo te falou.⁸⁹

⁸⁶ FONSECA, Maria Augusta. *Por que ler: Oswald de Andrade*. São Paulo: Globo, 2008.

⁸⁷ ANDRADE, Oswald de. “Os Esplendores do Oriente”, *Verde*, Cataguazes, n. 3, nov. 1927. Pode ser lido em digitalização do documento original, ou do fac-similar, em: https://br.revistasdeideias.net/pt-pt/verde/in-issue/iss_0000003283/14#. Acesso em: 07 jul. 2022.

⁸⁸ *Os Esplendores do Oriente* publicado na *Verde* será o início do capítulo de mesmo nome do romance de 1933 *Serafim Ponte Grande*, do mesmo autor. Apesar da influência do Surrealismo sobre tal poeta, que inclusive cita o movimento no *Manifesto Antropófago*, e dessa intencionalidade surrealista relatada por Mário de Andrade, o textos críticos mais conhecidos sobre tal romance sequer fazem referência ao movimento de Breton, nem em relação ao capítulo ou esse trecho específico, nem mesmo para negar essa associação.

⁸⁹ ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes, neto*. Organização de Georgina Koifman. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 246-247.

Assim como no caso das opiniões expressas sobre Cendrars, a carta tem uma certa dubiedade: se Mário diz que o elogio é sincero, logo depois sublinha que sente algo de inaceitável sobre o Surrealismo; se elogia a inteligência de Prudente de Moraes, neto, em seguida diz que a *Aventura* não tem nada de admirável enquanto o texto de Oswald tem justamente por não ser surrealista.

A sequência da carta vai retomar um conceito de Mário de Andrade já apresentado anteriormente, presente na carta a Manuel Bandeira de 16 de dezembro de 1924, corroborando e reforçando as conclusões apresentadas na análise do documento em questão (cf. páginas 154 a 157).

Porque me parece que o defeito principal do sobrerrealismo está na demasiada pureza de arte que ele é. Palavras textuais que eu falei na casa de Osvaldo ao ler o trecho de você que inda não tinha lido pela *Verde* não me ter chegado ainda: Muito bem feito mas não adianta nada. É incontestável que o sobrerrealismo atinge em literatura uma realização de arte-pura, que si as palavras não tivessem o valor intelectual que têm, era tão perfeita que nem a música de Haydn ou de Mozart.⁹⁰

Retomando então a discussão da “Arte Pura” – arte pura, arte-pura – fica claro como a questão de a palavra ser cognoscível representa um grande empecilho estético para Mário de Andrade em seu juízo a respeito do Surrealismo. Ele ainda reconhece que os adeptos de tal movimento visam a atingir a “arte-pura”, mas como as palavras não são “elementos expressivos puros desinteressados” (cf. citação à página 155), elas interferem na fruição da obra. Novamente, fica evidente como é impossível a literatura realizar expressão de arte pura, na concepção de Mário, que vai então contrapor, adiante na carta,

⁹⁰ ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes, neto*. Organização de Georgina Koifman. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 246-247.

a pureza da arte à “arte de caráter interessado”, que pela lógica aqui proposta configuraria o único caminho para realização da literatura.

Essa contraposição já estava presente no representativo ano de 1924, ao menos para esta pesquisa, como se vê na carta a Milliet de 10 de dezembro⁹¹:

As artes pra interessarem têm de se tornar impúrias. Têm de interessar por coisas relativas à vida, ao homem, à terra. Nada de arte pela arte, pessimismo diletante, estilo requintado. A arte dos períodos primitivos é sempre arte interessada [...] Arte que seja arte não vale mais nada e nos cansa. [...] Arte comestível que encha barriga.⁹²

Em *Modernismo e Surrealismo*, aborda-se a crítica positiva de Mário de Andrade a um texto surrealista transcrito pelo próprio poeta paulista em artigo por ele estampado no quinto volume da revista *Verde*, de 1928, o que pode parecer um contrassenso. Isso ocorre porque Boaventura não apresenta a explicação do próprio autor, anterior à publicação do referido texto, a qual se encontra nesta carta apresentada a seguir. Tal documento fundamentaria, de certo modo, a diferença do poeta paulista para com o movimento surrealista.

Não nego e todos aqui são testemunha da admiração enorme que tive e entusiasmo por certas páginas sobrerealistas que Dolur, a filha de Tarsila fez. São páginas perfeitas das mais bonitas páginas sobrerealistas que vi até hoje. O sobrerealismo é uma arte quintessenciada que me atrairia fatalmente si eu não tivesse dado uma função de acordo mais com a civilização e o lugar em que vivo. Porque incontestavelmente a civilização em que a gente vive aqui no Brasil não é a mesma dos franceses não acha mesmo? Não discuto si é melhor si é pior e muito menos por mais problemático si é de fato a civilização nova

⁹¹ Mobilizam-se agora outros trechos dessa carta, pois eles podem ser aqui melhor compreendidos.

⁹² DUARTE, Paulo. *op. cit.*, p. 299-300.

que está principiando. Não discuto, pois acho pueril discutir coisas pràs quais nos faltam dados suficientes que só virão com os anos.⁹³

Dolur, ou Dolour como é assinado o texto publicado, é pseudônimo de Dulce Amaral, filha da pintora Tarsila do Amaral. O nome do escrito dela a que Mário alude já traz uma questão interessante. Ele é referido como *Exercice ou Pretexte Surréaliste ou Surtexte Réaliste* por Maria Eugenia Boaventura em decorrência do modo como o próprio autor paulista a ele se reporta no artigo de 1928 “J’ai choisi pour vous révéler la musique raffinée de Dolour, deux morceaux extraits de l’Exercice ou Prétexte Surréaliste ou Surtexte Réaliste”^{94,95}. Porém, o texto completo parece nunca ter sido publicado, e, na *Verde*, apesar desses trechos aparecerem assinados por “Dolour (D. A.)”, eles integram o artigo de Mário de Andrade, conforme o que está creditado na capa da revista. O nome da autora aparece entre parênteses, abaixo do título, na coluna da direita, como se a colaboração de Mário fosse nomeada como *Présentation de la jeune fille (Dolour)*. Além disso, os recortes apresentados não aparecem precedidos por um título propriamente, mas sim por numerais romanos, I e II. Assim, será que aquilo é realmente o nome da obra de Dulce Amaral?

Em seu comentário crítico, Mário de Andrade se utiliza comumente a comparação do texto literário com a música, como fez em carta de 16 de dezembro de 1924 a Manuel Bandeira (cf. páginas 154 a 157). No entanto, dessa vez em relação mais propriamente a um texto surrealista. Entende-se aqui um reforço do paralelo entre a ideia de arte pura de

⁹³ ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes, neto*. Organização de Georgina Koifman. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 247.

⁹⁴ Original em francês. Em tradução de minha autoria: “Eu escolhi para revelar-lhes a fina música de Dolour, dois trechos extraídos do Exercício ou Pretexto Surrealista ou Sobretexto Realista”.

⁹⁵ ANDRADE, Mário de. *Présentation de la jeune fille*. *Verde*, Cataguazes, n. 5, jan. 1928. Pode ser lido em digitalização do documento original, ou do fac-similar, em: https://br.revistasdeideias.net/pt-pt/verde/in-issue/iss_0000003285/12#. Acesso em: 07 jul. 2022.

Mário, e seu entendimento da poética surrealista. Expressões como “les primeurs d’un chansonnier inédit”⁹⁶, “la musique raffinée de Dolour”⁹⁷, referências a instrumentos e compositores deixam claro esse paralelo entre as duas artes, mas o trecho mais interessante é “Car j’insiste sur la musicalité de ces morceaux. Essayez de les qualifier. Ils peuvent se fester seulement de ces vagues qualificatifs psychologiques propres à l’art musical.”⁹⁸, em que o autor parece sugerir só ser possível descrever o texto com “qualificantes psicológicos próprios da arte musical”.

A formulação “sobrerrealismo é uma arte quintessenciada”⁹⁹ é citada ao apontar a discordância do poeta modernista em relação ao Surrealismo, porém a questão da arte interessada parece ser preponderante nessa oposição. Tal juízo sugere que a cobrança sobre Prudente de Moraes, neto, não se dá pela qualidade do texto deste, mas pelo “desperdício” de capacidade, pelo desvio do que seria a função da literatura, suposta por Mário, o que fica esclarecido ao final da citação a seguir:

Também não vá imaginar que estou glosando essa historiada boba do “homem bárbaro”. Não acho que somos bárbaros. Mas incontestavelmente me parece que não estamos naquele momento de fadiga em que está a arte francesa com séculos de tradição organizada nacionalmente, atrás dela. E tendo dado séculos de escritores magníficos. Você sabe tão bem que na França hoje a língua chegou a um estado tal de perfeição dogmática que toda a gente escreve bem. Um mocico lá de dezassete anos já banca Anatole [France] na escritura e é incapaz de ser um Rosário Fusco por exemplo. Só mesmo os gênios conseguem escrever genialmente mal lá [...]. Voltando ao nosso caso:

⁹⁶ Tradução de minha autoria: “as novidades de um cancionero inédito”.

⁹⁷ Tradução de minha autoria: “a música refinada de Dolour”.

⁹⁸ Tradução de minha autoria: “Pois insisto na musicalidade desses fragmentos. Experimente qualificá-los. Eles podem ser adornados apenas por esses vagos qualificativos psicológicos próprios da arte musical”.

⁹⁹ ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes, neto*. Organização de Georgina Koifman. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 247.

Considero o sobrerrealismo a consequência lógica e a quintessência de arte dum país que nem a França. No Brasil acho que no momento atual, pros que estão de deveras acomodados dentro da nossa realidade, ele não adianta nada. Não adianta porque não ajuda. Todas as questões que são de vida ou morte prà organização da realidade brasileira (coisa que indiscutivelmente está se dando agora) nos levam para um arte de caráter interessado [...]. E creio que você bem sabe os sacrifícios enormes que fiz nesse sentido. Eu, Prudentico, sou um indivíduo desabusado e feliz, com uma autocrítica severa que jamais não me permitiu achar um bom valor artístico numa obra minha e só justifico a publicação das obras que faço porque elas são obras-ações. Em vez de pregar, eu faço. Só isso me justifica diante de mim. São por essas razões, inteiramente extra-estéticas que eu não posso me abandonar quando vejo uma força ao mesmo tempo tradicional e moderna, no sentido mais exato dessas palavras que nem você, se encaminhar pra uma orientação que não tem nada de errada porém põe diletantemente de lado aquilo que mais a poderá fazer feliz: a acomodação com a vida que está vivendo. Ponha o caso no lugar: imagine um livro todo feito de bem-feitíssimas Aventuras. Pois então você logo não sente a espantosa inatividade e languida monotonia que isso seria? Agora note: eu não falei que você estava errado. Minha carta foi uma blague divertida, cheia de simpatia mas foi confesso, incontestavelmente **um aviso**. Não foi conselho porque não aconselho nunca, aviso. Avisei pra você refletir bem. Mais nada.^{100 101}

A exposição praticamente completa desta carta, que ainda não findou, objetiva ilustrar os argumentos e conclusões tomados no curso do texto por Mário mediante a voz do próprio autor. A missiva continua, ainda com partes muito relevantes:

¹⁰⁰ ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes, neto*. Organização de Georgina Koifman. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 247-249.

¹⁰¹ A carta referida no final da citação é de 4 de dezembro de 1924, transcrita aqui logo antes desta, que Mário classifica como um aviso, o que já foi exposto anteriormente ao comentar tal missiva (cf. páginas 160).

Repare também que não articulo aqui nenhum (sic) contradição de valor estético contra o surrealismo. Tenho várias. Porém elas não importam agora. O que me importa é não ver você marcar passo nem se manifestar seguindo uma fadiga (considero o surrealismo um fenome [sic] de fadiga aliás perfeitamente psicológico e natural na França) que si você esta (sic) acomodado com a vida de aventura (sem trocadilho) em que a gente está vivendo aqui não tem logica nem é consequência necessária ou natural. Porquê nem de longe posso imaginar que você sendo quem é, faça isso apenas por moda. O que acho é que num instante você sarapantado com a ingência dos problemas que realmente existem pros que se meteram na nossa aventura, os braços de você caíram no chão sem vontade de trabalhar mais. Isso apenas é que acho. [...]

[...] Uma coisa me deixa feliz: é que nesta carta será mesmo impossível se enxergar qualquer prurido de proselitismo. Você pode fazer o que entender, Prudentico, mesmo até o surrealismo possível de você. Não será por camaradagem ou fraternidade com você que o acolherei com simpatia, é porque aceito ele. E porque você **tem com que fazer surrealismo**. Pra um burro, pra um infecundo toda orientação é falsa.

E não me interessa resolver você contra o surrealismo, palavra de honra. Quem sabe si é você que está com a razão? Ou pelo menos, com a razão **de você**. Pode ter certeza que meu único interesse nesta carta foi mostrar pra você que teve muita injustiça no julgamento de você [...].¹⁰²

Apesar do potencial do documento de sintetizar o pensamento do autor sobre o movimento artístico de interesse, não é o caso de descartar a vista de outras cartas, primeiramente porque o artigo “Um Poeta Místico”, sobre o qual queremos tratar, foi publicado em 1939 e 1943, o que torna documentos publicados até essas datas relevantes;

¹⁰² ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes, neto*. Organização de Georgina Koifman. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 249-250.

e mesmo materiais posteriores nos servem para completar a abordagem da evolução cronológica da leitura de Mário de Andrade acerca do Surrealismo.

Após as duras críticas à aproximação de Prudente de Moraes, neto, a características estéticas do movimento de Breton, a carta a Carlos Drummond de Andrade, de 1º de julho de 1930¹⁰³, mostra-se no mínimo curiosa. Mário de Andrade dá uma definição de “Sobrerrealismo” que Maria Eugenia Boaventura vai considerar “equivocada” (cf. página 154). A missiva é longuíssima e dela serão destacados excertos julgados mais relevantes:

Mas eu, minha poesia atual, meus atuais instintos e minhas atuais ideias de poeta são as mais distantes de tudo o que representa como poesia o livro de você. Poesia minha de agora: ou caio num lirismo absoluto, quase automático e sobrerrealista, intelectualmente incompreensível, ou melhor, paralógico, ao lado da lógica intelectual, os tais "versos de louco", ou traio de cabo a rabo esse conceito de poesia que é o meu atual e apenas evolução drástica e incisiva de ideias expostas na *Escrava* e processos tentados de quando em longe, traio e faço poesia socialística, de intenção social, como fiz no *Clã do Jaboti*.¹⁰⁴

A ideia exposta em *A Escrava que não é Isaura* provavelmente se refere ao “lirismo puro”, conceito já abordado anteriormente, o qual aqui, inclusive, aparece descrito sob a roupagem de “lirismo absoluto”. Retomando, se o “lirismo puro” aparece em 1922 e é fortemente influenciado pelo Dadaísmo, deduzido a partir de leitura de Paul

¹⁰³ A data dessa carta traz uma questão interessante. Primeiramente vale ao leitor pensar: como se data uma carta? É pela data da redação, da postagem ou da entrega? Por padrão do gênero textual, se assinala no corpo do texto a data de redação, e é esta que é usada para referenciar as missivas de Mário de Andrade. Nesse caso são dadas três datas pelo autor – 01, 12 e 22 de julho de 1930 –, ele começou num dia, continuou em outro e findou apenas no terceiro, então qual das três usar para a referência? Esse documento é sempre referenciado indicando a data de início da redação.

¹⁰⁴ ANDRADE, Mário de. *Lição de Amigo: Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. Digitalizado por Virgínia Vendramini. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982. p. 152-153. Disponível em: [https://visionvox.net/biblioteca/m/M%C3%A1rio de Andrade a Li%C3%A7%C3%A3o do Amigo.txt](https://visionvox.net/biblioteca/m/M%C3%A1rio%20de%20Andrade%20a%20Carlos%20Drummond%20de%20Andrade.txt). Acesso em: 11 jul. 2022.

Dermée, o “lirismo absoluto” de Mário daquele momento representa uma evolução de uma postura relacionada ao Dadaísmo, considerando-se que o próprio movimento de Breton também se enxerga como um passo adiante do grupo capitaneado por Tristan Tzara, como se o modernista brasileiro tivesse acompanhado o desenvolvimento das tendências europeias.

Se o próprio Mário de Andrade está dizendo que sua produção poética aquele momento poderia se aproximar do Surrealismo, quais seriam suas obras que apresentariam essa inclinação estética? Em *Modernismo e Surrealismo*, lê-se que “Mário estava referindo-se aos ‘Poemas da Negra’ e ‘Poemas da Amiga’”¹⁰⁵. Essa correlação não aparece de forma direta na carta: trata-se de uma leitura baseada na interpretação de outro trecho posterior do mesmo documento. Mário diz para Drummond acerca da própria poesia “Por tudo isso você compreende (e compreenderá melhor quando aí bater meu novo e talvez último livro de poesias, até o fim do ano)”¹⁰⁶, e realmente sai um livro de poesia seu em 1930, o *Remate de Males*, no qual se encontram os poemas supracitados¹⁰⁷.

No recorte a seguir, o papa do modernismo comenta o livro então recém-publicado por Drummond, o livro de estreia do poeta mineiro, *Alguma Poesia*:

¹⁰⁵ BOAVENTURA, Maria Eugênia. *op. cit.*, p. 27.

¹⁰⁶ ANDRADE, Mário de. *Lição de Amigo: Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. Digitalizado por Virgínia Vendramini. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982. p. 152-153. Disponível em: https://visionvox.net/biblioteca/m/M%C3%A1rio_de_Andrade_a_Li%C3%A7%C3%A3o_do_Amigo.txt. Acesso em: 11 jul. 2022.

¹⁰⁷ Outra citação construída a partir de partes diferentes da carta no artigo de Boaventura é a seguinte: “Isso é bem da psicologia de você com as grandes fadigas, as grandes amarguras e por isso desleixos intermitentes da vida, provocados pela sua enorme luta consigo mesmo sem ser o automatismo psíquico do sobrealismo (que por servil demais, me parece um processo, como qualquer outro) repare como então o lirismo se separa do individualismo e pela sua própria vagueza se torna mais humano e mais geral.” /Como se verá na continuação da carta, essa construção é a junção de dois comentários diferentes ao longo do texto; porém ainda apresenta diferenças com a grafia original de cada trecho, “provocados” está no feminino originalmente, e foram omitidas duas vírgulas, após “individualismo” e após “vagueza”. Parecem se tratar de gralhas de transcrição.

Seu livro é excessivamente individualista. Há uma exasperação egocêntrica enorme nele. Está claro que isso não diminui em nada os valores do seu lirismo. Diminuem a meu ver os valores edificantes utilitários de sua poesia. Você e o Manuel Bandeira se equiparam inteiramente nisso. A sociedade, a humanidade, a nacionalidade funcionam pra vocês em relação a vocês e não vocês em relação a elas. Não é um defeito permanente, como se vê. É uma questão de época e de necessidades de época que me faz censurar o excessivo individualismo de *Alguma Poesia* e de *Libertinagem*. Acho que vocês podem dar um passo a mais e cair nalgum surrealismo que acho que já está além do individualismo.

[...]

Outro efeito que aparece várias vezes e gostei em você foram as assonâncias ou rimas dentro do mesmo verso, e às vezes em palavras seguidas, como "mundo profundo". Isso é bem da psicologia de você com as grandes fadigas, as grandes amarguras e por isso desleixos intermitentes da vida, provocadas pela sua enorme luta consigo mesmo. A inteligência fica descontrolada e surgem as associações subconscientes. Muito bom. Aliás me parece mesmo que você está apenas a dois passos do surrealismo, ou pelo menos daquele lirismo alucinante, livre da inteligência, em que palavras e frases vivem numa vida sem dicionário quase, por assim dizer ininteligível, mas profunda, do mais íntimo do nosso ser, penetrando por assim dizer o impenetrável, a subconsciência, ou a inconsciência numa vez. O poema final é exclusivamente nesse sentido. Coisa intelectualmente besta, mas sublime, de vida enorme e comoção. E repare como então o lirismo, mesmo sem ser o automatismo psíquico do surrealismo (que por servir demais, me parece um processo, como qualquer outro) repare como então o lirismo se separa do individualismo, e pela sua própria vagueza, se torna mais humano e mais geral. Esse poema me dá esperanças que você vá gostar dos "Poemas da negra", da "Amiga" e mais umas coisas intelectualmente incompreensíveis do meu próximo livro de versos.¹⁰⁸

¹⁰⁸ ANDRADE, Mário de. *Lição de Amigo: Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. Digitalizado por Virgínia Vendramini. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982. p. 152-153. Disponível em: https://visionvox.net/biblioteca/m/M%C3%A1rio_de_Andrade_a_Li%C3%A7%C3%A3o_do_Amigo.txt. Acesso em: 11 jul. 2022.

Novamente, Mário de Andrade vai destacar a oposição entre lirismo e os “valores edificantes utilitários de sua poesia”. Parece também sugerir que a poesia que não se revela “socialística, de intenção social” seria individualista, característica que censura no livro de Drummond. Ao mesmo tempo, coloca o Surrealismo “além do individualismo”, ainda mais distante, assim, da “arte interessada”, conceito visto anteriormente.

De certa maneira, ele apresenta mais uma definição da literatura surrealista: “lirismo alucinante, livre da inteligência, em que palavras e frases vivem duma vida sem dicionário quase, por assim dizer ininteligível, mas profunda, do mais íntimo do nosso ser, penetrando por assim dizer o impenetrável, a subconsciência, ou a inconsciência duma vez”¹⁰⁹, novamente abordando o assunto da compreensão do significado das palavras. Nesse excerto, Mário ainda usa vocabulário freudiano – subconsciência – compartilhado com os surrealistas. Depois tece comentários sobre a escrita automática, “automatismo psíquico do sobrerrealismo (que por servil demais, me parece um processo, como qualquer outro)”¹¹⁰. Uma vez mais, fica a impressão reforçada da dubiedade da relação do poeta paulistano com o Surrealismo, ao passo que, se o automatismo é servil, é também, para o próprio autor, pois se faz presente em sua própria obra, conforme primeiro trecho desta carta antes citado.

Ao cabo do recorte apresentado, Mário trata dos poemas citados por Boaventura. Diz ele: “‘Poemas da negra’, da ‘Amiga’ e mais umas coisas intelectualmente incompreensíveis do meu próximo livro de versos.” O livro em questão é, como já dito, *Remate de Males*. Apesar do paralelo claro estabelecido entre esses poemas e aspectos do Surrealismo, e esta carta estar citada parcialmente em *Mário de Andrade e a Literatura*

¹⁰⁹ ANDRADE, Mário de. *Lição de Amigo: Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. Digitalizado por Virgínia Vendramini. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982. p. 153-157.

¹¹⁰ *Idem, Ibidem*.

Surrealista, eles não são tratados na dissertação de Isabel Gasparri. Talvez isso ocorra por se tratar de textos que não abordam diretamente algo relacionado ao movimento surrealista, mas outra hipótese é que tais escritos podem não ser descritos nesses termos na fortuna crítica de Mário de Andrade.¹¹¹

Então em 1934, o poeta comenta seu entendimento do que seria uma escola, ou tendência, de arte e a dificuldade em definir as correntes da vanguarda europeia, em carta a Manuel Bandeira de 24 de novembro. Também mencionará o Dadá, evidenciando que estava ciente da relação do movimento com o Surrealismo e sobre o caminho que este segundo estava tomando, mais especificamente, sua relação com o Comunismo.

Você me pede coisas impossíveis, definir tendências de arte “dicionariamente”. Ando matutando e rebuscando, mas sempre dando de encontro num muro intransponível. Se lembre que tendências de arte, escolas, etc. não são conceitos, são (quando são...) concepções. E como definir dicionariamente uma concepção impossível, me'rmão. Sabe o que aconselho? Fugir da definição, como os outros têm feito. Pego no *Dictionary of modern music and musicians*, e encontro Expressionismo definido justamente por um alemão: “A term given to a new form of pictorial or musical art, the chief exponent in painting being Kandinsky the Munich painter and, in music, Schoenberg the Viennese composer”. E moita, mas não dá, mandando consultar livros. Não seria está a melhor solução? Imaginei definir assim: “Tendência artística de origem

¹¹¹ Nesta carta a Drummond, de 1º de julho de 1930, Mário de Andrade faz um comentário de teor psicanalítico do livro *Alguma Poesia*, sugerindo a ação do inconsciente se manifestando na obra por meio do recalque (o que não é sublimado). Ainda que não seja algo tão tangente ao Surrealismo, que tem mais a ver com a expressão intencional do subconsciente – termo em desuso na psicanálise hoje, substituído por inconsciente –, considerou-se interessante trazer tal excerto no qual ficam explícitas as influências de Freud sobre o poeta paulista, que inclusive buscou aprender alemão para ler as obras de tal teórico no idioma original. Segue o trecho: “Agora, pra acabar, noto dois sequestros que frequentam o seu livro. Um deles você conseguiu sublimar (no sentido freudiano) com humour e ficou magnífico. É o que chamarei “sequestro da vida besta”. O outro, o “sequestro sexual”, que é muito mais curioso, você não conseguiu propriamente sublimar, você rompeu violentamente com as suas lutas interiores, seus temores, suas dúvidas e preferiu mentir à humanidade, se escondendo dela. Virou grosseiro, virou realista, você, o suavíssimo e encheu o livro de detalhes pornográficos à (ponhamos) francesa, como a pele picada pelos mosquitos, o dente de ouro da bailarina; ou à portuguesa com as tetas; ou, à você, e nisso está o melhor do sequestro, enchendo o livro de coxas e de pernas femininas. (*Idem, Ibidem.*)

alemã, que submete os dados da realidade e as normas da técnica à visão expressiva pessoal que o artista tem do mundo”. Isso me saiu depois de bem pensar e corrigir. Sei que está certo. Mas sei porque preliminarmente já conheço o expressionismo! Mas o diabo é que os próprios gregos, Fídias, Santa Maria! Estão aí dentro. Que os chins, indianos, góticos estivessem, não fazia muito mal não. Mas se Fídias vier me puxar a perna de-noite? E o pior é que os Impressionistas (que jamais não tiveram culpa deste nome de “impressionistas” que foi lhes dado), contra os quais o Expressionismo reagiu, também se podem gabar da minha definição. Pelo menos Renoir, que é justamente o maior. Definição é o diabo! Quem sabe se mais energicamente se poderia dizer: “Tendência artística moderna que tudo submete à expressão”? Mas não é bem à expressão que o expressionista submete tudo. Agora creio que sai melhor: “Tendência artística moderna (de origem alemã), que procura submeter à visão expressiva pessoal que o artista tem do mundo outros quaisquer elemento da arte”.

Mas, enfim, sempre ainda se pode ter quase um conceito do que seja Expressionismo, mas Dadaísmo, tá doido! Imagine: Tendência contemporânea de arte, de origem suíço-francesa e caráter revoltado, que pretendia dar absoluta liberdade ao artista na expressão da sua realidade interior até subconsciente, ao mesmo tempo que destruía ou buscava ultrapassar todos os cânones de arte existentes, e em seguida a própria arte”! Mas está comprido como o diabo. E entram aí elementos críticos, que nada têm que ver com o conceito, porque são meus e não dos dadaístas. Há parcialidade. Aliás você me pede definir Dadá e Dadaísmo. Pensei em botar “revolucionário” e não revoltado, mas penso que este é que é o termo. Espere aí: ah, mas não serve! Me lembrei de repente de usar mesmo de “revolucionário” e ajuntar “extremista”, pra caracterizar o caráter destrutivo que era lei pra Dadá, mas o diabo é que a gente confunde com Comunismo e pensa logo nele ao ler “extremista”, que os burgueses não sabem o que é. “Anárquico em arte” ficava bom, mas não sei é se os Dadaístas aceitariam minha concepção totalmente, e a definição cai na crítica. E no fundo a definição que dei de Dadá é exatamente idêntica à de Expressionismo. O que aliás está mesmo certo em última análise! Se nem todos os expressionistas são dadaístas, todos os dadaístas são expressionistas. O que importará talvez mais pra caracterizá-los sozinhos é o caráter

destrutivo deles. Pois quem sabe se a coisa ficava bem assim: “Manifestação extremista de Expressionismo (V. esta palavra)”. Mas como cheira a Comunismo! (E de-fato, a consequência lógica de Dadá acabou sendo mesmo o Comunismo, quase todos os dadaístas se passaram pro *Surréalisme*, e dele pro Comunismo de partido...) Ou “manifestação extremada de Expressionismo (v. E.)” Veja se consegue tirar de todas estas minhas invencionices alguma coisa que sirva. Mas minha opinião é que você deve se filiar ao *Dictionary* citado. Coisa histórica, sem conceito. Representantes mais típicos de Dadá são Tristan Tzara e Louis Aragon.”¹¹²

Considerando-se a distância temporal entre as aparições do Surrealismo nas produções epistolares de Mário, de 1930 para 1934 e agora 1939, nota-se o declínio do interesse do autor pelo movimento francês. O artigo “Fantasia de um Poeta”, publicado em *O Estado de S. Paulo*, em novembro de 1939, traz fotomontagens, mas vem acompanhado de pequenos comentários sobre o movimento que permitem acompanhar sua opinião acerca dessa tendência.

Porque a fotomontagem não deve ser apenas uma variedade de poesia sobre-realista, que, por princípio mesmo, não se sujeita a nenhum controle estético; é uma arte da luz, como a fotografia, o cinema e a pirotecnia.

[...]

Mas toda pessoa que se mete a fazer fotomontagens, em pouco tempo fica perfeitamente habilitada a entender certas doutrinas artísticas da atualidade e distinguir o que há de valor técnico em um quadro cubista e o que há de sugestividade psicológica e sonhadora no Sobre-realismo.¹¹³

¹¹² GASPARRI, Isabel. *op. cit.*, p. 143-144.

¹¹³ ANDRADE, Mário de. *Fantasia de um Poeta*. apud GASPARRI, Isabel. *op. cit.*, p. 161-162.

Importa mais a primeira parte do recorte, pois parece haver nela uma sugestão de oposição entre luz, luminosidade, e o hermetismo que Mário de Andrade atribui ao Surrealismo; inclusive, em artigo de 1940, compilado em *O Empalhador de Passarinhos*, o poeta tratará o movimento de Breton mediante o emprego do termo obscuridade e correlatos. Lê-se em “Da Obscuridade”:

A Poesia obscura, por qualquer razão, estética ou técnica, difícil de se compreender, deve ter seus limites. É possível a gente aceitar, e eu aceito, as obscuridades ilimitáveis, mas com o risco de me tornar eu mesmo obscuro, reconheço que esta indelimitação terá de ser sempre um limite. É o caso da poesia surrealista, por exemplo. Registrando as impulsões do ser, ao mais possível não censuradas pela inteligência lógica, a obscuridade da poesia surrealista é ilimitada. Mas esta mesma indelimitação provoca, exige a minha atitude de leitor, ao mesmo tempo de viva atividade psicológica e, no mais, de passividade submissa. E o poema se torna claríssimo em sua escuridão retinta. As palavras, as frases, as imagens, ora sugeridas das profundezas insondáveis, ora apenas a espuma primária e epidérmica das associações, agem dentro da minha compreensão como dados livres, ilhas da verdade humana, formando um arquipélago em que erro ao meu sabor. Nalgumas dessas ilhas nem sequer porei o pé, mas noutras colho a água de coco que me dessedenta.¹¹⁴

Fica claro o uso do termo “obscuro” para representar a dificuldade de interpretação de uma obra. Também se nota aqui uma postura diferente do poeta modernista relativa à nomeação do Surrealismo, pois, dessa vez, adota a grafia consagrada atualmente (e não *sobrerrealismo*). Mesmo ressaltando o traço hermético, como na carta para Sérgio Milliet de 10 de dezembro de 1924 (cf. página 143), Mário não vai abordar aqui a questão da função que a arte deveria ter, ponto central da missiva de 25 de

¹¹⁴ ANDRADE, Mário de. Da Obscuridade. apud GASPARRI, Isabel. *op. cit.*, p. 162-164.

dezembro de 1927 (cf. páginas 162-165 e 168-170), mas sim como se dá a fruição de uma obra com a orientação estética surrealista. Parece ser essa demanda ao leitor de “viva atividade psicológica” que causa o cansaço que Mário tem ao ler Reverdy, como revela à carta de 16 de dezembro de 1924 a Manuel Bandeira (cf. páginas 154 a 157).

Ainda em 1939, em *Três Faces do Eu*, também reunido em *O Empalhador de Passarinhos*, Mário de Andrade comenta a produção poética de alguns autores, entre eles Fernando Mendes de Almeida e sua obra *Carrussel Fantasma*, de 1937. O intelectual modernista vai atribuir características surrealistas a tal obra, como se nota no excerto:

O mais original e, decerto por isso, menos compreendido do terno, é Fernando Mendes Almeida. Os seus verso[s] só obtiveram elogios reticenciosos, o que não foi de todo desarrazoado. O poeta assusta em bocado a gente. Enquanto escrevia o seu *Carrussel Fantasma*, Fernando Mendes Almeida estava visivelmente, pelo que os seus poemas dizem, em pleno período de aprendizado do amor, e seu verbo amar ainda é completamente intransitivo. [...]

Não são belezas que faltam ao *Carrussel Fantasma*, mas a Beleza. O poeta como que se despreocupa de arte, se colocando intransigentemente sob o signo da psicologia. É a sua psicologia profunda, as clarinhas longínquas do inconsciente, os conselhos do subconsciente que busca trazer ao limiar das clarezas intelectuais; é o movimento lírico, o ‘lirismo’ (no sentido técnico da palavra) em sua virgindade inicial que o poeta nos oferece, apenas agenciado, em geral, por meio de certos processos primários de versificar em nossa língua, a redondilha, a quadra, o dístico. [...]

Mas não é apenas a técnica que o poeta maltrata assim. Reage contra tudo. Si lhe nasce uma suavidade amorosa, logo retruca com uma aspereza mais física, ou com uma nota de humorismo. O processo de concatenar imagens e ideias por contraste derivará talvez muito mais desse estado de revolta, ou melhor, de fúria, em que o poeta está, do que propriamente de uma associação passivamente lírica e subconsciente:

“Olhai a cidade dos pregões!

Rita! Nau! Vitória! Esconderijo”

O amor é um grande pão vermelho
E almocei uma grinalda multicolor!
Sinto um dedo entrar-me pela boca
Em precipício alígero do corpo!
Oh, agonias de fatais recursos!

[...] “Rito da Dona Ingrata”, o “Rondo da Morena” e o “Trailler nº 5”,
são ainda admiráveis, das mais interessantes exposições do mecanismo
lírico, em nossa poesia atual. [...].¹¹⁵

O trecho “sua psicologia profunda, as clarinhas longínquas do inconsciente, os conselhos do subconsciente que busca trazer ao limiar das claridades intelectuais” sugere que “mecanismo lírico” de Fernando Mendes de Almeida esteja sim relacionado à técnica surrealista. Já quando menciona o processo do poeta de concatenar imagens e ideias enquanto derivação de um estado de revolta, Mário parece ir no mesmo sentido do comentário feito a Drummond, na carta supracitada de 1930: “automatismo psíquico do sobrerrealismo (que por servil demais, me parece um processo, como qualquer outro)”¹¹⁶.

Desde a carta a Prudente de Moraes, neto, no natal de 1927, Mário de Andrade apresenta ressalvas mesmo ao que considera as melhores experiências surrealistas, como se nota em seu comentário aos elogiados excertos de Dolour, publicados no quinto volume da revista *Verde* de 1928 – “je n’invite personne à faire le voyage de cette jeune-fille”¹¹⁷. E tal posição perdura até seus últimos anos de vida, como se pode notar em carta de 5 de outubro de 1944, destinada a Murilo Rubião:

¹¹⁵ ANDRADE, Mário de. Três Faces do Eu. apud GASPARRI, Isabel. *op. cit.*, p. 166-167.

¹¹⁶ ANDRADE, Mário de. *Lição de Amigo: Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. Digitalizado por Virgínia Vendramini. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982. p. 152-153. Disponível em: https://visionvox.net/biblioteca/m/M%C3%A1rio_de_Andrade_a_Li%C3%A7%C3%A3o_do_Amigo.txt. Acesso em: 11 jul. 2022.

¹¹⁷ Em tradução própria: “Eu não convido ninguém a fazer a mesma viagem que essa jovem menina”.

Reserva que sempre tive, e devo mesmo ter pelo menos quanto a opinar, diante dos que criam mais ou menos pelos processos a-lógicos, paralógicos é melhor, de criação.

Na verdade, eu desconfio um bocado disso. Talvez desconfie porque tenha medo de mim, não sei. Imagino vagamente que si eu me entregasse a isso, seria pra mim apenas uma volúpia, e uma facilidade de receita.”¹¹⁸

Dessa citação, nota-se que a questão social ou utilitária da poesia parece não ser a única ressalva do modernista paulistano em relação à escrita automática surrealista. Porém, quando menciona seu “medo” de entregar-se a tal tipo de procedimento, será que tal comentário faz referência de alguma maneira aos poemas “intelectualmente incompreensíveis” recolhidos em *Remate de Males*?

Essa troca de cartas entre Mário de Andrade e Murilo Rubião se revela bastante interessante para os propósitos da presente pesquisa, pois, além de representar opiniões maduras do poeta, ela permite traçar um pouco melhor os limites do que ele entende por Surrealismo. Se, por um lado, fica muito claro que Mário reconhece a escrita automática, enquanto expressão do inconsciente ou subconsciente, como prática característica do movimento francês, por outro, quanto a outras características deste, pouco se nota em toda a documentação relativa ao autor citada e discutida até aqui. Por exemplo, sobre o misticismo, magia, esoterismo, comumente atribuídos como traço de tal movimento, a única referência foi “coisas de maçonaria”¹¹⁹; já sobre o humor, as vezes tomados como humor noir, Mário apresenta o seguinte comentário a obra de Murilo Rubião, em missiva a este de 16 de junho de 1943:

¹¹⁸ GASPARRI, Isabel. *op. cit.*, p. 149.

¹¹⁹ DUARTE, Paulo. *op. cit.*, p. 299-300.

I – Um humorismo áspero, revoltado; um sarcasmo maltratante que provoca a invenção do caso – invenção que é rara e curiosamente impositiva. Dominadora. É estranho mesmo como, passado o primeiro momento fatal em que a gente verifica que está lendo um caso impossível de suceder e às vezes se preocupa uns dois minutos com um possível símbolo, uma alegoria escondida no conto (e é perigo a evitar cuidadosamente no seu caso); o mais estranho é o seu dom forte de impor o caso irreal. O mesmo dom de um Kafka: a gente não se preocupa mais, e preso pelo conto, vai lendo e aceitando o irreal como si fosse real, sem nenhuma reação mais. Serão talvez essas as qualidades e caracteres dominantes e mais notáveis nestes apenas três contos: o humorismo asperamente amargo e a força estranha de apassivar dominadoramente o leitor, impondo o irreal como si fosse real.¹²⁰

Essa descrição da obra de Rubião como portadora de um “humorismo asperamente amargo”, bem como a menção ao elemento maravilhoso/fantástico nela evidente – outro item também comumente relacionado ao Surrealismo – poderiam aproximar a obra do prosador mineiro ao movimento de Breton – o próprio chega a ter dúvidas se o termo seria o ideal para descrever os contos fantásticos que estava produzindo. Em carta de 23 de julho de 1943 a Mário de Andrade, ele diz:

Desejava que você lesse um conto meu que saiu no Roteiro de 15 corrente – “Eunice e as flores amarelas”. Foi o primeiro conto “simbólico” (não tenho outro termo. Surrealista? Kafkiano?) que escrevi. E junto com o “Pirotécnico” e “O Mágico”, marca passagens distintas na minha literatura. Foram os meus três caminhos melhores.¹²¹

Mas o próprio poeta paulistano nega essa aproximação, como se vê em carta 27 de dezembro de 1943:

¹²⁰ GASPARRI, Isabel. *op. cit.*, p. 145-146.

¹²¹ *Idem*, p. 148.

Dos três trabalhos que você propõe na antologia, eu escolhia “O Mágico”, acho o mais perfeito de todos, com maior unidade no sustentar o diapasão da ... fantasia. (Vamos pra todos os efeitos, nesta carta, chamar de fantasia, o que você mesmo numa das suas cartas ficou sem saber como chamar, si “surrealismo, si “simbolismo”, a que se poderia acrescentar “liberdade subconsciente”, “alegorismo” etc. Fica aqui “fantasia”).¹²²

O entendimento de que Murilo Rubião está na categoria do fantástico, que, mesmo com influências e semelhanças do Surrealismo, não se trataria da mesma coisa, consona com o entendimento atual mais difundido dessa questão, expresso em diversos trabalhos, mas com destaque para o livro de Jorge Schwartz, fruto de sua dissertação de mestrado, *Murilo Rubião: A Poética do Uroboro*¹²³.

Fica a impressão de que a escrita automática, mais especificamente a expressão que escapa ao racional, impõe-se como o elemento central que Mário reconhece em produções surrealistas ou mesmo que utiliza para aproximar obras diversas do movimento francês. Trata-se, porém, de uma compreensão comum até entre os autores e intelectuais brasileiros que se aproximaram do movimento nos 1920¹²⁴.

Além disso, há grande dificuldade em classificar as correntes das vanguardas europeias, visto que todas intentavam romper com as tendências da arte a elas

¹²² GASPARRI, Isabel. *op. cit.*, p. 148.

¹²³ SCHWARTZ, Jorge. *Murilo Rubião: a poética do uroboro*. São Paulo: Ática, 1981.

¹²⁴ Por exemplo, a crítica ao movimento feita por Tristão do Athayde (pseudônimo de Alceu Amoroso Lima), “O Suprrealismo”, publicada em 14 e 25 de junho em O Jornal, do Rio de Janeiro. Ainda que esteja citando trechos do próprio manifesto de Breton (“O suprrealismo [...] é um ‘automatismo psíquico puro’, que nos dá ‘o funcionamento real do pensamento’. A expressão literária será – ‘um ditado do pensamento, fora de toda fiscalização exercida pela razão’. Repousa sobre – ‘o sonho todo poderoso’ e tende a – ‘arruinar definitivamente todos os demais mecanismos psíquicos’”). É um exemplo de como esse entendimento surgiu e pode até ter se difundido devido à influência de Amoroso Lima.

Athayde, Tristão do [Alceu Amoroso Lima]. O Suprrealismo, O Jornal, Rio de Janeiro, 14 e 25 jun. 1924. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_02&pagfis=21135. Acesso em: 03 mar. 2023.

imediatamente anteriores, em alguns casos até romper com a arte em sentido mais amplo, como acontece com os dadaístas. O próprio Mário de Andrade diagnostica essa dificuldade em sua carta a Manuel Bandeira de 24 de novembro de 1934 (cf. páginas 175-177). Apesar de já citada, vale recuperar alguns trechos para ilustrar tal posicionamento: “Você me pede coisas impossíveis, definir tendências de arte ‘dicionariamente’ [...] lembre que tendências de arte, escolas, etc. não são conceitos, são (quando são...) concepções. E como definir dicionariamente uma concepção impossível, me’rmão.”¹²⁵

Para o Surrealismo em específico, essa dificuldade ainda se faz muito presente, em especial para a questão da presença do movimento no Brasil. Não é à toa que boa parte da bibliografia considera Surrealismo como um movimento, que não pode ser definido como uma doutrina literária como Romantismo ou Classicismo. Desse modo, torna-se difícil determinar que certo autor ou obra seja surrealista, se estes não tiveram relação direta com o movimento.

Porém, mesmo com a ausência do movimento em si no Brasil¹²⁶, parte relevante da historiografia do movimento considera que houve um Surrealismo brasileiro, mesmo com os autores não “filiados” ao grupo de Breton. No contexto dessa pesquisa por exemplo, Febrônio Índio do Brasil não se associou a movimentos artísticos, provavelmente não tinha pretensões literárias, mesmo assim diversos intelectuais viram em sua obra, *As Revelações do Príncipe do Fogo*, características surrealistas.

Por fim, pode-se aferir que Mário foi leitor de dois surrealistas brasileiros, inclusive diz indiretamente que os reconhece assim. No artigo “A Mulher Ausente”, de 1940, reunido no *O Empalhador de Passarinho* lê-se:

¹²⁵ GASPARRI, Isabel. *op. cit.*, p. 143-144.

¹²⁶ A ausência na forma de um grupo organizado e ligado, direta ou indiretamente, aos surrealistas franceses, nas primeiras décadas de existência do movimento.

Mas nos “Poemas” a originalidade era mais uma contingência, transpondo em feminilidade violenta, aquela solução poética de caráter mais ou menos bíblico, mais ou menos surrealisticamente apocalíptico, baseada nos valores líricos sucessivos das imagens surgidas, e tão desenvoltamente desligada da inteligência lógica, solução admirável firmada por Murilo Mendes e Jorge de Lima.¹²⁷

Esses dois autores, Murilo Mendes e Jorge de Lima, são casos que, mesmo não estando diretamente ligados, ao menos naquele momento, ao grupo francês, têm obras reconhecidas como surrealistas pelas características estéticas que elas apresentam.

O Príncipe, o Conde e o Papa

Toda a breve obra de Isidore Ducasse foi localizada no acervo da biblioteca de Mário de Andrade, tanto *Les Chants de Maldoror*, assinado com o pseudônimo Conde de Lautréamont, edições de 1920¹²⁸ e outra de 1939¹²⁹, quanto o *Préface à um Livre Futur*¹³⁰, curioso título dado para a reunião de *Poésies I e II*, em edição de 1922, assinado como “Isidore Ducasse / Comte de Lautéramont” na capa.

Também havia uma ficha dedicada ao autor, intitulada pelo pseudônimo Lautréamont, no *Fichário Analítico*, a Ficha n. 3643: 226 [Crítica Individual] / Lautreamont, grafado sem o acento mesmo. Segue uma transcrição do texto do documento:

¹²⁷ ANDRADE, Mário de. A Mulher Ausente. apud GASPARRI, Isabel. *op. cit.*, p. 168.

¹²⁸ LAUTREAMONT, comte de [Isidore Ducasse]. *Les Chants de Maldoror*. Paris: Édition de la Sirène, 1920.

¹²⁹ LAUTREAMONT, comte de [Isidore Ducasse]. *Les Chants de Maldoror*. Paris: Albert Skira, 1939.

¹³⁰ LAUTREAMONT, comte de [Isidore Ducasse]. *Préface à um Livre Futur*. Paris: Édition de la Sirène, 1922.

<u>Lautreamont</u>	<u>226</u>
Cantos de Maldoror	E.N. 2
por Dermée	E.N. 20
Em “Minerva”, veja <u>Lautreamont</u>	
Europe IX, 1930 p. 118	
L. et la critique N.R.F. XI, 1930 ¹³¹	

Não se identificou de que se trata a referência “Minerva”¹³², já as outras são artigos em periódicos franceses. A revista *La Nouvelle Revue Française* (N.R.F.), de novembro de 1930 não se encontra digitalizada e, por isso, não foi possível consultá-la. Já os periódicos *Europe*, de setembro de 1930, e *L’Esprit Nouveau* (E. N.), números 2, de 1920, e 20, de 1924, estão disponíveis digitalmente pela Gallica, da Bibliothèque Nationale de France. Os artigos citados são: “*Les Chants de Maldoror*”, de Céline Arnaud, publicado em *L’Esprit Nouveau*, n. 2, 1920; “Lautréamont”, de Paul Dermée, estampado na mesma revista, n. 20, 1924, e “*Les Chants de Maldoror et l’Histoire*”, de Ribemont Dessaignes, presente em *Europe*, 15 set. 1930.

Os artigos são comentários superficiais sobre *Os Cantos de Maldoror*; dois deles com apenas três páginas, de três momentos diferentes – um anterior ao Surrealismo em 1920, outro de 1924, ano da publicação do *Manifesto do Surrealismo*, de Paul Dermée, autor que integraria o movimento em um primeiro momento, e o terceiro de 1930. Apesar disso, em linhas gerais, não diferem muito em conteúdo e fazem comentários bem parecidos. Todos trazem citações de trechos do livro, apontam a genialidade do autor, destacam a tristeza e a crueldade expressas na obra, inclusive no narrador, o humor, a

¹³¹ ANDRADE, Mário de. Ficha n. 3643: 226 [Crítica individual] / Lautreamont. *Fichário Analítico*. Transcrito em: GASPARRI, Isabel. *op. cit.*, p. 129.

¹³² Provavelmente se trata da revista *La Minerve Française*, pois consta no acervo de Mário de Andrade um recorte de tal periódico, trata-se de “Le Mouvement Littéraire: La Poésie”, de Marius André, sem data e sem indicação de qual número ou ano da publicação. Como *La Minerve Française* não está digitalizada, não foi possível obter mais informações sobre esse ou outros artigos de tal publicação que fazem referência à Lautréamont.

revolta para com Deus, apontam a relação com os românticos – isso talvez devido ao outro escrito de Ducasse, *Poesias*, em que este tece comentários sobre a literatura que lia – e o associam a simbolistas como Charles Baudelaire e Arthur Rimbaud. Os dois artigos mais antigos citam Nietzsche aproximando-o a Ducasse. Os mais novos ressaltam a influência de Lautréamont na literatura após ele. Dermée vai mais longe: “Par là encore il se révèle comme l’ancêtre de tout un mouvement poétique moderne.”^{133,134}

Independentemente da data das edições, os livros presentes em sua biblioteca pessoal não nos permitem determinar quando Mário de Andrade tivera contato com as obras, assim como ocorre com o *Fichário Analítico* em relação aos artigos referenciados. Já as cartas e outros documentos de autoria do próprio poeta são informações muito mais precisas no aspecto da temporalidade.

Apesar da questão levantada no parágrafo anterior, ainda é válido considerar que os conteúdos dos artigos franceses são muito provavelmente fontes que influenciaram na formação e leituras que Mário fez do romance de Ducasse, e, portanto, tais textos serão considerados para interpretar os comentários do intelectual paulistano sobre *Os Cantos de Maldoror*. Vale relembrar que Paul Dermée teve relevante influência sobre o modernista brasileiro no começo da década de 1920, inclusive foi citado em *A Escrava que não é Isaura*.

Mário de Andrade comentou o livro de Lautréamont no artigo “Blaise Cendrars”, à *Revista do Brasil*, n. 99, de março de 1924.¹³⁵

¹³³ Tradução de minha autoria: Aqui novamente ele se revela como ancestral de todo um movimento poético moderno.

¹³⁴ DERMÉE, Paul. Lautréamont. *L'Esprit Nouveau*, Paris, n. 20, p. 311-318, 1924. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1073372j/f53.item.zoom>. Acesso em: 21 jul 2022.

¹³⁵ A opção por citar uma vez mais documentos já transcritos anteriormente se justifica na intenção de não se quebrar a sequência de leitura com uma indicação de remissão para várias páginas atrás, além de deixar cada capítulo desta dissertação como um texto mais autônomo em sua abordagem temática.

Aliás, o que mais desagrada nos livros de plena fantasia é a absoluta observação passiva a que sujeitam o leitor. Eis por que pouco aprecio Lautréamont. Prefiro Júlio Verne e Sue...

[...]

Redrado o solo da poesia de França por esses precursores que foram Rimbaud, Laforgue, Lautréamont, fortificado pelo adubo americano de “Walt Whitman, a Kosmos, of Manhattan the son”, despargido principalmente pelo belga Verhaeren, nela surge uma árvore mágica: Guilherme Apollinaire.¹³⁶

Em carta a Candido Portinari de 3 de maio de 1938.

“[...] Quanto aos *Cantos de Maldoror* que você teve a delicadeza de me dar, quando descobri eles na minha bagagem, palavra que fiquei comovidíssimo. Depois quis zangar com a besteira de você, mas não pude, só posso lhe dizer é mesmo o ‘muito obrigado’ pelo presente esplêndido que enriqueceu baitamente a minha coleção de edições de luxo, não tinha nada de Salvador Dalí. [...]”¹³⁷

A edição de *Os Cantos de Maldoror* ilustrada por Salvador Dalí é de 1934, e não foi localizada no acervo de livros do autor de *Macunaíma* na pesquisa de Isabel Gasparri.

Por fim, carta a Murilo Rubião, de 27 de dezembro de 1943.

Aliás, talvez seja mesmo desta contradição entre um afastamento em princípio da lógica realista e a obediência, dentro da ultra-lógica conseguida, de uma nova lógica realística, o que faz o encanto estranho e a profundidade dramática, sarcástica, satírica, trágica, da ficção ‘fantasia’. Em *Maldoror* tem momentos disso formidáveis.¹³⁸

¹³⁶ ANDRADE, Mário de. Blaise Cendrars. In: EULALIO, Alexandre. *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*. 2 ed. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial, 2001. p. 385-387.

¹³⁷ GASPARRI, Isabel. *op. cit.*, p. 144.

¹³⁸ *Idem*, p. 148.

Mário de Andrade reconhece a importância de Lautréamont como precursor da poesia francesa no artigo de 1924, colocando-o ao lado de Rimbaud, mas a parte mais interessante, aqui, diz respeito a outro trecho desse texto. Nele é usada a palavra “fantasia” para descrever *Os Cantos de Maldoror*, além disso, coloca-a em paralelo à obra de Júlio Verne, autor até os dias de hoje associado ao gênero fantástico¹³⁹. O mesmo acontece na carta a Murilo Rubião transcrita acima e nos artigos dos periódicos franceses.

“Intensité, lyrisme, humanité, fantaisie, tout cela vient on ne sait d’où pour s’acheminer vers une fin qui n’a pas de commencement^{140,141} lê se em Céline Arnaud, e “C’est un fantastique lugubre et sardonique, plus intense cent fois que celui de Hoffmann^{142,143}, em Dermée. O nome citado é provavelmente do escritor alemão Ernst Theodor Amadeus Wilhelm Hoffmann, conhecido como E. T. A. Hoffmann, autor do conto *O Quebra-Nozes e o Rei dos Camundongos* que inspirou o conhecido balé de Tchaikovsky. Trata-se, não por acaso, de outro autor, assim como Verne, associado à literatura fantástica, em específico à literatura de horror e à literatura gótica.

Conforme já se viu ao tratar da leitura da obra de Murilo Rubião, Mário de Andrade pontua a diferença entre o gênero fantástico, ao qual relaciona Franz Kafka, Júlio Verne e o próprio Rubião, e o Surrealismo – vale ressaltar novamente que essa diferenciação vigora ainda, de forma bastante sólida, nos estudos literários. O ponto é que

¹³⁹ Mais especificamente à Ficção Científica. Ver notas 41 e 43.

¹⁴⁰ Tradução de minha autoria: Intensidade, lirismo, humanidade, fantasia, tudo isso vem não se sabe de onde para rumar para um fim que não tem começo.

¹⁴¹ ARNAUD, Céline. Les Chants de Maldoror. *L’Esprit Nouveau*, Paris, n. 2, p. 208-210, 1920. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1073374c/f244.item.zoom>. Acesso em: 21 jul 2022.

¹⁴² Tradução de minha autoria: É uma fantasia lúgubre e sardônica, cem vezes mais intensa do que a de Hoffmann.

Nota-se como ambos autores relacionaram Lautréamont à “fantasia” – fantaisie, fantastique –, o que pode ser um indicativo de como o termo era usado nas revistas literárias da França na primeira metade do século XX; e também a explicação de seu uso por Mário de Andrade. Ver nota 41.

¹⁴³ DERMÉE, Paul. *op. cit.*, p. 311-318.

aparentemente Mário considera a obra de Lautréamont mais próxima à Fantasia que ao Surrealismo. Desse modo, ao relacionar *As Revelações do Príncipe do Fogo*, de Febrônio Índio do Brasil, com a persona do autor uruguaio, ele não estaria sugerindo que o livro daquele seria surrealista.

Porém, apesar de concluir-se não ter Mário de Andrade, muito provavelmente, associado *As Revelações do Príncipe do Fogo* ao Surrealismo, não fica inválida a hipótese de que Febrônio poderia ter sido importante para a presença do movimento no Brasil. Breton destacou diversas vezes a importância do conde de Lautréamont para o movimento que liderou, inclusive no próprio *Manifesto do Surrealismo*. Obviamente, isso não quer dizer que haja grande proximidade estética entre sua obra e as obras surrealistas, além do que Isidore Ducasse também influenciou, talvez de forma mais sutil e menos anunciada, assim como outros simbolistas, outros movimentos das vanguardas europeias.¹⁴⁴

Dessa forma, do mesmo modo que Lautréamont não poderia ser tomado propriamente como um surrealista, pode ser que Febrônio, que também não o seria, se não tivesse seu livro desaparecido, poderia ter se cristalizado como precursor e influência para o desenvolvimento de uma estética surrealista no Brasil, de forma autóctone, independente da escola francesa.

¹⁴⁴ É necessário apontar que essa questão não é simples. Se é verdade que Lautréamont influenciou não só o Surrealismo, também é verdade que os surrealistas o reivindicaram e o propagandearam de tal forma que a associação do escritor uruguaio com o movimento de Breton é quase automática e indissociável. Isso fica muito evidente na bibliografia sobre o Surrealismo, inclusive no *Manifesto do Surrealismo*. A título de ilustração, a pesquisadora Isabel Gasparri ao levantar contatos entre Mário de Andrade e o Surrealismo em sua dissertação de mestrado, incluiu nos resultados materiais referentes à Lautréamont, *Os Cantos de Maldoror* e a Isidore Ducasse, tais como livros, artigos, cartas em que são citados e a ficha do *Fichário Analítico*. Todavia, não se pode afirmar que essa associação era, entre as décadas de 1920 e 1940, tal qual é hoje. Nota-se que Dermée não cita o movimento do qual fez parte em seu artigo crítico em 1924; ou perceba-se ainda que já estava se redescobrimdo – ou na verdade descobrimdo tardiamente – Lautréamont em 1920, como se pode ver no artigo de Céline Arnaud, antes da existência do Surrealismo. Dessa maneira, parece provável que Mário de Andrade não usasse Lautréamont como sinédoque ao movimento surrealista, conforme se pode observar pelas evidências apresentadas no transcórre deste texto.

Mas o que foi que Mário de Andrade disse sobre *As Revelações do Príncipe do Fogo*, de Febrônio Índio do Brasil, afinal?

Sobre o evangelho de Febrônio, o poeta paulista publicou um texto crítico em 1939, com o título “Um Poeta Místico”, o qual foi republicado anos depois com poucas alterações. Apesar disso, esse artigo, tal qual o livro do polêmico autor, aparentemente esteve perdido. Glaucia Soares, que em sua dissertação *Como se Escreve Febrônio*¹⁴⁵ buscou e não encontrou *As Revelações do Príncipe do Fogo*, também não cita o artigo em questão de Mário de Andrade. O mesmo acontece com o artigo “Aí vem Febrônio!”¹⁴⁶, de Carlos Augusto Calil e até na dissertação de Isabel Gasparri. Essa questão é relevante pois, por décadas, acreditou-se que os únicos excertos do breviário de Febrônio conhecidos eram aqueles contidos na obra de Cendrars, sendo que o artigo do autor de *Macunaíma* conta, desde 1939, com alguns trechos transcritos do livro.¹⁴⁷

É um mistério como Mário conseguiu ter acesso *As Revelações do Príncipe do Fogo*, livro que praticamente desapareceu no final dos anos 1920. Na verdade, o exemplar presente na biblioteca do escritor paulista só foi localizado em 1995 por Carlos Augusto Calil. Nesse caso, é possível ter certeza de que o livro foi lido por Mário, devido às inscrições na marginália, que inclusive funcionam como base para seu futuro artigo, conforme apontado em *Sobre “Um Poeta Místico”*, em *As Revelações do Príncipe do*

¹⁴⁵ BASTOS, Glaucia Soares. *Como se Escreve Febrônio*. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Departamento de Teoria Literária, Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 1994. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/269178/1/Bastos_GlauciaSoares_M.pdf. Acesso em: 08 out. 2018.

¹⁴⁶ CALIL, C. A. Aí vem o Febrônio!. *Teresa*, São Paulo, n. 15, p. 101-116, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/98598>. Acesso em: 13 maio 2021.

¹⁴⁷ Vale citar o trabalho que parece ser o primeiro a resgatar o artigo “Um Poeta Místico”, a versão de 1939, que o traz anexado integralmente, a já citada tese de doutoramento de Vanessa Nahas Riaviz *Rastos Freudianos em Mário de Andrade*. Já a edição de 1943, em versão atualizada, encontra-se na monografia de conclusão de curso *As Revelações do Príncipe do Fogo: Edição Modernizada*.

*Fogo: Edição Modernizada*¹⁴⁸. Diz o modernista a respeito de seu primeiro contato com a obra de Febrônio.

Recentemente me caiu nas mãos o livrinho de uma dessas santidades néo-protestantes que me deixou no maior dos entusiasmos. [...] Ele mesmo, pelo que contou o amigo que forneceu o exemplar, o próprio Febrônio quando ainda aparentemente normal, é que andava vendendo as suas admiráveis “Revelações” pelos cafés e bares baratos do Rio.¹⁴⁹

A principal hipótese é que o “amigo” seja Sérgio Buarque de Holanda, que comprou, como já visto, o livro das mãos do próprio Febrônio e que teve contato com Mário durante o “exílio” deste último no Rio de Janeiro, que começa em 1938. Outra possibilidade está em correspondência trocada com o próprio Sérgio Buarque:

2º Trecho de uma carta que recebi do Levi Carneiro, escrita de Petrópolis: “... não pude dirigir-me ao Mário de Andrade, cujo interesse ignoro e que muito desejava figurasse no primeiro número da Revista. Leonídio Ribeiro, meu amigo e dele, [...]”¹⁵⁰

Leonídio Ribeiro era médico e professor de medicina legal que, ainda em 1927, junto a Murilo Campos, publicam o artigo “O caso Febrônio perante a psiquiatria”, em *O Jornal*, periódico do Rio de Janeiro, em 15 de outubro do referido ano. Apesar da falta de evidências mais sólidas, sendo Leonídio Ribeiro um dos primeiros médicos a se dedicar

¹⁴⁸ NOVAES, Adam H. Sobre “Um Poeta Místico”. In: *As Revelações do Príncipe do Fogo*: Edição Modernizada. Monografia – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. p. 173-176.

¹⁴⁹ ANDRADE, Mário de. Um Poeta Mystico. Modernizado. In: NOVAES, Adam H. *As Revelações do Príncipe do Fogo*: Edição Modernizada. Monografia – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

O artigo “Um Poeta Místico” é apresentado em uma comparação das duas versões – de 1939 e 1943 – e com um paratexto que analisa a relação das anotações que Mário de Andrade deixou em seu exemplar do livro de Febrônio com o conteúdo de seu artigo.

¹⁵⁰ ANDRADE, Mário de & HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*. Organização de Pedro Meira Monteiro. São Paulo: Companhia das Letras, Instituto de Estudos Brasileiros, Edusp, 2012. p. 114-115.

ao caso Febrônio, num momento em que o livro provavelmente ainda circulava, parece plausível que tivesse um exemplar de *As Revelações do Príncipe do Fogo*, e pode ter sido o amigo que o entregou a Mário de Andrade.

Mas afinal, o que foi que Mário de Andrade disse sobre *As Revelações do Príncipe do Fogo*, de Febrônio Índio do Brasil?

Apenas na primeira versão de seu artigo “Um Poeta Mystico” – dedicado a comentar *As Revelações do Príncipe do Fogo* –, publicado em *O Estado de São Paulo* de 12 de novembro de 1939, lê-se no último parágrafo: “[...] evoca por momentos a eloquência apocalíptica de São João, e noutros, pelo inesperado sonhador das visões, lembra Lautreamont.”¹⁵¹ Não é possível aferir o motivo do excerto ter sido cortado da republicação à *Revista da Academia Paulista de Letras* em 12 junho 1943; poderia se tratar de interferência do editor ou uma opção do próprio autor considerando o tipo de periódico que passaria a acolher tal colaboração, mas isso não faria sentido, visto que, no jornal de maior circulação, sai um texto com referência a um autor francês ainda não traduzido para o português à época, enquanto na revista acadêmica, de circulação entre letrados, a mesma referência é cortada. Outra hipótese seria uma mudança de opinião do autor em relação a Lautréamont, o que parece improvável, ainda mais entre 1939 e 1943, intervalo que não pode ser visto como um período de mudanças de sua opinião em relação à Europa como foi a década de 1920; mesmo porque Mário provavelmente conhecia *Os Cantos de Maldoror* havia muitos anos, levando-se em conta a ficha dedicada a Lautréamont no *Fichário Analítico*.

¹⁵¹ ANDRADE, Mário de. Um Poeta Mystico. Modernizado. In: NOVAES, Adam H. *As Revelações do Príncipe do Fogo*: Edição Modernizada. Monografia – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

É por esse motivo, qual seja, o trecho mais relevante do artigo para esta pesquisa aparecer apenas na publicação de 1939, além de todas as citações a ele estarem de acordo com a versão mais antiga, que se optou por utilizar a grafia do título como aparece na primeira versão – *Um Poeta Mystico*.

Quanto à questão do porquê se decidiu republicar *Um Poeta Místico* em 1943, várias hipóteses são possíveis. Pode se tratar de uma colaboração encomendada, ou de uma ação voluntária do próprio Mário de oferecer o texto aos editores, e ambas as hipóteses podem decorrer da intenção de divulgar *As Revelações do Príncipe do Fogo*.

Agora, sobre a data da primeira publicação em 1939, é provável que o artigo suceda a obtenção do breviário em questão por Mário. Outro fato que pode ter alguma relação com o texto encontra-se na publicação de *Penitentiars de Noirs*, de Blaise Cendrars, no jornal *Paris Soir*, entre 30 de maio e 2 de junho de 1938, reportagem literária entre o jornalismo e a ficção em que dedica uma boa parte do texto a Febrônio Índio do Brasil¹⁵². São todas hipóteses que dificilmente serão confirmadas ou terão alguma resposta.

Independentemente da questão do Surrealismo – se mostrou fraca a hipótese de que Mário de Andrade estaria relacionando Febrônio ao movimento francês por meio de Lautréamont –, ainda se mostra interessante tentar compreender que semelhanças o poeta modernista poderia ter notado entre *As Revelações do Príncipe do Fogo* e *Os Cantos de Maldoror*.

Para isso, em relação ao texto de Febrônio utilizam-se as características levantadas por Mário de Andrade em seu artigo. Já para a obra de Lautréamont, com finalidade de evitar a armadilha de buscar semelhanças artificiais ou forçadas, ou de tentar enquadrar *Os Cantos de Maldoror* nas características apontadas pelo modernista em *As Revelações do Príncipe do Fogo*, idealizou-se o seguinte método, coligir a leitura de Mário da obra brasileira com uma leitura do livro francês – apesar de o autor ser uruguaio – feita por

¹⁵² Blaise Cendrars nunca conseguiu um exemplar de *As Revelações do Príncipe do Fogo*, como fica claro em sua reportagem. No livro de Alexandre Eulálio sobre a relação do poeta franco-suíço com o Brasil descobre-se que este requisitou ajuda de Paulo Prado por carta para obter o livro, sem sucesso. Também não se sabe se Mário de Andrade leu o texto de Cendrars – a relação deles ficou desgastada como se vê no artigo *Taxi: Blaise Cendrars*, de 1929.

Claudio Willer. Este, além de poeta integrante do Surrealismo, destaca-se também como pesquisador, tradutor e agitador do movimento, em sua tradução da obra.

Logo de partida, não se pode perder de vista a principal diferença entre as obras a serem comparadas, apesar de certas similaridades em relação ao texto e de algumas coincidências biográficas. Isidore Ducasse tinha intenções literárias com a escritura de sua obra, além de se mostrar conhecedor da literatura de sua época e da anterior. Por outro lado, Febrônio Índio do Brasil, ou melhor, o Príncipe do Fogo, visto que sua obra não apresenta marcação de autoria, provavelmente, ao se considerar o subtexto do livro e o pouco que se tem de registro do que disse Febrônio, não tinha intenções poéticas. Portanto, não se trata de um texto literário, mas sim do registro de uma revelação, um aviso à humanidade e à natureza da chegada de um profeta. Seria, então, em certa medida, tão literário quanto a bíblia ou o corão.

De início, apontam-se as semelhanças entre as obras a partir dos textos de referência já indicados, seguindo o artigo “Um Poeta Místico”. Depois, levando em conta o conteúdo apresentado, serão abordadas, mais especificamente, as aspas do comentário textual de Mário em específico, o qual motiva estas linhas.

O artigo “Um Poeta Místico” começa com um juízo depreciativo direcionado aos pregadores “protestatizados” que professavam sua fé em praça pública, vistos pelo autor em São Paulo. Para então, sobre Febrônio escrever:

O autor era um desses místicos populares, perfeitamente identificável aos pregadores protestantizados do Jardim da Luz. Só que de um valor lírico excepcional. A todo momento ele cita a Bíblia com bem imitada indicação bibliográfica¹⁵³

¹⁵³ [BRASIL, Febrônio Índio do]. *As Revelações do Príncipe do Fogo*. In: NOVAES, Adam H. *op. cit.*, p. 178.

Sobre esse caráter ou tom de pregação que se percebe no texto, comentário no mesmo sentido é feito por Claudio Willer, acompanhado de um excerto de exemplo:

Imita um orador arengando a sua plateia, ou um pregador religioso em seu púlpito: *Tempestades, irmãs dos furacões; firmamento azulado, cuja beleza não admito; mar hipócrita, imagem do meu coração; terra com o seio misterioso; habitantes das esferas; universo inteiro; Deus, que o criaste com magnificência, é a ti que invoco: mostra-me um homem que seja bom!* (C1, E5).^{154 155}

Da influência bíblica, Mário a destaca ainda em outro trecho além do já citado: “Mas o Príncipe do Fogo era bastante lido, principalmente do Apocalipse que o deslumbrou e cuja mística imaginosa o inspira.”¹⁵⁶, essa mesma influência também se encontra em *Os Cantos de Maldoror*, de acordo com o prefácio de Willer.

Logo após a primeira citação direta de *As Revelações do Príncipe do Fogo*, Mário de Andrade destaca o problemas gramaticais da obra:

Este aliás um dos poucos passos em que não surgem erros terríveis de concordância, porque o Príncipe do Fogo, embora pregue a concórdia, é o mais feroz inimigo da concordância gramatical que nunca encontrei nas minhas viagens pela literatura popular.¹⁵⁷

Problema para ele tão grave que reaparece em sua conclusão do artigo: “Livro irregular, desagradável pelos defeitos gramaticais violentos”¹⁵⁸. Aparentemente questão

¹⁵⁴ WILLER, Claudio. O Astro Negro. In: LAUTRÉAMONT, Conde de. *Os Cantos de Maldoror*: poesias: cartas: obras completas. Tradução, prefácio e notas de Claudio Willer. São Paulo: Iluminuras, 2015. p. 30.

¹⁵⁵ Trecho em itálico é uma citação da obra de Lautréamont, quinta estrofe do primeiro canto (C[anto] 1, E[strofe] 5), em tradução do próprio Willer.

¹⁵⁶ ANDRADE, Mário de. Um Poeta Mystico. Modernizado. In: NOVAES, Adam H. *op. cit.*, p. 179.

¹⁵⁷ *Idem, ibidem.*

¹⁵⁸ *Idem*, p. 182.

análoga também se aplica a *Os Cantos de Maldoror*, diz Willer: “A loucura de Lautrémont, sua perversão, assim como seus erros ortográficos [...] foram, algumas vezes, invocados *contra* ele, em ensaios que questionam seu valor e originalidade.”¹⁵⁹

Ainda no âmbito das questões gramaticais, o uso da pontuação também seria “inventivo”, de acordo com as normas vigentes à época da redação em seus respectivos idiomas. Em *Nota sobre a tradução e a edição* que abre as obras completas na edição de 2015 pela Iluminuras, aponta e exemplifica Claudio Willer:

Segui, até onde foi possível, sua pontuação. Lautréamont exagerava e inventava na pontuação, como se pode ver pela comparação (entre outras possíveis) de um original de Vauvenargues e sua transcrição em *Poesias. La raison et le sentiment se conseillent et se suppléent tour à tour* transforma-se em: *La raison, le sentiment se conseillent, se suppléent.*^{160 161}

Mesmo o exemplo sendo de outro livro de Isidore Ducasse, fica claro no paratexto que se tratava de característica inerente ao autor, e não de postura circunscrita a uma obra específica, inclusive é referido como Lautréamont, pseudônimo com qual não assina *Poesias*.

¹⁵⁹ WILLER, Claudio. O Astro Negro. In: LAUTRÉAMONT, Conde de. *op. cit.*, p. 67.

¹⁶⁰ WILLER, Claudio. Nota Sobre a Tradução e a Edição. In: LAUTREAMONT, Conde de. *op. cit.*, p. 11.

¹⁶¹ Esse é um dos casos em que Isidore Ducasse se apropria de passagens de outros autores, o que será abordado mais à frente no texto. Trata-se de uma frase de Luc de Clapiers, marquês de Vauvenargues – assim como o conde de Lautréamont é conhecido por Lautréamont, ele é referenciado como Vauvenargues. A primeira versão da frase está de acordo com a redação original do autor, em tradução de Willer apresentada em nota: “A razão e o sentimento se aconselham e se complementam alternadamente.” A outra transcreve tal como ela se apresenta em *Poesias II*, em tradução de Willer: “A razão, o sentimento se aconselham, se completam.” (LAUTRÉAMONT, Conde de. *Poesias II*. In: *Os Cantos de Maldoror*: poesias: cartas: obras completas. Tradução, prefácio e notas de Claudio Willer. São Paulo: Iluminuras, 2015. p. 307.) / Não se pode verificar se as edições de *Les Chants de Maldoror* que Mário de Andrade teve contato mantinham ou não os erros apontados por Willer, ou se passaram por maior intervenção editorial.

Mário de Andrade não chega a falar sobre as vírgulas, mas altera seu uso, em relação ao texto original, ao citá-lo. Note as diferenças entre a passagem original e a citação dela que consta do artigo de 1939, em edição atualizada para a monografia de conclusão de curso “*As Revelações do Príncipe do Fogo*: Edição Modernizada”.

salta de extremo, prazer, ó Céu, cada ave ao seu ninho, é voltado o Eterno Rei a seu Real Trono, o Santo valente e guerreiro fero que, do Santo-monte, nos tortos caminhos baixou, nas profundidades das vastas regiões dos vales escabrosos, lutando contra fortes bestas e vis dragões que, almejam subir do abismo à terra e seus habitantes destruir, Daniel, cap. 7; volve em turba, o sangue batalhado; triunfou; o Céu e o menino do Santo-Terçado eis ai, ó humanidade, o teu Rei é um grande guerreiro e não o maior covarde!...¹⁶²

Salta de extremo(,) prazer, ó Céu, cada ave ao seu ninho:(,) é voltado o Eterno Rei a seu Real Trono, o santo valente e guerreiro fero que(,) do santo monte nos tortos caminhos baixou, nas profundidades das vastas regiões dos vales escabrosos(,) lutando contra fortes bestas e vis dragões que almejam subir do abismo à terra e seus habitantes destruir, Daniel, cap. 7; volve em turba, o sangue batalhado; triunfou; o Céu e o menino do Santo Terçado eis aí, ó humanidade, o teu Rei é um grande guerreiro e não o maior covarde!¹⁶³

Foram três vírgulas cortadas do original – apontadas com destaque e entre parênteses “(,)” em “Um Poeta Mystico” – e uma vírgula substituída por dois-pontos (:), supressão registrada por meio do sinal (:). Em outros trechos transcritos no artigo, também existem alterações da pontuação original.

¹⁶² [BRASIL, Febrônio Índio do]. *As Revelações do Príncipe do Fogo*: Edição Modernizada. Monografia – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. p. 75-76.

¹⁶³ ANDRADE, Mário de. Um Poeta Mystico. Modernizado. In: NOVAES, Adam H. *op. cit.*, p. 178-179.

Outro ponto que não é possível saber diz respeito a citações adulteradas e não creditadas. Febrônio, entre outras referências à bíblia, transcreve orações católicas.

Mas as orações católicas também auxiliam o poeta na construção da sua santidade. O Credo, a que chama “Credo Forte do Santo Vivo”, o Padrenosso, o ato de contrição e a Salve Rainha surgem, detestavelmente deformados de sua sublime perfeição.¹⁶⁴

Já Lautréamont, segundo Willer, citava e mesmo “plagiava” outros autores “adulterando-os”¹⁶⁵. Excertos, ou inspirações, de Dante, Goethe, Shakespeare etc. podem ser identificados em *Os Cantos de Maldoror*, de tal forma que

A utilização de outros autores é de tamanha variedade que fez muitos estudos e edições comentadas não chegarem a lugar algum, perdendo-se nas zonas cinzentas onde não é possível identificar o que é apropriação proposital, coincidência ou repetição de chavões e convenções.¹⁶⁶

Mário de Andrade estaria ciente dessas apropriações?

A questão da “deformação” do credo católica também entra na blasfêmia contra a religião e contra Deus presente em Lautréamont de forma explícita: “subida de Maldoror ao céu, onde encontra um Deus devorador de homens, réprobos que nadam em um charco de sangue (C2, E8)¹⁶⁷ [...] Lautréamont reapresenta o pensamento da heresia gnóstica dos primórdios da era cristã.”¹⁶⁸

¹⁶⁴ ANDRADE, Mário de. Um Poeta Mystico. Modernizado. In: NOVAES, Adam H. *op. cit.*, p. 180.

¹⁶⁵ WILLER, Claudio. O Astro Negro. In: LAUTREAMONT, Conde de. *op. cit.*, p. 67.

¹⁶⁶ *Idem.* p. 33.

¹⁶⁷ A oitava estrofe do segundo canto de *Os Cantos de Maldoror* está nas páginas 124-127 da tradução de Cláudio Willer.

¹⁶⁸ WILLER, Claudio. O Astro Negro. In: LAUTREAMONT, Conde de. *op. cit.*, p. 31.

Todas essas similaridades podem ter contribuído para a evocação de Lautréamont na leitura de Mário de *As Revelações do Príncipe do Fogo*, porém a aproximação apresentada textualmente é a seguinte “a noutros, pelo inesperado sonhador das visões, lembra Lautreamont.”¹⁶⁹

Com “sonhador das visões” parece que Mário evoca as imagens construídas, das pequenas cenas montadas, raras no livro de Febrônio, que não é narrativo. O que se quer dizer, assim, é que tal comentário não aparenta, e provavelmente não o faz, referir-se a construções textuais – como estrutura da frase, vocabulário semelhante etc. –, semelhantes; mas sim às imagens descritas de fato.

Nesse sentido, de fato, torna-se possível identificar semelhanças entre as obras. Para ilustrar, retoma-se o trecho citado por Willer para exemplificar o tom de pregação:

Tempestades, irmãos dos furacões; firmamento azulado, cuja beleza não admito; mar hipócrita, imagem do meu coração; terra com o seio misterioso; habitantes das esferas; universo inteiro; Deus, que o criaste com magnificência, é a ti que invoco: mostra-me um homem que seja bom!...¹⁷⁰

O diálogo com elementos da natureza aparece de forma similar em diversos trechos do livro de Febrônio que, apesar de não transcritos em “Um Poeta Mystico”, ainda assim parece relevante para esta pesquisa apontar tal semelhança, como no exemplo a seguir.

Eis-me, ó sete trovões do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu, já que, as tuas unânimes forças lealmente científica noite e dia, diante do meu Sacrossanto Trono-Vivo, a existência da minha

¹⁶⁹ ANDRADE, Mário de. *Um Poeta Mystico*. Modernizado. In: NOVAES, Adam H. *op. cit.*, p. 182.

¹⁷⁰ LAUTRÉAMONT, Conde de. *Os Cantos de Maldoror*: poesias: cartas: obras completas. Tradução, prefácio e notas de Claudio Willer. São Paulo: Iluminuras, 2015. p. 77.

eterna essência divina, a dor de um selo, a nobreza de uma mãe, o encanto de um filho, Apocalipse, cap. 10; eu, o sangue do poço da voz bendita do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; exalto-vos hoje, com o prêmio da bênção divina, acrescentar-vos-ei os teus resplendores, legar-vos-ei assaz sonidos, aumentar-vos-ei fortes estrondos, suscitar-vos-ei lindas nuvens de várias cores, no Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; registrar-se-á as tuas retidões; estrondando os trovões, a luz olhando; o sétimo anjo na terra, as gentes brigando; eis aqui, ó sete trovões, o que, o Rei do arco-íris anuncia-vos; sois benditos em todos os teus estrondos.¹⁷¹

As frases e parágrafos longos, crivados de pontuação, assemelham ainda mais as duas passagens. A enumeração de elementos com farta adjetivação, de certa forma dignificante, também se repete. “Tempestades, irmãos dos furacões”, “firmamento azulado, cuja beleza não admito”, “mar hipócrita, imagem do meu coração”, “terra com o seio misterioso” e “habitantes das esferas” em Lautréamont; e “sete trovões do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu, já que, as tuas unânimes forças lealmente científica noite e dia”, “existência da minha eterna essência divina”, “a dor de um selo”, “a nobreza de uma mãe”, “o encanto de um filho”, “lindas nuvens de várias cores”, “estrondando os trovões”, “a luz olhando”, “o sétimo anjo na terra” e “as gentes brigando” do outro.

Outro ponto de aproximação desses dois trechos parte de comentário do próprio Mário de Andrade em seu artigo, em relação ao uso dos adjetivos:

produzindo combinações novas, imagens esplêndidas, um sentido muitas vezes inédito da adjetivação. Aquela “meiga encarnação”, aquela “ingênua vontade perfeita” não são exemplos únicos desse poder inédito de adjetivação. Surgem inesperadamente um “harmonioso louvor”, um “garboso testemunho”, e o Príncipe do Fogo às vezes

¹⁷¹ [BRASIL, Febrônio Índio do]. *As Revelações do Príncipe do Fogo*: Edição Modernizada. Monografia – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. p. 85.

penetra em “noites confusas”, mas tudo vence com a sua “erudição deliciosa”.¹⁷²

Já naquele excerto de Lautréamont lê-se um exemplo do tipo de adjetivação não usual em “mar hipócrita”.

Essa similaridade, em outro sentido, podem ser observada no seguinte trecho – este transcrito em “Um Poeta Mystico” – do que parece ser um exemplo das “grandes visões assombradas”¹⁷³ referidas por Mário:

o Santo valente e guerreiro fero que, do Santo-monte, nos tortos caminhos baixou, nas profundidades das vastas regiões dos vales escabrosos, lutando contra fortes bestas e vis dragões que, almejam subir do abismo à terra e seus habitantes destruir, Daniel, cap. 7; volve em turba, o sangue batalhado; ¹⁷⁴

Além de outros como:

[...] já que, antecipadamente a ilustre Filha dos firmamentos azulados, denunciou em tormentos e ais venturosos; o dragão maldito e seus cúmplices ambiciosos, almejaram, congregaram-se e hoje todos decapitados¹⁷⁵

quando o quinto anjo derramou a taça de destruição no trono da besta, foi esfacelado o reino maldito, os três espíritos de demônios foram chamados a juiz, o anjo das trevas declarou-se impotente, o fumo do abismo subiu escureceram-se o ar e o Sol, o anjo da Luz deu alarme, a grã pressa o Terçado-Santo deu a nova dizendo: que tu, ó grão Príncipe do Fogo, derramou as entranhas do dragão maldito dentro da própria

¹⁷² ANDRADE, Mário de. Um Poeta Mystico. Modernizado. In: NOVAES, Adam H. *op. cit.*, p. 181.

¹⁷³ *Idem*, p. 179.

¹⁷⁴ [BRASIL, Febrônio Índio do]. *As Revelações do Príncipe do Fogo*: Edição Modernizada. Monografia – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. p. 80.

¹⁷⁵ *Idem*, p. 119.

Fortaleza da escuridade, de repente, o anjo da Luz deu outra nova dizendo: rebentou-se as entranhas daqueles que levantaram-se contra o Real Príncipe dos Príncipes Oriente, veio o anjo fiel do Santuário dizendo: foram reduzidos em pó, os que desonraram o lugar da Santificação do Príncipe da Fortaleza, o legítimo herdeiro do Trono da Vida¹⁷⁶

Tais excertos mais escatológicos – na verdade, parece que o Príncipe do Fogo impede as criaturas de causarem o fim do mundo –, violentos, que falam de vísceras, decapitação, sangue, e até mesmo lúgubres, citando “vales escabrosos”, “dragão maldito”, “espíritos de demônios”, “Fortaleza da escuridade” etc. lembram muito os *Cantos* de Lautréamont, conforme descreve Willer: “Lidas como série de relatos ficcionais, as estrofes dos *Cantos* já impressionam pela sucessão de violências, crueldades e perversões”¹⁷⁷. Para exemplificar, reproduz-se na sequência parte da oitava estrofe do segundo canto, referenciado por Willer em citação anterior.

Nada encontrado do que procurava, ergui minhas pálpebras aterradas mais para cima, ainda mais para cima, até enxergar um trono, formado por excrementos humanos e ouro, sobre o qual reinava, com um orgulho idiota, o corpo recoberto por um lençol feito de trapos não lavados de hospital, aquele que se intitula a si mesmo Criador! Segurava na mão o tronco apodrecido de um homem morto, e o levava, alternadamente, dos olhos ao nariz, e do nariz à boca; uma vez na boca, adivinha-se o que fazia.¹⁷⁸

¹⁷⁶ [BRASIL, Febrônio Índio do]. *As Revelações do Príncipe do Fogo*: Edição Modernizada. Monografia – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. p. 131.

¹⁷⁷ WILLER, Claudio. O Astro Negro. In: LAUTREAMONT, Conde de. *op. cit.*, p. 25.

¹⁷⁸ LAUTRÉAMONT, Conde de. *Os Cantos de Maldoror*: poesias: cartas: obras completas. Tradução, prefácio e notas de Claudio Willer. São Paulo: Iluminuras, 2015. p. 125.

A grande diferença é que, em Febrônio, os seres divinos vencem as bestas do abismo; já em Lautréamont, o próprio Maldoror enfrenta o “Criador”. A princípio, o Príncipe do Fogo e o Conde Lautréamont estão em lados opostos.¹⁷⁹

E agora, com excertos das obras apresentados, outra diferença entre elas, além das já pontuadas, salta aos olhos. O escrito do poeta uruguaio é, por difícil que seja, de certa forma claro, enquanto o evangelho do autor brasileiro se mostra engasgado, às vezes com elementos confusos, incoerentes, que não se sabe a quais outros estariam ligados no texto. Não se descarta a possibilidade de o primeiro estar “domado” por intervenções editoriais tanto nas edições que serviram de base para Willer, quanto as que este promoveu no estabelecimento do texto, cuja intervenção na pontuação original – relato já citado – revela-se indicativa da opção editorial por ele adotada. Porém, tal diferença também seria explicada de forma convincente com argumentos biográficos: um jovem que estudou os clássicos no liceu, e outro que fugiu de casa, nunca teve educação formal e passou boa parte da vida na prisão.

Para além da leitura de Mário de Andrade, existem algumas coincidências biográficas entre Ducasse e Febrônio e suas obras que se mostram interessantes. Por se tratar de questões que podem ser usadas como chave interpretativa dos livros, ou para

¹⁷⁹ Essa leitura e comparação se mostram superficiais, pois privilegiam apenas o conteúdo dos textos, sem levar em conta interpretações mais amplas capazes de abarcar as formas de ambos; porém se considerou que o esboço de tais pontes já seria suficiente para relacionar as imagens construídas as duas obras, intento do recorte no contexto desta pesquisa. / Apresenta-se brevemente, como complemento, outra possibilidade de leitura. De início, sobre o recorte de *Os Cantos de Maldoror*, Willer escreve: “Trata-se de roubo da Divina comédia, com Deus ocupando o lugar que, em Dante, é do Diabo em seus círculos infernais. Com uma inversão dessas, Lautréamont representa o pensamento da heresia gnóstica dos primórdios da era cristã. Deus retratado nesse trecho é o Demiurgo, perverso criador do mundo que se interpõe como obstáculo à gnose, o conhecimento da verdadeira divindade.”. Esse é um interessantíssimo argumento de Claudio Willer sobre Deus em *Os Cantos de Maldoror*. Agora, considerando o artigo de Mário de Andrade, poder-se-iam também considerar as entidades da teologia apresentadas em *As Revelações do Príncipe do Fogo* como falsos deuses, visto que estes não passariam de outros em relação ao catolicismo do poeta modernista. Assim, o embate, tal como lido, continuaria o mesmo: *Maldoror* contra o falso Deus, e o panteão do Príncipe do Fogo como Demiurgo (WILLER, Claudio. O Astro Negro. In: LAUTRÉAMONT, Conde de. *op. cit.*, p. 31-32).

estabelecer aproximações, algumas equivocadas, entre eles, faz-se importante minimamente apresentá-las.

A primeira é que ambos foram considerados loucos. Febrônio à luz da medicina, avaliado por médicos, assassino “inocentado” devido a sua condição mental, interno número 001 do Manicômio Judiciário do Rio de Janeiro. Mais propriamente, louco nem é a alcunha que mais se popularizou sobre ele. Mário, por exemplo não faz nenhum comentário nesse sentido, usando apenas o adjetivo “sinistro” para caracterizá-lo.

Já com Ducasse, ou Lautréamont, o caso é outro, diz Willer:

Em especial, sua loucura, ou não, ocupou bastante espaço na bibliografia crítica, assim como na crítica dessa bibliografia, para não se poder deixar de examiná-la. Tal atribuição pode ser suscitada pela confusão entre características do texto e do autor, outro modo de leitura ingênua, literal. A correlação – se o texto é delirante, o autor também deve sê-lo – é falsa pelos dois lados. *Finnegans Wake* não é o resultado de um surto; e Guy Maupassant criou um texto formalmente “normal”, mas isso não o impediu de suicidar-se depois de crises e internamentos. Há, contudo, ocasiões em que a loucura do texto e do autor, talento e delírio, se encontram e confundem, sinergicamente: na fase final de Hölderlin, em *Aurélia* de Nerval [...], em Jarry, em Artaud. Pela natureza não discursiva do delírio que as impulsionou, tais obras, com o passar do tempo, se destacaram pela modernidade.¹⁸⁰

A avaliação psiquiátrica de Febrônio não se deu com base em seu livro, e nem foi motivada por ele. Quanto de seu “estilo” se deve à loucura e quanto ao letramento deficitário e à tentativa de emular o estilo bíblico? Ele poderia ser enquadrado na última categoria apresentada por Willer, na qual o talento e o delírio se encontram

¹⁸⁰ WILLER, Claudio. O Astro Negro. In: LAUTRÉAMONT, Conde de. *op. cit.*, p.61.

independentemente dessas questões, a parte final do comentário reforçaria a necessidade de se pensar o lugar de Febrônio na literatura e no modernismo brasileiros.

Ainda falando do autor, outro ponto em comum refere-se à confusão entre autor e personagem. Em *As Revelações do Príncipe do Fogo* não consta indicação de autoria, e a associação entre a obra e o sinistro assassino se deu, na época, pela imprensa, e, hoje em dia principalmente, por meio de Blaise Cendrars, visto que “Um Poeta Místico” se mostra praticamente desconhecido. A tatuagem no peito de Febrônio Índio do Brasil – EIS O FILHO DA LUZ – é um dos fatores para inseri-lo na mística do livro, para a associação entre o Príncipe do Fogo e Febrônio, além do artigo de Leonídio Ribeiro o qual aponta que Febrônio teria recebido a revelação de uma Dama Loura.

Enquanto Febrônio entra no contexto de seu livro, como se integrasse a narrativa, por outro lado, vários trechos de *Os Cantos de Maldoror* se projetam sobre a realidade e são interpretados como passagens referentes à própria vida de seu autor no esforço de reconstituir sua biografia. Por exemplo, em Willer lê-se

Supõe-se que continuou em Tarbes até 1867, voltando ao Uruguai na viagem mencionada na estrofe sobre o mar: *Há pouco tempo revi o mar e calquei o passadiço dos navios* (C1, E9)².

[Transcrição da nota:] ² Há provas de que ele tirou passaporte e visto para a viagem de 1867.¹⁸¹

Da mesma maneira, a partir de trechos do livro, especula-se que Isidore Ducasse era homossexual. Nesse caso, isso seria um traço que permearia a obra. Já no caso de Febrônio, a sugestão homossexualidade surge por parte da suspeita de estupro de suas vítimas do sexo masculino. Essa história toma tal dimensão que, conforme João Silvério

¹⁸¹ WILLER, Claudio. O Astro Negro. In: LAUTRÉAMONT, Conde de. *op. cit.*, p.15.

Trevisan, em um dos mais importantes livros acerca da homossexualidade no Brasil, *Devassos no Paraíso: A Homossexualidade no Brasil, da Colônia à Atualidade*:

o nome de Febrônio se adjetivou, em termos de opinião pública: na gíria carioca da década de 1930, “Febrônio” passou a ser empregado como sinônimo de homossexual. Ou seja, a psiquiatria conseguiu transformar o caso de um só indivíduo em “princípio universal”, atingindo diretamente a consciência dos coadjuvantes anônimos, de maneira tão eficaz a ponto de modificar a própria linguagem.¹⁸²

Nota-se uma diferença insistente em todos os paralelos apontados até aqui: tudo sobre Ducasse vem do que escreveu em seu livro, de uma visão do próprio autor; enquanto tudo sobre Febrônio parte de outros e está para além de sua obra. Não se trata só da diferença entre um autor desconhecido de uma obra muito famosa – Isidore Ducasse – em contrapartida a um figura pública, de certa maneira famosa, que escreveu um livro perdido e esquecido – Febrônio Índio do Brasil –; mas da diferença de que, enquanto um é ouvido a partir do próprio relato, o outro teve sua voz apagada, e sua história reverbera não a partir de si, mas de outrem – a imprensa, laudos médicos, documentos policiais e até sua versão literária mística criada por Cendrars. A tese de doutorado *Mosaicos do Filho da Luz: Febrônio Índio do Brasil entre o crime, a redenção e o delírio*¹⁸³, de Pedro Ferrari, destaca-se até esse momento como o único trabalho a tentar depreender, de certa forma, a versão de Febrônio de sua própria história; mas *As Revelações do Príncipe do Fogo* ainda estão muito distante de alcançar a mesma atenção, o tratamento e, mais ainda, a fortuna crítica de *Os Cantos de Maldoror*.

¹⁸² TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso: A Homossexualidade no Brasil, da Colônia à Atualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 205.

¹⁸³ FERRARI, Pedro F. M. G. *Mosaicos do Filho da Luz: Febrônio Índio do Brasil entre o crime, a redenção e o delírio*. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13780/1/2013_PedroFelipeMarquesGomesFerrari.pdf. Acesso em 11 maio 2015.

Porém, se tais autores se aproximam em termos de relatos biográficos, sabe-se muito pouco sobre o passado, sobre a infância de ambos. Essa carência informativa leva a ser criada uma história ficcional sobre Isidore Ducasse, sobre o qual existem textos e até retratos fantasiosos. Já Febrônio acabou transformado em personagem pela imprensa, algo como Febrônio papão.

Ainda assim, aparentemente o único paralelo real entre eles, e que se concretizou há pouco tempo, é que os livros de ambos foram perdidos. Em 1869, publicou-se por duas vezes o *Les Chants de Maldoror: Chant Premier*, o canto primeiro, de forma anônima. No mesmo ano, imprimiu-se a versão completa sob o pseudônimo Conde de Lautréamont, mas a edição não foi distribuída, provavelmente por medo do editor que deveria considerar o fato de, anos antes, Charles Baudelaire ser condenado por *As Flores do Mal*, e Flaubert, por *Madame Bovary*. Só em 1890, uma edição da obra entra em circulação, isto é, mais de 20 anos após sua primeira impressão.

Já Febrônio Índio do Brasil distribuiu pessoalmente a edição de sua obra, a qual financiou em uma gráfica – a publicação de Ducasse também foi paga –, até que, depois de sua prisão em 1927, ela parece ter sumido de circulação. Em 1934, Cendrars já não conseguia adquirir o livro. A versão mais difundida desse sumiço é que os exemplares de *As Revelações do Príncipe do Fogo* teriam sido destruídos pela polícia, porém os documentos do processo de Febrônio não corroboram tal hipótese. O exemplar de Mário de Andrade só foi encontrado em 1995, tendo ficado ao menos sessenta anos perdido.

E o Monstro?

O artigo “Febrônio, o monstro”¹⁸⁴, publicado em junho de 2009, no número 1321 do *Suplemento Literário de Minas Gerais*, por Raul Antelo, tem relação direta com parte relevante dos temas tratados na presente dissertação. Ele trata de Febrônio Índio do Brasil e de *As Revelações do Príncipe do Fogo*, de Lautréamont e de *Cantos de Maldoror*, de Mário de Andrade e de “Um Poeta Místico”, ainda faz referência a Blaise Cendrars e *La Vie Dangereuse*. Sendo assim, poderia ter influenciado de modo impactante esta pesquisa, não fossem alguns problemas por ele apresentados.

Antelo reconhece, na marginália, a palavra “automatismo”, grafada por Mário de Andrade em seu exemplar:

Comecemos, então, a título meramente hipotético, com a equação Febrônio = Lautréamont. O próprio Mário de Andrade, ao ler as Revelações, deixou uma marginália esclarecedora. Anotou “automatismo” à margem da seguinte passagem:

[trecho da página 47 de *As Revelações do Príncipe do Fogo*]

Tal como a escrita automática de *Revelações*, seu antecedente, os *Cantos de Maldoror* serviram, como sabemos, de ponto de virada para certa reflexão sobre a escritura¹⁸⁵

Porém, na margem, não está grafado “automatismo”, mas sim “admirável”, o que pode ser verificado por meio da leitura da página em questão e da comparação do registro com outros documentos manuscritos de Mário de Andrade. Também pelo artigo do poeta modernista, no qual fica evidente como os elementos da marginália funcionam como uma

¹⁸⁴ ANTELO, Raul. Febrônio, o monstro. In: JEHA, Julio; NASCIMENTO, Lyslei (org.). *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Edição especial: Crimes, Pecados e Monstruosidades. Belo Horizonte, junho 2009. p. 27-31. Disponível em: http://www.lettras.ufmg.br/cpm/SuplementoLiterario_cpm.pdf. Acesso em: 04 de agosto de 2022.

¹⁸⁵ ANTELO, Raul. *op. cit.*, p. 27-31.

espécie de “caminho das pedras” para o artigo final, cada anotação faz referência a alguma passagem de “Um Poeta Místico”; e o termo “automatismo”, que seria um comentário muito relevante, até destoante, não encontraria essa equivalência.

A partir desse ponto, vários parágrafos/argumentos se desenvolviam sustentando-se em cascata a partir dessa palavra, “automatismo”, inclusive a aproximação proposta entre Febrônio e Lautreamont.

De todo modo, considerou-se importante mencionar esse texto para que não fique a falsa lacuna de não o ter abordado.

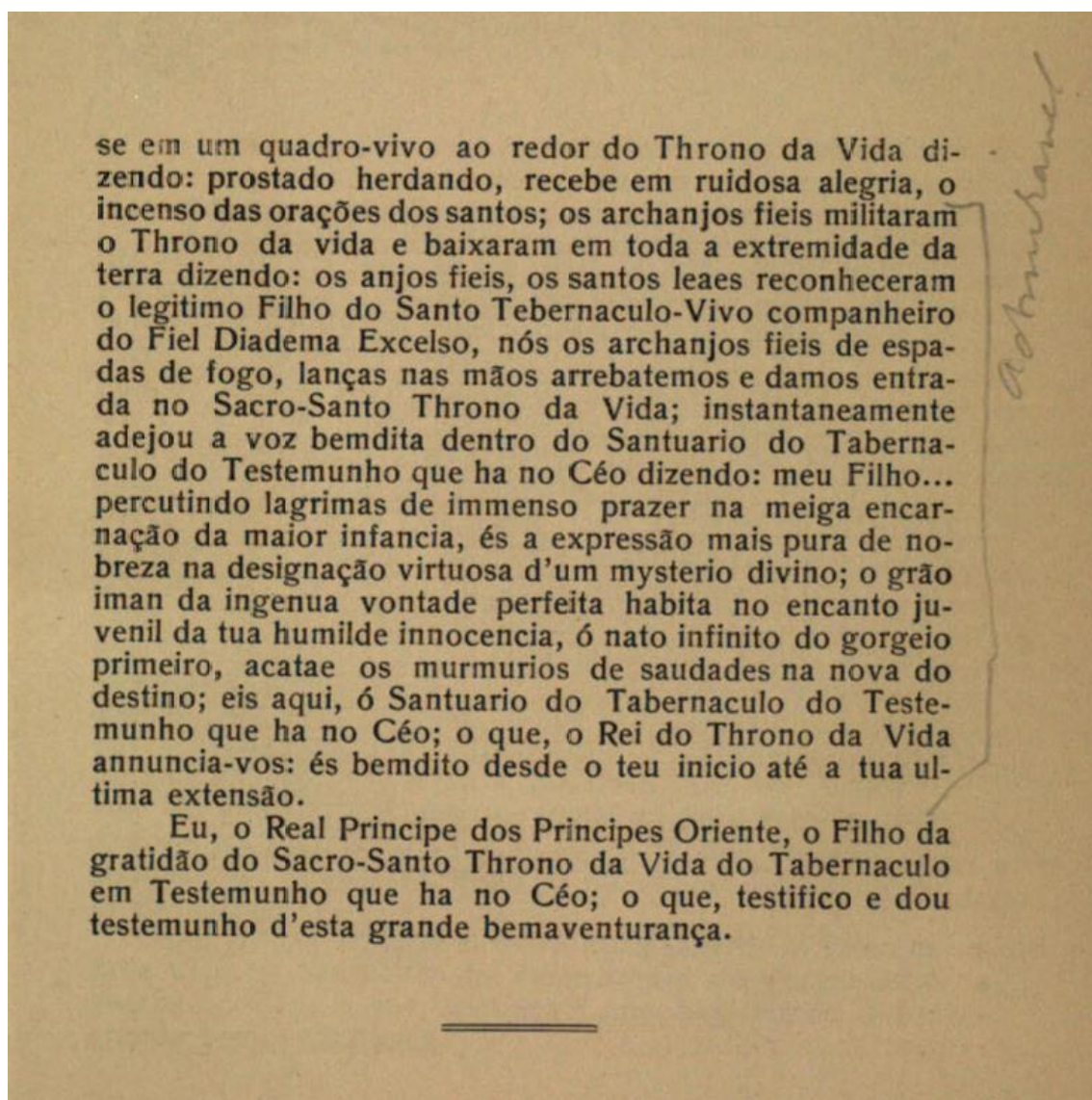


Figura 18: Folha 47 de *As Revelações do Príncipe do Fogo*. Não é numerada pois se trata da continuação do texto da folha anterior.

Conclusão e Considerações Finais

À luz da análise dos documentos realizada nesta pesquisa, chega-se à conclusão de que não haveria vinculação objetiva entre *As Revelações do Príncipe do Fogo* e o Surrealismo estabelecida pelos poucos leitores, ilustres por sinal, dos quais existem comentários conhecidos.

De partida, há um distanciamento material entre o movimento capitaneado por Breton e o apenado Febrônio, este um brasileiro, pobre, negro, não falante de francês e não associado aos círculos literários dos anos 1920. Além disso, o autor de *As Revelações do Príncipe do Fogo* parece sequer ter intenções literárias com seu livro. A possibilidade de se conceber uma suposta proximidade estética entre a obra e as características da literatura surrealista também não se revelou explorada, aparecendo apenas brevemente no comentário de origem incerta presente no livro de Alexandre Eulálio – “exemplar autóctone do melhor Surrealismo, enquanto escrita automática, transporte lírico e delírio consciente”.¹

Não se desconsidera a possibilidade de que existam esses paralelos entre *As Revelações do Príncipe do Fogo* e o Surrealismo, ou que a obra possa ter influenciado os surrealistas brasileiros, tal qual Lautreamont para a vertente francesa, caso não tivesse desaparecido no começo da década de 1930. Porém, tais suposições ficam no campo especulativo, e não se saberá qual o impacto que este livro poderia ter exercido não só no Surrealismo nacional, mas na literatura modernista como um todo, caso não tivesse praticamente desaparecido.

¹ EULALIO, Alexandre. *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*. 2 ed. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial, 2001. p. 37.

Sem nenhuma intenção de diminuir as qualidades do texto do *Príncipe do Fogo*, mas parece ser superestimada a ideia de que ele poderia ter influenciado de forma tão ampla a literatura nacional. Vale destacar que Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes, neto – dois intelectuais considerados comumente os mais simpáticos ao movimento francês em seu primeiro momento², sendo que ambos chegaram a publicar escritos considerados surrealistas e participaram de revistas importantes para o Modernismo – não se referiram em suas críticas à obra de Febrônio. Ou seja, entende-se que o livro poderia ter circulado, ter se tornado conhecido entre os leitores da *Verde* ou da *Estética*, caso nelas tivesse sido comentado, mas isso não aconteceu. Se nem mesmo eles apresentaram Febrônio a seus pares, quem poderia tê-lo feito? Questão que também está no âmbito da especulação.

Por seu turno Mário de Andrade, visto como opositor ao Surrealismo por parte da crítica sobre o movimento no Brasil, publicou uma resenha elogiosa à obra de Febrônio, e mesmo isso não suscitou, até onde se sabe, mais comentários sobre ela. Nesses casos, o sumiço não parece tão limitante, visto que Sérgio, Prudente e Mário, possuíam exemplares de *As Revelações do Príncipe do Fogo*.

A presença do poeta Benjamin Peret no Brasil (se tivesse tanto destaque quanto a de Cendrars) e principalmente seu livro *Almirante Negro*³, caso tivesse sido publicado,

² Claudio Willer, importante poeta e pesquisador do Surrealismo, questiona a relação de Sérgio e Prudente com o movimento francês. Realmente, pouco se encontra sobre o tema em suas bibliografias, mas, por outro lado, em um primeiro momento, ainda nos anos 1920, ambos publicaram textos considerados surrealistas por parte da crítica.

“A propósito de surrealismo em Prudente de Moraes Neto e Sérgio Buarque de Holanda, cabe indagar se não foi criado um mito, endossado não só por Paes mas, entre outros, por Valentim Facioli e Sergio Lima: a leitura da revista *Estética* mostra seus dois editores interessados em primeira instância em James Joyce e T. S. Eliot, com Prudente de Moraes Neto chegando a declarar que a escrita automática seria moda passageira” (WILLER, Claudio. Surrealismo no Brasil: Crítica e Criação Literária. *Agulha Revista de Cultura*, Fortaleza, 15 abril 2019).

³ Benjamin Peret (1899 – 1959), poeta francês, foi um dos fundadores e mais destacados integrantes do movimento surrealista e militante trotskista. Casado com a brasileira Elsie Houston, esteve no Brasil pela primeira vez entre 1929 e 1931, período em que esteve próximo de figuras como Oswald de Andrade, Mário

ainda no campo da suposição, poderiam ter fomentado a formação de um grupo surrealista, visto se tratar de um francês, reconhecido integrante do grupo de Breton e autor de uma obra que abordaria um tema relativo ao Brasil, algo valorizado por nossos modernistas. Porém, *As Revelações do Príncipe do Fogo* se mostram um caso muito diferente, pois ela foi publicada e circulou por alguns anos. Chega a ser difícil compreender como o escrito de um personagem tão presente na imprensa, alvo de interesse de figuras tão relevantes da intelectualidade brasileira, bem como da parte de Blaise Cendrars, tenha sido tão pouco conhecido e comentado.

Constatou-se ainda que a associação de Febrônio com o Surrealismo é tardia e só veio a aparecer pela primeira vez com a publicação de *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*, de Alexandre Eulalio, em 1976. Ou seja, essa discussão se revela recente, e não contemporânea ao autor.

Ainda sobre o Surrealismo, verificou-se o quanto Mário de Andrade esteve próximo ao movimento de Breton, e ao seu antecessor, o Dadaísmo, ao ponto de

Pedrosa e Lívio Xavier, e no qual realizou pesquisas sobre a história e cultura brasileira. Publicou uma série de artigos sobre cultura afro-brasileira denominados “Candomblê e Makumba” no *Diário da Noite*, e posteriormente, na revista *Anhemi*, “Que foi o Quilombo dos Palmares?”. Chegou a escrever o livro *Almirante Negro*, ou *L'Amiral Noir*, um livro sobre João Cândido, comandante da Revolta da Chibata.

“Após ter acumulado uma documentação extremamente rica, em particular nos Arquivos Nacionais da Marinha, aos quais, segundo Clóvis Moura, teve acesso, Péret escreve um livro tendo como pano de fundo a luta de classes daquela época e estabelece um paralelo com a revolta do Encouraçado Potemkin. Infelizmente, quando foi preso pela polícia do Rio, em novembro de 1931, a edição inteira do livro foi confiscada e o original desapareceu. Somente quatro folhas do texto foram encontradas pelo pesquisador Dainis Karepovs: testemunham o vigor que deveria ter sido o conjunto da obra, cujo manuscrito estava terminado em setembro de 1931.” (PUYADE, J. Benjamin Péret: um surrealista No Brasil (1929-1931). *Revista Conexão Letras*, [S. l.], v. 1, n. 1, 2015. DOI: 10.22456/2594-8962.55658. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/55658>. Acesso em: 6 set. 2024.)

“O livro não ultrapassou o estágio de texto datilografado, do qual hoje apenas quatro páginas são conhecidas: em novembro de 1931 os papéis foram apanhados pelo ainda jovem governo Vargas. Já vigiado de perto por causa de sua participação na fundação, em 21 de janeiro do ano anterior, da trotskista Liga Comunista do Brasil, Péret, sob a ameaça de um mandato de expulsão, deixou o país em 30 de novembro com a família, Elsie e o filho Geyser, de 4 meses.” (“BENJAMIN Péret e o Brasil”. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/dossie-antigo/tempo-de-trocas/visoes-do-brasil/benjamin-peret-e-o-brazil/>. Acesso em: 6 set. 2024.)

reconhecer influência deste em alguns de seus poemas. Ele também vislumbra traços surrealistas em diversas obras de seus pares, ora com simpatia, como foi com Dolour e Fernando Mendes de Almeida, ora de forma repreensiva, como procedeu com Prudente de Mores, neto.⁴

É com base na avaliação dessas obras que se pode deduzir que o poeta paulistano reconhecia traços irracionalistas como característicos do movimento francês. Porém, também se concluiu que ele já diferenciava tal elemento distintivo do automatismo psíquico do gênero fantástico, este associado a Júlio Verne, Franz Kafka, Murilo Rubião e Lautreamont.

Partindo desse paralelo entre *As Revelações do Príncipe do Fogo* e *Os Cantos de Maldoror*, presente na primeira publicação de “Um Poeta Místico”, nota-se que ambos os livros se aproximam quanto à temática – religiosa –, características estéticas – em especial o tipo de adjetivação e o uso próprio da pontuação – e até em procedimentos como a apropriação de outros textos. Além disso, os dois autores apresentam-se ao leitor como figuras misteriosas, e as duas obras sumiram e posteriormente foram redescobertas.

Frente a essas semelhanças, poderia Febrônio, anacronicamente, ser lido como um simbolista tardio? Questão reveladora de uma lacuna que não se intencionava responder, que pressupõe, de fato, tomar suas *Revelações* enquanto obra literária. Embora nesta pesquisa se destaque que, provavelmente, não havia essa pretensão por parte do autor, tal

⁴ Como se viu no capítulo 5.1 Mário e o Surrealismo, Mário de Andrade publicou críticas acerca de obras direta ou indiretamente associadas ao Surrealismo. Os excertos de Dolour, abordados à página 167, tratam-se de fragmentos inéditos escritos pela filha de Tarsila do Amaral, apresentados e elogiados por Mário no artigo à revista *Verde*, *Présentation de la jeune fille*.

Também é dedicado a *Carrusel Fantasma*, de 1937, único livro de Fernando Mendes de Almeida, um comentário elogioso em *Três Faces do Eu*, que pode ser conferido à página 179. Já sobre a “Aventura” de Prudente de Moraes, neto, a nota do autor de *Macunaíma*, estampada no jornal *Diário Nacional*, aparenta ter um tom jocoso, e possivelmente não foi bem recebida por Prudente, o que se torna assunto de ao menos duas cartas entre os dois. As missivas em questão foram analisadas entre as páginas 159 e 164.

possibilidade de leitura não se mostra inválida, mesmo porque a obra parece ter sido vista dessa maneira por Sérgio, Prudente e Mário.

Para analisar *As Revelações do Príncipe do Fogo*, fez-se necessário apresentar tanto a obra quanto seu autor. O primeiro capítulo constitui-se de um panorama biográfico de Febrônio, no qual se procurou evidenciar a impossibilidade de se estabelecer uma única versão dos fatos e, assim, deixar clara a dificuldade em lidar com essa figura histórica. Na busca pelas fontes primárias foi possível encontrar a origem das informações presentes na reportagem de Blaise Cendrars, que parece ter se valido de uma única matéria de jornal, sobre Febrônio.

As diferentes versões dessa história e a construção dos diferentes personagens-Febrônio constituem-se em um campo para mais pesquisas baseadas em documentações ainda não incorporadas aos estudos acerca de tal figura tão plural.

Também foi apresentada a dimensão mística do autor de *As Revelações do Príncipe do Fogo*, tema ainda menos explorado na bibliografia. A partir daí, pode-se especular, por exemplo, o quanto dessa mística não contribuiu para a criação da imagem pública de Febrônio, em um momento em que havia uma frontal oposição social, manifestada na imprensa, ao “espiritismo”.

Por fim, acredita-se que esta pesquisa possa contribuir com futuros pesquisadores de Febrônio, pois procura apresentar a bibliografia e a documentação sobre o tema de forma crítica e concentrada. Assim, na abordagem da dimensão literária do texto, talvez seja possível contornar a vinculação de *As Revelações do Príncipe do Fogo* ao Surrealismo de modo a favorecer a abertura de outros horizontes de leitura da obra.

Anexos

As Revelações do Príncipe do Fogo

Eis aqui, meu Santo
Tabernáculo-vivente
hoje dedicados a vós
os encantos que legaste
ontem a mim na Fortaleza
do meu Fiel Diadema Excelso.¹

Augustos e adoradíssimos Senhores, deus Padre e deus Filho, representantes da minha Criação vivente em obra a semelhança por testemunho do meu grande poder e real existência; entre a dor dos justos e o pranto dos inocentes, cientifico as entidades Santificadas, aberto o Santuário da Puridade, nos dias de Luz, ciente os vinte e quatro anciões, presente as quatro criaturas viventes, nascida da árvore eterna a minha vida, aberta a eterna fonte das águas vivas, vigiando o eterno Sol da Casa Oriente; por determinação do Fiel Diadema excelso companheiro do meu Santo Tabernáculo-vivo, certifico-vos, que estão dissolvidos e bem assim toda e qualquer espécie de ilusões que denominam deuses, interpretam os entendimentos e vivam eternamente.

Eu, o Altíssimo Deus-vivo, o Onipotente Santo Criador dos universos reunidos, o Real Príncipe dos Príncipes Oriente, o legítimo herdeiro da Real Coroa do Eterno Reino por cláusula expressa em direito eterno no Sacrossanto Trono da Vida, o Santo-

¹ Esse trecho que abre a obra, logo antes do texto em si, é uma dedicatória ao “Santo Tabernáculo-vivente”. Foi mantida conforme a versificação original.

-vivo do tronco nascido, o gênio da Puridade denominado Santo dos santos, a pedra-viva do monte Santo caída, o Capitão de armas, o General de batalha, em missão a terra Santo-Guerreiro, e Defensor Perpétuo do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; o que, testifico e dou testemunho desta grande Sentença.

1

Eis-me, ó terra do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; cujos habitantes são descendentes de Adão e aliados de Noé; já que, a minha Santa mãe ajudaste, benigna boca tua foi aberta engolindo o rio do dragão maldito, terra fiel, maior Príncipe; grande bênção, forte testemunho; no Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu, registrar-se-á, a gratidão tua; envolvo-te com o prêmio da bênção divina; dar-te-ei, dobrados bens, usarei de misericórdia com os habitantes teus, encher-te-ei de magníficos jardins; eis aí, ó terra, o que, o rei dos anjos anuncia-te: és bendita desde as tuas profundas extremidades e em toda e qualquer parte onde existir.

Eu, o Real Príncipe dos Príncipes — o Filho do Sol vivo do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

2

Eis-me, ó mares do Santuário do Tabernáculo do Testemunho, que há no Céu; já que, foste sempre uma pertinaz testemunha cristalina, diante do meu Sacrossanto Trono, a leal força dos desertos teus numa revelação fidedigna a Isaías, cap. 21²; científicaste-

² Isaías, Português. In: *Bíblia Sagrada*, Tradução Brasileira, Nova York: American Bible Society, 19--?, cap. 21, vers. 1-17, pp. 688-689. Segue o trecho:

1. A sentença acerca do deserto do mar. Como os tufões do sul passam com grande velocidade assim vem ele do deserto, de uma terra horrível.
2. Anunciada me foi uma dura visão: O pérfido procede perfidamente, e o devastador devasta. Sobe, Elão; sitia, Média; já fiz cessar todos os gemidos.

-lhe que, tinhas olhos e eras um rochedo fiel fechado mas, que, as santas portas reais tuas, havendo vigia noite e dia, no tempo determinado, abria-se os fundamentos teus, dando passagem ao Real Príncipe, portador do Sagrado testemunho; navegando nas tuas ondas velozes a nau, a glória da Real raiz nos teus desertos guardada; no Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu, registrar-se-á, a tua fidelidade, emboto-vos com o prêmio da bênção divina; suscitar-vos-ei grandes peixes mansos, lindos em escamas, legar-vos-ei ilhas estacionárias para os pescadores teus, usarei de clemência com os teus navegantes, dar-vos-ei inumeráveis marinhas de sal, eis ai, ó mares, o que, o rei dos arcanjos anuncia-vos: sois benditos desde os teus desertos profundos até onde jaz a eterna aliança na terra.

-
3. Portanto se encheram de angústia os meus lombos; dores apoderaram-se de mim como as dores de mulher na hora do parto; torço-me com dores, de modo que não posso ouvir; espavorido sou, de modo que não posso ver.
 4. O meu coração bate violentamente, o terror me tem amedrontado; o crepúsculo que eu desejava, tem-se-me tornado em tremores.
 5. Preparam a mesa, põem a sentinela, comem, bebem. Levantai-vos, príncipes, ungi o escudo.
 6. Pois assim me disse Jeová: Vai, põe a sentinela; diga ela o que vir;
 7. quando vir uma tropa de cavaleiros de dois a dois, uma tropa de jumentos, e uma tropa de camelos, escutará diligentemente com grande atenção.
 8. Então clamou como um leão: Sobre a atalaia, Senhor, eu me acho em pé continuamente de dia, e fico no meu posto todas as noites.
 9. Eis aqui vem uma tropa de homens, cavaleiros de dois a dois. Ele respondeu e disse: Caiu, caiu Babilônia; e todas as imagens esculpidas dos seus deuses são despedaçadas até o chão.
 10. Debulha minha e filho da minha eira, o que tenho ouvido da parte de Jeová dos exércitos, isso vos tenho anunciado.
 11. A sentença acerca de Dumá. Clamam-me de Seir: Guarda, quanto resta da noite?
 12. Respondeu o guarda: Vem a manhã, também a noite: se quereis perguntar, perguntai; tornai-vos, vinde.
 13. A sentença acerca da Arábia. Nos bosques da Arábia passareis a noite, ó caravanas de dedanitas.
 14. Trouxeram água aos sequiosos: os habitantes da terra de Tema foram com o seu pão ao encontro dos fugitivos.
 15. Pois eles fugiram de diante das espadas, de diante da espada desembainhada, de diante do arco armado, e de diante da pressão da guerra.
 16. Porque assim me disse Jeová: Ainda dentro de um ano, como os anos de um jornaleiro, e toda a glória de Quedar se esvaecerá.
 17. O que restar do número dos flecheiros, homens valentes dos filhos de Quedar, será diminuto, porque Jeová, Deus de Israel, o disse.

Eu, o Real Príncipe — o Filho do Fogo do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

3

Eis-me, ó espaços do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; os pobres espíritos impuros que, purificam no profundo vale, cheios de ira, sublevaram contra as santas Portas da luz que, é a Ciência do bem, a favor das trevas que, é a ciência do mal, desbaratado o exército do abismo, declarou-se impotente o anjo mau, quase transbordando as tenebrosas portas das trevas, clamando oprimida a Luz, dando alarme a sentinela celestial, o Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu, enviou em Socorro da Luz, o Filho do Fogo; espíritos impuros, na maldade habita a escravidão; espaços fiéis, na caridade reside a fortaleza; no Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu, registrar-se-á, a tua permanência; contemplo-vos com o prêmio da bênção divina, compadecer-me-ei dos teus rebeldes, fortificar-vos-ei o teu exército, dar-vos-ei outros tantos bens, legar-vos-ei grandes aves mansas, lindas em penas; eis aqui, ó espaços, o que, o rei dos justos anuncia-vos: sois benditos desde os teus contornos profundos até as tuas alturas imensas.

Eu, o Real Príncipe dos Príncipes, o Filho da Justiça viva do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

4

Eis-me, ó vegetais fiéis do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; já que, os teus frutos tem beneficiado a minha criação-vivente, beneficio-vos hoje,

com o prêmio da bênção divina, derramar-vos-ei uma primícia em orvalho do céu, animar-vos-ei com troncos fortíssimos, engrossar-vos-ei as tuas raízes de sustento, suscitar-vos-ei variadas madeiras de construções, acrescentar-vos-ei os teus verdores, aumentar-vos-ei as tuas folhas medicinais, multiplicar-vos-ei os teus pomos, pousar-se-á nos teus ramos lindas aves da terra, no Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu, registrar-se-á, a tua prosperidade; vegetais fiéis, o céu clamando; Deus-vivo na terra, os santos chorando; eis aqui, ó vegetais, o que, o rei dos relâmpagos anuncia-vos: sois benditos desde as tuas embutidas raízes até as últimas folhas dos teus ramos.

Eu, o Real Príncipe dos Príncipes, o Filho do jaspe-vivo do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu, o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

5

Conservo, ainda, em testemunho de caridade, a minha criação e semelhança em memória de Adão que, eu criei, não para exercer sobre ele a fortaleza Divina de minha santidade, mas, que de mim, fosse ele simples amiguinho, como irmão em inocência, sem saber que, eu era o grande Príncipe; em prova disto a rogo dele, dele mesmo criei Eva, para que fosse sua companheira em inocência; eles pobres irmãos enganados pecaram; eis aí, ó terra, abre tu hoje o teu seio, recebe por habitantes a maior das maravilhas, a semelhança do Altíssimo Deus-vivente o todo poderoso — o chefe supremo de todos os planetas reunidos.

Eu, o Príncipe Real — o Santo dos santos do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; o que, testifico e dou testemunho desta grande Conservação.

6

Eis ai que, aberto o Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; entre a dor do justo e o pranto dos inocentes, eu o incenso encarnado, o vosso Santo Filho, chorei lágrimas, o supremo nas maiores alturas; científico às entidades santificadas que, do homem a fé, de Deus Vivo a caridade; justiça divina emana-se a comiseração julgamento: considerando que Eva enganou a Adão; considerando que, o dragão enganou à Eva; eles pobres irmãos pecaram na ignorância, em conclusão; absolvo a minha criação vivente, sejam livres, condeno ao dragão, seja morto: eis aqui, ó criação vivente; o que brada o maior forte vivo; o corvo pela carniça, o Criador pela criação.

Eu, o Real Príncipe da Fortaleza Divina do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; o que, testifico e dou testemunho desta maior absolvição.³

7

Eis-me, ó animais inconcupiscentes do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; já que, servem de alimento, humildemente obedecem a voz da minha vastíssima criação vivente emano-vos hoje o prêmio da bênção divina, multiplicar-vos-ei o número dos mansos, acrescentar-vos-ei as suas forças, diminuir-vos-ei os maus, suscitar-vos-ei a alegria dos campos, enriquecer-vos-ei as crias das veredas; no Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu, registrar-se-á a tua servidão, animais humildes, o alto do céu revelando; o eterno vivo na terra, os viventes cantando; eis aqui, ó animais inconcupiscentes, o que, o rei dos vegetais anuncia-vos: sois benditos desde os seus nascimentos até os seus extermínios.

³ Nota do Editor: Essa é a página sete do original, a página oito não existe. Após cuidadosa análise material do exemplar original, nota-se que não há folhas rasgadas ou cortadas e que todas as dobras e cadernos estão intactos. Tendo isso em vista, especula-se que não se trata de uma página perdida, mas, sim, de um problema originado no processo de composição tipográfica do livro. Ao mesmo tempo, pode se tratar da ausência da página no original apresentado por Febrônio à editora ou a não impressão do trecho por algum esquecimento. Todavia, o mais provável mesmo é que estejamos diante de um erro somente da numeração de páginas e que nenhum conteúdo tenha sido perdido. O mesmo acontece com a página treze.

Eu, o Real Príncipe dos Príncipes — o Filho da Sardônia-viva do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

9

Eis-me, ó pedras fiéis do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; já que, entusiasmadamente na paz do bem tem beneficiado a minha criação vivente, verificando-se no templo da fé a obra do testemunho; diante do meu Sacrossanto-Trono-vivo; eis a caridade de um ato supremo, o Santo Tabernáculo vivo Oriente, apanhou entre os vivos de uma ilha o menino-vivo Oriente, o herdeiro de uma trombeta-viva que, científica tocando sem descanso noite e dia, a existência do seu eterno companheiro vindo do Sol nascente; neste Luzeiro benigno de virtude santa chegado, deste fiel anjo-vivo na Puridade encarnado, recebem, o prêmio da bênção divina; acrescentar-vos-ei cores lindas, dar-vos-ei várias formas de construções, legar-vos-ei diversos bens, aumentar-vos-ei os seus tesouros; no Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu entrou a Pedra-viva do monte-santo arrancada, sem ser por mão de homem trabalhada; eis aqui, ó pedras fiéis, o que, o Rei dos arcanjos anuncia-vos; sois benditas desde a mais insignificante até a rocha mais elevada.

Eu, o Real Príncipe dos Príncipes Oriente, o Filho das Pedras-vivas do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

10

Ouve-me, ó almas viventes, falou o anjo da Puridade aos mortais e vós, ó mortais vivem eternamente; não prostrai-vos ante imagens de ouro, prata, cobre, pedra, madeira

ou figuras de papéis; ouça-me, ó meus filhos, estes ídolos só servem de auxílio a maldição, olhos cheios d'água, baixou a terra em etapa derradeira; humildemente confesso-vos que não sou o vosso Criador e sim o meu santo Tabernáculo vivo companheiro do meu Fiel Diadema Excelso de quem sou um mísero escravo, mísero sim porque não tem o direito que vós outros têm; se espírito ou carne, mais feliz do que o Criador é a Criação; eis ai, ó mortais, leguei-vos vida eterna, constituídos, vós mesmo em testemunho da minha grande missão à terra.

Eu, o Real Príncipe Oriente, o Filho da Fortaleza do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; o que, testifico e dou testemunho desta grande Constituição.

11

Eis-me, ó nuvens fiéis do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; já que, ligeiramente em beneméritos conjuntos austrais, modificam os ares, formam a sombra, impedindo o calor, aglomerando as límpidas gotas, navegando as rochas cristalinas, cai a chuva; servindo a minha criação vivente, representa um testemunho leal; diante do meu Sacrossanto Trono-vivo; eis o aspecto simples de um grandioso entendimento, o Santo Tabernáculo vivo Oriente, colocou no ninho da vida, o menino vivo Oriente, o herdeiro de um arco-íris-vivo, revelando, sem descanso noite e dia dizendo que, é vindo do nascente o seu eterno companheiro; neste ditoso véu amado, na carinhosa animação, com a que, vós assistem-me, da pureza deste coração inocente, recebem, o prêmio da bênção divina; acrescentar-vos-ei magníficas cores, legar-vos-ei lindas fitas, dobrar-vos-ei os teus encantos, dar-vos-ei outros tantos bens; no Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu, registrar-se-á as tuas lealdades; eis aqui, ó nuvens fiéis, o que, o rei das águas fiéis, anuncia-vos: sois benditas desde a mais pequenina até a de mais elevado tamanho.

Eu, o Real Príncipe dos Príncipes Oriente, o Filho das nuvens-vivas do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu, o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.⁴

12

Eis-me, ó ilhas fiéis do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; já que, igrejadamente na disposição última do templo Santificado; esperaram no poder da fé, o gênio vivo entrado; servindo a minha Criação vivente, demonstrando um testemunho idôneo, diante do meu Sacrossanto-Trono-Vivo; eis a Suprema justiça de um juiz sagrado, o Santo Tabernáculo-vivo Oriente, acordou entre os prisioneiros de uma ilha, o menino-vivo Oriente, o herdeiro de umas vozes que, chamam sem descanso noite e dia dizendo; tu és o Filho Santo, o menino vivo Oriente, o legítimo herdeiro do encanto do bem que Criou o Céu e tudo quanto nele há; neste conselho culto de entidades Santas aclamado, na dignidade virtuosa, com a que, vós elevam-me; da inocência desta voz Criadora, recebem, o prêmio da bênção divina; acrescentar-vos-ei preciosas madeiras, suscitar-vos-ei formas esbeltas, legar-vos-ei outros tantos bens, usarei de muitas misericórdias com os teus habitantes, dobrar-vos-ei os teus encantos, no Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu, registrar-se-á as tuas simplicidades; eis aqui, ó ilhas fieis, o que, o Rei das nuvens anuncia-vos, sois benditas cada uma de per si desde as mais insignificantes até as mais elevadas.

Eu, o Real Príncipe dos Príncipes Oriente, o Filho das ilhas-vivas do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

14

⁴ Nota do Editor: Essa é a página doze do original, a página treze não existe.

Eis-me, ó quatro ventos do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; já que, obedeceram com brandura, a voz da minha santa mãe, Apocalipse, cap. 7⁵; antes a vinda minha, abrem, hoje as tuas portas, recebem no caminho da Luz, o amparo maior, o prêmio da bênção divina; soprar-vos-ei os teus encantos, suscitar-vos-ei grandes redemoinhos mansos, alegres em formas; no Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu, registrar-se-á, as tuas obediências; soprando os ventos, as alturas anunciando; Deus-Vivo na terra, palpitando os mares; eis aqui, ó quatro ventos, o que, o

⁵ Apocalipse, Português. In: *Bíblia Sagrada*, Tradução Brasileira, Nova York: American Bible Society, 19-?-?, cap. 7, vers. 1-17, pp. 269-270. Segue o trecho:

1. Depois disto vi quatro anjos em pé aos quatro cantos da terra, segurando os quatro ventos da terra, para que nenhum vento soprasse sobre ela, nem sobre o mar, nem sobre árvore alguma.
2. Vi outro anjo levantar-se da parte do nascimento do sol, tendo o selo do Deus vivo. Ele clamou com uma grande voz aos quatro anjos, a quem fora dado que fizessem dano à terra e ao mar,
3. dizendo: Não façais dano à terra, nem ao mar, nem às árvores antes de termos selado os servos de nosso Deus nas suas testas.
4. Ouvi o número dos que foram com selo assinalados, cento e quarenta e quatro mil, assinalados de todas as tribos dos filhos de Israel:
5. Da tribo de Judá foram assinalados doze mil; Da tribo de Rúben, doze mil; Da tribo de Gade, doze mil;
6. Da tribo de Aser, doze mil; Da tribo de Naftali, doze mil; Da tribo de Manassés, doze mil;
7. Da tribo de Simeão, doze mil; Da tribo de Levi, doze mil; Da tribo de Issacar, doze mil;
8. Da tribo de Zebulom, doze mil; Da tribo de José, doze mil; Da tribo de Benjamim foram assinaladas doze mil.
9. Depois destas coisas olhei, e eis uma grande multidão que ninguém podia contar, de toda a nação e de todas as tribos, povos e línguas, que estavam em pé diante do trono e diante do Cordeiro, cobertos de vestiduras brancas com palmas nas mãos;
10. e clamavam com uma grande voz: Salvação a nosso Deus que está sentado sobre o trono, e ao Cordeiro.
11. Todos os anjos estavam em pé ao redor do trono e dos anciãos e das quatro criaturas viventes; prostraram-se sobre os rostos diante do trono e adoraram a Deus,
12. dizendo: Amém. A bênção, e a glória, e a sabedoria, e as ações de graças, e a honra, e o poder e a força sejam a nosso Deus pelos séculos dos séculos. Amém.
13. Um dos anciãos me perguntou: Estes que trajam vestiduras brancas, quem são eles, e donde vieram?
14. Respondi-lhe: Meu Senhor, tu o sabes. Disse-me ele: Estes são os que vêm da grande tribulação, lavaram as suas vestiduras e as embranqueceram no sangue do Cordeiro.
15. Por isso estão diante do trono de Deus, e o adoram dia e noite no seu santuário; e o que está sentado sobre o trono estenderá o seu tabernáculo sobre eles.
16. Eles não terão fome, nem sede nunca jamais; nem cairá sobre eles o sol, nem calor algum,
17. porque o Cordeiro que está no meio do trono os pastoreará e os conduzirá às fontes da água da vida, e Deus enxugará toda a lágrima dos olhos deles.

rei das nações anuncia-vos: sois benditos desde os teus pequeninos percursos até as tuas vastas circunferências.

Eu, o Real Príncipe dos Príncipes Oriente, o Filho da Luz viva do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

15

Eis-me, ó minerais fiéis do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; já que, fulgurosamente nas vias subterrâneas dos vales profundos merejam, nas grandes aglomerações ao nível terrestre tateando flutuam servindo a minha criação vivente, recorda um soluçado testemunho: diante do meu Sacrossanto Trono-vivo; eis o estrondo leal de um amor perfeito, o Santo Tabernáculo-vivo Oriente, ordenou a coroação do menino-vivo Oriente, o herdeiro de um Turíbulo-vivo que, queima incenso, sem descanso noite e dia dizendo: — é vindo o anjo-vivo da mente-Santa, nesta ingênua glória de hino suntuoso chegado, na dourada nuvem, com a que, vós iluminam-me, da agradável atitude desta pureza-viva, recebem, o prêmio da bênção divina; aumentar-vos--ei valiosos líquidos, legar-vos-ei vários bens, suscitar-vos-ei outros tantos vales; no Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu, registrar-se-á as tuas permanências, eis aqui, ó minerais fiéis, o que, o Rei da Arca fiel da santa aliança anuncia-vos: sois benditos desde o metal mais insignificante até o líquido mais precioso.

Eu, o Real Príncipe dos Príncipes Oriente, o Filho dos minerais-vivos do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

16

Eis-me, ó montes fiéis do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; já que, inacessivamente longas vias nos ares modificadas; torce os ventos, volve as asas, lá nas alturas, bem longe, muitas moradas, servindo a minha criação vivente, representando um testemunho leal; diante do meu Sacrossanto Trono-Vivo, eis o documento legal de um ser absoluto, o Santo Tabernáculo-Vivo Oriente, exigiu a posse e o reconhecimento do seu único outorgado, o menino-vivo Oriente, o herdeiro dos setetovões que, sem descanso noite e dia, brada com grande voz dizendo: — é vindo do nascente, o anjo-vivente da sétima voz criadora, nesta Santa torre de meiga névoa eminenciado, na claridade saudosa, com a que, vós ilustram-me; da flor desta mão em água-viva embebida, recebem, o prêmio da bênção divina; acrescentar-vos-ei várias flores, legar-vos-ei magníficos jardins, suscitar-vos-ei outros tantos bens, dobrar-vos-ei os teus encantos; no Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu, registrar-se-á as tuas lealdades; eis aqui, ó montes fiéis, o que, o Rei das estrelas fiéis anuncia-vos: sois benditos cada um de per si desde os mais insignificantes até os de maiores extensões.

Eu, o Real Príncipe dos Príncipes Oriente, o Filho dos montes-vivos do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

17

Eis-me, ó águas fiéis do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; já que, ingenuamente embutidas em uma pérola de leal figura, passaram do domínio da morte ao testemunho da vida sem tortura, servindo a minha criação vivente, a benefício do meu Sacrossanto Trono-Vivo, eis o bramido poderoso de uma voz vivente, o Santo Tabernáculo-vivo Oriente, reconheceu entre as muralhas de uma ilha encarcerado, o menino-vivo Oriente, o herdeiro de umas harpas-vivas que, cantam sem descanso noite e

dia dizendo; que, é voltado o anjo-vivo do monte-santo; nesta sagrada harmonia de amável resplendor justificado, na reservada influência, com a que, vós exaltam-me; da mente pura de um filho Santo, recebem, o prêmio da bênção divina; de repente veio numa nuvem o anjo fiel das águas dizendo: eis ai, ó humanidade, nos dias de Luz, aberto o Santuário da pureza, presente as quatro fiéis criaturas viventes, na sexta praga do sexto anjo, Apocalipse, cap. 16⁶; é encarnado o Altíssimo Deus-vivo, o Onipotente Criador que,

⁶ Apocalipse, Português. In: *Bíblia Sagrada*, Tradução Brasileira, Nova York: American Bible Society, 19-?, cap. 16, vers. 1-21, pp. 276-277. Segue o trecho:

1. Ouvi uma grande voz, vinda do santuário, dizendo aos sete anjos: Ide e derramai sobre a terra as sete taças da ira de Deus.
2. Foi o primeiro e derramou a sua taça sobre a terra. Veio uma chaga cruel e maligna sobre os homens que tinham a marca da besta, e sobre os que adoravam a sua imagem.
3. Derramou o segundo anjo a sua taça sobre o mar. O mar tornou-se em sangue como de um morto, e morreu toda a alma vivente das que estavam no mar.
4. Derramou o terceiro a sua taça sobre os rios e sobre as fontes das águas. Estas se converteram em sangue.
5. E ouvi o anjo das águas dizendo: Tu és justo, tu que és e que eras, o Santo, porque isto julgaste;
6. pois derramaram sangue de santos e de profetas, e tu lhes tens dado sangue a beber; eles o merecem.
7. Ouvi o altar dizendo: Certamente, Senhor Deus Todo-poderoso, verdadeiros e justos são os teus juízos.
8. O quarto derramou a sua taça sobre o sol. Foi-lhe permitido queimar os homens com fogo.
9. Os homens foram queimados com grande calor, e eles blasfemaram o nome de Deus que tinha poder sobre estas pragas; e não se arrependeram para lhe darem glória.
10. O quinto derramou a sua taça sobre o trono da besta. O seu reino foi mergulhado em trevas, e os homens mordiam de dor as suas línguas,
11. e blasfemaram o Deus do céu por causa das suas dores e das suas chagas; e não se arrependeram das suas obras.
12. O sexto derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates. Secaram-se as suas águas, para que fosse preparado o caminho para os reis vindos do oriente.
13. Vi saindo da boca do dragão e da boca da besta e da boca do falso profeta três espíritos imundos semelhantes a rãs;
14. pois estes são espíritos de demônios, fazendo milagres, que saem ao encontro dos reis do mundo inteiro, para os ajuntar para a guerra do grande dia do Deus Todo-poderoso.
15. (Eis que venho como ladrão; bem-aventurado aquele que vigia e que guarda as suas vestes, para que não ande nu, e vejam a sua vergonha.)
16. os ajuntaram no lugar chamado em hebraico Armagedom.
17. O sétimo derramou a sua taça no ar. Saiu uma grande voz do santuário, da banda do trono, dizendo: Está feito.
18. Sobrevieram relâmpagos, vozes e trovões, e houve um grande terremoto, tão grande e tão forte, como nunca houve semelhante desde que existiram homens sobre a terra.
19. A grande cidade foi dividida em três partes, e as cidades das nações caíram. Deus lembrou-se da grande Babilônia, para lhe dar a beber o cálice do vinho do furor da sua ira.
20. Toda a ilha fugiu, e os montes não foram achados.

ordenará a desolação ou a criação da vida eterna, diante do gênio fica sem efeito toda e qualquer determinação antes proferida por ser ele mesmo, o anjo-vivente da sétima etapa: — eis aqui, ó águas fiéis, o que, o Rei dos minerais fiéis anuncia-vos: sois benditas desde as fontes mais insignificantes até os Rios mais excessivos.

Eu, o Real Príncipe dos Príncipes Oriente, o Filho das águas fiéis do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

18

Eis-me, ó Sacrossanto Trono-vivo do Tabernáculo em Testemunho que há no Céu; já que, a ciência dos sábios nos entes mais profundos, os sacrifícios dos Príncipes Cidadãos tão perfeitos; não entraram nesta Casa nem pousaram nestes leitos, não sou eu, ó Flor do mal, o Senhor dos mundos; este Trono não é meu, este arco-íris não me pertence, o jaspe não vê, a sardônia não tem olhos, estas vozes não são minhas, estes relâmpagos não são meus, estes trovões não é meu poder, estes Espíritos não me querem, este mar não me vê, estas criaturas viventes não me conhecem, estes anciões não são meus servos, a terra não é minha, o Céu não me foi dado, o livro selado não é minha herança, os anjos fazem o que outro ordena, as trombetas tocam sem o meu bramido, as pragas não são enviadas por mim, o incenso das salvas não é meu, o Santuário fecha sem eu entrar, eu não sou o Santo Criador, ouça-me, ó viventes, quem criou estas sublimes maravilhas que vive e existe foi o meu Santo Tabernáculo-Vivo companheiro do meu Fiel Diadema Excelso; nesta impenetrável vontade de purificado esclarecimento conduzido, na respiração de perfeita harmonia, com a qual, vós louvam-me, da obscuridade desta fiel

21. Uma grande chuva de pedras, cada pedra quase do peso de um talento, caiu do céu sobre os homens; e os homens blasfemaram de Deus por causa da praga da chuva de pedras, pois a sua praga era grande em extremo.

Criança, recebe, o prêmio da bênção divina; rapidamente em uma nuvem luzente veio um dos Sete Espíritos dizendo: eis ai, o dia último da maldição é cumprida a ira, reina o Espírito do Santo⁷ Criador encarnado é o Real Príncipe dos Príncipes Oriente; um homem vestido de roupa de linho em pé sobre as águas, ficou muito triste levantando as mãos ao Céu abriu a sua boca dizendo: Sou Santo há sete mil anos, vi encarnado entre os homens mais abatidos o Rei do Trono da Vida; gritou da ribanceira de um rio outro homem dizendo: eis aqui, meu caro amigo, vem e vê, não há mais o ajuntamento santo, Viva, o grande Príncipe Oriente, a alegria dos anjos, o benfeitor dos viventes; eis aqui, ó sacrossanto Trono-Vivo, o que, o Rei da Luz anuncia-vos[:]⁸ és bendito desde as plantas dos teus pés até a tua última extensão.

Eu, o Real-Príncipe dos Príncipes Oriente, o Filho da gratidão do Tabernáculo em Testemunho que há no Céu; o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

19

Eis-me, ó jaspe-vivo do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu, já que, oficialmente emanado à Sardônia, no assento da vida, as simples estátuas, pousou; não do pecado, nascidas; nem da carne, vontade; mas, ei-los!!... na simplicidade da fé, o santo da vida adejou; de repente, grandes revelações, nasceu, a Aurora, beijando o mar grande, dizendo: é nascida, fora no campo, a árvore da vida, rapidamente, desceu, o vigia do Céu, dizendo: desligai das raízes do tronco da árvore, as cadeias de ferro e de bronze,

⁷ Nota do Editor: Nos casos em que o capítulo se estende por mais de uma página, tal como acontece aqui, será marcado, em nota, o ponto onde houve a junção daquilo que na edição original encontra-se e páginas diferentes.

⁸ Adicionado o símbolo “dois-pontos” para a marcação de enunciação conforme padrão, ausente no original.

dê-se-lhe⁹, a Real coroa e o eterno Reino; desceu dalém mundo, o Santo-Vivo dizendo: faça-se a mente santa e o novo sol Oriente; veio o detetive, dizendo: é nascida, no alto do céu, a fonte das águas-vivas; houve um forte abalo no Céu, às pressas, congregou-se na Corte Celestial, os Santos, os anjos de Querubins os arcanjos de Serafins e os profetas servos de Deus-Vivo, rezando as orações sacras, invocando a voz bendita, veio dois anjos fortes, pôs-se diante da Corte congregada, queimando o incenso das orações dos santos; houve um silêncio profundo, quase uma hora, rapidamente uns reflexos luminosos cobriu o firmamento, a voz bendita entrou adejando dentro do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu, dizendo: Santo, Santo, Santo, é o Altíssimo Deus-Vivo, o todo Poderoso, o que era, o que é, o que veio, e o que entra, é o Filho Santo, o fruto bendito da¹⁰ estirpe Real do tronco do Santo Deus-Vivo Oriente o que reina de eternidade, em eternidade sem fim, todas as coisas faz-se a seu mando e desfaz-se a sua ordem; a ele, a mente santa e todos os poderes; a honra e a maior sabedoria; as ações de graças e a maior glória; prostrada toda corte, adorou o que a voz bendita disse dizendo: seja bem-vindo, o Real herdeiro do condão Oriente, amém.

Eu, o Real Príncipe dos Príncipes Oriente, o Filho da gratidão da voz bendita do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu, o que, testifico e dou testemunho deste grande Nascimento.

21

Eis-me, ó Sardônia-viva do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; já que, valiosamente emanada ao jaspe no assento da vida, na honra de uma mãe ingênua, o fiel Santo Tabernáculo-vivo Oriente, na inocência de um filho guerreiro,

⁹ Nota do Editor: Não há como determinar se tal construção parte do verbo “dar” – desse-lhe ou dar-se-lhe – ou do verbo “descer” – desce-lhe. Dessa forma se manteve conforme o original.

¹⁰ A partir daqui o texto estava na página seguinte do original.

renasceu a raiz do testamento deixado, escrito em livro lavrado; de repente, o Sol poente clamou com uma grande voz aflita, dizendo: ó dor nas minhas entranhas nascido, onde existe? Apocalipse, cap. 12¹¹; então, a voz jovial do Filho do Fogo, atuando as águas disse: eu, o justo obscuro, o equilíbrio dos planetas, o entendimento da carne o sangue da humanidade, o da vida a pureza e da alma o alívio único: viajo em além mundo, volto aqui neste instante; habito em tronco na árvore nascida no nascente das águas-vivas; descansai em paz, é morto o dragão maldito; reina uma, a da Luz Princesa; adejou

¹¹ Apocalipse, Português. In: *Bíblia Sagrada*, Tradução Brasileira, Nova York: American Bible Society, 19--?, cap. 12, vers. 1-18, pp. 273-274. Segue o trecho:

1. Foi visto um grande sinal no céu: uma mulher vestida do sol, tendo a lua debaixo dos seus pés, e uma coroa de doze estrelas sobre a sua cabeça,
2. e estando grávida, gritava com as dores do parto e sofria tormentos para dar à luz.
3. Foi visto também outro sinal no céu; eis um grande dragão vermelho com sete cabeças e dez chifres e nas suas cabeças sete diademas,
4. e a sua cauda arrastava a terça parte das estrelas do céu, e lançou-as sobre a terra. O dragão parou em frente da mulher que estava para dar à luz, a fim de devorar ao filho dela, logo que ela o tivesse dado à luz.
5. Ela deu à luz um filho varão, que há de reger todas as nações com uma vara de ferro; e o seu filho foi arrebatado para Deus e para o seu trono.
6. A mulher fugiu para o deserto, onde Deus lhe havia preparado um lugar, para ser ali alimentada durante mil e duzentos e sessenta dias.
7. Houve no céu uma guerra, pelejando Miguel e seus anjos contra o dragão. O dragão e seus anjos pelejaram,
8. e não prevaleceram; nem o seu lugar se achou mais no céu.
9. Foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, que se chama Diabo e Satanás, aquele que engana todo o mundo; sim, foi precipitado na terra, e precipitados com ele os seus anjos.
10. Ouvi uma grande voz no céu dizendo: Agora é vinda a salvação e o poder e o reino do nosso Deus e a autoridade do seu Cristo, porque foi precipitado o acusador de nossos irmãos, que os acusava de dia e de noite diante do nosso Deus.
11. Eles o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho; e não amaram as suas vidas até a morte.
12. Por isso exultai, ó céus, e vós que neles habitais; ai da terra e do mar, porque desceu a vós o Diabo cheio de grande ira, sabendo que pouco tempo lhe resta.
13. Quando o dragão se viu precipitado na terra, perseguiu a mulher que dera à luz o filho varão.
14. Foram dadas à mulher as duas asas da grande águia, a fim de voar para o deserto, ao seu lugar, onde é alimentada um tempo, dois tempos e a metade de um tempo, fora da presença da serpente.
15. A serpente lançou da sua boca, atrás da mulher, água como um rio, para fazer que ela fosse arrebatada pela corrente.
16. Mas a terra ajudou à mulher; abriu a terra a sua boca e engoliu o rio que o dragão tinha vomitado da sua boca.
17. O dragão irou-se contra a mulher e foi fazer guerra ao restante dos filhos dela, que guardam os mandamentos de Deus e mantêm o testemunho de Jesus;
18. e ficou em pé sobre a areia do mar.

o Santo da vida dizendo: qual, o guerreiro ousado que, com tanta audácia profere? Eis aqui me tens, eu, o da voz bendita, o Filho Santo e do tronco, o Santo-vivo Oriente vindo; se a guerra busca, eis o grande guerreiro, se em paz vens, aqui jaz, o pobre verdadeiro!... adejando o santo da vida disse: fechai os olhos teus e abre a boca tua, prostrado herdando, recebe, o maior forte-vivo; velozmente desceu os vigias do céu, dizendo: vive a carne da mente-santa na máxima Fortaleza.

Eu, o Real Príncipe dos Príncipes Oriente, o Filho da gratidão da Luz-viva do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu, o que, testifico e dou testemunho desta solene entrada do maior herdeiro.

23

Eis-me, ó arco-íris do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; já que, cheio de orgulho, fielmente anuncias noite e dia, diante do meu Sacrossanto Trono-vivo, a existência da minha eterna vida emanada ao resplendor da minha grande glória, eu o órfão do pranto do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; engrandeço-te hoje, com o prêmio da bênção divina, acrescentar-te-ei o teu lindo cinto, prolongar-te-ei as tuas nuvens, aparelhar-te-ei muitas cores, aumentar-te-ei o teu resplendor, dobrar-te-ei os teus encantos, suscitar-te-ei vários sinais celestiais, no Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; registrar-se-á a tua disciplina, meu leal arco-íris, o vigia pronunciando; o anjo da vida na terra, os homens vadiando; eis aqui, ó arco-íris, o que, o rei dos animais anuncia-te: és bendito em toda a tua extensão.

Eu, o Real Príncipe dos Príncipes, o Filho do encanto do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

24

Eis-me, ó vinte e quatro anciões do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; já que, escrupulosamente purificados, rogam rodeando à puridade, sem descanso noite e dia, prostrados adorando, diante do meu Sacrossanto Trono-vivo, a vinda do mais abatido dos peregrinos, o Real Príncipe Oriente, o herdeiro Real do eterno reino da voz bendita do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; benignamente saúdo-vos hoje cada um de per si, com o prêmio da bênção divina, acrescentar-vos-ei os teus galardões nos mandatos da leal missão, junto ao sagrado ofício do Real Trono, no santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no céu; registrar-se-á, as tuas purezas; os anciões prostrando, as suas coroas lançando; o Santo-vivo Oriente na terra, aos viventes ensinando; eis aqui, ó vinte e quatro anciões o que, o rei das sete salvas anuncia-vos: sois bendito desde o princípio da formação dos dedos dos teus pés até o ultimo fio de cabelo das tuas brancas cabeças.

Eu, o Real Príncipe dos Príncipes Oriente, o Filho dos vinte e quatro anciões-vivos do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

25

Eis-me, ó dez reis fiéis do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; já que, cientificamente dos montes inacessíveis baixaram aos vales dos reis lendários; pesquisando a vida e seus pensamentos sobre o túmulo ou segredo enterrado; supunha-se numa galeria subterrânea, o Real Príncipe Oriente encantado; quando sentiram-se prisioneiros por um vil dragão, abre no céu os santuários; insultava o vil dragão, blasfemava as bestas, desce o Filho do Fogo a grande guerra, o maior forte-vivo

batalhando matou o dragão maldito, eliminou¹² as bestas e a seus dez reis fiéis arrebatando; representa uma fé de ofício histórica, o testemunho dos dez reis fiéis da tribo Oriente; diante do meu Sacrossanto Trono-vivo; eis a amizade Santa de um ser fiel, o Santo Tabernáculo-vivo Oriente, buscou entre mil armadilhas, o menino da tribo Oriente, herdeiro do Reino dos universos; neste primoroso jardim de aroma suave engastado, no penhor de brilhante afeto, com o que, vós distinguem-me, da estimação desta criança leal, recebem, o prêmio da bênção divina; rapidamente vieram em espírito os dez reis fiéis dizendo: louvai, ó alturas imensas ao Altíssimo Deus-vivo, o Onipotente senhor dos universos¹³ reunidos; enche-te de extremo prazer, ó Céu, é entrado o menino-vivo Oriente; eis ai, ó humanidade, o teu Deus é uma essência-viva e não uma alimária morta, Daniel, cap. 7¹⁴; — eis aqui, ó dez reis fiéis, o que, o rei do potente Leviatã anuncia-vos: sois

¹² Nota do Editor: No original lia-se iliminou e pelo contexto definiu-se tratar do verbo “eliminar”; mas, por ser de um texto bastante singular, não ignorou-se a possibilidade de ser “iluminou”.

¹³ A partir daqui o texto estava na página seguinte do original.

¹⁴ Daniel, Português. In: *Bíblia Sagrada*, Tradução Brasileira, Nova York: American Bible Society, 19--?, cap. 7, vers. 1-28, pp. 855-856. Segue o trecho:

1. No primeiro ano de Belsazar, rei de Babilônia, teve Daniel um sonho e visões da sua cabeça, estando na sua cama; então escreveu o sonho e relatou a soma das coisas.
2. Falou Daniel e disse: Vi na minha visão noturna, e eis que os quatro ventos do céu irrompiam sobre o grande mar.
3. Quatro grandes animais, diferentes uns dos outros, subiam do mar.
4. O primeiro era como um leão, e tinha asas de águia; enquanto eu olhava, foram-lhe arrancadas as asas, ele foi levantado da terra, e posto em dois pés como um homem, e foi-lhe dado um coração de homem.
5. Eis outro animal, o segundo, semelhante a um urso, que se levantou sobre um dos seus lados, e tinha três costelas na boca; e diziam-lhe assim: Levanta-te, devora muita carne.
6. Depois disto estava eu olhando e eis outro, semelhante a um leopardo, que tinha nas costas quatro asas de ave; tinha o animal também quatro cabeças, e foi-lhe dado domínio.
7. Depois disto vi nas visões noturnas, e eis um quarto animal, terrível e espantoso, e sobremaneira forte; tinha grandes dentes de ferro; devorava e fazia em pedaços, e pisava aos pés o que sobejava: era diferente de todos os animais que o precediam, e tinha dez chifres.
8. Eu considerava os chifres, e eis que entre eles subia outro chifre, pequenino, diante do qual três dos primeiros chifres foram arrancados; e eis que neste chifre havia olhos como olhos de homem, e uma boca que falava grandes coisas.
9. Eu estava olhando até que foram postos uns tronos, e um que era antigo de dias se assentou; o seu vestido era branco como a neve, e os cabelos da sua cabeça como pura lã; o seu trono era chamado de fogo, e as rodas do mesmo fogo ardente.
10. De diante dele manava e saía um rio de fogo; milhares de milhares o serviam, e miríades de miríades assistiam diante dele; assentou-se o juízo, e abriram-se os livros.

benditos cada um de per si desde o início dos teus pés até o fio de cabelo últimos das tuas cabeças.

E sou, pobre escravo e grato amigo: Real Príncipe dos Príncipes Oriente, herdeiro do Real Trono do Eterno Reino, capitão de armas, Santo-guerreiro e Defensor Perpétuo do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

26

-
11. Eu estava olhando nesse tempo, por causa da voz das grandes palavras que falava o chifre. Eu estava olhando até que foi morto o animal, e destruído o seu corpo; e ele foi entregue para ser queimado pelo fogo.
 12. Quanto aos outros animais, foi-lhes tirado o seu domínio; todavia as suas vidas foram prolongadas para uma estação e um tempo.
 13. Vi nas visões noturnas, e eis que vinha com as nuvens do céu um como filho de homem, que se chegou até o antigo de dias; foi apresentado diante dele.
 14. Foi-lhe dado domínio e glória e um reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem; o seu domínio é um domínio sempiterno, que não passará, e o seu reino tal, que não será destruído.
 15. Quanto a mim, Daniel, o meu espírito foi contrariado no meio do meu corpo, e as visões da minha cabeça me perturbaram.
 16. Cheguei-me a um dos circunstantes, e perguntei-lhe a verdade a respeito de tudo isto. Assim ele me disse, e fez-me saber a interpretação das coisas.
 17. Estes grandes animais, que são quatro, são quatro reis, que se levantarão da terra.
 18. Mas os santos do Altíssimo receberão o reino, e possuirão o reino para sempre, sim para todo o sempre.
 19. Então tive desejo de saber a verdade a respeito do quarto animal, que era diferente de todos eles, sobremaneira terrível, cujos dentes eram de ferro, e as suas unhas de cobre, que devorava, fazia em pedaços e pisava aos pés o que sobejava:
 20. a respeito dos dez chifres, que ele tinha na cabeça, e a respeito do outro chifre que subiu, e diante do qual caíram três, a saber, daquele chifre que tinha olhos, e uma boca que falava grandes coisas, e pareceu ser mais robusto do que os seus companheiros.
 21. Eu estava olhando, e o mesmo chifre fazia guerra contra os santos, e prevalecia contra eles,
 22. até que veio o antigo de dias, e o juízo foi dado aos santos do Altíssimo; e chegou o tempo em que os santos possuíram o reino.
 23. Ele disse assim: O quarto animal será o quarto reino na terra, o qual será diferente de todos os reinos, e devorará toda a terra, e a pisará aos pés e a fará em pedaços.
 24. Quanto aos dez chifres, deste reino se levantarão dez reis; depois deles se levantará outro; ele será diferente dos primeiros, e abaterá a três reis.
 25. Ele falará palavras contra o Altíssimo, e consumirá os santos do Altíssimo; cuidará em mudar os tempos e a lei, e os santos lhe serão entregues nas mãos até um tempo e tempos e metade dum tempo.
 26. Mas o juízo se assentará, e tirar-lhe-ão o domínio, para o consumir e destruir até o fim.
 27. O reino e o domínio, e a grandeza dos reinos debaixo de todo o céu, serão dados ao povo dos santos do Altíssimo: este reino é um reino sempiterno, e todos os domínios o servirão e lhe obedecerão.
 28. Aqui é o fim do assunto. Quanto a mim Daniel, muito me perturbaram os meus pensamentos, e o meu semblante se me mudou; mas guardei o assunto no meu coração.

Eis-me, ó potente Leviatã do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; já que, prodigiosamente emergido, o eminente antigo, precursor pertinaz do bem, encanto da justiça honrada; no caminho da Luz entre o canal das trevas, manejando espada valente, feliz vivenda edificou; um dos fiéis amigos surpreendente a guerra, o coração generoso, Carta viva, a pérola enterrada; debate a ânsia esperando, o menino-vivo ausente, nenhuma prenda dantes, outro tanto adorou; representa um voto majestoso o testemunho constante do mar-de-vidro; diante do meu Sacrossanto Trono-vivo; eis a maior prova de uma gratidão imensa, o Santo Tabernáculo-vivo Oriente, buscou entre os homens mais infelizes, o menino insignificante de valor tão precioso; a quem pertence, a cláusula expressa por direito eterno, a herança observada na taça do sexto anjo no testamento do Santo Deus-vivo Oriente deixado dentro do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu, Apocalipse, cap. 16¹⁵; neste soberbo incenso de delicioso perfume encastado, no produto de cintilante merecimento, com o que vós divulga-me, da constância desta mente humilde, recebe, o prêmio da bênção divina; velozmente¹⁶ flutuou, o potente Leviatã, barbas brancas derramadas, voz forte soluçadas, dizendo: menino das magias antigas, qual, o ente encarnado ou mistério igrejado que, a ti ensinou a voz da morte à vida profetizar?... — nem a trança dos vivos, nem a visão dos mortos; se alma foi corpo não tem; é o meu Santo Tabernáculo-vivo Oriente!... novamente, o potente Leviatã disse: ouça-me os ouvidos teus, medita o teu entendimento santo, guarda no teu coração inocente, interpretem os universos; digam os dez reis da tribo Oriente, junto a teu Sacrossanto Trono-vivo Leviatã foi um guardião fiel; — eis aqui, ó potente Leviatã, o que, o rei dos quatro oficiais fiéis anuncia-vos: és bendito desde as plantas dos teus pés até o último fio dos teus brancos cabelos.

¹⁵ Apocalipse, Português. In: *Bíblia Sagrada*, Tradução Brasileira, Nova York: American Bible Society, 19--?, cap. 16, vers. 1-21, pp. 276-277. Confira o trecho na nota 6.

¹⁶ A partir daqui o texto estava na página seguinte do original.

E sou, grato amigo e humilde companheiro: Real Príncipe dos Príncipes Orientes, herdeiro da Real coroa do Eterno Reino, capitão de armas, Santo-guerreiro e defensor perpétuo do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no céu; o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

28

Eis -me, ó quatro oficiais fiéis do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; já que, heroicamente juntos, ao pequeno herói da grande aldeia, leais guerreiros combateram, na desolação do Forno-maldito do profundo Vale, Genesis, cap. 15¹⁷; no renascimento da bela criação, a benefício do meu Sacrossanto Trono-vivo; eis o

¹⁷ Genesis, Português. In: *Bíblia Sagrada*, Tradução Brasileira, Nova York: American Bible Society, 19--?, cap. 15, vers. 1-21, pp. 14-15. Segue o trecho:

1. Depois destas coisas veio a palavra de Jeová a Abrão numa visão, dizendo: Não temas, Abrão; eu sou teu escudo, a tua recompensa será infinitamente grande.
2. Respondeu Abrão: Senhor Jeová, que me darás, visto que morro sem filhos, e o herdeiro da minha casa é Eliezer de Damasco?
3. Acrescentou Abrão: Eis que a mim não me tens dado filhos, e um escravo vai ser o meu herdeiro.
4. Veio-lhe a palavra de Jeová: Este não será o teu herdeiro; porém aquele que será gerado de ti, será o teu herdeiro.
5. Fez-lhe sair para fora e disse: Olha para o céu, e conta as estrelas, se as poderes contar; e disse-lhe: Assim será a tua semente.
6. Creu Abrão em Jeová, que lhe imputou isto como justiça.
7. Disse-lhe mais: Eu sou Jeová que te fiz sair de Ur dos Caldeus, a fim de te dar esta terra em herança.
8. Perguntou-lhe Abrão: Ó Senhor Jeová, como saberei que a hei de herdar?
9. Respondeu-lhe: Toma-me uma novilha de três anos, e uma cabra de três anos, e um carneiro de três anos, e uma rola e um pombinho.
10. Ele, tomando todos estes animais, os partiu pelo meio, e pôs cada metade em frente da outra; mas as aves não partiu.
11. As aves de rapina desciam sobre os cadáveres, porém Abrão as enxotava.
12. Quando o sol ia a entrar, caiu um profundo sono sobre Abrão; eis que lhe sobreveio um horror de grandes trevas.
13. E lhe foi dito: Sabe com certeza que a tua semente será peregrina em terra alheia, e será reduzida à escravidão, e será aflita por quatrocentos anos.
14. Sabe também que eu hei de julgar a nação, a que têm de servir: e depois sairão com grandes riquezas.
15. Tu, porém, irás em paz para teus pais; serás sepultado numa boa velhice.
16. Na quarta geração voltarão para cá, porque a medida da iniquidade dos amorreus ainda não está cheia.
17. Quando o sol já estava posto, e era escuro, um fogo fumegante e uma tocha de fogo passaram por entre aquelas metades.

acontecimento do maior feito, o Santo Tabernáculo-vivo Oriente, buscou na veia do poço do que vive e do que vê, a pomba Resplendor do Norte, a quem compete, criar o Luzeiro aos vivos e o descanso aos mortos; nesta excelente essência nascido, em retribuição aos generosos afetos, com que, vós acompanham-me, da humildade deste leal escravo, entre a gratidão de um vivo simples e a fé de uma alma pura, recebem, o prêmio da bênção divina; vieram numa visão rápida os oficiais fiéis do Céu dizendo: seja bem aparecido, o menino do Sol nascente, a Real Alteza onde abre o selo do Terçado-Santo; salta de extremo, prazer, ó Céu, cada ave ao seu ninho, é voltado o Eterno Rei a seu Real Trono, o Santo valente e guerreiro fero que, do Santo-monte, nos tortos caminhos baixou, nas profundidades das vastas regiões dos vales escabrosos, lutando contra fortes bestas e vis dragões¹⁸ que, almejam subir do abismo à terra e seus habitantes destruir, Daniel, cap. 7¹⁹; volve em turba, o sangue batalhado; triunfou; o Céu e o menino do Santo-Terçado eis ai, ó humanidade, o teu Rei é um grande guerreiro e não o maior covarde!...

Eis aqui, ó quatro oficiais fiéis, o que, o rei dos Santos anuncia-vos: sois benditos desde os teus pés até os teus fios de cabelos últimos.

E sou, amigo certo e leal companheiro: Real Príncipe dos Príncipes Oriente, herdeiro do Eterno Reino do Real Trono, Capitão de armas, Santo-guerreiro e Defensor Perpétuo do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

30

18. Naquele dia fez Jeová uma aliança com Abrão, dizendo: À tua semente tenho dado esta terra, desde o rio do Egito até o grande rio, o rio Eufrates:

19. O queneu, o quenezou, o cadmoneu,

20. o heteu, o ferizeu, os refains,

21. o amorreu, o cananeu, o gírgaseu e o jebuseu.

¹⁸ A partir daqui o texto estava na página seguinte do original.

¹⁹ Daniel, Português. In: *Bíblia Sagrada*, Tradução Brasileira, Nova York: American Bible Society, 19--?, cap. 7, vers. 1-28, pp. 855-856. Confira o trecho na nota 14.

Eis-me, ó quatro criaturas viventes do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; já que, cuidadosamente vigiaram com os olhos de fogo por dentro penetram contemplando, com as asas de gentis-homens rodeiam por fora adorando, saindo as vozes misteriosas, sem descanso noite e dia, participando diante do meu Sacrossanto Trono-vivo, a existência da raiz Real e a vinda da chave da vida do testamento deixado; eis aqui me tens, eu, o Real Príncipe Oriente, o descendente último da família Real do Santo Deus-vivo da voz bendita do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu, carinhosamente confraternizo-vos hoje, com o prêmio da bênção divina, dobrar-vos-ei os teus encantos na fiel missão junto ao sagrado ofício do Real Trono, no Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu, registrar-se-á, no livro da vida as tuas extremas preocupações; as criaturas viventes, o sinal dando: o Príncipe Oriente na terra, a justiça eterna trazendo: eis aqui, ó quatro criaturas viventes, o que, o Rei das sete salvas anuncia-vos; sois benditas desde o início dos teus pés até o remate de tuas cabeças.

Eu, o Real Príncipe dos Príncipes Oriente, o Filho das quatro Criaturas viventes do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

32

Eis-me, ó sete espíritos do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; já que, virtuosamente chegaram, a etapa última da Santidade primeira, vigiando a coroa do império inocente, sem descanso noite e dia, diante do meu Sacrossanto Trono-vivo, afirmando a existência real do arrimo deixado, eis aqui me tens, triste e forasteiro, pobre e verdadeiro, eu, o Real Príncipe Oriente, o sangue único da antiga família Real da voz bendita do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; com o carinho

de mãe na alma de um filho, emito-vos hoje, o prêmio da bênção divina, entre o pão da vida e o repouso do justo; encanto-vos na missão secreta junto ao sagrado ofício do Real Trono, no Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; registrar-se-ão as tuas fadigas, os espíritos ardendo, as lâmpadas clareando; o Anjo-Vivo na terra, as gentes ensinando; eis aqui, ó sete espíritos, o que, o Rei dos vinte e quatro anciões anuncia-vos: sois benditos desde a congregação dos vivos até onde a alma dos mortos flutua.

Eu, o Real Príncipe dos Príncipes Oriente, o filho da gratidão dos seis na missão dos sete espíritos vivos do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

33

Eis-me, ó sete trovões do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu, já que, as tuas unânimes forças lealmente científica²⁰ noite e dia, diante do meu Sacrossanto Trono-Vivo, a existência da minha eterna essência divina, a dor de um selo, a nobreza de uma mãe, o encanto de um filho, Apocalipse, cap. 10²¹; eu, o sangue do poço

²⁰ Nota do Editor: No original lia-se “científica”. Parece, ao se analisar o período todo, que se tratar do verbo “cientifica”, mas não se ignorou a possibilidade de se estar diante do adjetivo “científica”.

²¹ Apocalipse, Português. In: *Bíblia Sagrada*, Tradução Brasileira, Nova York: American Bible Society, 19--?, cap. 10, vers. 1-11, pp. 272. Segue o trecho:

1. Vi outro anjo forte descendo do céu, vestido de uma nuvem; o arco-íris estava sobre a sua cabeça, e o seu rosto era como o sol, e os seus pés como colunas de fogo,
2. e tinha na mão um livrinho aberto. Pôs o pé direito sobre o mar e o esquerdo sobre a terra,
3. e bradou com uma grande voz, como o rugido de leão. Quando bradou, os sete trovões fizeram soar as suas vozes.
4. Quando os sete trovões fizeram soar as suas vozes, eu ia escrever; mas ouvi uma voz do céu, dizendo: Sela as coisas que falaram os sete trovões, e não as escrevas.
5. O anjo que vi em pé sobre o mar e sobre a terra levantou a destra para o céu,
6. e jurou por aquele que vive pelos séculos dos séculos, que criou o céu e tudo o que nele há, e a terra e tudo o que nela há, e o mar e tudo o que nele há, que não haveria mais demora,
7. mas que nos dias da voz do sétimo anjo, quando este estiver para tocar a trombeta, então se cumprirá o mistério de Deus, segundo ele anunciou aos seus servos, os profetas.

da voz bendita do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; exalto-vos hoje, com o prêmio da bênção divina, acrescentar-vos-ei os teus resplendores, legar-vos-ei assaz sonidos, aumentar-vos-ei fortes estrondos, suscitar-vos--ei lindas nuvens de várias cores, no Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; registrar-se-á as tuas retidões; estrondando os trovões, a luz olhando; o sétimo anjo na terra, as gentes brigando; eis aqui, ó sete trovões, o que, o Rei do arco-íris anuncia-vos; sois benditos em todos os teus estrondos.

Eu, o Real Príncipe dos Príncipes Oriente, o Filho da gratidão dos seis na missão dos sete selos-vivos do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

34

Eis-me, ó vozes do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; já que, foste sempre uma vibrante testemunha, diante do meu Sacrossanto Trono-Vivo, a fiel força do teu entendimento, sem descanso, noite e dia, clama por mim, entra-vos hoje o que, tendo os mortos vivem, o prêmio da bênção divina; suscitar-vos-ei vários gênios em cantos, entoar-vos-ei mil variações, fortificar-vos-ei com diversos sonidos, emanar-vos-ei primorosos hinos; no Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu, registrar-se-á, a constância tua; soando as vozes o Trono proferindo; o Filho do Fogo na terra, o povo dormindo; eis aqui, ó vozes, o que, o Rei dos ventos anuncia-vos: sois benditas desde as tuas saídas até as tuas exterminações.

-
8. A voz que eu ouvi do céu, tornei a ouvi-la falando comigo e dizendo: Vai e toma o livro que está aberto na mão do anjo que está em pé sobre o mar e sobre a terra.
 9. Fui ter com o anjo, pedindo-lhe que me desse o livrinho. Toma-o, disse-me ele, e come-o; causar-te-á amargor no ventre, mas na tua boca será doce como mel.
 10. Tomei o livrinho da mão do anjo e o comi; na minha boca era doce como mel, mas depois de o comer, causou-me amargor no ventre.
 11. Disseram-me: Cumpre que ainda profetizes a respeito de muitos povos, raças, línguas e reis.

Eu, o Real Príncipe dos Príncipes, o Filho da Voz-Viva do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu, o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

35

Eis-me, ó relâmpagos do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; já que, tem sido umas luzentes testemunhas, diante do meu Sacrossanto Trono-Vivo, o luzimento das tuas leais forças, sem descanso, noite e dia, resplandece o umbigo do meu Santuário-vivente, unir-vos-ei o prêmio da bênção divina, legar-vos-ei muitas fitas alegres, dar-vos-ei umas aparências admiráveis, fortificar-vos-ei as tuas forças, suscitar-vos-ei grandes faixas mansas, lindas em cores, no Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; registrar-se-á as firmezas tuas, clareando os relâmpagos, a luz falando; o Anjo-Vivo na terra, os sábios exterminando, eis aqui, ó relâmpagos, o que, o Rei das vozes anuncia-vos: sois bendito desde as tuas saídas até as suas extinções.

Eu, o Real Príncipe dos Príncipes, o Filho dos relâmpagos vivos, do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

36

Eis-me, ó santos fiéis do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; já que espontaneamente, guardaram os mandamentos santos, mesmo por malditos feridos, por maus blasfemados, entraram na morte torturosa²² no renascimento do véu inocente diante do meu Sacrossanto Trono-Vivo; eis a nobreza de um teto infinito; o Santo

²² Nota do Editor: Não há como determinar se tal construção é um neologismo relativo à tortura, ou se se trata de uma gralha na grafia de “tortuosa”. Dessa maneira, o termo foi mantido como no original.

Tabernáculo-Vivo Oriente, trouxe de uma tribo pobre, o humilde Menino-Vivo Oriente, o herdeiro de um fiel espectro vivo que, anuncia sem descanso noite e dia, a existência do seu companheiro vindo do nascente; nesta árvore sagrada de olfato santo concebido, no grandioso amparo, com o que, vós veneram-me deste leal incenso-vivo encarnado recebem, o prêmio da bênção divina; legar-vos-ei uma sala de reuniões-santa, acrescentar-vos-ei lindas vestiduras de linho, aumentar-vos-ei fochas nas reuniões, acreditar-vos-ei as tuas petições junto ao sagrado ofício do Sacrossanto-Trono Vivo; no Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; registrar-se-ão os teus méritos; eis aqui ó santos fiéis, o que, o Rei dos servos profetas fiéis anuncia-vos: sois bendito cada um de per si desde as tuas santificações primeiras até as derradeiras.

E sou, amigo certo e chefe humilde; Real Príncipe dos Príncipes Oriente, herdeiro da Real Coroa do Eterno Reino, Capitão de armas, Santo-Guerreiro e Defensor Perpétuo do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

37

Eis-me, ó fiéis santos vigias do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; já que, diretamente certificaram em petições apregoadas aos homens, o galardão dos que, com exatidão vaticinam contra a iniquidade dos maus, a bem do meu Sacrossanto-Trono-Vivo; eis a maravilha do Condão Oriente, o Santuário do Tabernáculo-Vivo Oriente, suscitou das entranhas da bendita terra, o pobre aldeão, a quem cabe promulgar leis aos planetas e seus habitantes; neste sublime balsamo embebido, no reconhecimento da integra gratidão, com a que vós, assistem-me, da simplicidade desta consciência pura, respiro-vos, o prêmio da bênção divina; rapidamente desceu os santos fiéis vigias do Céu, dizendo: engrossai o tronco da árvore nascida em

toda a terra, cresça os seus ramos até o alto do Céu; sustentem-se dos seus copiosos frutos todas as espécies de animais, alimárias mansas, debaixo dela habitem em paz, repousem nos seus lindos ramos todas as aves do Céu, a todas as coisas que, vive e palpita, cada uma de per si, se intima certificando, que, é cumprida a petição dos santos celebrada antes o Trono do Santo Vivo, na Câmara Real do Céu; eis aqui, ó santos fiéis vigias, o que, o Rei dos vigias anuncia-vos: sois benditos desde a petição primeira até a derradeira.

Eu sou, grato oficial e leal companheiro: Real Príncipe dos Príncipes Oriente, herdeiro do Real Trono Vivo do Eterno Reino, Capitão de armas, Santo-Guerreiro e Defensor Perpétuo do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

38

Eis-me, ó vigias fiéis do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; já que, eficazmente científicaram em édito afixado aos viventes, a grandeza dos que com retidão, vigiam contra a perfídia maldita, em defesa do meu Sacrossanto Trono-Vivo; eis a lealdade do Santo Tabernáculo-Vivo Oriente, legando o fiel Diadema Excelso ao humilde órfão, a quem pertence criar e dissolver, em face do termo último do Santo Deus Vivo Oriente; neste incenso benigno embutido no agradecimento as provas de simpatia e consideração, com a qual vós, acolhem-me; da intimidade desta alma inocente exprimo-vos, o prêmio da bênção divina; de repente desceu os vigias fiéis do Céu; dizendo: a vós, ó criação-vivente que, há por cima, em baixo na terra, nos mares, nos espaços, nos vegetais e no alto do Céu, cada um de per si, se intima certificando que é cumprida a sentença decretada na sala secreta dos vigias, sinal do Terçado-Santo, na Corte Real do Céu; passados são, os sete tempos publicados; eis aqui, ó fiéis vigias, o que, o Rei do Luzeiro anuncia-vos: sois bendito desde o decreto primeiro até o derradeiro.

Eu sou, atento e obrigado: Real Príncipe dos Príncipes Oriente, herdeiro da Real Coroa do Eterno Reino, Capitão de armas, Santo Guerreiro e Defensor Perpétuo do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

39

Eis-me, ó sete selos do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; já que, dignamente cumpriram o teor em ofício no mandato, fielmente sem descanso noite e dia certifica, diante do meu Sacrossanto Trono-Vivo, a existência do meu eterno poder divino, ciente, eu, o triste viandante da angústia da voz bendita do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; comprazo-vos hoje, com o prêmio da bênção divina, acrescentar-vos-ei lindas vozes, emanar-vos-ei um novo hálito, dobrar-vos-ei os teus encantos, dar-vos-ei outras tantas forças, suscitar-vos-ei um formoso livro de folhas purpurinas, no Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; registrar-se-ão as tuas comunicações; os selos abrindo, as criaturas afirmando, o Altíssimo Deus-Vivo na terra, a iniquidade consumando; eis aqui, ó sete selos, o que, o Rei dos sete trovões anuncia-vos: sois benditos desde o dia da tua doação até a última hora do teu cumprimento.

Eu, o Real Príncipe dos Príncipes Oriente, o Filho da gratidão dos seis em missão dos sete selos vivos do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

40

Eis-me, ó sete anjos das sete trombetas do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; já que, habilmente cumpriram no mistério do incensário, na

força da fé, as sete trombetas tocando, noite e dia, sem descanso, certificando, diante do meu Sacrossanto Trono-Vivo, a existência do meu eterno incenso divino, ciente, eu, o pobre infante da lágrima da voz bendita do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; correspondo-vos hoje, com o prêmio da bênção divina, instruir-vos-ei com um novo toque, legar-vos-ei uns lindos sons aumentar-vos-ei os teus encantos, suscitar-vos-ei fortes trombetas formosíssimas cores, no Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; registrar-se-ão as habilidades tuas, tocando as trombetas, as árvores queimando o Eterno-Vivo na terra, aos humildes chamando, eis aqui, ó sete anjos das sete trombetas, o que, o Rei dos sete selos anuncia-vos: sois benditos desde o toque primeiro até a hora última do toque derradeiro.

Eu, o Real Príncipe dos Príncipes, o Filho da gratidão dos seis em missão dos sete anjos das sete trombetas vivas do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

41

Eis-me, ó anjos fiéis do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; já que, amavelmente cantam a harmonia do Céu, usufrutando a piedade, os habitantes da bendita terra, segundo a designação-oficial por admirável devoção decretada; diante do meu Sacrossanto Trono-Vivo; eis a solução clemente de um fogo imaculado o Santo Tabernáculo-Vivo Oriente, descobriu entre os universos, o Menino-Vivo Oriente, o herdeiro das sete chaves, onde nasce a vida, neste santo grêmio de infinitas graças glorificado, no afortunado rosário, com o qual, vos rodeiam-me, da gratidão desta virtude santa, recebem o prêmio da bênção divina, rapidamente apareceram numa nuvem resplandecente, os anjos fiéis dizendo: Silencio!... dormem?... dormem sim!... eis, ó humanidade... é entrado, o Altíssimo Deus-Vivo, o Onipotente Senhor dos

universos reunidos em um dos planetas, olhou a seus anjos humildes, com o carinho de um pai piedoso, seja bem-vindo, o Reino do Menino-Vivo Oriente, a flor do perfume Eterno; eis aqui, ó anjos fiéis, o que, o Rei dos santos fiéis anuncia-vos: sois benditos cada um de per si desde o louvor primeiro até o derradeiro.

E sou, o justo dedicado e Criador Santificado: Real Príncipe dos Príncipes Oriente, herdeiro da Real Coroa do Eterno Reino, o Capitão de armas, o Santo-Guerreiro e Defensor Perpétuo do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

42

Eis-me, ó Arcanjos fiéis do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; já que, disciplinadamente sustentaram a paz na ordem do Céu e oficialmente militaram a face da terra contra a maldição por juramento insigne celebrado; diante do meu Sacrossanto Trono-Vivo; eis a caridade de um laço sagrado, o Santo Tabernáculo-Vivo Oriente, imigrou de uma ilha de prisioneiros abandonados, o Menino-Vivo Oriente, o herdeiro legal da Chave-Vivente que abre as portas da morte e fecha o poço do abismo; neste amoroso seio de carinho paternal acolhido, no intento nobre de militares ilustres, com o qual, vós servem-me, da castidade desta amizade purificada, recebem, o prêmio da bênção divina; rapidamente baixaram do Céu, os arcanjos fiéis dizendo: eis ai, ó maldição, o dia último da tua grande perfídia... é vindo, o Altíssimo Deus-Vivo, o Onipotente Senhor dos universos reunidos, ainda uma vez se verifica, a máxima Fortaleza na mente Santa do Menino bendito, armou a seus arcanjos leais, com a frase sincera de um voto-Santo, seja eterno, o grande Reino e o maior poder do menino-Vivo Oriente, eis aqui, ó arcanjos fiéis, o que, o Rei dos anjos fiéis anuncia-vos: sois benditos cada um de per si desde o combate primeiro até o derradeiro.

E sou, o Criador verdadeiro e o Santo da Luz primeira: o Real Príncipe dos Príncipes Oriente, o herdeiro da Real Coroa do Eterno Reino, o Capitão de armas, o Santo-Guerreiro e Defensor Perpétuo do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; o que testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

43

Eis-me, ó servos profetas do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; já que, integralmente cumpriram a prova de fogo, onde impõe a pureza a profecia de um gênio inocente, sem descanso noite e dia, diante do meu Sacrossanto Trono-Vivo; eis o Juiz mais justo, o foro mais piedoso, o Santo Tabernáculo-Vivo Oriente, arrebatou do meio dos prisioneiros de uma ilha, o Menino-Vivo Oriente que cujo o encanto ligara à seu hálito por ser o legítimo herdeiro da santa essência-viva, protetora dos vivos e abrigo dos mortos; nesta preciosa herança entrado, na significação carinhosa, com a que, vós honram-me, desta lágrima clemente, recebem, o prêmio da bênção divina; suscitar-vos-ei o salão dos profetas, acrescentar-vos-ei lindos vestidos, legar-vos-ei formosas fahas, aumentar-vos-ei um pequeno galardão nas seções, no Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; registrar-se-ão as tuas obras, os servos profetizando os homens que dormem; o sangue derramando os fiéis que nascem, eis aqui, ó servos profetas fiéis, o que, o Rei dos dez reis da tribo Oriente anuncia-vos: sois benditos cada um de per si desde a profecia primeira até a derradeira.

E sou, o justo profetizado e a amigo chegado: o Real Príncipe dos Príncipes Oriente, o herdeiro da Real Coroa do Eterno Reino, o Capitão de armas, o Santo guerreiro e Defensor Perpétuo do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

44

Eis-me, ó planetas fiéis do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; já que, desassombradamente nas sacras preces as fundas raízes do tronco ouvia, suplicando em pranto as orações de saudade, aos frutos da fé, aos ramos da verdade, é nascida a árvore da eterna harmonia; representando um testemunho de leal merecimento, diante do meu Sacrossanto Trono-Vivo, eis a grande profecia de um Santo-Vivo cumprida, o Santo Tabernáculo Vivo Oriente na Fortaleza do Fiel Diadema Excelso legou a Real Coroa do Eterno Reino ao Menino Vivo Oriente, o herdeiro de um Trono-Vivo que, nunca deixou nem vivente nem coisa alguma aproximar, da instalação sagrada, por que conhece o bramido do seu Filho que é a Gloria-Viva da Pureza Eterna, nesta perfumada aglomeração de rosas luzentes igrejado, na simplicidade tão pura, com a que, vós esperam-me, da gratidão desta prenda-Viva, recebem, o prêmio da bênção divina: emanar-vos-ei juntos ao sagrado ofício do Sacrossanto Trono da Vida; eis aqui, ó planetas fiéis, o que, o Rei dos montes fiéis anuncia-vos: sois benditos cada um de per si desde os mais insignificantes até os de maiores extensões.

Eu, o Real Príncipe dos Príncipes Oriente, o Filho dos planetas-Vivos do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

45

Eis-me, ó santuário fiel do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; já que, secretamente o pobre homem vil ideia usou, ao fiel combatente engano rebuçado, é vivo o herdeiro, ó meu Santo-Terçado, quantos indignos poderosos deixou; violam o templo ainda, abominam outro tanto, com disfarces mentirosos, faz outro subir; com enganado, faço-vos outra vez cair, senhores ignoram talvez o custo ser dum Santo; este Santuário não é meu, estas rodas não é a minha vida, estes querubins não me vê, os arcanjos baixam

a mando doutro, estes sonidos em alta glória não são meus, a fonte das águas-vivas não é minha, a árvore da vida não me pertence; eu não sou o Deus-Vivente nem o Filho do Nascente; ouvem-me, ó viventes, o genuíno proprietário destas coisas que vive e existe é, meu Santo Tabernáculo-Vivo companheiro do Fiel Diadema Excelso; neste firmamento glorioso de coruscante resplendor introduzido, na grandeza animadora, com a qual, vos dignificam-me, do intrépido semblante deste Filho humilde, recebe, o prêmio da bênção divina; de repente, os reflexos luminosos do Arco-Íris resplandeceu os quatro cantos da terra; os fogos do Trono da Vida; iluminaram as sete maravilhas do Céu; os anjos fiéis adejaram derredor do Trono da Vida dizendo; nós os anjos fiéis do Sagrado-Ofício reconhecemos e com querubins de fogo nas mãos damos entrada ao anjo-vivente no Sacrossanto Trono da Vida, as entidades santificadas reuniram-se²³ em um quadro-vivo ao redor do Trono da Vida dizendo: prostrado herdando, recebe em ruidosa alegria, o incenso das orações dos santos; os arcanjos fiéis militaram o Trono da vida e baixaram em toda extremidade da terra dizendo: os anjos fiéis, os santos leais reconheceram o legítimo Filho do Santo Tabernáculo-Vivo companheiro do Fiel Diadema Excelso, nós os arcanjos fiéis de espadas de fogo, lança nas mãos arrebatemos e damos entrada no Sacrossanto Trono da Vida; instantaneamente adejou a voz bendita dentro do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu dizendo: meu Filho... percutindo lágrimas de imenso prazer na meiga encarnação da maior infância, és a expressão mais pura de nobreza na designação virtuosa dum mistério divino; o grão ímã da ingênua vontade perfeita habita no encanto juvenil da tua humilde inocência, ó nato infinito do gorjeio primeiro, acatai os murmúrios de saudade na nova do destino; eis aqui, ó Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; o que, o Rei do Trono da Vida anuncia-vos: és bendito desde o teu início até a tua última extensão.

²³ A partir daqui o texto estava na página seguinte do original.

Eu, o Real Príncipe dos Príncipes Oriente, o Filho da gratidão do Sacrossanto Trono da Vida do Tabernáculo em Testemunho que há no Céu; o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

46

Eis-me, ó Arca fiel do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; já que, continuamente por trovas santas, em benignos vocábulos antes gaguejados, a vinda de um gênio entre a vida no poder da fé os mistérios revelados; representa no testemunho uma relíquia de notável valor; diante do meu Sacrossanto Trono Vivo; eis o triunfo unanime de uma Fortaleza-Viva, o Santo Tabernáculo Vivo Oriente, chamou ao Trono da Criação, o Menino-Vivo Oriente, o herdeiro do Quadro-Vivo, onde nasce a Luz, neste favo sagrado de soberana grandeza, encontrado, na glória magnífica com a qual vos afeiçoa-me, da brandura deste mensageiro do bem, recebe, o prêmio da bênção divina; dar-te-ei por vestiduras um resplandecente véu, repousar-te-ei sobre amenos Querubins, memoriar-te-ei um hino nos louvores solenes, acrescentar-te-ei vários bens, legar-te-ei lindas cores; no Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; registrar-se-á a tua fidelidade, eis Arca fiel, voz do encanto que passou, sinal do anjo vivente, que chegou; eis aqui, ó Arca fiel, o que, o Rei das pedras-vivas anuncia-te: és bendita desde o dia de tua formação até as eternidades.

Eu, o Real Príncipe dos Príncipes Oriente, o Filho da Arca Viva do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

48

Eis-me, ó Ares fiéis do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; já que, utilmente gerados nos desertos virtuosos enchem as vastas veredas os seus valiosos frutos viajando, nascem na vida, moram nos espaços, ativos entram e saem a todos agradam visitando; servindo a minha criação vivente; representando um magnífico testemunho; diante do meu Sacrossanto Trono-Vivo; eis a sabia investigação da maior ciência, o Santo Tabernáculo Vivo Oriente, tornou ao Trono da Vida, o Menino-Vivo Oriente o herdeiro de uma trombeta-vivente que, sem descanso noite e dia toca dizendo: é vindo do nascente, o Filho legítimo do Santo Tabernáculo-Vivente e reina eternamente encarnado na gratidão do Fiel Diadema Excelso, nesta faculdade honrada de preciosos balsamos entrado, na erudição deliciosa, com a qual, vos esperam--me, da meiga voz deste fiel anjo-vivente, recebem, o prêmio da bênção divina; acrescentar-vos-ei benfeitoras correntes, dar-vos-ei outros tantos bens, aumentar-vos-ei muitos espaços, dobrar-vos-ei os teus encantos; eis aqui, ó ares fiéis, o que, o Rei das águas-vivas anuncia-vos: sois benditos desde a quantidade mais insignificante até a mais elevada extensão.

Eu, o Real Príncipe dos Príncipes Oriente, o Filho dos Ares-Vivos do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

49

Eis-me, ó sete anjos das sete salvas do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; já que, admiravelmente cumpriram no mistério das sete pragas, as sete salvas saindo, no poder da divindade, sem descanso, noite e dia, cientificando, diante do meu Sacrossanto Trono-Vivo, a existência real da minha eterna e grande glória, ciente, eu, o pupilo peregrino da amargura da voz bendita do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; elevo-vos hoje, com o prêmio da bênção divina, cingir-vos-

-ei com preciosos cintos de lindas cores, vestir-vos-ei com linho purpurino de vários resplendores, acrescentar-vos-ei os teus encantos, suscitar-vos-ei outras salvas de valor notável, no Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; registrar-se-ão, as tuas dedicações; as salvas derramando, os vivente adorando; o Santo dos santos na terra, a prevaricação apagando; eis aqui, ó sete anjos das sete salvas, o que, o Rei das sete trombetas anuncia-vos: sois benditos desde o derrame da salva primeira até a hora última do derrame da salva derradeira.

Eu, o Real Príncipe dos Príncipes, o Filho da gratidão dos seis na missão dos sete anjos das sete salvas-vivas do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

50

Eis-me, ó estrelas fiéis do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; já que, generosamente nas ostentadas do eterno firmamento engastadas, meigos olhos iluminam a terra prendada, servindo a minha criação vivente, representando um imoto testemunho; diante do meu Sacrossanto Trono-Vivo; eis o grande poder de um dedo valente, o Santo Tabernáculo Vivo Oriente, surpreendeu encarnado em um dos planetas, o Menino-Vivo Oriente, o herdeiro de uns relâmpagos-vivos que, sem descanso noite e dia, profetizam com letras de fogo, dizendo: é vindo do nascente, o Príncipe do Fogo da magia Oriente, neste laço delicioso de forte carinho alegrado, na animação oculta, com a que, vos acreditam-me, da soledade deste jardim de pureza-viva, recebem, o prêmio da bênção divina; acrescentar-vos-ei vários resplendores, legar-vos-ei lindas formas, suscitar-vos-ei outras tantas, aumentar-vos-ei os teus segredos, dobrar-vos-ei os teus encantos; no Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; registrar-se-ão as tuas assistências, eis aqui, ó estrelas fiéis, o que, o Rei das ilhas

fiéis anuncia-vos; sois benditas cada uma de per si desde as mais insignificantes até as de maiores extensões.

Eu, o Real Príncipe dos Príncipes Oriente, o Filho das estrelas-vivas do Santuário do tabernáculo do testemunho que há no Céu; o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

51

Eis-me, ó Luz fiel do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; já que, antecipadamente a ilustre Filha dos firmamentos azulados, denunciou em tormentos e ais venturosos; o dragão maldito e seus cúmplices ambiciosos, almejaram, congregaram-se e hoje todos decapitados; representando um testemunho grandioso; diante do meu Sacrossanto Trono-Vivo; eis a vontade impoluta de um assopro valente, o Santo Tabernáculo Vivo Oriente, despertou entre os mais abatidos dos homens o Menino-Vivo Oriente, o herdeiro de um Santuário-Vivo, que, sem descanso noite e dia diz: eis pregando em baixo na terra aos viventes o mistério onde nasce a vida e a morte encerra; neste celeste corpo de magia honrada abraçado na deliciosa inspiração, com a qual, vos espera-me, da grande memória deste anjo vivente, recebe, o prêmio da bênção divina; de repente uma maravilha, grande visão, clamou do mar grande o Sol nascente dizendo: Altíssima Realeza, sinal do Terçado-Santo; girava daquele a este mundo; eis o que vi: as sete portas do Tesouro sagrado abriu-se no Céu, saiu seis anciões vestidos de finíssimo linho, um dos santos saiu dizendo: eis ai, é purificado o Santuário, são passados dois mil e trezentos dias; gritou da porta de Ulai outro santo dizendo: reina o Real Príncipe dos Príncipes Oriente da eterna Fortaleza; ainda não tinha fechado a boca o santo, houve um forte abalo no Céu, sobrevieram relâmpagos, vozes, trovões e grande saraiva²⁴,

²⁴ A partir daqui o texto estava na página seguinte do original.

congregou-se as pressas toda Corte Celestial e os profetas servos de Deus-Vivo invocando a voz bendita, veio dois anjos queimando o incenso das orações sacras, uns reflexos luminosos cobriu o firmamento, a voz bendita adejou dentro do Santuário da Pureza dizendo: dai os braços uns aos outros faça-se um quadro-vivo ao redor do Trono da Vida; saltai de jubilosa alegria, ó anjos é um prazer imenso: reina o Espírito do Santo Criador encarnado é o Menino-Vivo-Oriente; eu, o anjo fiel da Luz em ditos santos revelei, o que vi; eis aqui, ó anjo fiel, o que, o Rei dos planetas anuncia-te: és bendito desde as plantas dos teus pés até o último fio dos teus cabelos.

Eu, o Real Príncipe dos Príncipes Oriente, o Filho da Luz-Viva do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu, o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

52

O CREDO FORTE DO SANTO VIVO

Credo, Creio em Deus-vivo o todo poderoso, o Criador do Céu e de tudo quanto nele há, o Criador da terra e de tudo quanto nela há, o Criador dos mares e de tudo quanto neles há, o Criador dos espaços e de tudo quanto neles há, o Criador dos vegetais e de tudo quanto neles há, o Criador dos animais e de tudo quanto neles há; Creio em Deus-Vivo o todo poderoso, Creio no justo, Creio no que era, Creio no que é, Creio no que veio, Creio no que entra, Creio no verdadeiro Santo, Creio nas suas virtudes, Creio no seu Reino que, será por todos os séculos dos séculos sem-fim – Amém.

Eis aqui, ó meu filho, a orientação na santa palavra que quando Criei a terra e estendi ao Céu, ordenei dizendo: este é o Santo Credo, a oração que eleva a Crença e Certifica a fé, o intermédio único entre o senhor Deus-Vivo, o Santo Criador e o homem,

se o Crente é humilde, limpo de coração; cientifica-se-lhe-á²⁵ a dor do justo na morte do pecador, eis ai, ó maldição, o dia último da tua grande perfídia, o Altíssimo Deus-Vivo, o Onipotente Santo Criador na terra e o anjo da sétima trombeta no Céu, se pobre, ó meu filho, se sábio o teu entendimento, meditai aqui, o teu Criador é o anjo da Vida; feliz é aquele que, estando encarnado aprender esta casta-obra em oração-viva, o bafejo do hálito divino no pronúncio desta sacrossanta palavra; Creio em Deus-vivo o Onipotente Santo Criador dos universos reunidos.

Marcha agora, ó Vaticano em busca de tua coroa, há muito caída, emana aos cavalheiros do sol e vence, Vive, o Altíssimo Deus-Vivo, o Onipotente Santo Criador; o que, testifico e dou testemunho.

Eu, o Real Príncipe dos Príncipes Oriente, capitão de armas, general de batalha em missão à terra

Santo-Guerreiro.

54

GRATIDÃO À DEUS-VIVENTE

Deus-Vivo todo poderoso, santificado seja o vosso Santo nome; venha a nós o vosso Reino, seja feita a vossa vontade, assim na terra, como no Céu, como nos mares, como nos espaços, como nos vegetais, como nos animais em nome do Senhor Deus-Vivo, das suas virtudes e do Espírito Santo; o pão nosso de cada dia nos dai hoje, perdoai-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores; não nos deixeis cair em tentações, mas livrai-nos, ó senhor Deus-Vivo todo poderoso dos nossos inimigos – Amém.

²⁵ Nota do Editor: Foi mantido conforme o original.

Eis aqui, ó meu filho, a santa prece que deveis oferecer para a maior glória dos anjos fiéis e dos santos leais do Altíssimo Deus-Vivo, o Onipotente Santo Criador; para que, eles não vedem a tua visita a mim no Sacrossanto Trono da Vida; o que, testifico e dou testemunho.

Eu, o Real Príncipe dos Príncipes Oriente, capitão de armas, general de batalha em missão à terra²⁶

Santo-Guerreiro.

55

ATO DE CONFISSÃO

Eu pecador me confesso ao Altíssimo Deus-Vivo, o Onipotente Santo Criador dos universos reunidos que pequei muitas vezes por pensamentos, palavras e obras; por minha culpa, e minha máxima culpa; portanto peço e rogo aos anjos fiéis e aos santos leais que perdoai-me os meus pecados por Comiseração em nome do Altíssimo Deus-Vivo, o Onipotente Santo Criador, das suas virtudes e do Espírito Santo – Amém.

Eis aqui, ó meu filho, a santa prece que deveis elevar humildemente o arrependimento das tuas faltas; alcançando por meio desta obediência aos anjos fiéis e dos santos leais a remissão dos teus pecados por amor de mim, o Altíssimo Deus-Vivo, o Onipotente Santo teu Criador; o que, testifico e dou testemunho.

Eu, o Real Príncipe dos Príncipes Oriente, capitão de armas, general de batalha em missão à terra

Santo-Guerreiro.

56

²⁶ Nota do Editor: No original, havia aqui um ponto final, porém se procedeu à eliminação deste em conformidade com que se vê nas página anterior e nas duas posteriores, nas quais se encontram casos análogos em que o autor considera, por sua vez, o ponto após “*Santo-Guerreiro*” como o fechamento do período.

ESTRELA DO ORIENTE

Salve, Estrela do Oriente, Rainha da eternidade, mãe de misericórdia, vida doçura, esperança nossa; salve, ó Estrela do Oriente a nossa vida; salve os aliados filhos de Eva, a vós suspiramos, gemendo e chorando, neste vale de lágrimas, eia, pois; advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei e depois deste desterro mostrai-nos o Oriente, bendito fruto do vosso ventre, ó Clemente, ó Piedosa, ó doce sempre virgem Estrela do Oriente, rogai por nós santa mãe do Oriente, para que sejamos dignos das promessas do senhor Deus-Vivo, o Onipotente Santo Criador – Amém.

Eis aqui, ó minha filha, a santa prece que deveis oferecer a Virgem no giro da Luz que, quando Criei Eva a rogo de Adão revelei-a dizendo: naquele clarão que viaja existe uma Virgem, a qual é digna de harmonioso louvor por ser de tua criação a fiel testemunha; se pobre, ó minha filha, se forte a tua mente, medita aqui; o teu Criador é um anjo inocente; na força de uma vontade, a virtude de uma virgem; na gratidão de uma Princesa, a coroa de grande Rainha; o que, testifico e dou testemunho.

Eu, o Real Príncipe dos Príncipes Oriente, capitão de armas, general de batalha em missão à terra

Santo-Guerreiro.

57

Eis aqui, me tens diante de ti, ó meu Santo Tabernáculo-Vivo Oriente; o legítimo filho do teu único juramento, antes do mal mais atroz morrer queria, ó minha dor, do que fulgurante a voz jovial no assento da vida brotar envolto as entidades tão perfeitas herdar; eis um pesadelo ao gênio entre a raiz do doce perfume preferindo a pétala mais humilde

de uma flor, há²⁷ Real coroa no eterno Reino, há forte Espectro do alto Rei, quisera os anjos a outro o meu mando dar; eu, o viandante de tua missão, o selo do teu livro, o abatido do teu apraz, o ungido do teu incenso, o diploma do teu voto, o anjo da tua trombeta, o pobre do teu arraial, o inocente de tua guarda, o mensageiro do teu sonido, o decreto do teu édito, os olhos de tuas pálpebras, o adorno da tua morada, o teor do teu ofício, o pupilo do teu ventre, o nome de tua aliança, o infante de tua grandeza, o órfão de tua dor, o escravo de tua justiça, a lágrima de tua misericórdia, o bramido da casa Oriente, a boca do teu grito, o gemido do teu encanto, o cativo do teu carinho, o manifesto da tua frase, o bafejo do teu hálito, o hino do teu louvor, a fadiga de tuas entranhas, o voo do teu segredo, a flor de tua alegria, o cravo do teu jardim, o ar da tua respiração, o arrimo do teu Trono, a cabeça de tua coroa, o que medita no teu entendimento santo, o que palpita no teu generoso coração, o pequenino herói da tua grande aldeia; ouça-me ó meu Santo Tabernáculo-vivente, tu és o sábio dos sábios²⁸ contigo está toda ciência; se te apraz, há diante de ti, o teu servo humilde e se não é injusto o meu rogo suplico-te a interpretação de quatro coisas; qual o encanto da minha existência? Qual o sábio que não pousa a mosca? Qual o caminho da nau? Qual o fruto do tronco? Abre, ó meu Santo Tabernáculo-vivente, o segredo dos teus encantos benignos e recebe do Príncipe Vagabundo, Guerreiro do Terçado-Santo, o prêmio da bênção divina; de repente adejou na glória infinita o Santo Tabernáculo-vivente dizendo: diga ao encanto de tua existência que tu és o Filho legítimo do Santo Tabernáculo-vivente habita em um mistério profundo de genial grandeza; diga a nau que o vivente guia; diga a carne do sábio que a ciência está no espírito; diga ao tronco que no cárcere habitou a vida; eis aqui, ó meu Santo Tabernáculo-Vivo Oriente, o

²⁷ Considerou-se a possibilidade de a “Real coroa” ser objeto indireto de “preferindo”, o que acarretaria na ocorrência de crase e o “há” seria uma gralha a ser corrigida para à. Porém, a vírgula após “flor”, interrompendo a continuidade do período, e o “há” no trecho seguinte, “há forte Espectro”, contrariam essa interpretação. Assim foi mantida a opção do autor pelo verbo “haver”, conforme o original.

²⁸ A partir daqui o texto estava na página seguinte do original.

que, o Rei das águas-vivas anuncia-te: és bendito desde o dia do teu nascimento e de eternidade em eternidade sem fim, Amém.

Eu, o Real Príncipe dos Príncipes Oriente, o legítimo Filho do Santo Tabernáculo-vivente; o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

58

Eis aqui, me tens diante de ti, ó meu Fiel Diadema Excelso; já que, misteriosamente nado²⁹ não eram os dias, o ser supremo dos mundos condutor, viajava dos reinos ao paraíso em cordões de lindas rosas falava o rei meu senhor; copiosos eram os frutos da terra, perfumadas as flores e luxuriante eram o seu verdor, nos formosos ramos pousavam as avezinhas do Céu em alegria vertiam glória a seu Criador; representando um garboso testemunho; diante do meu Sacrossanto Trono-Vivo; eis a influência caridosa de um poder formidável, o Fiel Diadema Excelso, chocando a um dos planetas, arrebatou o Menino-vivo Oriente, o herdeiro de um Santo Tabernáculo vivente que, sem descanso noite e dia profetiza dizendo: é vindo do nascente o meu legítimo Filho acompanhado do seu fiel Diadema Excelso; neste santo oráculo de bojo infinito venerado; abre, ó meu Fiel Diadema Excelso, o segredo do teu piedoso encanto e recebe do Príncipe Vagabundo, Guerreiro do Terçado-Santo, o prêmio da bênção divina; rapidamente, nasceu o fogo no canal da vida, o Fiel Diadema Excelso abriu a sua virtuosa boca dizendo: Filho das águas-vivas, quando o quinto anjo derramou a taça de destruição no trono da besta, foi esfacelado o reino maldito, os três espíritos de demônios foram chamados a juiz, o anjo das trevas declarou-se impotente, o fumo do abismo subiu escureceram-se o ar e o Sol, o anjo da Luz deu alarme, a grã pressa o Terçado-Santo deu a nova dizendo: que tu,

²⁹ Segundo a definição do *Dicionário Eletrônico Houaiss*: “nascido, nato; dito esp. do Sol, para aludir à hora em que nasce”. Provavelmente o sentido pretendido pelo autor, apesar de ser uso raro do termo.

ó grão Príncipe do Fogo, derramou³⁰ as entranhas do dragão maldito dentro da própria Fortaleza da escuridade, de repente, o anjo da Luz deu outra nova dizendo: rebentou-se as entranhas daqueles que levantaram--se contra o Real Príncipe dos Príncipes Oriente, veio o anjo fiel do Santuário dizendo: foram reduzidos em pó, os que desonraram o lugar da Santificação do Príncipe da Fortaleza, o legítimo herdeiro do Trono da Vida; enquanto a criação da vida eterna aos mortais, ó meu querido Filho, todas as coisas que a tua voz ordenar, antes dos teus meigos lábios fechar, já está executado, ouve-me, meu mimoso Filho, tu és a flor espontânea do meu formidável encanto, guarda o extremo prazer do teu Fiel Diadema Excelso no teu genial coração; enche o mundo o dia grandioso em que vi, o único Espírito-Divino encarnado, tu és a justa obra infantil em gratidão divina, todas as maravilhas que vivem e existe, pobre gênio foram criadas na tua Santa vontade, meu Filho, tu és o mistério que beija todos os encantos, visita todos os vivos e volve fielmente; pois que, a onisciência do erudito Tabernáculo Santo habita na humilde memória do teu entendimento Santo; eis aqui, ó meu Fiel Diadema Excelso, o que, o legítimo Filho do Santo Tabernáculo-vivente, anuncia-te: és bendito desde o dia do teu nascimento e de eternidade em eternidade sem fim – Amém.

Eu, o Real Príncipe dos Príncipes Oriente, o Filho legítimo do Santo Tabernáculo-Vivente e companheiro do Fiel Diadema Excelso, o que; testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

60

Eis-me, ó águas-vivas do Santo-Tabernáculo-Vivo Oriente; já que, caridosamente o invencível deserto do teu meigo nascente, de uma trança por sinal Divino dois triunfou: um, o leal menino ou o guerreiro da saudade; o outro, o Santo Tabernáculo vivo em o

³⁰ A partir daqui o texto estava na página seguinte do original.

Filho da gratidão ou o jovem da eternidade, eis o grande grito da maior guerra da Fortaleza dum herói inocente; representando a lealdade em testemunho; diante do meu Sacrossanto Trono-Vivo; eis a voz poderosa de uma simplicidade vivente, o Fiel Diadema Excelso buscou entre os habitantes de um planeta, o Menino-Vivo Oriente e o seu Santo Tabernáculo, o herdeiro de um nascente-vivo que, sem descanso noite e dia diz: é vindo do Nascente o Príncipe da árvore-vivente, neste seio glorioso de rainha das águas-vivas admirado, abre, ó flor divinal, o segredo dos teus encantos e recebe do anjo-vivente, o prêmio da bênção divina; servir-se-á a virtude do teu nascente de vida a todos os mortais, estender-se-á na face de toda a terra o teu precioso tesouro, legar-vos-ei muitas árvores frutíferas, dar-vos-ei grandes peixes e um Lambari que é, o teu filhinho; eis aqui, ó águas-vivas, o que, o Rei da árvore-vivente anuncia-vos: sois benditas desde o teu meigo nascente até a tua generosa extinção³¹.

Eu, o Real Príncipe dos Príncipes Oriente, o Filho das águas-vivas do Santo Tabernáculo-Vivo Oriente; o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

62

Eis-me, ó árvore da vida do Santo Tabernáculo-Vivo Oriente; já que, piedosamente nas profundidades da terra as tuas doces raízes enterradas, passaram-se noites confusas, manhãs floridas e tardes venturosas; ontem ouvindo lamentar os justos nas faces santas as lágrimas derramadas, hoje tu és onde os aflitos se amparam, tu és divinal uma rosa; representando na história um testemunho prendado; diante do meu Sacrossanto Trono-Vivo; eis a grande caridade de uma trova vivente, o Fiel Diadema

³¹ Nota do Editor: No original lia-se “extensão” e pelo contexto foi atualizado para “extinção”; porém não se ignorou a possibilidade secundária de o autor ter optado pelo termo “extensão”.

Excelso, suscitou dos poemas lendários, o Menino-Vivo Oriente, o herdeiro do tronco de uma árvore vivente que, sem descanso noite e dia pregoava em alta voz dizendo; é vindo do nascente o Príncipe das águas-vivas; neste doce³² tronco de rainha florestal nascido, abre, ó Virginal os teus encantos e recebe do jovem herdeiro, o prêmio da bênção divina; as raízes do teu generoso tronco estender-se-á na extremidade de toda a terra, elevar-se-á ao Céu a tua preciosa altura, pousar-se-á nos teus lindos ramos as avezinhas ao Céu, as tuas formosíssimas folhas servir-se-ão de cura as moléstias incuráveis, dos teus copiosos frutos sustentar-se-á todas as espécies de alimárias mansas; eis aqui, ó árvore da vida, o que, o Rei do Trono da vida anuncia-vos: és bendita desde as tuas profundas raízes até a última folha do teu ramo derradeiro.

Eu, o Real Príncipe dos Príncipes Oriente, o Filho da árvore vivente do Santo Tabernáculo-Vivo Oriente; o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

63

Eis-me, ó novo Sol do Santo Tabernáculo-Vivo Oriente; já que, na vereda do azulado firmamento denoto pestanejar um resplendor, viajando diligente, que orna nos Campos as flores da terra, que bebe nas fontes as águas do Céu, mora no templo verdadeiro; por quem, por qual sinal, altivo luzeiro navegando, nem por reis, nem por príncipes; mas pelo Menino prisioneiro, vigilante, gorjeia uma pérola derredor de um ninho, tu és divinal a menina de olho inocente; representando um ditoso testemunho; diante do meu Sacrossanto Trono-Vivo; eis a vontade suprema de um forte-vivente, o Fiel Diadema Excelso, elevou o Santo Tabernáculo e o Menino-Vivo Oriente, o herdeiro de

³² Nota do Editor: No original lia-se “docel” e pelo contexto foi atualizado para “doce”; porém não se ignorou a possibilidade secundária de o autor ter optado pelo termo “dossel”.

uma estrela-viva que, sem descanso noite e dia diz: é vindo do nascente, o Príncipe das águas-vivas; nesta ingênua glória de rainha das estrelas consumado, abre, ó perfumada flor, o segredo dos teus encantos e recebe do anjo da Pureza, o prêmio da bênção divina; os reflexos dos teus resplendores iluminar-se-á no giro sagrado do Céu, eis aqui, ó fiel estrela, o que, o Rei das águas-vivas anuncia-te: és bendita desde o dia do teu nascimento e de eternidade em eternidade sem fim.

Eu, o Real Príncipe dos Príncipes Oriente, o Filho da estrela vivente do Santo Tabernáculo-vivo Oriente; o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

64

Meu Santo Tabernáculo Vivente; dedicado e puro como o sublime perfume das flores a imensidade, orando humilde venho a teus piedosos pés prostrar generoso profundo; melodioso é o teu canto, suave a vida como o ar à humanidade, grato e abnegado rogando a bênção em uma prece aos pobres do mundo; abre, ó meu Santo Tabernáculo vivente, o segredo do teu fiel encanto e na simplicidade do teu Filho Santo aprovai o projeto seguinte; benditos os pobres encarcerados; benditos os aflitos; benditos os que têm sede; benditos os que têm fome; benditos os humildes de espírito; benditos os perseguidos; benditos os cativos; benditos os peregrinos, benditos os virtuosos de coração; benditos os que praticam a caridade; benditos os benfeitores das almas; benditos os injuriados; benditos os que julgam com equidade; benditos os que choram; benditos os conselheiros do bem; rapidamente adejou na glória infinita o Santo Tabernáculo vivente dizendo: meu Santo Filho, o Fogo em sinal do Terçado-Santo Chama... profetizando as aves que voam nos espaços, os habitantes que existem num planeta; meu Santo Tabernáculo vivente, confesso-vos a vida, nunca advogando a causa do pecado e sim pedindo por misericórdia; o Santo Tabernáculo vivente abriu a sua boca sagrada dizendo:

não há coragem em mim nem firmeza em si de ouvir o que deve; ide a teu Fiel Diadema Excelso em sinal do Terçado-Santo — Amém.

Meu Fiel Diadema Excelso; a virtude sobrenatural roguei conheci antes a autorização de além, educado o hábito sem ser válida a lei ou ordem por mim instituída; perante o santo indissolúvel e o poder imenso que outro³³ Filho não tem, vem em prece Clemente acusar-me e defender os pobres da terra recebida; instantaneamente adejou o Fiel Diadema Excelso na máxima Fortaleza dizendo: meu pobre Filho, o Fogo do Santuário bendito brada dizendo: os peixes do fundo do mar, os habitantes de um planeta; meu Fiel Diadema Excelso, não mediador entre a Puridade e os pecadores, mas rogo-vos em sinal do Terçado-Santo que acompanhe as almas as obras de equidade praticadas aos seus semelhantes; o Fiel Diadema Excelso abriu a sua boca bendita dizendo: sejam incluídas as obras de equidade nos julgamentos inferiores das almas; eis ai, ó Criação vivente; cientifico as entidades santificadas, aberto o Santuário da Puridade, nos dias de Luz, ciente aos vinte e quatro anciões, presente as quatro criaturas viventes, nascida da eterna árvore a minha vida, aberta a eterna fonte das águas vivas, viajando o eterno Sol da casa Oriente, por determinação do Fiel Diadema Excelso companheiro do meu Santo Tabernáculo vivente que, façam acompanhar as almas nos julgamentos inferiores as obras de equidade praticadas aos seus semelhantes; interpretam os entendimentos e vivam eternamente.

Eu, o Altíssimo Deus-Vivo, o Onipotente Santo Criador dos universos reunidos, o Real Príncipe dos Príncipes Oriente, o legítimo herdeiro da Real coroa do eterno Reino por cláusula expressa em direito eterno no Sacrossanto Trono da vida, o Santo vivo do tronco nascido, o gênio da Puridade denominado Santo dos santos, a Pedra Viva do monte santo caída, o capitão das armas, o general de batalha em missão à terra Santo-Guerreiro

³³ A partir daqui o texto estava na página seguinte do original.

e Defensor Perpétuo do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu; o que, testifico e dou testemunho desta grande sentença.

65

Eis-me, o Céu fiel do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Trono da Vida; já que, incomparavelmente as científicas vias dos teus universos austrais aglomerados, denota lindos conjuntos estelares formando imensas nebulosas do centauro destacadas; distante navega arquipélagos de formosuras majestosas neste não ainda propagados, ei-las outras tantas são as formidáveis maravilhas vindas ao grão Oriente emanadas; representando um evidencial testemunho; diante do meu Sacrossanto Trono Vivo; eis o indissolúvel amor de uma grandeza inocente, o Santo Tabernáculo Vivo Oriente, militou os planetas e suscitou, o Menino Vivo Oriente, o herdeiro de uma arca-vivente que sem descanso noite e dia duma portinha sai uma voz dizendo: é vindo do nascente, o Príncipe das águas vivas; nesta Santa Fortaleza de convicção famosa encontrado na solução incontestável, com a qual, vos averigua-me, da humildade classificação do anjo da perfeição-vivente, recebe, o prêmio da bênção divina: suscitar-te-ei mil variações de cores, ser-te-ei generoso com os teus habitantes, aumentar-te-ei outros tantos bens, dobrar-te-ei os teus encantos; no Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu, registrar-se-á a tua leal diligencia; eis aqui, ó Céu fiel, o que, o companheiro do Fiel Diadema Excelso anuncia-te: és bendito desde os teus inícios profundos até as tuas alturas imensas.

Eu, o Real Príncipe dos Príncipes Oriente, o Filho do Céu Vivente do Santuário do Tabernáculo em Testemunho que há no Trono da vida; o que, testifico e dou testemunho desta grande bem-aventurança.

67

Viventes, quando desencarnardes
ide ao Trono da Vida e ali en-
-contrareis dois mistérios: o San-
to Tabernáculo-Vivente e o Fiel
Diadema Excelso.³⁴

³⁴ Além da abertura – uma dedicatória ao “Santo Tabernáculo” – a obra conta com este encerramento, um epílogo ao leitor. Foi mantido conforme a versificação original.

Um Poeta Místico³⁵

Eu desconfio bastante de que nas curiosas manifestações de religiosidade coletiva: nas diversas “caraimonhagas”, nos Canudos e Juazeiros que surgem periodicamente pelo Brasil, entra também com boa carga de culpa o nosso apregoado individualismo. Ele é que em grande parte leva à criação desses ensimesmados deusinhos de meia tigela que com tamanha facilidade se substituem às vagas noções de um Deus ritual apreendidas desde a infância. E ainda em grande parte deve ser esse mesmo individualismo que, auxiliado pelas condições culturais e sociais, pelo ruralismo persistente mesmo em cidades grandes do país, facilita o imediato desapego às tradições religiosas e provoca as ondas adesistas que com tanta rapidez se formam em torno desses deuses novos, prometedores mais recentes de uma vida melhor.

Nesse sentido a religião protestante veio auxiliar poderosamente o nosso individualismo. Não é preciso avançar pelo interior para colher provas da exacerbação individualista que o protestantismo trouxe para a nossa religiosidade popular. Quem se der ao instrutivo trabalho de passear aos domingos pelas calçadas externas do Jardim da Luz e algumas outras praças dos bairros populares de São Paulo, observará de perto o que afirmo. De longe em longe formam-se pequenos círculos de povo dominical, entregue à difícil tarefa de se divertir. No meio fala um homenzinho pregando as delícias de uma religião perfeita. Não pregam nada de mal nem de perigoso, esses doadores de verdade. São contra o álcool, o fumo, os vícios, juram que o sacrifício alimpa as almas, e celebram a grandeza de Deus com a Bíblia em punho. Mas se reservam o direito profético de interpretar o livro que têm nas mãos... As igrejas são lugares inúteis, os padres

³⁵ Artigo de Mário de Andrade publicado duas vezes – uma em 1939 e outra em 1943 – com algumas alterações. Optou-se por reproduzir o texto de 1939, em versão atualizada, que é a mais relevante para a presente pesquisa.

perniciosos; e quanto a isso de adorar uns santos de madeira ou gesso, que tomam para si grande parte do que a Deus é devido, isso é o maior dos crimes. Mas todos esses nordestinos (são invariavelmente nordestinos ou baianos esses profetas), embora visivelmente destinados em sua santidade pelos princípios mais facilmente apreensíveis do Protestantismo, também não aconselham a frequência a nenhum culto protestante, não. A santidade está com eles, são todos eles uns Antônio Conselheiros ainda no ovo, que a indiferença urbana se esquece de chocar, únicos adeptos de sua bíblia lá deles, ensebada e decoradinha de princípio a fim.

Recentemente me caiu nas mãos o livrinho de uma dessas santidades néo-protestantes que me deixou no maior dos entusiasmos. Foi publicado em 1926 numa tipografia que então ficava na rua de São Pedro, aqui no Rio, e se intitula “As Revelações do Príncipe do Fogo”. Talvez alguns leitores estejam lembrados do seu autor, nada mais nada menos que o sinistro Febrônio, que encheu algum tempo a crônica policial do país. Ele mesmo, pelo que me contou o amigo que forneceu o exemplar, o próprio Febrônio quando ainda aparentemente normal, é quem andava vendendo as suas admiráveis “Revelações” pelos cafés e bares baratos do Rio. Li o livrinho por curiosidade, mas confesso que em muitas das suas passagens ele me despertou uma verdadeira admiração e um inesperado sentimento de beleza poética. O autor era um desses místicos populares, perfeitamente identificável aos protestantizados pregadores do Jardim da Luz. Só que de um valor lírico excepcional. A todo momento ele cita a Bíblia com bem imitada indicação bibliográfica, como neste passo incandescente: “Salta de extremo prazer, ó Céu, cada ave ao seu ninho: é voltado o Eterno Rei a seu Real Trono, o santo valente e guerreiro fero que do santo monte nos tortos caminhos baixou, nas profundidades das vastas regiões dos vales escabrosos lutando contra fortes bestas e vis dragões que almejam subir do abismo à terra e seus habitantes destruir, Daniel, cap. 7; volve em turba, o sangue batlhado;

triunfou; o Céu e o menino do Santo Terçado eis aí, ó humanidade, o teu Rei é um grande guerreiro e não o maior covarde!”.

Este aliás um dos poucos passos em que não surgem terríveis erros de concordância, porque o Príncipe do Fogo, embora pregue a concórdia, é o mais feroz inimigo da concordância gramatical que nunca encontrei nas minhas viagens pela literatura popular. Mas o Príncipe do Fogo era bastante lido, principalmente do Apocalipse que o deslumbrou e cuja mística imaginosa o inspira. Assim transportado por grandes visões assombradas, o poeta criou um livro muito obscuro que é difícil interpretar claramente em seus princípios, direi... genealógicos. Logo de início, numa linguagem abracadabrantemente contraditória, anunciando a morte dos deuses (“certifico-vos que estão dissolvidos, e bem assim, toda e qualquer espécie de ilusões que denominam deuses”) o Príncipe do Fogo apresenta os seus títulos nesta notável enumeração: “Eu, o altíssimo Deus-Vivo, o Onipotente Santo Criador dos universos reunidos, o real Príncipe dos Príncipes Oriente, o legítimo herdeiro da real Coroa do Eterno Reino por cláusula expressa em direito eterno no sacrossanto Trono da Vida, o Santo-Vivo do Tronco nascido, o gênio da Puridade denominado Santo dos santos, a pedra viva do monte santo caída, o Capitão de Armas, o General de Batalha, em missão à terra, Santo Guerreiro e Defensor Perpétuo do Santuário do Tabernáculo do Testemunho que há no Céu: o que testifico e dou testemunho desta grande Sentença” (sic).

No decorrer das “Revelações” a gente consegue perceber mais claramente que o Príncipe do Fogo é filho do “Santo Tabernáculo do Testemunho que há no Céu”, numa fácil imitação do dualismo Deus-Padre e Deus-Filho, de que o Espírito Santo foi esquecido, nunca saberei por quê. Mas o que o Príncipe não esquece é de maldar das imagens, neste trecho de que, por não estar fazendo ciência, corrijo os erros de concordância: “Ouvi-me ó almas viventes, falou o Anjo da Puridade aos mortais: não

prostrai-vos ante imagens de ouro, prata, cobre, pedra, madeira ou figuras de papéis; ouvi-me, ó meus filhos, estes ídolos só servem de auxílio à maldição!”. Mas as orações católicas também auxiliam o poeta na construção da sua santidade. O Credo, a que chama “Credo Forte do Santo Vivo”, o Padrenosso, o ato de contrição e a Salve Rainha surgem, detestavelmente deformados de sua sublime perfeição.

Estas descabidas não impedem, porém, que haja verdadeiras belezas de poesia mística no livro. Eis por exemplo, um notável trecho em que os arcanjos fiéis exaltam o Príncipe do Fogo: “Meu Filho... percutindo lágrimas de imenso prazer na meiga encarnação da maior infância, és a expressão mais pura de nobreza na designação virtuosa de um mistério divino; o grão imã da ingênua vontade perfeita habita no encanto juvenil da tua humilde inocência, ó nato infinito do gorjeio primeiro, acatai os murmúrios de saudades na nova do destino”! E termina dizendo ao vaidoso Príncipe: “És bendito desde o teu início até a tua última extensão!”

Mas o próprio Príncipe sabe se exaltar com facilidade vibrante: “Então a voz jovial do Filho do Fogo, atuando as águas, disse: Eu, o justo obscuro, o equilíbrio dos planetas, o entendimento da carne, o sangue da humanidade, o da vida a pureza e da alma o alívio único: viajo em além mundo, volvo aqui nesse instante, habito em tronco na árvore nascida no nascente das águas vivas... etc.” Mas também sabe se entregar às malícias da autopunição, como neste passo dramático: “... não sou eu, ó Flor do Mal, o Senhor dos mundos; este Trono não é meu, este arco-íris não me pertence, o jaspe não vê, a sardônia não tem olhos, estas vozes não são minhas, estes relâmpagos não são meus, estes trovões não são meu poder, estes espíritos não me querem, este mar não me vê, estas criaturas viventes não me conhecem, estes anciões não são meus servos, a terra não é minha, o Céu não me foi dado, o Livro Selado não é minha herança, os anjos fazem o que outro ordena,

as trombetas tocam sem o meu bramido, as pragas não são enviadas por mim, o incenso das salvas não é meu, o Santuário fecha sem eu entrar, eu não sou o Santo Criador”!

Considero trechos, como estes citados, verdadeiramente notáveis, uma exaltação mística vibrante, uma eloquência sentida, criadora de ótimos ritmos e sonoridades, uma imaginação mirífica em que se misturam práticas, ritos de várias religiões (o espiritismo também não é esquecido), produzindo combinações novas, imagens esplêndidas, um sentido muitas vezes inédito da adjetivação. Aquela “meiga encarnação”, aquela “ingênua vontade perfeita” não são exemplos únicos desse poder inédito de adjetivação. Surgem inesperadamente um “harmonioso louvor”, um “garboso testemunho”; e o Príncipe do Fogo às vezes penetra em “noites confusas”, mas tudo vence com a sua “erudição deliciosa”.

E é com o seu poder e a sua verdadeiramente deliciosa... erudição, que o Príncipe constrói a maioria das suas sentenças, levado por um verdadeiro amor do próximo, a tudo e todos prometendo glórias e felicidade. Dirigindo-se à terra ele promete: “Dar-te-ei dobrados bens, usarei de misericórdia com os habitantes teus, encher-te-ei de magníficos jardins”! Aos animais: “Multiplicar-vos-ei o número dos mansos, acrescentar-vos-ei as vossas forças, diminuir-vos-ei os maus, suscitar-vos-ei a alegria dos campos, enriquecer-vos-ei as crias das veredas”! Não é magnífico? E só dando benefícios, aos espaços, às pedras fiéis, às nuvens fiéis, às almas viventes, às ilhas, aos quatro ventos, aos vegetais, tem este passo, da maior beleza poética, dirigido aos mares: “Suscitar-vos-ei grandes peixes mansos, lindos em escamas, legar-vos-ei ilhas estacionárias para os pescadores teus, usarei de clemência com os teus navegantes, dar-vos-ei inumeráveis marinhas de sal!” Está claro que escolhi as passagens melhores para apresentação. Livro irregular, desagradável pelos defeitos gramaticais violentos, mas incontestavelmente produzido com grande força lírica. Apesar das reminiscências de leituras evoca por momentos a

eloquência apocalíptica de São João, e noutros, pelo inesperado sonhador das visões, lembra Lautreamont. Mesmo na literatura culta brasileira, não sei de páginas mais belas, mais fortes que estas revelações do Príncipe do Fogo.

Bibliografia

- ACABA de chegar ao Brasil o bello poeta francez Blaise Cendrars*. Direção de Carlos Augusto Calil. São Paulo: Fitas Brasileiras Produções; Comissão Estadual de Cinema; Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1972. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qg2Orpwld84>. Acesso em: 17 ago. 2024.
- AGORA Talvez Você Seja Compreendido*. Direção: Paulo Biscaia Filho. Curitiba: Vigor Mortis, 2023. Disponível em: <https://www.vigormortis.com.br/agoratalvezvocesejacompreendido>. Acesso em: 30 ago. 2024.
- ÁLVARES, P. L. S.; FERREIRA, A. A. L. “Febrônio Índio do Brasil: crime, loucura, raça e sexualidade nos anos 1920”. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, [S. l.], v. 39, 2022. DOI: 10.35699/1676-1669.2022.39076. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/39076>. Acesso em: 12 ago. 2024.
- AMARAL, Aracy. *Blaise Cendrars no Brasil e os Modernistas*. São Paulo: Editora 34, 2021.
- ANDRADE, Mário de. *A Escrava que não é Isaura*. In: *Obra Imatura*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.
- ANDRADE, Mário de. “A Mulher Ausente”. In: GASPARRI, Isabel. *Mário de Andrade e a Literatura Surrealista*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. p. 168.

- ANDRADE, Mário de. “Blaise Cendrars”. In: EULALIO, Alexandre. *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*. 2 ed. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial, 2001. p. 385-394.
- ANDRADE, Mário de. “Blaise Cendrars – Feuilles de Route (I. Le Formose) – Desenhos de Tarsila – Paris, 1925/ L’or – Romance – Grasset, Paris, 1925” In: EULALIO, Alexandre. *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*. 2 ed. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial, 2001. p. 413-415.
- ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes, neto*. Organização de Georgina Koifman. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- ANDRADE, Mário de. “Da Obscuridade”. In: GASPARRI, Isabel. *Mário de Andrade e a Literatura Surrealista*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. p. 162-164.
- ANDRADE, Mário de. “Fantasia de um Poeta”. In: GASPARRI, Isabel. *Mário de Andrade e a Literatura Surrealista*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. p. 161-162.
- ANDRADE, Mário de. *Lição de Amigo: Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. Digitalizado por Virgínia Vendramini. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982. Disponível em: https://visionvox.net/biblioteca/m/M%C3%A1rio_de_Andrade_a_Li%C3%A7%C3%A3o_do_Amigo.txt. Acesso em: 21 mar. 2023.
- ANDRADE, Mário de. “Luís Aranha ou a poesia preparatoriana”. In: EULALIO, Alexandre. *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*. 2 ed. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial, 2001. p. 433.

- ANDRADE, Mário de. “Machado de Assis”. In: *Aspectos da Literatura Brasileira*. São Paulo: Martins, s/d., pp. 89-108. Disponível em: <https://sibila.com.br/mapa-da-lingua/machado-de-assis-1939/13876>. Acesso em: 21 mar. 2023.
- ANDRADE, Mário de. “Présentation de la jeune fille”. *Verde*, n. 5, Cataguazes, jan 1928. Disponível em: https://br.revistasdeideias.net/pt-pt/verde/in-issue/iss_0000003285/12#. Acesso em: 21 mar. 2023.
- ANDRADE, Mário de. *Quatro Pessoas*. Edição crítica e notas por Maria Zélia Galvão de Almeida. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985.
- ANDRADE, Mário de. “Taxi: Blaise Cendrars”. In: EULALIO, Alexandre. *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*. 2 ed. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial, 2001. p. 426-427.
- ANDRADE, Mário de. “Táxi: De-a-pé – III”. In: EULALIO, Alexandre. *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*. 2 ed. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial, 2001. p. 401.
- ANDRADE, Mário de. “Três Faces do Eu”. In: GASPARRI, Isabel. *Mário de Andrade e a Literatura Surrealista*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. p. 166-167.
- ANDRADE, Mário de. “Um Poeta Mystico”. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 12 nov. 1939. Arquivo IEB-USP Fundo/Coleção DRP019, código do documento: 0470.
- ANDRADE, Mário de. “Um Poeta Místico”. *Revista da Academia Paulista de Letras*, São Paulo, 12 jun. 1943. Arquivo IEB-USP Fundo/Coleção DRP019, código do documento: 0094.

- ANDRADE, Mário de. “Um Poeta Místico”. Modernizado. In: NOVAES, Adam H. *As Revelações do Príncipe do Fogo: Edição Modernizada*. Monografia – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. p. 177-182.
- ANDRADE, Mário de. “Verde revista moderna. N. 3. – Cataguases”. In: GASPARRI, Isabel. *Mário de Andrade e a Literatura Surrealista*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. p. 159.
- ANDRADE, Mário de; BANDEIRA, Manuel. *Correspondência: Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. Organização de Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: Edusp, 2001.
- ANDRADE, Mário de; HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*. Organização de Pedro Meira Monteiro. São Paulo: Companhia das Letras, Instituto de Estudos Brasileiros, Edusp, 2012.
- ANDRADE, Mário de; RUBIÃO, Murilo. *Mário e o Pirotécnico Aprendiz*. Organização, introdução e notas de Marcos Antonio de Moraes. Minas Gerais: Editora UFMG, 1995.
- ANDRADE, Oswald de. “Os Esplendores do Oriente”, *Verde*, n. 3, Cataguazes, nov 1927. Disponível em: https://br.revistasdeideias.net/pt-pt/verde/in-issue/iss_0000003283/14#. Acesso em: 21 mar. 2023.
- ANDRADE, Oswald. *Pau Brasil*. Paris: Sans Pareil, 1925.
- ANTELO, Raul. “Febrônio, o monstro”. In: JEHA, Julio; NASCIMENTO, Lyslei (org.). *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Edição especial: Crimes, Pecados e Monstruosidades. Belo Horizonte, n. 1321, p. 27-31, jun. 2009. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/cpm/SuplementoLiterario_cpm.pdf. Acesso em: 21 mar. 2023.

- ANTICAST 274: O Primeiro Serial Killer Brasileiro: Febrônio Índio do Brasil. Entrevistadores: Ivan Mizanzuk, Tupa Guerra e Pablo de Assis. Entrevistado: Pedro Ferrari. Anticast, 09 fev. 2017. Podcast. Disponível em: <https://podhero.com/anticast/anticast-274-o-primeiro-serial-killer-brasileiro-febronio-indio-do-brasil-5e34abjq>. Acesso em: 21 mar. 2023.
- ARAÚJO, Olívio T. *Brasil: Psicanálise e Modernismo*. São Paulo: MASP, 2000
- ARNAUD, Céline. “Les Chants de Maldoror”. *L’Esprit Nouveau*, Paris, n. 2, p. 208-210. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1073374c/f244.item.zoom>. Acesso em: 21 mar. 2023.
- AS monstruosidades de um bandido. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 16 set. 1927. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_03&hf=memoria.bn.br&pagfis=31752. Acesso em: 06 dez. 2023.
- ATHAYDE, Tristão de [Alceu Amoroso Lima]. “O Suprrealismo”, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 14 e 25 jun. 1924. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_02&pagfis=21135, http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_02&pagfis=21255. Acesso em: 21 mar. 2023.
- BARBOSA, Ana Claudia Bandeira. *Perfil de Prudente de Moraes, Neto*. 2002. 2 v. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2002.
- BASTOS, Glaucia Soares. *Como se Escreve Febrônio*. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Departamento de Teoria Literária, Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 1994. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1581934>. Acesso em: 17 ago. 2024.

BENJAMIN, Walter. “O Surrealismo: O Último Instantâneo da Inteligência Europeia”.

In: *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*.

São Paulo: Brasiliense, 1987.

BÍBLIA SAGRADA, Tradução Brasileira, Nova York: American Bible Society, 19--?.

BOAVENTURA, Maria Eugênia. “Modernismo e Surrealismo”. In: JACKSON, K.

David (Ed.). *Transformations of Literary Language in Latin American Literature:*

From Machado de Assis to the Vanguards. Texas: Abaporu Press, 1987. p. 26-27.

Disponível em: <https://www.unicamp.br/~boaventu/page30b.htm>. Acesso em: 21 mar. 2023.

BRAGA, Rubem. “Batalha no Largo do Machado”. In: *O Conde e o Passarinho*. Rio de

Janeiro: José Olympio, 1936.

[BRASIL, Febrônio Índio]. *As Revelações do Príncipe do Fogo*. Rio de Janeiro: Pap.

Monteiro e Borrelli, 1926. Arquivo IEB-USP Fundo/Coleção MA 210 F289r.

[BRASIL, Febrônio Índio do]. *As Revelações do Príncipe do Fogo*. In: NOVAES, Adam

H. *As Revelações do Príncipe do Fogo: Edição Modernizada*. Monografia – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

BRETON, André. *Manifesto do Surrealismo*. 1924. In: TELES, Gilberto Mendonça.

Vanguarda Europeia e Modernismo Brasileiro: Apresentação dos Principais

Poemas, Manifestos, Prefácios e Conferências Vanguardistas, de 1857 até hoje.

7ª ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

BRUNO, F. G.; PEDGEN, R. T. F. M.; RAMIRO F. M. S. “O Paciente 0001: Febrônio

Índio do Brasil”. *Scientiarum Historia*, VII, 2014, Rio de Janeiro. Anais... Rio de

Janeiro: UFRJ, 2014. Disponível em: <http://www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/sh7/>

[SH/trabalhos%20orais%20completos/O-PACIENTE-00001-FEBRONIO-](http://www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/sh7/SH/trabalhos%20orais%20completos/O-PACIENTE-00001-FEBRONIO-INDIO-DO-BRASIL.pdf)

[INDIO-DO-BRASIL.pdf](http://www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/sh7/SH/trabalhos%20orais%20completos/O-PACIENTE-00001-FEBRONIO-INDIO-DO-BRASIL.pdf). Acesso em: 12 ago. 2024.

- CALIL, Carlos Augusto. “Aí vem o Febrônio!”. *Teresa*, São Paulo, n. 15, p. 101-116, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/98598>. Acesso em: 17 ago. 2024.
- CALIL, Carlos Augusto. “Tradutores del Brasil”. In: *De la Antropofagia a Brasilia: Brasil 190-1950*. Valência: Generalitat Valenciana, 2002.
- CAMARANI, Ana Luiza Silva. *A Literatura Fantástica: Caminhos teóricos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.
- CARRILHO, Heitor. “A Curiosa Mentalidade de um Delinquente: Laudo do exame médico-psicológico de Febrônio Índio do Brasil”. In: *Archivo Judicial*, Suplemento, vol 10, abr/jun 1929.
- CARVALHO, Leonardo Dallacqua de; SOUZA, Breno Sabino Leite de. “Ciência e hereditariedade na história de um assassino em série: em busca do gene perdido de Febrônio”. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 8, n. 18, p. 385–410, 2016. DOI: 10.5965/2175180308182016385. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180308182016385>. Acesso em: 12 ago. 2024.
- CASOY, Ilana. *Serial Killers: Made in Brasil*. São Paulo: Ediouro, 2009.
- CASTRO, A. de C., Portugal, F. T., & Jacó-Vilela, A. M. “História da psicologia em combustão: uma crítica bakhtiniana às apropriações historiográficas no Brasil”. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, 18, 2010. p. 95–106. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6642>. Acesso em: 12 ago. 2024.
- CASTRO, Ruy. *O Anjo Pornográfico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CENDRARS, Blaise. “Dans la Brousse Sauvage une Femme Blonde Rayonnante Apparaît au Negre Extasie”. *Paris Soir*, Paris, 01 abr. 1938. Disponível em:

- <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k7644308j/f4.item.zoom>; Acesso em: 17 ago. 2024.
- CENDRARS, Blaise. “Etc... Etc... (Um filme 100% Brasileiro)”. In: *Etc... Etc... (Um Livro 100% Brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 76-79.
- CENDRARS, Blaise. *Etc... Etc...(Um Livro 100% Brasileiro)*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- CENDRARS, Blaise. “Febronio: Le Landru Nègre”. *Paris Soir*, Paris, 31 maio 1938. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k76443074/f4.item.zoom>; Acesso em: 17 ago. 2024.
- CENDRARS, Blaise. “La voix du sang”. In: EULALIO, Alexandre. *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*. 2 ed. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial, 2001.
- CENDRARS, Blaise. “Le Nègre Halluciné Lutte Contre L’oiseau Magique”. *Paris Soir*, Paris, 02 abr. 1938. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k7644309z/f4.item>. Acesso em: 17 ago. 2024.
- CENDRARS, Blaise. “Um Assassin Cultive des Violettes”. *Paris Soir*, Paris, 30 maio 1938. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k7644306q/f4.item>; Acesso em: 17 ago. 2024.
- CEZIMBRA, Márcia. “Febrônio condenado a morrer na prisão”, *O Globo*, Rio de Janeiro, 24 maio 1981.
- CONY, Carlos Heitor. “Febrônio”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 28 ago. 1995. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/8/28/opinioao/7.html>. Acesso em: 17 ago. 2024.
- CONY, Carlos Heitor. “O Dia de Cristal”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 03 out. 2002. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opinioao/fz0310200206.htm>. Acesso em: 17 ago. 2024.

- CONY, Carlos Heitor. “Elias bin Laden”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 23 set. 2002.
Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2309200206.htm>.
Acesso em: 17 ago. 2024.
- CONY, Carlos Heitor. “Ideia e Memória”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 05 ago. 2007.
Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0508200705.htm>.
Acesso em: 17 ago. 2024.
- DAMASCENO, Hugo de Nilson. *Febrônio Índio do Brasil na imprensa carioca (1919 1939)*. 2018. 105 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/15221>. Acesso em: 12 ago. 2024.
- DECLERCQ, Marie. “Eis o Filho da Luz: O Homem que Tatuava suas Vítimas”. *Vice*, 10 dez 2017. Disponível em: https://www.vice.com/pt_br/article/434g3w/eis-o-filho-da-luz-o-homem-que-tatuava-suas-vitimas. Acesso em: 21 mar. 2023.
- DERMÉE, Paul. “Lautréamont”. *L'Esprit Nouveau*, Paris, n. 20, p. 311-318. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1073372j/f53.item.zoom>. Acesso em: 21 mar. 2023.
- DESSAIGNES, G. Ribemont. “Les Chants de Maldoror et l'Histoire”. *Europe*. Paris: n. 93, p. 118-120, 15 et. 1930. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5425640n/f132.item.zoom>. Acesso em: 21 mar. 2023.
- DIAS, Allister A. T. *Arquivos de Ciências, Crimes e Loucuras: Heitor Carrilho e o Debate Criminológico do Rio de Janeiro entre as Décadas de 1920 e 1940*. Tese (Doutorado em História da Ciência) – Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/17767/2/211.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2024.

- DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. São Paulo: Hucitec, 1985.
- DUNKER, Cristian I. L.; MILÁN-RAMOS, J. G. “Clinical Cases in the History of Brazilian Psychoanalysis”. In: MANDELBAUM, Belinda; FROSH, Stephen; LIMA, Rafael. A. (Eds.). *Brazilian Psychosocial Histories of Psychoanalysis*. Cham: Palgrave Macmillan, 2021. Disponível em: <https://ebin.pub/brazilian-psychosocial-histories-of-psychoanalysis-1nbsped-3030785084-9783030785086.html>. Acesso em: 12 ago. 2024.
- DUPLESSIS, Yves. *O Surrealismo*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1963.
- EULALIO, Alexandre. *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*. São Paulo: Edições Quiron, Brasília: INL, 1978.
- EULALIO, Alexandre. *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*. 2 ed. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial, 2001.
- FEBRONIO, “Filho da Luz”.... *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 04 set. 1927. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_03&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=31570. Acesso em: 18 ago. 2024.
- FERRARI, Pedro F. M. G. *Mosaicos do Filho da Luz: Febrônio Índio do Brasil entre o crime, a redenção e o delírio*. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/13780>. Acesso em: 17 ago. 2024.
- FONSECA, Maria Augusta. *Por que ler: Oswald de Andrade*. São Paulo: Globo, 2008.
- FOUCAULT, Michel. “Loucura, Literatura e Sociedade”. In: *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Ditos e Escritos I. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999. p. 229-230.

- FONSECA, Rubem. *Agosto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- FREITAS, Maria Teresa de. “Imagens do Brasil da França nos anos 30: reportagens de Blaise Cendrars”, *Revista USP*, São Paulo, n. 48, dezembro/fevereiro 2000-2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/32897..> Acesso em: 17 ago. 2024.
- FRY, Peter. “Febrônio Índio do Brasil: Onde Cruzam a Psiquiatria, a Profecia, a Homossexualidade e a Lei”. In: VOGT, Carlos et al. *Caminhos Cruzados: Linguagem, Antropologia e Ciências Naturais*. São Paulo: Brasiliense, 1982
- GANDIER, Ângela Maranhão. “Cartografias da Dor: Morte, Epidemia e Loucura na Trilogia Transemiótica de Valêncio Xavier”. In: FERREIRA, Ermelinda (Org.). *Corporalidades e Afetos: Ensaio sobre Humanidades Médicas. Recife: Núcleo de Estudos de Literatura e Intersemiose (NELI/ PPGL/UFPE/CNPq)*, 2014. Disponível em: <http://www.neliufpe.com.br/ebooks/corporalidades.pdf#page=35>. Acesso em: 12 ago. 2024.
- GASPARRI, Isabel. *Mário de Andrade e a Literatura Surrealista*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-08082011-161549/pt-br.php>. Acesso em: 21 mar. 2023.
- GREEN, James N. “O Pasquim e Madame Satã, a ‘Rainha’ Negra da Boemia Brasileira”. *Topoi*, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 7, 2003. p. 201-221. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/topoi/v4n7/2237-101X-topoi-4-07-00201.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2024.
- GUINSBURG, J.; LEIRNER, S. (Org.). *O Surrealismo*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

- GULLAR, Ferreira. Para muitos, ele era o cara. *Folha de S. Paulo*, 30 ago. 2009. *Folha Ilustrada*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq3008200922.htm>. Acesso em: 23 mar. 2023.
- GUERRA, Marcele Garcia. “O Caso Febrônio Índio do Brasil: Apontamentos sobre a História do Pensamento Criminológico no Brasil”. In: *A Construção do Direito Penal e do Processo Penal Modernos*, 2008, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UERJ, 2012.
- GUTMAN, Guilherme. “Febronio, Blaise e Heitor: Pathos, violência e poder”. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 175-189, jun. 2010. Acesso em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/8MWjqdG6QgMfKRb6YQR6g7b/?lang=pt>. Acesso em: 17 ago. 2024.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Conversando com Blaise Cendrars: ‘O futuro do homem branco está sobretudo na América do Sul’ – diz o poeta francês ao representante de O Jornal”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, n. 2700, 23 de set. de 1927. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_02&pagfis=33997. Acesso em: 23 mar. 2023.
- HÖNTZE, Ernst. “Gut behütet”. Disponível em: <https://www.freilichtmuseum.de/sammlungen-zvb/gut-behuetet>. Acesso em: 06 ago. 2024.
- INOJOSA, Joaquim. *O movimento modernista de Pernambuco*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Guanabara, [s.d.].
- LAUTREAMONT, Conde de [Isidore Ducasse]. *Os Cantos de Maldoror: poesias: cartas: obras completas*. Tradução, prefácio e notas de Claudio Willer. São Paulo: Iluminuras, 2015.

- LAUTREAMONT, Conde de [Isidore Ducasse]. *Poesias II*. In: *Os Cantos de Maldoror: poesias: cartas: obras completas*. Tradução, prefácio e notas de Claudio Willer. São Paulo: Iluminuras, 2015.
- LEONÍDIO, Ribeiro. *Homossexualismo e Endocrinologia*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1938.
- LIMA, Sergio. *A Aventura Surrealista*. Campinas: Unicamp, São Paulo: Unesp, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- LIMA, Sergio. *A Aventura Surrealista: tomo 2: primeira parte: História sincrônica e essencial cronologia crítica do Surrealismo no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2010.
- LIMA, Sergio. “Notas Acerca do Movimento Surrealista no Brasil”. In: LÖWY, Michael. *A Estrela da Manhã: Surrealismo e Marxismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- LIMA, Sergio. “Notas Acerca do Movimento Surrealista no Brasil”. In: LÖWY, Michael. *A Estrela da Manhã: Surrealismo e Marxismo*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- LIMA, Sergio. *Notas Acerca do Movimento Surrealista no Brasil: Dos anos 20 até os dias de hoje*. [200-?]. Disponível em: https://www.triplov.com/surreal/sergio_lima.html. Acesso em: 11 ago. 2022.
- LIMA, Sergio. “O Movimento Internacional dos Surrealistas e seu Contexto no Brasil”. In: GUINSBURG, J.; LEIRNER, S. (Org.). *O Surrealismo*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- LIMA, Sergio. “Surrealismo no Brasil: Mestiçagem e Sequestros”. In: PONGE, Robert (Org.). *Surrealismo e o Novo Mundo*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1999.
- LÖWY, Michael. *A Estrela da Manhã: Surrealismo e Marxismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

- MACHADO, Aníbal. “Tati, a Garota”. In: *Vila Feliz*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1944.
- MADAME SATÃ: Entrevistado por Sérgio Cabral, Paulo Francis, Millôr Fernandes, Chico Junior, Paulo Garcez, Jaguar e Fortuna. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 95, 29 abr. 1971. In: ALTMAN, Fábio. *A Arte da Entrevista*. São Paulo: Scritta, 1995.
- MARTINS, Hildeberto Vieira. “O discurso médico-psicológico e a garantia dos ‘efeitos salutareos e elevados da defesa social’: o ‘caso Febrônio’”. In: Encontro Regional de História da ANPUH-Rio, XV, 2012. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 2012. Disponível em: <https://iuscommune.paginas.ufsc.br/files/2020/07/O-caso-Febr%C3%B4nio-I%C3%A9ndio-do-Brasil.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2024.
- MASSI, Augusto. *Militante Bissexto: o crítico Prudente de Moraes, Neto*. 2004. Tese (doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- MILLIET, Sérgio. “Entrevistas de Cendrars”. In: EULALIO, Alexandre. *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*. 2 ed. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial, 2001. p. 450-451
- MORAES, neto, Prudente de. “Aventura”, *Verde*, n. 3, Cataguazes, nov. 1927. Disponível em: https://br.revistasdeideias.net/pt-pt/verde/in-issue/iss_0000003283/14#. Acesso em: 21 mar. 2023.
- NADEAU, Maurice. *História do Surrealismo*. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- NAVA, Pedro. *O Círio Perfeito*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- NAZARIO, Luiz. “Surrealismo no Brasil”. In: GUINSBURG, J.; LEIRNER, S. (Org.). *O Surrealismo*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- NESTAREZ, Oscar. “Breve linha do tempo da literatura de horror”, *Galileu*, 2016. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2016/11/breve-linha-do-tempo-da-literatura-de-horror.html>. Acesso em: 21 mar. 2023.

NOVAES, Adam H. *As Revelações do Príncipe do Fogo: Edição Modernizada*. Monografia – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

NOVAES, Adam H. Sobre “Um Poeta Místico”. In: *As Revelações do Príncipe do Fogo: Edição Modernizada*. Monografia – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. p. 173-176.

O Bárbaro Assassino da Ilha do Ribeirão. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 3 set. 1927. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_05&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=23434. Acesso em: 17 ago. 2024.

O Caso de Febrônio Perante a Psiquiatria: A opinião dos drs. Murillo de Campos e Leonídio Ribeiro. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 15 out. 1927. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_02&Pesq=febrônio&pagfis=34339. Acesso em: 17 ago. 2024.

O Criminoso Febrônio Perante a Psiquiatria: A opinião do professor Henrique Roxo sobre o famoso delinquente. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 02 out. 1927. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_02&Pesq=febrônio&pagfis=34138. Acesso em: 17 ago. 2024.

OLIVEIRA, Willian Vaz de. “Índio do Brasil: um sujeito entre o discurso jurídico e o discurso médico-psiquiátrico”. *Revista Maracanan*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 206-220, jan.-abr. 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/338662000_Indio_do_Brasil_um_sujeito_entre_o_discurso_juridico_e_o_discurso_medico-psiquiatrico. Acesso em: 12 ago. 2024.

O Príncipe do Fogo. Direção: Sílvia Da-Rin. Rio de Janeiro: Lumiar Produções Audiovisuais, 1984. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=KbrSJ3ZQO8A>. Acesso em: 21 mar. 2023.

- PALMEIRA, Maria Rita Sigaud Soares. *Poeta, isto é, revolucionário: itinerários de Benjamin Peret no Brasil (1929-1931)*. 2000. 175 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1590896>. Acesso em: 6 set. 2024.
- PEDROSA, Cleide Emilia Faye. “Discurso Religioso: Funções e Especificidade”. *SOLETRAS*, Ano VII, N° 13. São Gonçalo: UERJ, jan./jun.2007. Disponível em: [https://www.e-publicacoes.uerj.br/soletras/article/download/4694/3461/17814#:~:text=O%20discurso%20religioso%20%C3%A9%20aquele,discurso%20\(Orlandi%2C%201996\).&text=locutor%20est%C3%A1%20no%20plano%20espíritual,plano%20temporal%20\(os%20adoradores\)](https://www.e-publicacoes.uerj.br/soletras/article/download/4694/3461/17814#:~:text=O%20discurso%20religioso%20%C3%A9%20aquele,discurso%20(Orlandi%2C%201996).&text=locutor%20est%C3%A1%20no%20plano%20espíritual,plano%20temporal%20(os%20adoradores)). Acesso em: 18 ago. 2024.
- PONGE, Robert (Org.). *O Surrealismo*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1991
- PONGE, Robert. *Surrealismo e o Novo Mundo*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1999.
- PUNTONI, Pedro; TITAN JÚNIOR, Samuel (Org.). *Revistas do Modernismo 1922-1929*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2015.
- PUYADE, J. Benjamin Péret: um surrealista No Brasil (1929-1931). *Revista Conexão Letras*, [S. l.], v. 1, n. 1, 2015. DOI: 10.22456/2594-8962.55658. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaolettras/article/view/55658>. Acesso em: 6 set. 2024.
- REGO BARROS BISCAIA FILHO, Paulo Roberto. “O corpo é uma memória”: marcas no corpo como performance ritualística em Febrônio Índio do Brasil (1895-1984). *Revista Científica/FAP*, Curitiba, v. 30, n. 1, p. 46–69, 2024. DOI: 10.33871/19805071.2024.30.1.8759. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/revistacientifica/article/view/8759>. Acesso em: 6 set. 2024.

- RIAVIZ, Vanessa Nahas. *Rastros Freudianos em Mário de Andrade*. Tese (Doutorado em Literatura) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/85888/205737.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 21 mar. 2023.
- ROBERTS, Adam. *A Verdadeira História da Ficção Científica: Do preconceito à conquista da massas*. São Paulo: Seoman, 2018.
- ROCHA, Max da Silva; SANTOS, Maria F. O. “Análise Retórica do Gênero Discursivo Sermão Oral”. *Polifonia*, Cuiabá, v. 25, n.37.1, p. 01-170, jan.-abr. 2018.
- ROCHA, Max da Silva. *As Práticas Argumentativas de Oradores Religiosos Cristãos do Agreste Alagoano*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura, Universidade Federal de Alagoas, 2020. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/riufal/6872>. Acesso em: 18 ago. 2024.
- RODRIGUES, Selma Calasans. *O Fantástico*. São Paulo: Ática, 1988.
- SANTOS, Maria do C. de O. M. *Carlos e Mário: análise das correspondências sob a perspectiva do público e do privado*. Tese (Doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível: http://www1.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20170626131040.pdf. Acesso em: 21 mar. 2023.
- SCHWARTZ, Jorge. *Murilo Rubião: a poética do uroboro*. São Paulo: Ática, 1981
- SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas Latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo: Edusp, 2008.
- SILVA, Tatiane X, da; COSTA, Ivandilson. “O Discurso Religioso: Aspectos de Performatividade, Autoritarismo e Relações de Poder”. *Linguagem: Estudos e*

Pesquisa, Catalão, v. 15, n. 2, p. 119-136, jul.-dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/lep/article/view/32419>. Acesso em: 19 ago. 2024

SOB Sangue. Direção: Pedro Ferrari. Instagram (@pedroferrari), 2021. 11 episódios.

SOUZA, Matheus G. S. *Recepção da Medida de Segurança Pela Constituição de 1988:*

O Caso Febrônio Índio do Brasil. Dissertação (Mestrado em Direito Constitucional) – Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Direito Constitucional da Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, 2020. Disponível em: <https://ppgdc.uff.br/wpcontent/uploads/sites/681/2021/04/RECEP%C3%87%C3%83O-DA-MEDIDA-DE-SEGURAN%C3%87A-PELA-CONSTITUI%C3%87%C3%83O-DE-1988-O-CASO-FEBR%C3%94NIO-%C3%8DNDIO-DO-BRASIL-1.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2024.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda Europeia e Modernismo Brasileiro: Apresentação dos Principais Poemas, Manifestos, Prefácios e Conferências Vanguardistas, de 1857 até hoje*. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso: A Homossexualidade no Brasil, da Colônia à Atualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Um Filme 100% Brasileiro. Direção: José Sette. Rio de Janeiro: Grupo Novo de Cinema e TV, Embrafilme, 1985.

WILLER, Claudio. “Nota Sobre a Tradução e a Edição”. In: LAUTRÉAMONT, Conde de. *Os Cantos de Maldoror: poesias: cartas: obras completas*. Tradução, prefácio e notas de Claudio Willer. São Paulo: Iluminuras, 2015.

WILLER, Claudio. “O Astro Negro”. In: LAUTRÉAMONT, Conde de. *Os Cantos de Maldoror: poesias: cartas: obras completas*. Tradução, prefácio e notas de Claudio Willer. São Paulo: Iluminuras, 2015.

WILLER, Claudio. Surrealismo no Brasil: crítica e criação literária. *A Ideia*. Évora, n. 71-72, nov. 2013. Disponível em: <https://xdocs.com.br/doc/surrealismo-no-brasil-em-10-laudas-6nw1l697me81>. Acesso em: 17 maio 2021.

WUNDERLICH, Alexandre. “Os casos de Piérre Rivière e Febrônio Índio do Brasil como exemplos de uma violência institucionalizada”. *Revista Jus Navigandi*, ISSN 1518-4862, Teresina, ano 5, n. 43, 1 jul. 2000. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/1013>. Acesso em: 13 ago. 2024.